

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUDANÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO
POLÍTICA

FELIPE CORRÊA GUARÉ

Humor e conservadorismo: análise de memes durante o
Impeachment de Dilma Rousseff

São Paulo
2019

Felipe Corrêa Guaré

**Humor e conservadorismo: análise de memes durante o
Impeachment de Dilma Rousseff**

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre em
Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em
Mudança Social e Participação Política.

Área de Concentração:
Ciências Sociais Aplicadas

Orientador:
Prof. Jorge Machado

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

CRB 8 - 4936

Guaré, Felipe Corrêa

Humor e conservadorismo: análise de memes durante o Impeachment de Dilma Rousseff / Felipe Corrêa Guaré ; orientador, Jorge Machado. – 2019

219 f : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo.

Versão corrigida

1 . Redes sociais - Análise do discurso; Aspectos políticos. 2. Política - Brasil - 2016. 3. Humor. 4. Impeachment - Brasil - 2016. 5. Conservadorismo. 6. Rousseff, Dilma Vana, 1947-. 7. Participação política. I. Machado, Jorge Alberto Silva, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 303.4833

Nome: GUARÉ, Felipe Corrêa

Título: Humor e conservadorismo: análise de memes durante o
Impeachment de Dilma Rousseff

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 29/10/2019. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:
Ciências Sociais Aplicadas

Aprovado em: 29 / 10 / 2019

Banca Examinadora

Prof. Dr.	Miguel Said Vieira	Instituição:	UFABC
Julgamento:	Aprovado	Assinatura:	_____
Prof. Dr.	Valeria Cazzeta	Instituição:	EACH/USP
Julgamento:	Aprovado	Assinatura:	_____
Prof. Dr.	Wagner Tadeu Iglecias	Instituição:	EACH/USP
Julgamento:	Aprovado	Assinatura:	_____

Agradecimentos

A todos os meus amigos que, direta ou indiretamente, por meio de debates, críticas, elogios, broncas, memes ou piadas me ajudaram neste trabalho;

A Alexandra Elbakyan, que por conta de seu trabalho, tornou possível esta dissertação (e milhares de artigos e teses pelo mundo);

Ao meu orientador, sempre prestativo e compreensivo;

Meus pais, meus primeiros educadores;

A minha esposa, meu porto seguro.

RESUMO

GUARÉ, Felipe Corrêa. **Humor e conservadorismo: análise de memes durante o Impeachment de Dilma Rousseff**. 2019. 219p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Versão corrigida.

O principal objetivo deste trabalho é identificar as principais matrizes discursivas encontradas em memes conservadores coletados no Facebook durante o processo de impeachment de Dilma Rousseff, contendo a imagem da ex-presidente. Para tanto, faz-se primeiramente um breve levantamento histórico do conservadorismo brasileiro no período final da Ditadura Militar, passando pelo processo de redemocratização até o ano de 2013. Em seguida é debatido as origens do pensamento conservador, suas premissas mais basilares, seus afetos e aversões, sendo a característica mais preponderante deste a normalização da desigualdade. A manifestação desta ideologia por indivíduos na internet é, em seguida, analisada. Outrora uma ferramenta de visibilidade de minorias antes silenciadas, as redes sociais (acompanhando a tendência iniciada em fóruns e ImageBoards) se tornaram gradativamente um domínio conservador. Esta mudança gradual nos costumes provavelmente se deu por conta de uma batalha de ideias conflitantes, em disputa por nossa atenção e procurando promover sua replicação entre indivíduos. Este processo, denominado teoria memética, busca explicar este conflito de ideias em franca disputa por nossa atenção através de analogias biológicas. É proposto que, uma das maneiras que um meme pode aumentar as suas chances de replicação é através do humor. Em seguida, são apresentadas as diferentes formas que o humor toma em um contexto social: suas funções aglutinadoras, que servem como um sinal honesto de que membros de um mesmo grupo possuem ideologias em comum, sua função anti-dominação, que sugere o riso como uma arma do cidadão médio, protegido pelo anonimato da multidão que ri em conjunto de uma figura eminente, dentre outras. Por fim, será realizada a análise imagético-textual de todo o material coletado, levando em consideração o contexto de cada período analisado e procurando características que podem sugerir um meme com maior potencial replicador. Esta coleta se deu de forma manual em grupos conservadores do Facebook, durante os meses mais importantes no processo de Impeachment de Dilma Rousseff. Os memes coletados foram separados entre humorísticos e não-humorísticos, e seus dados (número de compartilhamentos) e características textuais e imagéticas foram analisados. Desta forma é possível verificar como grupos conservadores procuraram retratar (e denegrir) Dilma Rousseff, como utilizaram o humor no processo e se o humor foi uma característica importante na replicação de memes.

Palavras-chave: Conservadorismo. Redes sociais. Memes. Humor. Impeachment de Dilma Rousseff.

ABSTRACT

GUARÉ, Felipe Corrêa. **Humour and Conservatism: analysis of memes during the Impeachment of Dilma Rousseff**. 2019. 219p. Dissertation (Master of Science) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2019. Revised version.

This thesis' main goal is to identify the primary discourse matrix found in conservative memes found on Facebook during Dilma Rousseff's impeachment process, containing the ex-president's image. Therefore, a brief historical survey about Brazilian conservatism in the period of the Military Dictatorship was needed, going through the re-democratization process until the year of 2013. Then, the origins of the conservative thought is debated, its more basic assumptions, its affections and its aversions, being the most preponderant its normalization of inequality. The manifestation of this ideology by individuals on the internet is then analysed. Once a tool of visibility to silenced minorities, the social media (following trends that started in forums and ImageBoards) have gradually become a conservative domain. This incremental change in morals probably happened via a battle of conflicting ideas, quarrelling by our attention and looking forward promoting their replication between individuals. This process is called Memetics and its aim is to explain this conflict of ideas in direct dispute for our attention through biological analogies. It is proposed that one way of a meme has to increase its chances to replicate itself is by the process of humour. Following that, are presented the different means that the humour can take in a given social context: its binder functions, that serves as an honest signal to members of a give group that they all share ideologies in common, its anti-domination function that suggests that laughter is the average citizen's weapon against a prominent target, while being secure in the anonymity of the crowd that laughs in collusion, among other theories. Lastly, a textual and imagetic analysis of all collected material is performed, taking in consideration each period's context while looking for characteristics that may suggest a meme with a better replication potential. This data gathering was performed manually in Facebook conservative pages, during the most important months in Dilma Rousseff's impeachment process. The gathered memes were separated between humour and not-humour, and its data (number of shares), textual and imagetic characteristics were then analysed. In this way it is possible to verify how conservative groups aim to portray (and vilify) Dilma Rousseff, how they utilize humour in this process and if humour is a major characteristic in meme replication.

Keywords: Conservatism. Social media. Memes. Humour. Dilma Rousseff's impeachment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Trump Pepe.....	18
Figura 2 – Pepe the Frog.....	18
Figura 3 – MBL Bahia recruta memeiro.....	19
Figura 4 – Análise Estrutural das Páginas de Direita no Facebook.....	27
Figura 5 – Exemplo de configuração da ferramenta de busca para coleta manual de memes no Facebook.....	30
Figura 6 – Exemplo de humor racista no <i>4Chan</i>	58
Figura 7 – Exemplo de Janela de Overton.....	62
Figura 8 – Nego não se enxerga.....	62
Figura 9 – Nego não aprende.....	62
Figura 10 – Nego é gente fina.....	62
Figura 11 – Apelos de um orador altruísta 1.....	78
Figura 12 – Apelos de um orador altruísta 2.....	78
Figura 13 – RESULTADO?.....	89
Figura 14 – Nem inocenta, nem presidenta.....	92
Figura 15 – Exemplo de humor grupal.....	104
Figura 16 – Essa vaca tem que sair daí antes que seja tarde demais.....	106
Figura 17 – Feliz dia do abraço.....	109
Figura 18 – Miss Mandioca Sapiens.....	111
Figura 19 – Dobra a meta, Dirceu.....	112
Figura 20 – Nunca antes na história deste país.....	114
Figura 21 – Olha o cargo.....	115
Figura 22 – Isso é golpe.....	116
Figura 23 – Tchau Queridos.....	117
Figura 24 – Rombo.....	119
Figura 25 – Alô amiguinho.....	119
Figura 26 – Impeachment sem crime é golpe.....	121
Figura 27 – Se a senhora votou em si mesma.....	122
Figura 28 – De 2010 a 2016, mais de dois objetos sumiram por dia.....	123
Figura 29 – Foi o fotógrafo.....	124
Figura 30 – Um ano de impeachment.....	124
Figura 31 – Ser pai não é ser mãe.....	125
Figura 32 – Boa noite, tenha bons sonhos.....	127
Figura 33 – Urgente.....	128
Figura 34 – É Golpe, é golpe.....	129
Figura 35 – Motivos estéticos.....	130

Figura 36 – Mulheres do grelo duro	130
Figura 37 – Selfie com o Japonês da Federal.....	132
Figura 38 – Desonestidade Intelectual.....	132
Figura 39 – Golpe no bom gosto.....	132
Figura 40 – Qual saudação você prefere?	133
Figura 41 – O período militar	134
Figura 42 – Se ela foi torturada.....	135
Figura 43 – Nunca reconheci estes 2 terroristas como presidentes do Brasil.....	136
Figura 44 – Foto do carro-bomba	136
Figura 45 – Bem-vinda	202

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1 – Ocorrências de humor e média de compartilhamentos por página e por período.....	137
Tabela 2 - Ocorrências de humor e média de compartilhamentos de todas as páginas por período.....	173
Tabela 3 – Os três memes mais compartilhados de cada página em cada período.....	176

Todas as imagens, gráficos e tabelas presentes neste trabalho podem ser acessadas no site:

www.mestrado.guare.xyz

Login: ImpeachmentDilma

Senha: 20152017

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
1.1	TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA.....	17
1.2	JUSTIFICATIVA	20
1.3	OBJETIVO	21
1.4	METODOLOGIA.....	22
2	AS SEMENTES DO NEOCONSERVADORISMO BRASILEIRO	33
3	O PENSAMENTO CONSERVADOR	45
4	O CONSERVADORISMO NA INTERNET ou O RAPTO DE UMA FERRAMENTA PROGRESSISTA POR UM MOVIMENTO CONSERVADOR	59
5	O MEME	67
5.1	MEMES DE HUMOR.....	83
6	FUNÇÕES SOCIAIS DO HUMOR.....	95
7	ANÁLISE DOS MEMES COLETADOS	109
7.1	AGOSTO DE 2015.....	111
7.2	DEZEMBRO DE 2015	113
7.3	MARÇO DE 2016	114
7.4	ABRIL DE 2016	117
7.5	MAIO DE 2016	118
7.6	AGOSTO DE 2016.....	120
7.7	SETEMBRO DE 2016.....	120
7.8	AGOSTO DE 2017.....	123
7.9	AS IMAGENS DE DILMA ROUSSEFF	126
7.10	GRÁFICOS E TABELAS DE COMPARTILHAMENTO DOS MEMES COLETADOS E ANÁLISES	137
8	CONCLUSÃO.....	204
	REFERÊNCIAS	211

1. INTRODUÇÃO

1.1 Tema e Problema de Pesquisa

Em 2016, após um processo político, judicial e midiático, o Brasil testemunhou o seu segundo processo de impeachment de um presidente eleito durante a Nova República: Dilma Rousseff, depois de um longo e desgastante processo, teve seu mandato cassado em Agosto de 2016. O debate sobre o tema foi bastante acalorado, com diversas manifestações contra e a favor tomando as ruas das principais cidades brasileiras. O tema foi tão delicado que, inclusive, até hoje uma parcela significativa da esquerda brasileira contesta a legalidade do processo, entretanto, este trabalho não pretende adentrar nos intermináveis meandros jurídicos que levaram ao fim 14 anos de governo petista, mas sim analisar esta disputa narrativa focando as atenções em um campo de batalha imagético-narrativo que, como visto nas eleições de Donald Trump e Jair Bolsonaro, está se tornando fundamental em qualquer processo político: o controle da narrativa por meio de memes na internet.

Obviamente, este trabalho não tem a pretensão de afirmar que uma coleção interminável de imagens engraçadas, compartilhadas por milhões de pessoas nas redes sociais, é a única causa do avanço da alt-right nos EUA ou da extrema-direita neoliberal bolsonarista no Brasil. As razões que levam um determinado político ao poder são muitas, variadas e quase sempre, de ordem subjetivas. Contudo, como a memória recente pode atestar, factoides ridículos compartilhados a exaustão (quase sempre com o “apoio” de uma imagem) acabam se atrelando de maneira muito íntima a imagem do político, alavancando de uma forma ou de outra o seu nome, como caso da infame “mamadeira de piroca” bolsonariana. No caso americano, o Sapo Pepe¹ se tornou um dos memes favoritos do eleitorado de Donald Trump, e muitos de seus apoiadores adotaram o simpático emoji de um sapinho no nome de seus perfis. O centenário elefante republicano, pelo menos durante as eleições estadunidenses de 2016, teve seu status de mascote oficial ameaçado por uma miríade de sapos mal desenhados, compartilhados por uma legião de jovens conservadores estadunidenses.

1 - *Pepe the Frog* (o Sapo Pepe) é um sapo antropomorfizado, personagem da série de quadrinhos *Boy's Club*, do autor Matt Furie. Várias ilustrações do sapo foram criadas e popularizadas no *4Chan*, usadas como reações para diversas situações (a mais comum delas era “feels good, man”). No dia 22 de Julho de 2015, o artista malaio Maldraw postou no board */pol/* (política) do *4chan* uma imagem do Pepe como Donald Trump, observando uma cerca na fronteira EUA-México contendo alguns mexicanos. A associação entre Pepe e Donald Trump continuou a ganhar popularidade, culminando no Donald Trump postando em sua conta pessoal no *Twitter* um desenho dele como *Trump Pepe*. A partir daí, o sapo Pepe foi intimamente associado a alt-right e a extrema-direita (KNOW YOUR MEME, 2015).

Figuras 1 e 2: o Sapo Pepe original (direita) e sua versão Donald Trump, compartilhado por ele mesmo em sua conta no Twitter se tornaram uma espécie de símbolo do neoconservadorismo americano (AUTORES: Maldraw e Matt Furie).



Fonte: <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Assim como memes podem simbolizar a ascensão política, podem também ser os arautos da ruína. Dilma foi associada a “mandiocas” e “estocagem de vento”, sendo estas falas infelizes replicadas à exaustão em uma imensidão de memes, cujo objetivo principal era atrelar a ela a ideia de “incapaz” e “burra”. Seria imprudente afirmar com veemência que foram estes memes a causa principal de seu impeachment: certamente que razões de ordem políticas, envolvendo o “centrão” do Congresso Federal e a (falta de) articulação petista pesaram no resultado final. Contudo, a abundância de piadas e imagens fazendo troça da ex-presidente, revelam uma tentativa árdua, de milhares de usuários agindo em conjunto, de uma forma orgânica, de desgaste da imagem da ex-presidente. Este trabalho pretende analisar brevemente este processo, investigando o conteúdo de diversos memes imagéticos postados por grupos ligados à direita brasileira no Facebook, antes, durante e depois do Impeachment da ex-presidente petista.

Uma das autoras que fazem parte da bibliografia deste trabalho, Chattoo (2017) propõe que o uso de piadas, textos e imagens engraçadas (ou memes) por grupos políticos sejam estratégias para a propagação mais eficaz de mensagens políticas, tanto a esquerda quanto a direita. Segundo ela, compartilhar conteúdos engraçados nas redes sociais é uma maneira de expressar os valores individuais e identidades (inclusive políticas). O humor como ferramenta no discurso político também funciona por sua propriedade em atrair a atenção. Ao abordar um tema político de maneira mais alegre, o emissor da mensagem está promovendo a replicação de sua mensagem (que, como veremos, trata-se de um meme), que se sobressai em meio às notícias mais “sisudas”. Angela Nagle (2017) define como “gramsciana” a luta cultural pela hegemonia memética que culminou na proeminência da Alt-Right no cenário político norte-americano atual, com grupos conservadores disputando a atenção do público para suas ideias, através de memes (muitos deles engraçados). Ao influenciar a cultura na internet, eles influenciaram a cultura mainstream. Este mesmo fenômeno pode ter ocorrido durante o Impeachment de Dilma Rousseff, ralhada a exaustão pelos seus opositores por meio de imagens e vídeos na internet. O humor, neste caso, não foi usado para exaltar, mas para inferiorizar e deslegitimar.

Figura 3: a importância da produção massiva de imagens políticas é tanta que grupos conservadores anti-Dilma aparentemente possuíam pessoal dedicado a tarefa, como atesta a chamada abaixo.



Fonte: <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

1.2 Justificativa

Como atesta Castells (2009), O crescente interesse pelas questões relativas à política atual e seus processos de subjetivação, revelam a necessidade de se entender os espaços públicos da comunicação, uma vez que um é amplamente dependente do outro. O espaço público é também espaço potente de comunicação, por ser o local onde é possível compartilhar significados, através da troca de informações. Cada mente humana individual tem seu próprio significado que é a sua interpretação das informações comunicadas, essa interpretação individual é condicionada pelos espaços da comunicação. As transformações nos espaços comunicacionais interferem diretamente na construção de significados e assim, a produção de relações de poder. O poder é perpetuado e mantido através do monopólio da violência e, sobretudo, através da construção de significados. Este domínio cultural da classe dominante, que manipula as crenças, valores etc. de uma determinada sociedade resulta na percepção de que as normas culturais desta classe dominante são universalmente válidas. Deste modo, o status quo social, político e econômico é visto como natural e inevitável, resultando assim em uma fonte fundamental de controle social. Hegemonia é, segundo Gramsci, a combinação de “força” e “consentimento”. Estes dois vetores mantenedores da ordem social equilibram um ao outro reciprocamente, sem que a força predomine excessivamente, mas sim parecendo ser baseada no consentimento da maioria. Este monopólio da circulação de informações e ideias, mais do que o fuzil, mantém o status quo. Existem conceitos políticos, econômicos, religiosos ou étnicos e todos eles são aceitos em algum grau, governando as ações e comportamentos dos indivíduos a todo momento. As opiniões políticas, bem como os comportamentos políticos são originados no espaço da comunicação, que como veremos, são feitas através de memes e influenciadas por memes.

Memes são partículas culturais, capazes de fazer cópias de si mesmos e que, atuando em conjunto uns com os outros, ora em competição, ora em cooperação, perfazem aquilo que chamam de “cultura”, tal como os genes que carregamos nos núcleos de nossas células são os responsáveis (indiretamente) pelo corpo humano (ou de qualquer outro ser vivo). O meme é, portanto, toda ideia, trejeito, comportamento (ou muitas outras coisas) que podem ser copiadas de indivíduo para indivíduo. Este processo de replicação é imperfeito, o que pode resultar em cópias com graus de diferença entre si. O acúmulo destas diferenças durante as “gerações” e a seleção dos hábitos ou ideias mais relevantes ao indivíduo resulta num processo semelhante ao de seleção natural, no que Richard Dawkins chamou de Darwinismo Universal: se existe um replicador que faz cópias imperfeitas de si mesmo, e apenas algumas dessas cópias sobrevivam a um determinado ambiente, a evolução deve ocorrer. Isto, obviamente, se aplica a genes, mas também é aplicável a ideias, e a teoria memética é a teoria que busca entender a evolução da cultura por esta ótica (BLACKMORE, 1999). A disputa por diferentes narrativas pode ser interpretada como diferentes memes, disputando seu lugar ao sol, em uma competição Darwiniana por sobrevivência

e replicação. Somos, ao mesmo tempo, o maquinário replicador e o ambiente seletivo dos memes, e os diversos mecanismos de manutenção da hegemonia (Estado, instituições de ensino, mídia etc.) podem atuar selecionando quais memes serão os dominantes em determinada cultura.

Existem alguns “truques” que aumentam as chances de um meme ser replicado por uma pessoa. Um deles é o “truque do altruísmo” (BLACKMORE, 1999), onde um meme aumenta as suas chances de replicação se ele passar a impressão de que quem o replica é um indivíduo altruísta. Se tratarmos o ato de fazer rir como um ato de altruísmo (dado o inerente prazer do riso), pode-se deduzir que memes com conteúdo político, em um meio humorístico podem possuir uma maior probabilidade de replicação. Segundo Apte (1985), poucos fenômenos humanos são tão comuns e universais como o humor. A utilização de memes engraçados como forma de construção e transformação nos espaços comunicacionais, para fins de produção de relações de poder é o ponto central deste trabalho.

1.3 Objetivo

O primeiro objetivo deste trabalho consiste no levantamento bibliográfico sobre o histórico do conservadorismo brasileiro no período da Nova República, de forma a se criar um pano de fundo para que o principal objetivo possa ser alcançado: procurar entender o conservadorismo na internet e como ele se manifesta, como os memes humorísticos se replicam e como eles podem construir ou destruir reputações e imagens políticas (no caso específico de Dilma Rousseff) através de mecanismos de verificação de alianças e lealdades intragrúpis e de mecanismos anti-dominância (dentre outros). Procurando uma comprovação empírica destas diversas teorias, foram coletados 553 memes imagéticos representando a imagem de Dilma Rousseff, provenientes de 12 grupos conservadores no Facebook. Em seguida foram analisados o seu conteúdo (imagético e textual), o número de replicações (compartilhamentos) e o contexto no qual estavam inseridos.

Para tanto, foram primeiramente apresentadas as sementes do neoconservadorismo brasileiro, a partir da perspectiva da distensão “lenta, gradual e segura”, que David Maciel (2014) utiliza para explicar a mudança do poder no fim da ditadura militar, das mãos das elites militares autocráticas para as mãos das elites burguesas, minimizando assim a participação popular no processo de redemocratização.

Este processo teve como característica preponderante a manutenção das desigualdades sociais, aspecto tão caro a ideologia conservadora. O objetivo do capítulo 3 é justamente definir a condição mais basilar da ideologia conservadora, a partir dos estudos de Corey Robin (2011), Norberto Bobbio (1996) e Adorno e Horkheimer (1951): a manutenção das hierarquias sociais

e a crença em uma desigualdade natural e inevitável na sociedade, em contraste com ideais progressistas (“de esquerda”), que visam a redução da desigualdade e a promoção de políticas inclusivas que visem uma maior igualdade entre indivíduos.

Em seguida é analisado o conservadorismo na internet hoje, e como ela se tornou um local fecundo para a proliferação de memes autoritários, machistas, eugenistas, supremacistas etc. Angela Nagle sugere algumas explicações para esta guinada conservadora na internet, outrora uma ferramenta de emancipação e visibilidade de minorias antes silenciadas, dentre elas mudanças na Janela de Overton iniciadas por grupos alternativos porém ruidosos em *ImageBoards* e *Chans*, que por sua vez influenciaram o resto da internet. Esta mudança gradual nos costumes se deu por conta de uma batalha de ideias conflitantes. A teoria memética (de Richard Dawkins, aprofundada por Susan Blackmore, dentre outros autores) busca explicar este conflito de ideias em franca disputa por nossa atenção através de analogias biológicas. Dentre as várias “armas” que um meme (que seria qualquer ação passível de ser copiada) possui em sua busca incessante pela autorreplicação, o humor é proposto neste trabalho como uma maneira do meme promover a cópia de si mesmo.

Voltando ao humor político na internet, por fim foram apresentadas as diferentes formas que o humor toma em um contexto social: suas funções aglutinadoras, que servem como um sinal honesto de que membros de um mesmo grupo possuem ideologias em comum (FLAMSON & BARRETT, 2008) ou sua função anti-dominação (PINKER, 1997), que sugere o riso como uma arma do cidadão médio, protegido pelo anonimato da multidão que ri em conjunto de uma figura eminente.

Por fim, foi realizada a análise imagético-textual de todo o material coletado, levando em consideração o contexto de cada período analisado e procurando características que podem sugerir um meme com maior potencial replicador. Esta coleta e análise seguem os passos da metodologia, descritos a seguir.

1.4 Metodologia

A fim de analisar todos os memes coletados, primeiramente faz-se necessário separar aqueles que visam o humor daqueles que não. Para tanto, foram abordadas diversas teorias do humor, como a teoria semântica do humor textual (TSHT), que ao dividir uma piada em seis “recursos de conhecimento”, que atuam como parâmetros, torna possível sua dissecação e análise. A existência de um “alvo”, o “cenário” onde se desdobra a piada, tudo isto pode sugerir a criação e utilização de estereótipos de diversos personagens.

Pode-se observar que a internet (e suas redes sociais) é repleta de memes de todos os tipos: imagens, textos, sons, jogos interativos etc. Como forma de restringir este universo, este trabalho abordou apenas os memes imagéticos de humor, que possuam textos sobrepostos a imagens (fotografias ou desenhos representativos) da ex-presidente Dilma Rousseff. Foi considerado um meme de humor todo aquele que, como dita a teoria semântica do humor textual (TSHT) (Raskin, 1985), possui as duas características necessárias e suficientes para que sua narrativa seja engraçada.

1 – Toda piada deve ter dois textos sobrepostos. Ela deve ser interpretável, total ou parcialmente, de acordo com estes dois textos.

2 – Estes dois textos devem ser opostos dicotomicamente, ou seja, devem negar a si mesmos, de acordo com uma lista de oposições básicas como “real/irreal”, “possível/impossível” etc.

O recurso demonstrado por Pinker (1997) de mudança de referencial para a resolução de conflitos e incongruências no enunciado da piada também foi utilizado junto com a TSHT, para os memes humorísticos que, porventura, não possuam um choque de oposições dicotômicas. Utilizando os dois conceitos de humor, todos os memes contendo a imagem da ex-presidente foram então classificados em dois grupos: “humor” e “não-humor”. De forma similar, foi analisado também o uso de diferentes fontes tipográficas, diagramação, efeitos visuais etc. em casos onde tais recursos forem fundamentais à narrativa de um dos textos do meme de humor.

Esta categorização entre dois polos antípodas (“engraçado” vs. “não engraçado”) é mais fácil na teoria do que na prática. Muitas das imagens coletadas para este trabalho circulam em uma espécie de “zona cinzenta” entre os polos do humor e não-humor. Isto decorre da característica idiossincrática da risada, afinal, o que é engraçado para um indivíduo, pode não ser para o outro. Um mesmo meme de humor pode possuir todas as características da TSHT ou uma mudança de referencial e, conseqüentemente, ser interpretado como um texto humorístico por um indivíduo, ao passo de que outro sujeito possa passar despercebido enquanto a existência destas características, o que anularia o seu efeito humorístico. Como foi dito por Weisfeld (1993), indivíduos tendem a achar graça de piadas cujo tema eles foram previamente expostos e que demonstrem algum interesse sobre estes temas. No caso deste trabalho, a grande maioria das piadas gravitam, com maior ou menor proximidade, ao redor do tema “política”, e é de se esperar que indivíduos que acham graça de piadas sobre este tema, tenham conhecimentos prévios (FLAMSON & BARRETT, 2008) sobre a política brasileira em um grau o suficiente para que ocorra um entendimento da piada. A partir disto, é possível inferir que existe um mínimo de interesse político por parte das pessoas que compartilham memes de humor políticos.

Foram coletados neste trabalho 553 memes e muitos deles são apenas chamadas ou notícias simples, sem nenhum tipo de humor aparente. Dos memes classificados como humorísticos foram separados 226, ou aproximadamente 40,8%.

Mantendo as observações acima, procurei categorizar os memes coletados entre duas categorias distintas: “memes onde há uma tentativa de humor” e “memes onde não há a tentativa de humor”, diferenciando uma categoria da outra pela presença (ou ausência) de oposições e choques dicotômicos (RASKIN, 1985) e/ou mudanças de referenciais (PINKER, 1997). Havendo indícios de uma, ou até mesmo das duas características, independente de sua capacidade em fazer rir, o meme foi considerado humorístico e prontamente categorizado como tal. Logo, os memes neste trabalho foram compartimentalizados entre “humor” e “não-humor” por mim (o autor), sempre procurando enquadrá-los segundo as definições de Pinker e Raskin. Dado o grau de subjetividade envolvido nesta categorização “sumária”, é possível que erros possam ter sido cometidos e existe a margem para interpretações divergentes. Precisamente, se faz necessária a ressalva de que esta compartimentalização pode ter sido influenciada por fatores subjetivos, como minhas experiências e preferências pessoais. Contudo, o volume de memes coletados (553 ao todo) pode servir para diminuir a influência destes fatores subjetivos.

Durante a análise de dados para este trabalho, foram coletados apenas os memes que possuíam a imagem da ex-presidente Dilma (seja uma foto ou uma representação cartunesca) dentro do período estipulado pelo recorte do objeto de estudo (ver a seguir) e que foram postados por páginas pertencentes ao espectro conservador na rede social Facebook (a escolha de quais páginas foram contempladas também será explicada a seguir). Menções meramente textuais a ex-presidente foram desprezadas. Nem todos estes memes eram humorísticos, logo, a compartimentalização em dois grupos foi realizada, como explicado acima. A partir desta divisão entre memes de “humor” e “não-humor”, foi levantado o número de compartilhamentos (ou replicações meméticas) dos memes humorísticos e não-humorísticos. Também foram selecionados os três memes mais compartilhados de cada página em cada período, procurando desta forma alguma ligação entre mais replicações e discurso humorístico. Todos estes dados numéricos estão representados em gráficos e tabelas.

Como páginas diferentes possuem alcances diferentes, não é possível comparar o número de compartilhamentos de um meme do “MBL” (2.281.000 seguidores) com um meme da página “Marx da Depressão” (190.000 seguidores), por exemplo. Assim sendo, os números de compartilhamentos de um determinado meme foram comparados apenas com os números de outros memes daquela mesma página, naquele mesmo período. Este trabalho partiu do princípio de que todo compartilhamento foi fruto do ato racional de um usuário, desprezando fatores externos como, por exemplo, o uso de bots para impulsionar posts. Esta escolha se deu

pelo fato de ser praticamente impossível escrutinar manualmente todo compartilhamento, a fim de verificar se o mesmo foi fruto de um usuário de fato ou de uma conta “irregular”, fruto de condutas que violam os termos de serviço do Facebook, que resultam em “Enganar as pessoas na tentativa de incentivar compartilhamentos, curtidas ou cliques”².

O contexto também foi fundamental para a análise destes memes, visto que eles impactam diretamente na escolha do recurso Situação (SI) das piadas. O recorte temporal que norteou a coleta de memes abarca os seguintes meses:

- Dezembro de 2015 (quando foi formalmente aberto o processo para o pedido de impeachment da ex-presidente);
- Março e Abril de 2016 (contempla os períodos imediatamente anterior e posterior à votação do processo de impeachment na câmara dos deputados em Brasília);
- Maio de 2016 (mês que o processo foi votado no Senado Federal) e;
- Agosto de 2016 (quando, no dia 31, findou-se o processo e Dilma Rousseff teve seu mandato presidencial cassado).
- Setembro de 2016 (o mês subsequente ao fim do processo).

A título de controle, foram analisados também o mês de Agosto de 2015 e o mês de Agosto de 2017. Dado o grande número de material postado pelas páginas conservadoras e o trabalho minucioso inerente a análise de todo meme coletado, um recorte temporal se fez necessário. Procurei, nesse sentido, focar nos meses ao redor dos momentos mais importantes do período do impeachment com o intuito de reduzir o volume de trabalho.

A escolha das páginas a terem suas postagens analisadas se deu a partir do trabalho do Monitor do Debate Político na Internet. Nesta postagem em específico³ (Setembro de 2017), o Monitor do Debate Político na Internet, que é um website que busca mapear, mensurar e analisar o ecossistema de debate político no meio digital, mantido pelo Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso a Informação da USP, selecionou 44 páginas pertencentes a direita política brasileira conservadora (ao lado, a quantidade de likes, averiguada no dia 22/06/2017):

2 - Embora seja impossível para mim a escrutinação manual da “veracidade” dos números de compartilhamentos de memes no Facebook, aparentemente o mesmo possui ferramentas internas que permitem o controle deste “problema” gerado por bots e atitudes que violem seus termos de serviço. Em Agosto de 2018 (como atesta o documento linkado a seguir) o Facebook realizou uma “limpeza” de 196 páginas e 87 perfis que, de uma forma ou de outra, violaram as regras da comunidade (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL – GO. 2018)

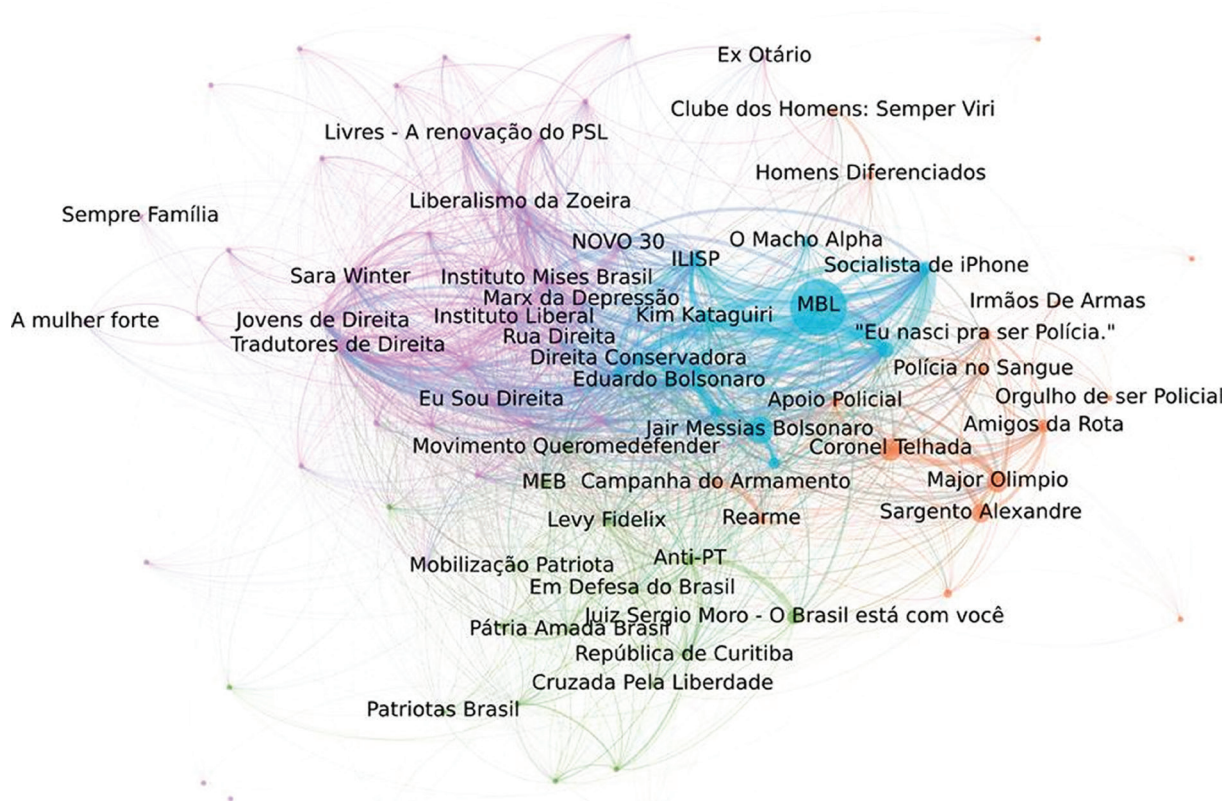
3 - (Monitor do debate político no meio digital, 2017) https://www.facebook.com/monitordepolitico/photos/a.1067365179991611.1073741828.1066344906760305/1536950463033078/?type=3&theater&_rdc=1&_rdr (visitado em 01/06/2018)

- Direita Conservadora – 406.000
- MBL – 2.281.000
- O Macho Alpha – 628.000
- Jair Messias Bolsonaro - 4.6 Mi †
- ILISP - 253.000
- Kim Kataguiri - 503.000
- Eduardo Bolsonaro - 1.4 Mi †
- Movimento queromedefender - 740.000
- Levy Fidelix - 224.000 †
- Anti-PT - 456.000
- Partido anti-PT - 1.6 Mi
- Mobilização Patriota - 307.000
- Em Defesa do Brasil - 273.000
- Juiz Sergio Moro não-oficial - 1.4 mi
- Pátria Armada Brasil - 1.600
- República de Curitiba - 510.000
- Cruzada Pela Liberdade - 142.000
- Patriotas Brasil - 38.000
- Campanha do Armamento - 468.000
- Ex-Otário - 172.000
- Livres - A renovação do PSL - 145.000 †
- Liberalismo da Zoeira - 175.000
- Sempre Família - 299.000
- A Mulher Forte - 137.000
- Sara Winter - 138.000
- Rua Direita - 87.000
- Eu Sou Direita - 175.000
- Marx da Depressão - 190.000
- NOVO 30 - 1.3 Mi †
- Instituto Mises Brasil - 269.000
- Rearme - 226.000
- Homens Diferenciados - 654.000
- Clube dos Homens: Semper Viri - 619.000
- Irmãos de Armas (atividade policial) - 304.000
- Eu nasci pra ser polícia - 1.1 Mi
- Polícia no sangue - 550.000
- Apoio Policial - 736.000
- Orgulho de ser policial - 318.000
- Um Sonho, Ser Policial - 1 Mi
- Amigos da ROTA - 1 Mi
- Coronel Telhada - 1.3 Mi †
- Major Olímpio - 928 k †
- Sargento Alexandre - 1.1 Mi
- Apoio Policial – 736.000

(As páginas marcadas com † indicam páginas pertencentes a partidos ou políticos profissionais e foram suprimidas deste trabalho. Casos especiais como o de Kim Kataguiri foram mantidos, pois na época das postagens, ele ainda não havia sido eleito.)

O Monitor do Debate Político na Internet dividiu estas páginas em quatro grupos de acordo com as suas matrizes discursivas: o militarismo (laranja), em torno das páginas do Coronel Telhada, Major Olímpio e do Sargento Alexandre, que engloba os defensores do porte de armas e uma série de páginas masculinistas; o patriotismo (verde) que inclui em alguma medida a anticorrupção; e o liberalismo/conservadorismo (roxo), indissociáveis enquanto comunidade de leitores, que inclui tanto os Institutos Mises e Liberal, o PSL e o NOVO quanto páginas como Jovens de Direita, Tradutores de Direita e Sempre Família. Todas estas diferentes vertentes políticas se encontram debaixo do mesmo “guarda-chuva”, que seria o conservadorismo. Algumas delas, inclusive, entram em conflito com outras (como, por exemplo, o ultraliberalismo anarco-capitalista, que defende o fim do estado e o nacionalismo-patriotismo). A escolha de coletar memes de diferentes vertentes conservadoras e matrizes discursivas diversas têm como objetivo tornar os dados coletados o mais heterogêneos possível dentro do espectro conservador.

Figura 4: Análise Estrutural das Páginas de Direita no Facebook



FONTE: GpoPAI, 2018. https://www.facebook.com/monitorordodebatepolitico/photos/a.1067365179991611.1073741828.1066344906760305/1536950463033078/?type=3&theater&_rdc=1&_rdr (visitado em 01/06/2018)

Dentro destas quatro categorias, foram selecionados as maiores páginas para que seus memes fossem coletados.

AZUL (agrupamento central):

- MBL
- O Macho Alpha
- Kim Kataguiri

(NOTA: a páginas “O Macho Alpha” não realizou nenhuma postagem de imagens de Dilma Rousseff em todos os períodos)

VERDE (patriotismo):

- Partido Anti-PT
- Juiz Sergio Moro não-oficial
- República de Curitiba

ROXO (liberalismo):

- Sempre Família
- Instituto Mises Brasil
- Marx da Depressão
- Eu sou Direita
- Liberalismo da Zoeira

(NOTA: as páginas “Sempre Família” e “Instituto Mises Brasil” não realizaram nenhuma postagem de imagens de Dilma Rousseff em todos os períodos. Como as páginas “Eu sou Direita” e “Liberalismo da Zoeira” empatam em número de curtidas, optei por coletar os memes de ambas.)

LARANJA (militarismo):

- Sargento Alexandre
- Eu nasci pra ser polícia
- Um Sonho, Ser Policial
- Amigos da ROTA

(NOTA: as páginas “Sargento Alexandre” e “Um sonho, Ser Policial” não realizaram nenhuma postagem de imagens de Dilma Rousseff em todos os períodos. A página “Amigos da ROTA” foi incluída por empatar em números de curtidas com “Um sonho, Ser Policial”.)

Foram selecionadas também mais quatro páginas por sua relevância no Facebook (expressa em número de likes e atuação no debate político online):

- Vem pra Rua
- Socialista de Iphone
- Mamãe Falei
- Garota Conservadora

(NOTA: as páginas “Mamãe Falei” e “Garota Conservadora” não realizaram nenhuma postagem de imagens de Dilma Rousseff em todos os períodos.)

No total, o número de páginas analisadas é de 19, abarcando uma grande fatia do debate político na internet pertencente a grupos simpáticos a ideias tidos como “de direita”. Todas estas páginas tiveram seu conteúdo nos meses estabelecidos analisados. Sete delas não se pronunciaram a respeito de Dilma através de imagens (e algumas delas de forma nenhuma, como é o caso da “Garota Conservadora”), sendo assim 12 o número de páginas que tiveram memes coletados para este trabalho.

Os memes foram coletados utilizando-se a própria ferramenta de busca do Facebook, configurando-a para pesquisar apenas as postagens da página em questão no período determinado (por exemplo: postagens de Março de 2016 da página “Socialista de Iphone”).

Figura 5: exemplo de configuração da ferramenta de busca para coleta manual de memes no Facebook

The image shows a Facebook search results page for the query "socialista de iphone". The search bar at the top contains the text "socialista de iphone" and a magnifying glass icon. The navigation bar below the search bar includes "All", "Marketplace", "Posts", "People", "Photos", "Videos", "Pages", "Places", and "Groups". The "Posts" tab is selected.

On the left side, there are three filter overlays:

- Filter results**: A section with a "SORT BY" dropdown set to "Top posts" and "Most recent" options.
- POSTS FROM**: A list of sources with radio buttons: "Anyone", "You", "Your friends", "Your groups and Pages", "Public", "Socialista de iPhone" (which is selected), and "Choose a source...".
- POST TYPE**: A list of post types with radio buttons: "All posts" (selected) and "Posts you've seen".
- POSTED IN GROUP**: A list of group categories with radio buttons: "Any group" (selected), "Your groups", and "Choose a group...".
- TAGGED LOCATION**: A list of location options with radio buttons: "Anywhere" (selected) and "Choose a location...".
- DATE POSTED**: A list of years and months with radio buttons: "Any date", "2019", "2018", "2017", "Mar 2016", and "Mar" (selected) with a "2016" dropdown.

The main content area displays four posts from the "Socialista de iPhone" group:

- Post 1**: "Faz textão agora faz 🤔🤔🤔🤔 #Oportunistas #MarxismSucks #Fail PCdoB - Partido Comunista do Brasil UJS-Brasil UBES - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas União Nacional dos Estudantes". It has 641 comments and 2.6K shares.
- Post 2**: "São ou não são umas jóia ? 🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔 PCdoB - Partido Comunista do Brasil UJS-Brasil #EsquerdaGourmet". It has 4.3K comments and 473 shares.
- Post 3**: "Encontre a lógica 🤔🤔🤔 e ganhe 1000 horas/aula pra ouvir a Marilena Chaui dizer que odeia a classe média lá na USP 🤔". It has 7.8K comments and 1.8K shares.
- Post 4**: "Vô/ Ps: aah e eu sou radicalmente contrário a qualquer tipo de intervenção militar, diga-se de passagem. Só não tentem mudar a história... Flw? Vlw #VaiBrasil 🇧🇷". It has 16K comments and 9K shares.

Fonte: <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Desta forma, o Facebook fornece todas as postagens de determinada página em determinado período, restando a mim o repetitivo trabalho de checar manualmente cada postagem, procurando imagens de Dilma Rousseff, que foram coletadas via printscreen e devidamente salvas em pastas organizadas de acordo com a página-fonte e o período⁴. Uma vez coletadas todas as imagens, elas foram categorizadas em “humor” e “não-humor”, como visto acima. Em seguida, foram selecionados os três memes mais compartilhados de cada página em cada período. Faz-se mister a ressalva de que os números de compartilhamentos e a média de compartilhamentos foram arredondados (tanto por mim quanto pelo Facebook, que após 1.000 compartilhamentos, passa a contabilizá-los de 100 em 100. Por ex. “1.4K” corresponde a um número de compartilhamentos entre 1.400 e 1499).

Todas as tabelas, gráficos e memes coletados (organizados por grupo e período) podem ser encontradas no site:

www.mestrado.guare.xyz

Login: impeachmentdilma

Senha: 20152017

4 – Evidentemente, a automação deste processo foi buscada através de um software que consome dados da Graph Facebook API (ou Interface de Programação de Aplicação) do Facebook, desenvolvido especialmente para este trabalho e cujo funcionamento permitia o download automático do conteúdo das páginas-alvo. O software foi escrito por Eduarth Heinen, programador do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso a Informação da USP e permitia uma coleta de dados mais eficiente, incluindo seus metadados. Estes metadados (ou dados sobre dados) incluem o número de reações (likes), número de comentários, compartilhamentos, texto da postagem, endereço da URL, tipo (imagem ou vídeo) e data de postagem. Contudo, no início de 2018, o Facebook limitou o número de acessos por token à sua API. Esta limitação aparentemente se deu por conta do escândalo do vazamento de dados da Cambridge Analytica, pois o Facebook estava sendo acusado de disponibilizar ilicitamente os dados de milhões de usuários norte-americanos. O intuito desta limitação foi, depois do vazamento, limitar o acesso a dados pessoais de usuários por terceiros, o que em um primeiro momento também acarretou na limitação ao acesso de dados a páginas públicas (o que diretamente afetou este trabalho). De toda forma, por se tratar de uma empresa privada (apesar das informações pessoais de bilhões de usuários que ela detém), o Facebook pode limitar o acesso aos seus dados ao seu bel-prazer, demonstrando assim a necessidade de uma internet livre e transparente. Finalmente, apesar de contar com uma ferramenta apropriada para a coleta de dados, este trabalho acabou sendo realizado de forma “manual”.

2. AS SEMENTES DO NEOCONSERVADORISMO BRASILEIRO

Em meados da década de 80 foi debatido no Brasil os rumos que o país tomaria a partir do fim da ditadura militar. A burguesia nacional, pressionada por comícios e grandes mobilizações da sociedade civil, capitaneadas principalmente pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT), procurava dissociar-se do governo de até então (ELIAS NERY, 2014).

A campanha foi “um movimento suprapartidário que reuniu os principais partidos de oposição ao regime militar em torno da bandeira de retorno das eleições diretas”. O objetivo maior da campanha era restabelecer o Estado democrático de direito no Brasil. Os diferentes partidos políticos que participaram ativamente da campanha deixaram de lado suas divergências e “agregaram-se em torno de um objetivo primordial: a restauração da democracia e das liberdades no Brasil”. (ELIAS NERY, 2014 – Não Paginado)

Vanderlei Elias Nery continua afirmando que, para a sociedade civil organizada, pela primeira vez enxergando-se a si própria como participativa, era necessário:

[...] respeitar o jogo político. Os comícios e a pressão das ruas serviam para pressionar os deputados e senadores do PDS [Partido Democrático Social] – partido do governo –, para que esses votassem a favor da emenda Dante de Oliveira. Era fundamental afastar-se das radicalidades e manter-se aberto à negociação.

E:

No final da ditadura militar, quando o movimento operário e popular estava em ascensão, importantes analistas que adotavam uma postura crítica ou marxista, abandonaram essas perspectivas de análise e aderiram ao institucionalismo. Foi o caso, por exemplo, de Fernando Henrique Cardoso e Francisco Weffort¹. (ELIAS NERY, 2014 – Não Paginado)

Segundo Nery, o primordial era superar o regime militar e instaurar a democracia como regime político, não importando as divergências que poderiam vir depois, e que de fato, com o tempo, vieram. Esta virada da luta proletária nos anos 70 para uma sacralização da democracia burguesa exerceu grande influência sobre a campanha das Diretas Já, contribuindo para a subordinação do movimento operário e popular à oposição burguesa. Segundo essa linha de raciocínio, a saída para a crise econômica era o restabelecimento da “democracia”. O que se seguiu, foi uma incapacidade de ruptura entre democracia e dominação de classe.

1 – Ex-membro do PT e ex-ministro da cultura.

A ideia de “democracia como um valor em si”, “confluiu com um processo de reciclagem da dominação burguesa. Essa chegou, inclusive, a expressar grande capacidade de direção político-ideológica em importantes momentos de derrota do regime ditatorial” (ELIAS NERY, 2014).

Essa reciclagem contribuiu para a definição dos rumos ideológicos da campanha Diretas Já, “que, por um lado, contou com extraordinária adesão operária e popular; e, por outro, teve direção política burguesa tão eficaz que sequer a bandeira de greve geral foi agitada, exceto – e por pouco tempo – por um pequeno e combativo agrupamento político que ajudara a criar o PT” (ELIAS NERY, 2014 – Não Paginado).

Em resumo, a relação entre o restabelecimento da forma do Estado brasileiro e o regime democrático burguês resultou na retirada das mãos dos militares a decisão sobre a sucessão presidencial, favorecendo a oposição burguesa. Entretanto,

[...] não se deve esquecer que a eleição de Tancredo Neves e José Sarney para presidente e vice-presidente da República, respectivamente, se deu de forma indireta – portanto, o objetivo principal da campanha não foi atingido (ELIAS NERY, 2014 – Não Paginado).

Apesar de suspiros democráticos, como a Assembleia Nacional Constituinte em 1986 e as eleições diretas de 1989, é inequívoco que as classes dominantes e a oposição burguesa se beneficiaram das Diretas Já, pois:

[...] apoiaram o golpe militar e os governos ditatoriais até quase o fim do regime, dissociando-se deste a partir da agudização da crise econômica em 1981, conseguindo que a passagem da ditadura militar para a democracia burguesa fosse realizada sem que houvesse uma crise de hegemonia no seio do bloco no poder e, portanto, sem pôr em risco a dominação/exploração de classe (ELIAS NERY, 2014 – Não Paginado).

Como resultado, nomes como Tancredo Neves e José Sarney, que foram pontas de lança no processo de redemocratização brasileira, estavam vinculados a setores conservadores da burguesia, como banqueiros e latifundiários (respectivamente). Não é surpresa o fato de que, décadas mais tarde, estes mesmos setores apoiariam o impeachment de Dilma Rousseff.

Tal condução teve consequências negativas para as classes trabalhadoras, pois a negociação entre oposição burguesa e governo levou à instauração de um regime democrático burguês sem que tivessem sido expurgados os militares da cena política nacional, bem como os políticos que apoiaram o regime anterior (ELIAS NERY, 2014 – Não Paginado).

Esta “perda” do conservadorismo ditatorial aliada a incapacidade do povo brasileiro de exterminá-lo por completo, pode representar a pedra fundamental para a direita conservadora de hoje em dia, que clama pela volta da Ditadura, pois como diz Corey Robin (2011): “todo pensamento conservador se inicia com uma perda” (pg. 59). E geralmente se trata de uma perda recente. O fermento do conservadorismo é a oposição a algo que foi contestado ou tomado recentemente; ele é sempre focado em recuperar aquilo que ele julga ter sido tomado a pouco. Isto gerou uma tensão de forças diametralmente opostas, entre militares e burguesia conservadores e o campo progressista brasileiro que procurava o fim da ditadura.

O resultado deste jogo de forças foi um sistema de pactos e conciliações, baseada na absorção de setores fundamentais da política da ditadura dentro de consórcios de governo. Afinal:

A Constituinte convocada nessas condições (Estado militarizado) permitiu a ascendência das Forças Armadas sobre os parlamentares, que foram constantemente pressionados “pelas altas patentes militares, que sempre relembram [...] os limites políticos do processo constituinte” (ELIAS NERY, 2014 – Não Paginado).

Sendo assim, pode-se inferir que os militares brasileiros “abriram mão” do poder totalitário que exerciam, implicando no fim do *cesarismo militar*, no momento em que perderam a capacidade de dirigir politicamente o bloco no poder. A Aliança Democrática desempenhou, então, um papel de “fiadora” neste projeto de reforma da autocracia burguesa, significando assim a adesão completa da oposição burguesa ao projeto operado pelos militares. Não seria o povo, as camadas mais baixas da população, quem lograria a tomada do poder. Este permaneceria nas mãos das elites. Após sua ascensão ao governo federal, a Aliança Democrática conduziu mais uma reforma na institucionalidade autoritária, com vistas a incorporá-la o máximo possível na nova institucionalidade democrática instalada pela Constituição de 1988, garantindo assim uma transição “lenta, gradual e segura” (MACIEL, 2014).

É ponderado inferir que esta estratégia do governo militar em procurar “transferir” o poder foi astuta, visto que logo no início dos anos 70 já era possível vislumbrar a recessão econômica que estava por vir. O agravamento da crise econômica e social favoreceu a desagregação da direção política do governo militar, cada vez mais incapaz de manter a coesão das frações burguesas e das forças autocráticas em torno de si (MACIEL, 2014).

[...] deve-se destacar aqui o esgotamento dos efeitos expansivos do chamado ‘Milagre Brasileiro’, visíveis já em 1973, principalmente em função da crise do petróleo, quando começaram a se reverter as condições internacionais favoráveis ao financiamento externo da economia brasileira. Além da perspectiva de redução

das taxas de crescimento econômico, vislumbrava-se o processo de acirramento da disputa pelo excedente econômico entre as diversas frações burguesas – de um lado pelo aumento da inflação, de outro pelas críticas ao excessivo centralismo decisório praticado pelo governo, principalmente por parte daquelas frações burguesas prejudicadas pela política econômica pró-monopolista adotada pelos militares desde 1964 (MACIEL, 2014 – Não Paginado).

Além disso, a ascensão à alta cúpula dos militares tidos como “moderados” foi decisiva para a adoção do projeto de “distensão”, assim batizado por significar uma liberalização relativa nos mecanismos de controle do conflito político. Apesar dos setores militares mais “linha dura” insistirem na manutenção do *cesarismo* ainda em 1982, episódios como o atentado do Riocentro minaram de vez a possibilidade de manutenção da autocracia militar (MACIEL, 2014).

Apesar do inicial “atropelamento” deste processo de conciliação pela campanha das Diretas Já, que mobilizou milhões de pessoas em defesa da aprovação da proposta de emenda constitucional que estabelecia eleições diretas para a presidência da República, em 1984 o governo militar exerceu o que ainda lhe restava do cesarismo militar: seu poder de veto, mobilizando sua bancada a votar contra esta proposta de emenda constitucional. Estava, assim, reinstalada a lógica da “conciliação pelo alto” e da transição *lenta, gradual e segura* (momentaneamente interrompida pela campanha das Diretas Já) e aberto o caminho para a Aliança Democrática (MACIEL, 2014).

O papel da Aliança Democrática em todo esse processo foi impedir que a luta pela democratização e pela abolição da autocracia burguesa pudesse ir até o fim e ao fundo, no momento em que o cesarismo militar vivia sua crise terminal e a mobilização democrática atingia um ponto irreversível. Posteriormente, sua função foi preservar a institucionalidade autoritária reformada num momento em que as condições políticas para sua superação adquiriam enorme maturidade, adiando o desenlace final para o momento e o lugar em que as forças autocráticas teriam condições de impor seu programa político e seu horizonte histórico (MACIEL, 2014 – Não Paginado).

Este sistema de pactos e conciliações “pelo alto” entre as forças autocráticas e burguesas foi aplicado, inclusive, nas eleições de 1989 em torno da candidatura de Fernando Collor, como um “Anti-Lula”, abortando assim última oportunidade de reverter os efeitos do golpe de 1964 e estabelecer uma perspectiva antiautocrática e verdadeiramente democrática. Mesmo o avanço das forças antiautocráticas e dos partidos de esquerda a partir de 1988 não foi capaz de superar o sistema de pactos da autocracia burguesa, que já se encontrava devidamente salva do incêndio produzido pelas classes subalternas. Outros “Anti-Lula” surgiram, cada um em seu tempo e, inclusive, ele em pessoa se transformou em um, reforçando as bases da hegemonia neoliberal e da domesticação dos movimentos sociais (MACIEL, 2014).

Os dois principais governos da Nova República, já nos anos 90 e 2000 (Fernando Henrique Cardoso e Lula), não se diferenciaram dentro deste espectro. Singer (2012) afirma que FHC manteve a continuidade deste pacto com a burguesia ao perpetuar uma política que envolvia juros altos, liberdade de movimento dos capitais e contenção do gasto público, assim como a privatização de algumas estatais (mais notoriamente, a Vale do Rio Doce). O inevitável desemprego resultante desta política monetária voltada às elites, tornou inviável o “sonho peessedebista de vinte anos seguidos no poder”, apesar do Plano Real ter conquistado alguma parte do eleitorado popular. Com a derrota de FHC e ascensão do PT à presidência, a condição da burguesia para evitar uma “guerra de classes” foi exatamente a manutenção deste “pacote FHC” de medidas liberais.

[...] a “continuidade do governo Lula com o governo FHC” na condução macroeconômica “baseada em três pilares: metas de inflação, câmbio flutuante e superavit primário nas contas públicas foi uma decisão política e ideológica. A elevação do superavit primário para 4,25% do PIB, a concessão de independência operacional ao BC, que teve à sua frente um deputado federal eleito pelo PSDB [Partido da Social Democracia Brasileira] com autonomia para determinar a taxa de juros, e a inexistência de controle sobre a entrada e saída de capitais constituíram o meio encontrado para assegurar elemento vital na conquista do apoio dos mais pobres: a manutenção da ordem. (SINGER, 2012 – não paginado)

O fato é que o governo Lula optou por conter a subida dos preços pelo caminho ortodoxo, aprofundando as receitas neoliberais, com a combinação de corte no gasto público e aumento de juros. Porém, repetir a fórmula adotada pelo governo anterior apenas para submeter-se às demandas do capital em troca da estabilidade, seria reprisar o morno sucesso do primeiro mandato do governo FHC. Esta estratégia não galvanizaria o eleitorado mais pobre, que tanto depositou esperanças no governo Lula, assim como ocorreu no governo FHC. O peessedebista, inclusive, só garantiu sua reeleição em 1998 ao emplacar um discurso de que “tudo é um processo”, pedindo mais tempo ao eleitorado. A falha em concretizar mudanças sociais significativas ao mesmo tempo em que mantinha o pacto com a burguesia custou ao PSDB a derrota no pleito de 2002. (SINGER, 2012 – não paginado)

O PT sabia que a repetição desta política apenas traria resultados semelhantes, que provavelmente resultariam em uma derrota, se não após quatro anos, certamente após oito. Porém,

O pulo do gato de Lula foi, sobre o pano de fundo da ortodoxia econômica, construir substantiva política de promoção do mercado interno voltado aos menos favorecidos, a qual, somada à manutenção da estabilidade, *corresponde a nada mais nada menos que a realização de um completo programa de classe* (ou fração de

classe, para ser exato). Não o da classe trabalhadora organizada, cujo movimento iniciado no final da década de 1970 tinha por bandeira a “ruptura com o atual modelo econômico”, mas o da fração de classe que Paul Singer chamou de “subproletariado” ao analisar a estrutura social do Brasil no começo dos anos 1980. (SINGER, 2012 – não paginado)

Este acordo, em primeira instância, pareceu astuto. Se por um lado o mercado e a elite burguesa eram agraciados com juros altos e oferta de crédito ao consumidor, por outro, eram realizados programas sociais que fornecia à parcela mais miserável da sociedade a possibilidade de adentrar no mercado consumidor interno.

Um dos resultados deste sistema de pactos foi o fato do Brasil não ter se transformado em um “laboratório” neoliberal, fornecendo desta forma, vários graus de seguridade social aos trabalhadores. Embora seja inegável o fato de que houve ajustes neoliberais no período, tais ajustes foram comparativamente menos incisivos, se levarmos em conta outros países como o Chile: o Brasil permaneceu detentor de fortes bancos estatais, sistema público de saúde (deficiente porém presente), diversas empresas públicas resistentes e sistema totalmente gratuito de ensino superior.

Este sistema de pactos funcionava, basicamente, em duas vias: não haveria drásticas transformações sociais, vide os processos de concentração de renda que permaneceram, mas também não houve grandes regressões que significassem perdas substanciais aos trabalhadores, que continuaram contando com uma certa seguridade social, leis trabalhistas e um acesso à saúde e educação públicas, mesmo que de forma teórica em muitos casos. Armando Boito Jr. (2016 - 1) afirma que a moderação do conflito de classes é implementada pelo estado com o intuito de estabilizar a dominação burguesa e esta moderação é alcançada por meio, dentre outras coisas, de políticas de bem-estar social.

Este sistema de pactos ruiu em 2013, quando parcelas significativas da população demonstraram uma grande frustração, resultante do choque entre a realidade brasileira do período e a perspectiva de tudo àquilo que se poderia alcançar. A opulência dos megaeventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas em contraste com a realidade e as promessas de melhorias nas infraestruturas do país (que praticamente nunca foram realizadas) acarretou no “ingresso da alta classe média como força social ativa e militante no processo político, por intermédio das grandes manifestações de rua” (BOITO JR., 2016 – 2. Pg. 27). Inicialmente um movimento pluripartidário e de difícil precisão, gradualmente este movimento foi tomando o rumo da direita, gerando inclusive disputas e conflitos (inclusive físicos) entre os manifestantes, uma parte com posições à esquerda e outra, à direita (CHAUI, 2016). Apesar de várias tentativas infrutíferas da esquerda institucional e não-institucional de tentar impedir este processo, as...

...manifestações de 2016 evidenciaram as divisões políticas que atravessam a nova classe trabalhadora quando parte dela acompanhou a classe média, que, encorajada e empurrada pelos meios de comunicação de massa e partidos políticos de oposição, ergueu sua tradicional bandeira de luta contra a corrupção política e em favor de um golpe de Estado para restaurar “a ordem e o progresso”. E o fez com uma violência, um ressentimento e um desejo sombrio de vingança não encontrados nem mesmo nas Marchas pela Família que encabeçaram o golpe de 1964. (CHAUI, 2016. Pg. 21).

Ficou evidente, então, para a elite brasileira, que a única possibilidade para um avanço agudo do sistema neoliberal no Brasil seria fora do sistema de pactos da Nova República. Armando Boito (2016 – 2), contudo, deixa claro que esta foi uma ofensiva neoliberal burguesa contra um segmento de sua própria classe, caracterizando assim um conflito de classes. De um lado, havia uma “frente política heterogênea que agrupava a grande burguesia interna, composta pelas empresas brasileiras inseridas em variados ramos da economia, parte da baixa classe média, a maior parte da classe operária, do campesinato e dos trabalhadores da massa marginal”. A política desta frente de classes heterogênea, representada principalmente pelo governo petista, consistia principalmente no crescimento econômico pautado em uma forte participação de grandes empresas brasileiras em detrimento de interesses do capital internacional. “Em segundo lugar, tal política contemplava também, ainda que perifericamente, a distribuição de renda e a melhoria de condições de vida das classes populares”. Esta frente ainda implementou uma política mais favorável aos movimentos negro, feminista e LGBT (BOITO JR., 2016 – 2. Pg. 26).

Do lado ofensivo, havia um campo político neoliberal puro e duro, que também representava uma frente de classes:

Essa frente era dirigida pela fração da burguesia brasileira integrada ao capital internacional, cujas propostas de política econômica e externa preteriam interesses de grupos econômicos brasileiros integrantes da burguesia interna: abertura comercial ampla, compras do Estado e das estatais abertas indiscriminadamente para as empresas estrangeiras, venda das estatais e redução de seus investimentos e alinhamento passivo com os Estados Unidos, entre outras. O capital internacional e a fração da burguesia brasileira a ele associada contavam com o apoio eleitoral da alta classe média. (BOITO JR., 2016 – 2. Pg. 26).

Esta fração ligada ao capital internacional e ao neoliberalismo nunca escondeu sua oposição às políticas sociais dos governos do PT, percebidas como onerosas ao estado e como ameaças a posição da classe média abastada. Como veremos mais adiante, este posicionamento

ligado a meritocracia (riquezas simbolizando o mérito do indivíduo) e a crença em uma hierarquia social natural (e o medo de sua disrupção por conta de políticas públicas de inclusão) são pedras basilares do pensamento conservador. Desta forma, pode-se entender este conflito no seio da burguesia brasileira como um conflito entre classes, sendo uma delas de caráter mais conservador que a outra. Por fim, vale destacar que “uma parte das classes populares – parte do movimento sindical e parte dos trabalhadores da massa marginal – foi, por razões que não são óbvias, atraídas pelo discurso neoliberal” (BOITO JR., 2016 – 2. Pg. 26).

Os anseios (ou mais precisamente, os temores) deste campo neoliberal foram, de um jeito ou de outro, facilmente transpostos para o restante da classe média, que lotou as ruas em grandes manifestações a favor do impeachment de Dilma Rousseff. A classe média, segundo Chauí caracteriza-se por estar fora do núcleo econômico definidor do capitalismo, assim como do núcleo do poder político:

...ela não detém o poder do Estado (que pertence à classe dominante) nem o poder social da classe trabalhadora organizada. Isso a coloca numa posição que a define não somente por sua posição econômico-política, mas também e sobretudo por seu lugar ideológico – e este tende a ser contraditório. (CHAUÍ, 2016. Pg. 19).

Por sua posição no sistema social, a classe média tende a ser fragmentada, raramente encontrando um interesse comum que a unifique. Alguns de seus setores, principalmente no meio acadêmico, funcionalismo público, intelectuais e lideranças religiosas tendem a se opor à classe dominante, em nome da justiça social e em defesa de uma maior igualdade entre os indivíduos, colocando-se na defesa dos interesses e direitos dos excluídos. Em uma palavra, tendem a esquerda (CHAUÍ, 2016).

No entanto, esse setor é confrontado por outro, diametralmente oposto, que tende a uma direita conservadora:

Fragmentada, perpassada pelo individualismo competitivo, desprovida de um referencial social e econômico sólido e claro, a classe média tende a suprir a experiência de um tempo descontínuo e efêmero com o imaginário da ordem e da segurança, que introduziria permanência temporal e espacial. Desejo de ordem e segurança também porque, em decorrência de sua fragmentação e de sua instabilidade, seu imaginário é povoado por um sonho e por um pesadelo: seu sonho é tornar-se parte da classe dominante; seu pesadelo, tornar-se proletária. Para que o sonho se realize e o pesadelo não se concretize, é preciso ordem e segurança. Isso torna a classe média ideologicamente conservadora e reacionária, e seu papel social e político é assegurar a hegemonia ideológica da classe dominante. (CHAUÍ, 2016. Pg. 19).

Este apego da classe média conservadora à hierarquia social, evidenciado pelo desejo em “subir” e o medo de “descer” é também determinado pela estrutura histórica autoritária da sociedade brasileira, marcada pela supremacia do privado sobre o público e hierarquizada em todos os seus aspectos: “nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece; as diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando-obediência, e as desigualdades são naturalizadas.” (CHAUI, 2016. Pg. 20).

Uma parcela significativa da classe média é ligada aos aparatos do estado por meio do funcionalismo público: “muitos de seus membros são, ao mesmo tempo, funcionários do Estado, ocupando, inclusive, cargos de comando no aparelho burocrático civil e militar” (BOITO JR., 2016 – 1). Delegados da Polícia Federal e procuradores e juízes da Lava Jato (umas das principais “armas” contra o governo petista) agiram, na luta contra o Executivo Federal, como burocratas do Estado e também como agentes da alta classe média.

Os agentes de Estado envolvidos na operação Lava-Jato são responsáveis pela tarefa de manutenção da ordem capitalista, o que cria neles disposição autoritária e elitista. Esses mesmos agentes fazem parte da camada mais bem remunerada do serviço público. Juízes e procuradores têm um salário inicial que pode variar entre 30 e 37 salários-mínimos [...] Formam uma verdadeira casta incrustada no Estado. Os delegados da Polícia Federal [...] também ocupam posição muito privilegiada no serviço público. Todos – juízes, procuradores, delegados – são integrantes da alta classe média. (BOITO JR., 2016 – 1. Pg. 32).

A ação da classe média enquanto ocupante de cargos burocráticos civis e militares é determinada pelas exigências inerentes ao sistema: cargo está regido por normas do direito e o funcionário ocupa uma posição determinada numa cadeia hierárquica, devendo obedecer ao seu superior. Contudo, esse funcionário é também um indivíduo pertencente a classe média e possui os interesses próprios e inerentes a esta classe social. Ao contrário da classe trabalhadora, por exemplo, de um modo geral não existem contradições antagônicas entre a determinação burocrática e a determinação de classe na ação desses indivíduos, pois a classe média não tem interesse na superação do capitalismo (BOITO JR., 2016 – 1). Contudo:

a) as demandas corporativas da classe média podem chocar-se com interesses econômicos da classe burguesa ou da fração burguesa hegemônica no bloco no poder num determinado período e;

b) a determinação de classe na ação dos agentes do Estado pode levá-los a estabelecer objetivos políticos que destoem dos objetivos da fração burguesa hegemônica no bloco no poder. (BOITO JR., 2016 – 1. pg. 31).

Desta forma, sejam como burocratas, sejam como integrantes da fração superior da classe média, esses agentes da alta classe média tinham interesse em encerrar com o ciclo de governos do PT, eleitos como o seu inimigo principal. Destoando da frente representativa da burguesia nacional, a classe média alta, representando o neoliberalismo e o capital internacional, chocou-se contra esta fração burguesa nacional. O discurso “contra a corrupção” não era um mero pretexto para a amalgamação das massas contra o Partido dos Trabalhadores, sendo em realidade um dos principais motivos. Contudo, a causa principal consistia em “combater a política social criada pelos governos petistas e que a classe média abastada tem percebido como uma ameaça” (BOITO JR., 2016 - 1).

Esta frustração da classe média, catalisada por setores da alta classe média e transformada em genuíno sentimento de revolta se deu, principalmente, por conta dos ganhos do governo Lula. A redução da desigualdade social, a valorização do salário-mínimo e garantias de melhoras urbanas graças a eventos como a Copa do Mundo e Olimpíadas deram à uma parcela do povo brasileiro, em especial a classe média, um vislumbre de um futuro que não foi alcançado. Em 2013, ficou evidente que este vislumbre não passava disso, o que acarretou em uma desidentificação popular com o governo e com o horizonte político, que caminhava o rumo das conciliações e pactos, típico da Nova República. A saída deste problema residia na radicalização política, e quem deu o primeiro passo neste sentido foi a direita conservadora² por meio da Lava-Jato, que catalisou a revolta dos demais setores da classe média contra as políticas sociais dos governos petistas: a ascensão dos miseráveis (que SINGER chama de “subproletariado”) à condição de consumidores, a relativa diminuição dos índices de desigualdade social e a percepção, por parte da classe média e elite, da perda de privilégios, devido a políticas de inclusão social.

A Lava-Jato funcionou como uma espécie de partido da alta classe média. Aliou-se, em consonância com a posição da massa da classe média abastada, ao imperialismo e à fração da burguesia brasileira a ele integrada para obter o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Contribuiu, enormemente, para a restauração do neoliberalismo puro e duro, política que expressou, na década de 1990, a hegemonia do grande capital internacional e da fração associada da burguesia brasileira (BOITO JR., 2016 – 1. pg. 32).

2 - A “baixa” classe média (ou “classe C”) aumentou consideravelmente em número no período 2000-2010, se tornando decisiva para o processo eleitoral e político. Não foi a classe C responsável pela vitória eleitoral de Dilma em 2014, e sim as classes D e E, menos abastadas e mais favorecidas pelos programas sociais petistas de distribuição de renda. A classe C (aquela que apresentou o maior crescimento e que não é diretamente afetada por esses programas de transferência de renda) alterou o seu comportamento na eleição de 2014, em relação ao que vinha sendo verificado nas eleições de 2010 e 2006, quando deu expressiva vitória ao PT em ambos os pleitos. Em 2014, o PT obteve 46,50% dos votos da classe C (pouco mais de 21 milhões de votos), ao passo que o PSDB obteve 53,50% dos votos (mais de 24 milhões de votos). Foi a primeira vez, desde o governo FHC, que o PSDB obteve a maioria dos votos da classe C (P.M. LAPA – 2016).

Como veremos a seguir, a maneira como o indivíduo enxerga a questão da (des)igualdade e o sentimento de perda de privilégios são fundamentais para entender as origens do pensamento conservador, que como visto, no Brasil recente, esteve vinculado a um elitismo, a um antagonismo às políticas de inclusão social, oposição à ascensão do subproletariado e hostilidade a uma redução da desigualdade social.

3. O PENSAMENTO CONSERVADOR

Aquilo que se define como “direita”, dentro do espectro político, trata-se de uma mistura heterogênea, difícil de classificar com precisão, dada miríade de pensamentos, ideias e ideologias diferentes, muitas vezes excludentes entre si, que perfazem esta vertente política. É de entendimento comum que a concepção de esquerda x direita formam uma concepção binária, antípoda, que se opõem em seus ideais mais básicos. (CEPÊDA, 2018). Corey Robin (2011) argumenta que o conservadorismo surgiu durante a Revolução Francesa como um mecanismo de defesa da classe dominante, pois os ganhos liberais deveriam ser restritos à nova burguesia e não à população como um todo, ideia que os conservadores da época tratavam como “radical”. Para ele, o conservadorismo surgiu como uma reação à esquerda, como uma forma de resistência contra teorias radicais de transformação social. Em outras palavras, o conservadorismo surgiu como uma resposta diametralmente oposta à esquerda.

Os dois arquitetos do conservadorismo, segundo Robin (2011), foram Edmund Burke e Joseph de Maistre, que formularam muito de sua teoria política enquanto escreviam sobre a Revolução Francesa. Eles foram, por sua vez, influenciados por escritos de Thomas Hobbes sobre a Guerra Civil Inglesa. O que estes três pensadores tinham em comum era o fato de que, ao escrever sobre estes conflitos, todos eles defendiam a classe monárquica; a ideia de que as massas deviam ser impotentes ante a nobreza estava sendo posta em cheque. A medida que, em um primeiro momento, foi ficando evidente que a democracia poderia de fato se espalhar pela Europa, Burke, em especial, começou a teorizar modos no qual a aristocracia poderia ser preservada, mesmo no evento de queda do regime monárquico, pois a ideia democrática de um camponês ter a mesma participação (o voto) de um nobre era profana segundo o pensamento aristocrático da época. Para tanto, Burke focou suas atenções no mercado. Segundo ele, dentro do sistema capitalista, aqueles que detêm as riquezas possuem influência e importância equivalente ao seu patrimônio, pois quanto mais poder de compra o indivíduo tem, mais capaz ele é de ditar o valor dos bens no mercado. Esta hierarquia seria moralmente aceitável e os ricos mereceriam, desta forma, estar no topo de qualquer sociedade.

Burke, segundo Robin, percebia que a Revolução Francesa não demonstrou que a nobreza era ruim como um todo, mas sim que a França tinha uma nobreza ruim (pois, afinal, uma nobreza “adequada” não acabaria decapitada). A Revolução o ensinou que, talvez, o poder não devesse vir com o berço, mas sim ser merecido através de um sistema onde quem se sai melhor é aquele que merece estar no topo. A estrutura da realeza continuaria a existir, apenas de um modo diferente. A desigualdade entre os indivíduos era, assim, encorajada e naturalizada, assim como na monarquia (ROBIN, 2011). Desta forma, pode-se entender o conservadorismo como uma busca constante pela desigualdade e pela continuidade do poder nas mãos das elites,

mesmo ante ebulções sociais, como no caso já visto da “distensão” durante o Regime Militar brasileiro.

Norberto Bobbio (1996) parte do princípio de que a “direita” existe como uma resposta antípoda a “esquerda”, para em seguida aprofundar as definições em campos mais amplos, que incluem, por exemplo, binarismos como *igualdade/desigualdade*, *liberdade/autoritarismo*, *extremismo/moderação*. O resultado das tensões entre estas ideias conflitantes permite alargar a definição do que a esquerda e a direita representam para além de um vetor linear, colocando diversas formas de governo, da esquerda à direita, em um plano cartesiano (CEPÊDA, 2018). Porém, neste processo de busca por uma definição mais ampla e menos dicotômica, resiste um binarismo axial: a igualdade versus a desigualdade. Segundo Bobbio, se for possível definir da maneira mais breve possível a grande diferença entre a esquerda e a direita, seria a maneira como cada vertente trata a (des)igualdade.

(...) quando se diz que a esquerda possui uma maior tendência a reduzir desigualdades não significa que ela procura eliminá-las todas, ou que a direita procura mantê-las em sua totalidade, mas apenas que a primeira é mais igualitária e a outra, mais desigual. (BOBBIO, 1996, pg 65)

Evidentemente, os indivíduos conservadores não se assumem como “defensores da desigualdade”, preferindo utilizar eufemismos para o fim de autodenominação. “Principalmente em se tratando de classes minoritárias e abastadas, interesses particularistas acabam por assumir uma feição universalista, condição para que sejam aceitos como legítimos pela maioria da população.” Assim como banqueiros não dizem que a elevação da taxa de juros visa aumentar seus lucros, e sim combater a inflação (BOITO JR., 2016 – 2. Pg. 25), os indivíduos conservadores se designam como os “defensores da liberdade”. Assim sendo, é comum indivíduos conservadores se declararem defensores da “liberdade individual acima de tudo”. Contudo:

Esta conceituação de “liberdade”, que se resume à ausência de interferência externa, é apresentada como evidente, dispensando qualquer problematização. São silenciadas tradições filosóficas diferentes, que não operam com a dicotomia liberdade/igualdade, mas com as dicotomias liberdade/dominação (em que o problema central não é a interferência externa à ação individual, mas seu eventual caráter arbitrário) ou liberdade/necessidade (que introduz o problema da privação material como obstáculo ao exercício da autonomia humana). Para estas tradições, a igualdade não é inimiga da liberdade. Pelo contrário, a igualdade de influência política e a igualdade de recursos seriam a base necessária para a liberdade de todos; sem elas, “liberdade” pode se configurar numa bandeira que não apenas é vazia de sentido como também serve para encobrir múltiplas formas de opressão. (MIGUEL, 2018 – Não Paginado).

De forma resumida, as muitas vertentes históricas do que se chama de “direita” podem ser aglutinadas por base em um reconhecimento da desigualdade como ordem natural, imutável e o ponto de partida e limite de toda ação política. Se contrapondo dicotomicamente a este pensamento, a esquerda procura superar esta ordem e instalar a igualdade, ou, pelo menos, diminuir a desigualdade. Desta forma, apesar do espectro amplo de formas que a direita adquiriu pela história, do mais radical como o nazismo e o fascismo, passando por movimentos reacionários, conservadores e até posições mais progressistas (como o liberalismo), o que une todas estas correntes é a aceitação (e até mesmo a defesa) da desigualdade de acesso ao poder político; a visão de que a liberdade deve existir para a elite, e a para o povo, a repressão. O que o conservador rejeita na igualdade não é uma suposta ameaça a sua liberdade. Ele rejeita a extensão desta, pois é na igualdade da liberdade que o conservador perde a sua própria (ROBIN, 2011).

Uma das maiores mudanças que Robin (2011) nota no pensamento conservador através dos séculos é a cada vez maior utilização das classes mais baixas. Enquanto o conservadorismo costumava defender a aristocracia, mantendo as massas longe da política e das tomadas de decisão, o conservadorismo moderno está ciente de que não há possibilidade de ascensão deixando as massas de lado. Um dos meios que a direita utiliza para tocar as massas é se tornar simbolicamente popular, para que aqueles desprovidos de direitos possam se projetar como passíveis de, um dia, tornarem-se parte desta elite. Outro meio é permitir ao povo exercer domínio e força relativos a terceiros (geralmente minorias). O primeiro meio, portanto, seria uma espécie de populismo ao contrário, onde o popular vê a si mesmo projetado como elite; o segundo meio seria uma espécie de “feudalismo democrático”, no qual o marido ou o supervisor cumpre o papel de lorde, chefe de seu pequeno feudo (o âmbito domiciliar ou a empresa).

O conservadorismo atual, assim como outras crenças políticas atuais, não tolera mais a nobreza hereditária que outrora ele defendeu. Sua defesa da hierarquia, portanto, parte de outro princípio: o indivíduo ganha poder quando exercita o poder. Ganha-se seu local ao lutar por ele, ao merecê-lo, ao derrotar outras pessoas que lutam por este mesmo local. Diferentemente do passado monárquico, onde o poder era assumido e o privilégio era herdado, o conservadorismo atual crê em um mundo onde o poder é demonstrado e o privilégio, merecido (ROBIN, 2011). Essencial para o indivíduo conservador (que Adorno e Horkheimer (1951) chamam de “totalitário”) é a sua inflexível adesão à autoridade. Marilena Chauí (2008), inclusive denomina a classe média como “aliada natural da classe dominante”. As frações conservadoras da classe média podem até demonstrar descontentamento e iniciar conflitos contra a classe dominante, no entanto, “basta haver uma ameaça real à dominação da classe dominante para que os conflitos sejam esquecidos e todos fiquem do mesmo lado da barricada”. Esta subserviência do indivíduo conservador resulta em uma série de características listadas por Adorno e Horkheimer: valores

tradicionais são exaltados, assim como o comportamento “correto”, o sucesso, o trabalho duro, a competência, a higiene, a saúde e a adoção de um pensamento acrítico e conformista. Estes indivíduos submetem-se a autoridade idealizada, porém estão sempre dispostos a atacar e condenar aqueles que não se encaixam ou aqueles que são considerados indignos de pertencer ao grupo. Isto resulta na imagem do *Radfahrernatur*, a “personalidade do ciclista”, onde o indivíduo, tal como um ciclista, se curva com as costas para cima, em posição humilde, ao mesmo tempo que pisa em quem está por baixo (HORKHEIMER & ADORNO, 1951). Para este indivíduo, a natureza humana desigual justifica a sua subserviência perante a autoridade e sua imposição sobre o “inferior”. A ascensão do oprimido significa a sua queda.

Dentro deste sistema de crenças, a redistribuição de renda, poder e recursos se torna “profana”, pois isto reduz a desigualdade entre indivíduos. Robin (2011) aponta que até mesmo indivíduos racistas creem em uma hierarquia entre pessoas brancas. Deve-se merecer o direito de subjugar os outros. Desta forma o mercado econômico liberal e desregulado se torna uma “pista de testes”, onde o indivíduo conservador pode colocar a prova suas habilidades e força, que irão qualificá-lo como indivíduo dotado de poder e capaz de subjugar aqueles que não se saírem tão bem. Neste sentido, a percepção do indivíduo conservador é a de que a renda, as posses e o poder dentro do mercado liberal são indicativos de sucesso, e portanto, de superioridade perante os “inferiores”. Quem é pobre, segundo este indivíduo, é pobre por quê mereceu, por não “trabalhar duro”. A emancipação social deste indivíduo por meio de políticas públicas, por exemplo, seria enxergado pelo indivíduo conservador como uma “trapaça”, pois para ele, a igualdade é uma falácia. A “liberdade” brilha como o valor central das organizações libertarianas³. Radicalizando a tradição liberal do século XVIII em diante, os porta-vozes do “libertarianismo” enfatizam a oposição imanente entre liberdade e igualdade, a igualdade como ameaça à liberdade. Esta suposta oposição se torna equivalente à distinção entre a esquerda, defensora da igualdade, e a direita, que veste as cores da liberdade: “Estado”, “esquerda”, “coerção” e “igualdade” compõem um universo de sentido, enquanto “liberdade”, “mercado” e “direita” formam outro (MIGUEL, 2018). Bob Altemeyer (2007, pg. 37), em consonância, afirma que indivíduos membros de um partido libertário tendiam a demonstrar atitudes negativas com relação a tópicos como: casamento gay, aborto, drogas, pornografia, feminismo, liberdade de expressão e comportamentos não-condizentes com o padrão normativo da sociedade. Por outro lado, expressavam simpatia a temas como patriotismo, o “direito” dos EUA em espalhar democracia pelo mundo por via de força militar, estado mínimo (menos impostos, salário-mínimo baixo, o privado em detrimento do público, livre mercado etc).

3 - O libertarianismo, ou ultraliberalismo é a filosofia política que tem a liberdade individual como seu principal objetivo e a minimização da influência do Estado, minimização esta que possui diferentes graus de acordo com diferentes correntes libertárias: libertários clássicos não reconhecem nenhuma autoridade justificada no poder do Estado; minarquistas, por outro lado, atribuem uma necessidade ao Estado de apenas promover segurança pública e justiça. De toda forma, o libertarianismo é também conhecido como “anarco-capitalismo”, por defender o fim do Estado e a manutenção do sistema capitalista.

Estes dados indicam que estes indivíduos são, na verdade, “conservadores nos costumes” muito mais do que se mostram “conservadores na economia”. De toda forma, é evidente que o cerne (a busca pela manutenção da desigualdade), permanece.

De todo modo, para uma parcela significativa do espectro conservador, o capitalismo e seu consumismo “frívolo” ainda representam um caminho desonesto em direção ao poder e à escalada hierárquica. Para esta parcela, a violência e a guerra declarada ainda são o caminho mais apropriado (ROBIN, 2011). De fato, não é incomum (e talvez seja até encorajada) a “personalidade do ciclista” no meio militar. O soldado se sente superior ao civil e se submete ao sargento, que exerce sua autoridade sobre o soldado mas se curva perante o tenente, e assim sucessivamente. Dentre os civis, a possibilidade de andar armado e defender sua “honra”, família ou propriedade é atraente ao indivíduo conservador, pois oferece a ele uma forma de exercer sua autoridade sobre os “fracos” e os “indignos” (criminosos ou qualquer outro que não se encaixe em sua visão de mundo). Esta atitude belicosa, apesar de não ser nenhuma novidade, tem tido bastante destaque ultimamente, apesar de pequenas mudanças características ao tempo em que vivemos: engana-se quem acha que esta manifestação se encerra nas vias de fato e na violência física. A distância que a internet impõe entre usuários não diminui a violência deste indivíduo conservador belicoso: ele apenas a exerce por palavras.

Esta atitude violenta pode se desdobrar em um discurso virulento e ameaçador. O indivíduo conservador que, na rua, intimida o outro mostrando a arma na cintura pode ter, na internet, seu equivalente: o usuário que adota a mesma postura agressiva através de palavras e memes. Angela Nagle (2017) resume este pensamento belicoso (que segundo ela é fruto de “uma misantropia e ansiedade”, resultado da reprodução de uma “casta inferior”) em uma frase de um notório *hacker* e *troll*⁴ nazista, weev:

Trollar é, basicamente, a eugenia da internet. Eu quero todos fora da internet. Blogueiros são a escória. Eles devem ser destruídos. Blogar dá a ilusão de participação a um bando de retardados... Nós devemos jogar essas pessoas num forno... Nós estamos perante uma crise Malthusiana. Os níveis de plankton estão caindo. Abelhas estão morrendo. Manifestações ocorrem no México por causa de tortillas, o maior preço do trigo em 30 anos... A questão que devemos responder é: como matamos quatro dos seis bilhões de pessoas na Terra da maneira mais justa possível? (NAGLE, 2017, Não Paginado)

4 - Termo oriundo de uma técnica de pesca, que envolve em arrastar uma isca lentamente a fim de ludibriar o peixe, e da mitologia nórdica, onde o *troll* era uma criatura cujo propósito era tornar a vida das pessoas mais difíceis. O termo define os usuários na internet que se dedicam a irritar e provocar a discórdia, principalmente em debates acalorados sobre temas sensíveis.

Este discurso virulento, que coloca o indivíduo conservador como o “ser superior” que elimina os “inferiores” é bastante evidente na cultura *troll*. A “*trollagem*” proliferou-se e explodiu na internet no momento em que ela se povoou-se de usuários “padrão”, pouco entendedores de suas tecnologias. *Trolls*, nesse sentido se veem como uma elite que pode causar, ao seu bel-prazer, aflição, dor e infernizar usuários “inferiores”. Da mesma forma que, como no discurso de weev, ocorreu um salto da “eugenia na internet” para a “eugenia” de fato, o salto do discurso de “ódio perante inferiores” para a ação “eliminar os inferiores” pode ser observada em vários massacres perpetrados por indivíduos conservadores atuantes em *Chans*⁵, como os recentes casos do Massacre da Escola Raul Brasil, em Suzano, ou o Massacre da Mesquita de Christchurch, na Nova Zelândia. Em ambos os casos, os assassinos eram usuários habituais do *Dogolachan* e *8Chan*, respectivamente, sites notórios pela cultura *troll*. As palavras agressivas, o desdém pelo usuário “inferior”, o tom de ameaça e a postura belicosa, infelizmente nestes casos, saíram da internet para o mundo das relações físicas. De todo modo, pode-se inferir que o indivíduo conservador tende a convergir para o autoritarismo e para a manutenção da desigualdade, pouco importando a sua roupagem: dos libertarianos aos neofascistas eugenistas, o autoritarismo eventualmente vem a tona e com ele a noção de que indivíduos são, necessariamente, diferentes e desiguais.

Corey Robin argumenta que a história é permeada por relações de poderes desiguais e pelas tensões que surgem entre eles, como “homem – mulher”, “trabalhador – empregador”, “governo – governado”. Sempre que o lado “desempoderado” intercede a favor de si, o lado “empoderado” vê seu julgo ameaçado. Mesmo que as demandas do “desempoderado” sejam pequenas, apenas o ato de demandar algo, por si só já constitui uma ameaça a hierarquia.

Isto leva àqueles que detém o poder a reprimir estas demandas por igualdade, a fim de reafirmar sua autoridade. A ameaça que os poderosos percebem é menos material e mais existencial: se os “desempoderados” exercem seu querer e obtém algum ganho, por mais ínfimo que seja, eles podem continuar o fazendo indefinidamente (como na imagem popular do “abrir a porteira”). A perda simbólica de uma parcela do poder perante o subjugado, para o indivíduo conservador, pode ser custosa a longo prazo, resultando na perda de poder real.

5 - *Chans* (do inglês *Channel*) são *imageboards* (espécie de fórum onde o usuário é encorajado a interagir sobretudo por meio de imagens postadas), sendo o mais famoso deles o *4Chan*, na língua inglesa. Usuários geralmente postam o conteúdo de forma anônima, e os posts mais recentes aparecem acima dos demais. Dentro do *4chan*, existem vários sub-fóruns (*boards*) com seus conteúdos específicos e regras de convivência. Não é possível registrar-se no site. O site, principalmente o *board /b/* (conhecido também como “*random*”) é responsável pela popularização de diversos memes como “*Rickrolling*”, “*Pedobear*” dentre muitos outros. Usuários do *4chan* também estão envolvidos com grupos como o “*Anonymous*”, a “*alt-right*”, com protestos contra a Igreja da Cientologia, vandalismo virtual de sites, ameaças de violência etc. Alguns dos usuários do */b/* definem o site como o “esfíncter da internet”. O sucesso do *4chan* acarretou na criação de sites similares, como o *8chan*, *7chan*, *420chan* ou o brasileiro *Dogolachan*.

De fato, pôde-se observar o ressentimento de uma grande parcela da sociedade quando, por exemplo, as empregadas domésticas adquiriram mais alguns direitos trabalhistas em 2013, como jornada de 44 horas semanais, o pagamento de horas extras com adicional de 50% e o respeito a acordos e convenções coletivas⁶. Um dos motivos do desconforto por parte da elite brasileira, segundo a teoria de Robin, não seria a perda material relativa ao fardo de se pagar o FGTS ou horas-extra às domésticas, e sim a perda simbólica ao ver uma classe de trabalhadoras, tradicionalmente consideradas trabalhadores de segunda categoria⁷, subitamente elevadas à categoria de trabalho formal.

Ao citar a greve ferroviária em St. Louis em 1877 e a greve geral em Seattle em 1919, Robin aponta que o maior medo do patronato era que os grevistas continuassem a trabalhar sem a necessidade de patrões. Em ambos os casos, o perigo maior para os patrões era a evidência de que eles não eram necessários, e não as demandas laborais dos trabalhadores ou o prejuízo financeiro decorrente das paralisações. Portanto, para Robin, o conservadorismo não é a defesa da liberdade pessoal, mas sim a manutenção das hierarquias. Mesmo o indivíduo liberal, que tradicionalmente é associado a ideias como lucro individual, livre iniciativa ou empreendedorismo, colocam estes conceitos de lado em favor a inalteração das hierarquias.

O conservadorismo frequentemente acusa a esquerda de “trocar liberdade por igualdade” (ROBIN 2011, pg. 09). No entanto, segundo Robin, a maior parte dos movimentos progressistas afirmam que uma maior liberdade só pode ser adquirida através da expansão da igualdade, de poucos a muitos. Se uma maior igualdade é ofertada ao povo, isto significará que a direita conservadora se encontrará na base desta nova hierarquia. Comumente, eles alegarão que a esquerda apenas instituirá uma nova hierarquia, a fim de convencer o povo de que “as coisas estão melhor como são”, na atual estrutura de poder. Algo como “trocar seis por meia dúzia”. Novamente, este pensamento parte da defesa da ideia da desigualdade como algo natural e inevitável, que como visto, foi o pontapé inicial do pensamento conservador.

Uma das razões para que este tema seja tão controverso é a natureza pessoal inerente a estes assuntos sociais. Se torna difícil, por exemplo, debater mudanças na situação política das mulheres sem suscitar aos homens questionamentos sobre como são as suas relações com elas. Robin (pg. 10) cita Elizabeth Cady Stanton, que diz que “eis o segredo da oposição à igualdade das mulheres perante o Estado: os homens não estão dispostos a reconhecer esta igualdade no lar”: trabalhadores empoderados invocam imagens do empregado resistindo à exploração e se organizando

6 - Congresso promulga PEC das Domésticas (VEJA, 2013) & Comissão aprova regulamentação de emenda das domésticas (G1, 2013).

7 - Texto da Proposta de Emenda à Constituição nº478/10 (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2010)

contra o patronato; criadas negras empoderadas invocam a imagem da empregada doméstica respondendo com firmeza a dona de casa, e assim sucessivamente.

Para restringir esses ganhos de liberdade é necessário um controle do poderoso sobre o indivíduo dominado. Esse controle deve, preferencialmente, abarcar todos os aspectos da vida daquele que se quer dominar. Por exemplo, os donos de escravos não apenas controlavam o trabalho dos negros que lhes pertenciam; eles também controlavam suas relações familiares, suas práticas religiosas, seus casamentos, seus horários e os discursos que podiam circular entre os dominados. “Dono de Escravos” não era apenas um ofício, era também uma identidade. A abolição da escravidão era a abolição de todo um modo de vida (ROBIN, 2011).

Historicamente, o pensamento conservador procurou barrar a marcha da democracia tanto na esfera pública quanto na privada, assumindo que progressos em uma acarretam em progressos na outra. Robin cita: “Para manter o Estado fora do alcance do povo, é necessário manter a família fora do alcance das mulheres e das crianças”, escreveu o monarquista francês Louis de Bonald. John Adams (um dos Pais Fundadores dos EUA) foi ainda mais incisivo: “ceda o campo público, se preciso, mas segure firme no privado” (ROBIN, 2011, pg. 15).

Para Robin, o motor do conservadorismo é o medo que expansão de liberdades no campo do privado levará à expansão de liberdades na vida pública. É o medo de uma sociedade tomada de assalto pela insubordinação. Mesmo quando concessões, que ampliam liberdades civis, são feitas pelo estado, esforços são feitos para que a hierarquia na esfera privada se mantenha. Por exemplo, as mulheres ganharam o direito ao voto antes de ganharem o direito de trabalhar em pés de igualdade, antes do direito ao divórcio, do direito ao aborto etc. Para Robin, a queda da Bastilha, a tomada do Palácio de Inverno, a Marcha a Washington, todos estes eventos tiveram como estopim demandas da ordem do privado: a disputa por direitos no seio da família, na fábrica e no campo.

Conservadorismo [...] não é um compromisso com um governo limitado e com a liberdade [pessoal]; ou a cautela com mudanças; a crença em uma reforma evolucionária ou a política da “virtude”. Estes podem ser subprodutos do conservadorismo [...] Mas não são seus propósitos primordiais”. Conservadorismo é a oposição à liberação de homens e mulheres dos grilhões de seus superiores, especialmente na esfera do privado. (ROBIN, 2011. Pg. 15 – 16)

O conservadorismo é definido como a oposição ao radicalismo, mas ele comumente se torna radical quando em defesa das normas e hierarquias que lhe são caras. Portanto, ele também considera qualquer reforma destas normas e hierarquias inerentemente radical. Para o pensamento conservador, não é possível apaziguar os ânimos do dominado com pequenos

incrementos em suas liberdades. Não é possível, em outras palavras, escolher a “evolução ao invés da revolução”, pois, para o conservadorismo, esta “evolução” inevitavelmente levará a revolução (e, conseqüentemente, ao caos social). A direita é, segundo Robin, veementemente contra qualquer mudança: gradual ou drástica, grande ou pequena. A “distensão” praticada pelo regime militar no Brasil sob a lógica da “conciliação pelo alto” e da transição *lenta, gradual e segura* existiu justamente para manter o poder nas mãos das elites burguesas/autocráticas: as parcelas conservadoras que, respectivamente, exerciam sua força sobre os “inferiores” pelo capital e pela força. No momento em que esta lógica foi perturbada pelas políticas públicas petistas, esta mesma junção do capital e da força colocou em prática planos que culminaram no impeachment de Dilma Rousseff, na prisão de Lula e no virtual fim das políticas públicas que visavam a diminuição da desigualdade.

O resultado disto foi uma direita conservadora ultraliberal, que está constantemente mobilizada em um conflito contínuo com setores que, para ela, são os mais vulneráveis da sociedade: aqueles que não se encaixam no estereótipo do homem branco, heterossexual, *self-made man*, ocidental. Bob Altemeyer (2007), ao descrever o indivíduo autoritário⁸, lista três características em suas personalidades:

1. um alto nível de submissão às autoridades oficiais da sociedade;
2. alto nível de agressão em nome destas autoridades; e
3. um alto nível de “convencionalismo”.

Por “convencionalismo”, Altemeyer quer dizer “a crença de que todos devem seguir as normas e os costumes que as autoridades decretaram”. Desta forma, além de se mostrar mais hostil a criminosos comuns, o indivíduo autoritário tende a perseguir e mostrar sinais de agressividade contra todos que não se encaixam nas normas e padrões da sociedade: mulheres feministas, gays, negros, pessoas trans, comunistas, etc. Altemeyer salienta, em seus estudos, que esta tendência dos indivíduos autoritários em seguir o senso comum resulta em variações a medida que o tempo passa e os valores da sociedade gradativamente mudam: recentemente, a atitude de indivíduos autoritários tem mudado lenta e gradativamente em direção a uma maior aceitação de gays, assim como, há 30 anos, a maior parte dos indivíduos entrevistados se mostravam violentamente contrários ao sexo antes do casamento (hoje em dia, por exemplo, os estudos demonstram uma aceitação do sexo pré-marital desde que o casal planeje se casar no futuro).

8 - Altemeyer admite, em sua obra, que o autoritarismo pode surgir tanto à esquerda quanto a direita, contudo a maior parte de sua obra é dedicada a estudar indivíduos autoritários à direita, que ele denominou RWA (Right Wing Authoritarians). De forma bem-humorada, ele afirma que, apesar de não haver dúvidas da existência de indivíduos autoritários de esquerda, estes dificilmente representam um perigo à democracia norte-americana. Por outro lado, ele também afirma encontrar indivíduos autoritários de direita “aos montes”, em “toda amostra pesquisada”, do Canadá aos EUA.

Sendo assim, em uma sociedade onde valores patriarcais, hierárquicos e conservadores ainda sejam a norma, mesmo que este cenário esteja gradativamente mudando, indivíduos conservadores procuram impor estes valores àqueles que não se encaixam. Por sua crença inabalável em, por exemplo, uma hierarquia social (setores da extrema-direita chegam a citar uma hierarquia *racial*) fruto de uma iniquidade inerente a toda sociedade, o indivíduo conservador resiste a toda forma de emancipação daqueles que não se encaixam neste estereótipo. Esta resistência a igualdade o coloca em um conflito contínuo contra todos os que detêm um deficit igualitário e que, exatamente por isso, demandam que suas vozes sejam ouvidas.

Em tempos de calma política, a sociedade tende a ver a hierarquia existente como um estado natural. Esta, simplesmente, seria a maneira como o mundo funciona. Quando movimentos progressistas ganham poder político o suficiente para desafiar estas hierarquias, as massas redescobrem que a hierarquia não é natural, e sim fruto de relações humanas. Sendo assim, ela pode ser modificada ou até mesmo abolida. É Neste momento que a retórica da “Hierarquia Eterna” não é mais capaz de suportar a estrutura de poder existente e assim, o pensamento conservador admite que a hierarquia não é natural. Contudo, em vez de procurar mudá-la, o pensamento conservador procura fazê-la cumprir a força. Esta crença numa “Hierarquia Eterna” é a complacência que o pensamento reacionário critica. É uma crítica aos “tolos” que detinham o poder mas deixaram de exercê-lo ativamente, deixando parcelas subjugadas da população livres para reclamar alguns direitos e liberdades (ROBIN, 2011).

Nagle (2017), define os tópicos de interesse e preocupações de sujeitos pertencentes a *Alt-Right* (uma espécie de “novo conservadorismo americano”) como: QI do indivíduo, demografia europeia, declínio civilizacional, decadência cultural, Marxismo cultural e com a islamização do ocidente. Em consonância com Robin, Nagle também a define como anti-igualitária e, mais importante, a *Alt-Right* se vê como:

Uma alternativa aos conservadores da direita institucional, a quem eles definem como “*cuckservatives*” [onde *cuck* vem da palavra *cuckhold*, que significa algo como “corno”] por conta de sua passividade cristã e por, metaforicamente, cederem suas mulheres/nação/raça ao invasor estrangeiro não-branco. (NAGLE, 2017, Não paginado)

Desta forma, quando progressistas acusam os velhos costumes de serem ruins, os conservadores não necessariamente discordam. Eles, no entanto, simplesmente acusam estes velhos costumes de terem se tornados complacentes, e que eles não devem ser substituídos, e sim revitalizados. Não a toa, muitos brasileiros conservadores, em manifestações de rua, desejam a volta “dos tempos da ditadura”, através de eufemismos como “intervenção militar”. Para eles, os militares foram complacentes ao ceder às demandas democráticas, o que acarretou, segundo suas percepções, em uma degeneração da sociedade brasileira.

Os partidos conservadores muitas vezes são o partido daqueles que se sentem lesados. Andrew Sullivan (ROBIN 2011, pg. 59) diz: “todo pensamento conservador se inicia com uma perda”. E geralmente se trata de uma perda recente. O fermento do conservadorismo é a oposição a algo que foi contestado ou tomado recentemente; ele é sempre focado em recuperar aquilo que ele julga ter sido tomado a pouco, como por exemplo (no Brasil), o “direito” da classe média em ter uma empregada doméstica (provavelmente da cor negra) em condições análogas a escravidão ou o “direito” da polícia em torturar e matar sem que a mídia ou a população clame por direitos humanos⁹. Como parte do recorte deste trabalho, é possível supor a “perda” do privilégio do homem em ser presidente ou assumir qualquer posição de liderança, após a vitória de Dilma Rousseff. Não a toa, Dilma era constantemente “masculinizada”, talvez numa tentativa de minimizar esta “perda”, algo como “uma mulher foi eleita, mas, pelo menos, ela *parece* um homem”.

A masculinização de Dilma parte por uma problematização do que é “ser mulher”, pois isso implica na adequação do corpo feminino a ditames sociais como o casamento heterossexual, a monogamia, a maternidade e o cuidado com a família. Atitudes enérgicas e viris, somadas à necessidade de defesa da família são, por outro lado, características imputadas ao sexo masculino. Donna Haraway (2009, pg. 47) vai além, problematizando inclusive o “ser” mulher:

Não existe nada no fato de ser “mulher” que naturalmente una as mulheres. Não existe nem mesmo uma tal situação – “ser” mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis.

Como afirmam EAGLY & KARAU (2002), dos homens espera-se um comportamento agêntico, assertivo, controlador e direto. Das mulheres, espera-se um comportamento mais comunal, focado na resolução de divergências. Quando o comportamento de um indivíduo não condiz com o que se espera de seu gênero, este tende a ser avaliado negativamente. Visto que papéis de liderança e dominação são, em nossa sociedade, papéis tradicionalmente masculinos, pode-se especular uma tentativa da propaganda petista em “vender” Dilma Rousseff de uma forma mais masculinizada, que mesmo contrariando o senso comum descrito acima, apresentou uma candidata masculinizada (como é evidente em sua forma de se vestir, corte de cabelo curto e o apelo ao seu passado como “guerrilheira”, sobrevivente de torturas). Mesmo masculinizada, a perda do privilégio do homem heterossexual em ocupar os mais altos cargos de liderança em detrimento ao sexo feminino, simbolizada por Dilma, pode ter sido um fator que resultou em

⁹ - ‘Policia! não vê a hora de descer a mão em maconheiro da USP e viado’, texto publicado pela Carta Capital, 2018: É notável o trecho: “Eles acham que com a vitória do Bolsonaro tudo vai voltar a ser como antes – e eles vão se vingar do tempo que passou sufocado”.

sua queda. O comportamento agêntico de Dilma, somado a sua imagem mais viril (ambos não condizentes com o que o senso comum espera de seu gênero) certamente foi uma causa para avaliações negativas de seu governo, principalmente entre seus opositores¹⁰. O sentimento de perda de um espaço de poder do homem conservador, finalmente, pode ter sido outra causa importante.

“Ele [o conservadorismo] meramente procura recuperar aquilo que lhe pertence, e o fato de que um dia ele já o obteve (e, de fato, sua posse provavelmente durou bastante), sugere a possibilidade do conservadorismo reclamar aquilo que já lhe foi seu”. (ROBIN 2011, pg. 59)

Ironicamente, a direita conservadora comumente acusa a esquerda de “vitimismo”, embora todo o seu movimento se baseia em sentir-se vítima de um “roubo de privilégios”. “O que é realmente bizarro sobre o conservadorismo: uma classe dominante mantendo sua reivindicação ao poder baseada em um senso de vitimismo”, afirma Robin (2011, pg. 98).

Aqueles que, historicamente, estão no poder, tendem a se voltar para o conservadorismo quando algo lhes é tomado, seja uma fração de sua riqueza, os privilégios oriundos da cor de sua pele ou a liberdade para subjugar suas esposas. Esta perda pode ser tão material quanto o dinheiro ou tão etérea quanto o senso de poder: não importa. Nada é tão querido quanto aquilo que um dia já foi possuído. Pode ser (e muitas vezes é) a perda de algo que jamais foi legitimamente adquirido e Robin rapidamente aponta que esta perda raramente é significativa quando comparada com os privilégios e riquezas que ainda restam, mas, de qualquer forma, ainda representam uma perda.

Robin argumenta que, apesar de sua oposição contra a esquerda, os conservadores geralmente são os que mais aprendem com os atos da esquerda. Os métodos revolucionários e progressistas são apropriados pela direita para seus próprios propósitos. Quando conservadores sentem que uma determinada técnica é utilizada contra eles com sucesso, imediatamente eles tentam colocar esta técnica a serviço de seus propósitos.

Um exemplo deste fenômeno foi a apropriação de fóruns (como, no Brasil, os Foruns do UOL ou, no exterior, o *4chan*) por pautas reacionárias (SALGADO, 2018). Antes locais anárquicos de postagens humorísticas, grotescas ou simplesmente aleatórias, estes “submundos da internet” (seus usuários também utilizam os termos “esgoto” e “esfíncter”) aos poucos se converteram em antros de conservadorismo, no Brasil girando em torno dos pensamentos do

10 - Como pode ser atestado por vários memes da oposição conservadora coletados neste trabalho que colocam em cheque a “beleza” e a “têmpera” de Dilma, enfim: sua feminilidade.

astrólogo Olavo de Carvalho e, no caso do *4chan*, ajudando a formar o embrião do que hoje é conhecido como “*Alt-Right*”. A aleatoriedade do conteúdo que outrora imperava gerava postagens sobre drogas, sexo, ateísmo e até manuais revolucionários chamados de “livros de receitas anarquistas” (*anarchist cookbook*). De fato, se tratava de um espaço de contracultura, onde os usuários tinham a liberdade de expor seus pensamentos mais secretos e as ideias mais chocantes. Nagle (2017, não paginado) salienta:

Para entender as aparentes contradições políticas do *4chan*, *Anonymous* e suas relações com a *Alt-Right*, é importante lembrar que a mudança gradual para a direita na cultura *chan* centralizou-se ao redor do *board* político (*/pol/*), em comparação ao *random* (*/b/*), menos político porém sempre extremo.

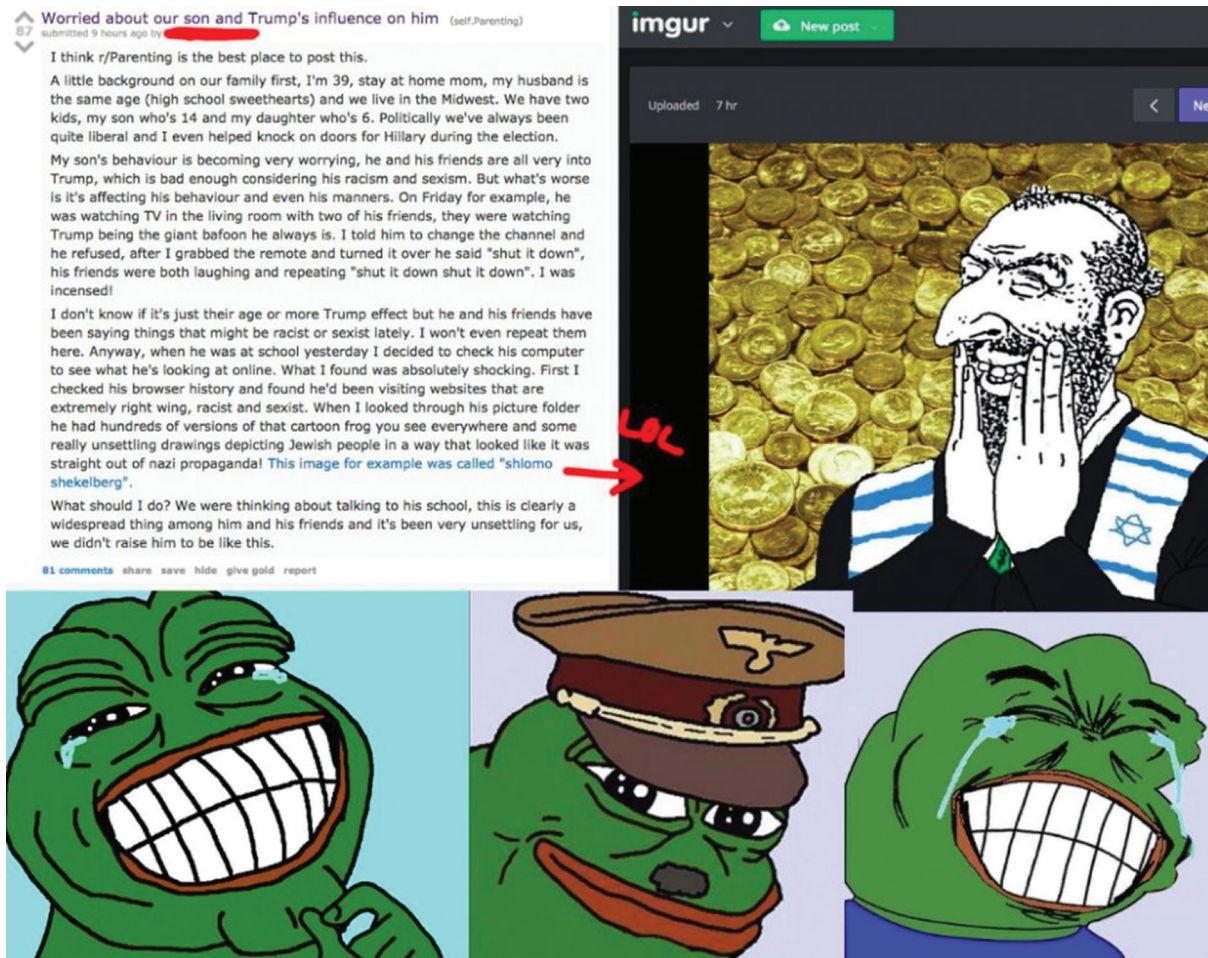
Enquanto isso, usuários que pendiam para a esquerda, sofreram repressões e espionagens por conta das autoridades durante o ápice do movimento *Anonymous*, entre 2010 e 2012. Esta lacuna deixada pela esquerda criou uma ausência de ideias mais progressistas, que foi prontamente preenchida por um pensamento mais conservador e sua “tropa de choque antipoliticamente correto” de memes humorísticos. De fato, “foi a cultura baseada em imagens e no humor, da fábrica de memes irreverentes que é o *4chan* (e posteriormente o *8chan*), quem deu à *Alt-Right* sua energia juvenil” (NAGLE, 2017).

Esta apropriação de ferramentas libertárias (neste caso, o cyberativismo do *Anonymous*) é, para Robin, uma das características do indivíduo conservador:

Por trás destas declarações de admiração, o conservador efetivamente copia a revolução ao qual ele se opõe e aprende com ela [...]. Isto é um dos aspectos mais interessantes e menos compreendidos da ideologia conservadora. Enquanto os conservadores são hostis às metas da esquerda, particularmente o empoderamento das castas e classes mais baixas, eles frequentemente são seus melhores alunos. Algumas vezes seus estudos são conscientes e estratégicos, como em ocasiões onde eles se voltam para a esquerda como forma de moldar novas maneiras de falar ou novas mídias, para seus fins deslegitimados. (ROBIN pg. 49-50)

A agressão verbal resultante do pensamento conservador, que se perpetua em um constante estado agressivo, se torna a maior arma do indivíduo conservador no ambiente da internet. Neste conflito são comuns as ameaças, um tom virulento e, principalmente, o escárnio e a humilhação, através de um humor agressivo. Montagens, piadas e memes, neste sentido, são as armas do indivíduo conservador, que enxerga o seu lugar na sociedade ameaçado por aqueles que são considerados “indignos” de exercerem qualquer autoridade.

Figura 6: Exemplo de humor racista retirado do 4Chan.



Fonte: <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Em menos de 5 minutos vagando pelo 4Chan, me foi possível observar esta montagem acima, onde uma suposta mãe, desesperada com as recentes atitudes de seu filho, relata que o mesmo está se tornando um admirador de Donald Trump e visitando “websites de extrema direita, racistas e sexistas”. Seu relato aparece como um *printscreen* proveniente do Reddit (uma espécie de portal de fóruns de discussões diversas). O adolescente, segundo ela, teria salvo em seu HD centenas de imagens de um sapo cartunescos e representações de judeus dignas da “propaganda nazista”. A reação dos *Channers* (usuários do 4chan) ao se deparar com este *printscreen* não poderia ser outra: colocar imagens do Sapo Pepe rindo e usando um quepe nazista.

4. O CONSERVADORISMO NA INTERNET ou O RAPTO DE UMA FERRAMENTA PROGRESSISTA POR UM MOVIMENTO CONSERVADOR

Houve o começo de um movimento conservador orgânico e de base, surgido no seio da internet, em fóruns (*Chans* no exterior, UOL e, posteriormente, *Dogolachan* no Brasil). Daniel Salgado (2018) relata que “antes da difusão das redes sociais, o Uol Jogos era uma segunda casa para adolescentes *nerds* e folgados, um fórum em que usuários relativamente anônimos exercitavam graus variados de exposição”. Como o nome indica, obviamente existia muito conteúdo e discussão a respeito de jogos eletrônicos. Contudo, outros, mais improváveis e movimentados como o Vale Tudo e o Papo-Cabeça (que eram similares, respectivamente, aos *boards /b/ e /pol/* do *4chan*) cobriam grande variedade de assuntos e, justamente por isso, acabavam reunindo milhares de usuários na segunda metade dos anos 2000¹¹. Daniel Salgado afirma:

O fórum teve seu impacto na internet brasileira. Foi o berço dos primeiros memes tupiniquins, a grande maioria deles hoje relegada ao cemitério virtual de piadas. Boa parte dos usuários se espalhou por outros recintos com senso de humor similar, em especial comunidades do Orkut. Em seu auge, elas funcionavam como fóruns, organizadas em tópicos e com milhares de usuários em um ambiente caótico. Mas, mesmo com similaridades, a diferença entre os dois espaços era clara. Os usuários do Vale Tudo, talvez por conta do maior grau de anonimato, tendiam a praticar um humor mais extremo do que no Orkut, tanto em seus temas quanto na agressividade de seus termos.

O tom humorístico do discurso permitia que o mesmo circulasse livremente, mesmo em meios mais progressistas, como, por exemplo, o Orkut (e, posteriormente, *Facebook*, *Twitter* e demais redes sociais). Além dos vários mecanismos que facilitam a circulação de discursos pontuados por humor (que analisaremos mais adiante), mascarar a ideologia com humor também permitia uma conveniente negação para quando o indivíduo conservador fosse “longe demais”, se tornando fácil recuar com a desculpa de que “é apenas uma piada”. Mais tarde, quando o guarda do alvo abaixasse, seria possível retomar a doutrinação. De toda forma, o humor nestes meios sempre foi bastante presente.

[...o *4chan*] se tornou um fórum extremamente influente e criativo, conhecido por suas pegadinhas, memes e imagens “que não podem ser desvistas”.

11 - Eu, inclusive, fui usuário assíduo do *4chan* nesta época. Devido a popularização do Orkut, que a meu ver, estava cheio de usuários *normies* (termo pejorativo que define o usuário padrão, mainstream), decidi abandonar a rede social, em uma época onde o *Facebook* ainda não havia se popularizado no Brasil. Pude testemunhar pessoalmente a lenta porém inexorável guinada ao conservadorismo que tornou o *4chan* em um ponto de encontro da *Alt-Right* (no melhor dos casos) e de nazistas (no pior dos casos). Isto no entanto, é meramente evidência anedótica.

Poole [criador do *4chan*] o definiu como “uma fábrica de memes” e indubitavelmente, o *4chan* criou incontáveis memes que chegaram até a cultura mainstream da internet. (NAGLE, 2017. Não Paginado.)

Esta cultura de anonimato dos *Chans* se tornou um ambiente fecundo onde usuários tornaram públicos seus pensamentos mais tenebrosos: pornografia extrema, piadas internas, gírias *nerds*, imagens mórbidas, pensamentos suicidas, violência, incesto, misoginia e racismo se tornaram a lei neste experimento virtual. Isto tudo permeado por memes engraçados (NAGLE, 2017). Como ocorria em boa parte dos fóruns e *imageboards* da época, que forneciam um grau de anonimato a quem participava, a tônica das discussões era anárquica. A cultura tóxica dominante estimulava a transgressão pela transgressão, ou seja, abraçar tópicos que incomodassem as pessoas consideradas “normais” (ou *normies*). Desta forma, tópicos e piadas que abordavam temas considerados imorais pela sociedade (mas que não deixavam de ser bandeiras progressistas) como aborto, uso de drogas, masturbação e relações sexuais não convencionais eram comuns em um primeiro momento. Com o passar do tempo, em uma disputa onde a moralidade é condenada, a transgressão pela transgressão é a regra, o inconformismo é o motor e a insanidade é o objetivo, não surpreende ter passado a existir e circular discursos e piadas dignas de um psicopata, em um ambiente dominado pelo id (NAGLE, 2017). Numa descrição do *board /b/*, feita por um usuário anônimo, este panorama é descrito em detalhes:

/b/ é o cara que reclama com o aleijado na frente dele na fila, dizendo para ele “andar mais depressa”. */b/* é o primeiro a chegar na janela para ver o acidente automobilístico que ocorreu lá fora. */b/* é o cara que escreve o seu número de telefone no banheiro do shopping. */b/* é o estudante repetente que dá em cima de sua jovem e bonita professora de inglês. */b/* é o cara que fica vagabundeando na avenida principal, que está sempre tentando te vender algo. */b/* é a pessoa que doa suas roupas esportivas para o Exército da Salvação. */b/* é um sonho incestuoso gostoso que você tenta esquecer por dias. */b/* é o único no seu grupo de amigos que está totalmente seguro de sua própria sexualidade e não diz nada a respeito. */b/* é o cara que não é impotente mas que usa Viagra mesmo assim. */b/* é o seu melhor amigo, que sai junto com você em um encontro com uma garota e empata sua foda. A garota decente que você tentou foder vai para casa e te abandona, */b/* dá risada, te leva para casa quando você está bêbado e quando você acorda, se depara com várias prostitutas que */b/* contratou para você. */b/* é o amigo que constantemente te chama para uma “rodinha de punheta”. */b/* é o cara que liga para o Centro de Valorização da Vida para dar em cima da atendente. */b/* é formatar o HD na próxima vez que alguém tocar a campainha. */b/* é a pessoa que deixa camisinhas usadas na frente do jardim de infância. */b/* é a voz na sua cabeça que diz que não importa se ela está bêbada. */b/* é o seu amigo que fala o tempo todo dos peitos de sua mãe. */b/* é o único que entende o que diabos você está dizendo. */b/* é a pessoa que contrata uma prostitua para que ela chupe seu cu, e apenas isso. */b/* é o seu tio, que te tocou várias vezes. */b/* ainda está se recuperando no hospital, depois de tentar algo que ele viu em algum *hentai*. */b/*

é o prazer do qual você se envergonha, depois de tentar brincar com o próprio ânus durante a masturbação. /b/ é maravilhoso.

(NAGLE, 2017. Não Paginado)

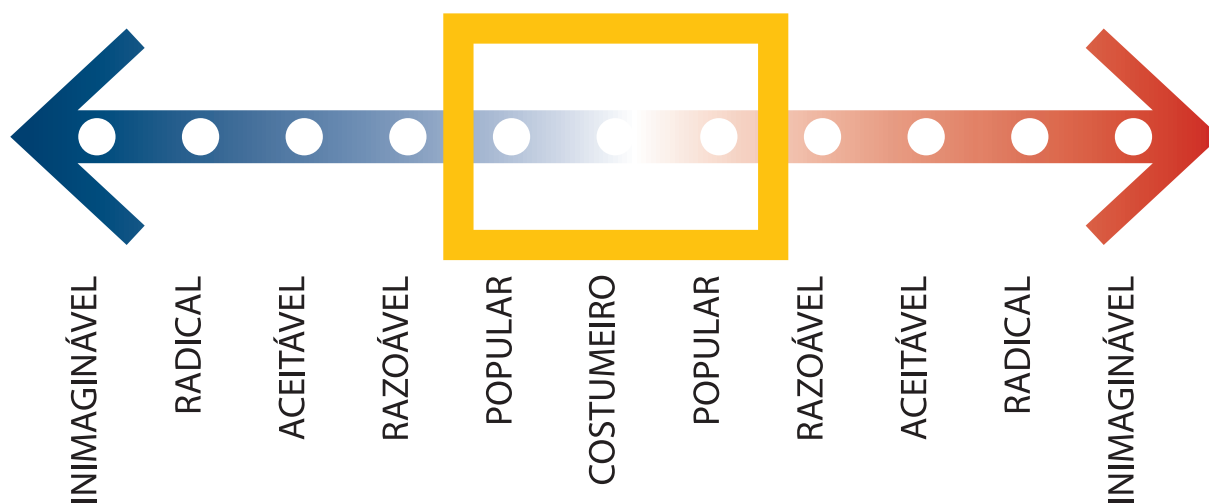
O absurdo em defender pautas tão regressistas como o racismo e misoginia era maquiado por um verniz irônico, humorístico e autodepreciativo, oriundo de “nerds beta”, o que auxiliava a penetração deste discurso em outros locais, em um possível processo de Janela de Overton¹². Em resumo, quando um pequeno grupo radical e marginalizado politicamente se torna visível e sua linguagem se torna comum, sua presença na sociedade começa a se tornar normal e seu discurso, mais palatável. Este conceito teoriza a existência de uma “janela de ideias” que o público em geral é mais propenso a aceitar. Todas as ideias dentro desta janela são consideradas normais e aceitáveis. Tudo que está fora desta janela é, em ordem “crescente”, radical, ridículo ou, em seu extremo, inimaginável. Esta teoria propõe que, se alguém deseja mover a janela na direção de uma determinada ideia, ou seja, se alguém quer mudar o que o público considera como “aceitável”, deve-se começar pelas ideias consideradas inimagináveis em sua radicalidade. Mesmo que o público, em primeira instância, rejeite estas ideias, elas fazem (por comparação) ideias menos radicais serem mais aceitáveis: elas mudam a janela na direção desejada. Luis Felipe Miguel (2018), ao discorrer sobre a doutrina libertariana, apresenta um exemplo de mudança na Janela de Overton:

Uma pesquisa realizada entre participantes das manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff – isto é, integrantes da base social da direita brasileira –, mostrou que a concordância com a ideia de que educação e saúde devem ser públicas e gratuitas superava a casa dos 95% dos entrevistados. O foco, assim, está dirigido sobretudo a formadores de opinião, gestores públicos e dirigentes empresariais. Fornecendo um programa máximo que se sabe que não será alcançado, os libertarianos pressionam o Estado a restringir sua ação reguladora. (MIGUEL, 2018. Não Paginado)

Ao defender as ideias “inimagináveis” para 95% dos entrevistados de que o Estado não deve fornecer serviços de saúde e educação, a ideia de restrição da ação reguladora do Estado passa a se tornar mais aceitável, mudando gradualmente a opinião pública até que esta, finalmente, pressione a esfera política para mudanças reais neste sentido.

12 - Joseph P. Overton foi o vice-presidente sênior do *Think Tank* liberal *Mackinac Center for Public Policy*, que através do mote “políticas impopulares e inaceitáveis devem se transformar em aceitáveis antes de serem propostas como leis”, promovia ideias como desregulamentação do mercado, limitação de sindicatos e ensino público, impostos menores etc. A ideia era, através do efeito da Janela de Overton, procurar a aceitação e depois a implementação destas políticas.

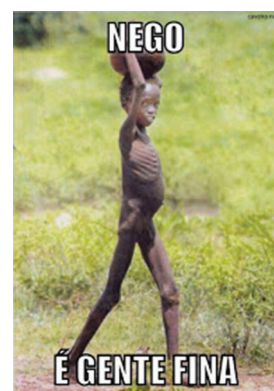
Figura 7: exemplo de Janela de Overton



(FONTE: o autor).

O que antes era abominável se torna mais agradável, e um dos caminhos (dentre vários outros) para este processo é o humor. Em outras palavras, se um meme contendo piadas “levemente” racistas (como por exemplo o meme “nêgo”) é propagado e viralizado, a própria existência do discurso racista é normalizada. Desta forma, são abertas as portas para uma penetração de discursos racistas mais “pesados”, inclusive eugenistas e supremacistas.

Figuras 8, 9 e 10: abaixo, exemplos do meme “nêgo”¹³, popularizado por volta do ano de 2015 (Autoria desconhecida).



Fonte: <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

No primeiro exemplo existe uma piada aparentemente inofensiva, porém o humor neste caso abre as portas para a penetração de um discurso racista, que naturaliza no negro, por exemplo, a ideia de burrice e miséria.

13 - “Por que o meme “nêgo” é racista?” (DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO, 2015.)

Angela Nagle (2017) sugere que a mudança do idealismo para o cinismo é fruto de um empedernimento dos usuários em relação ao “ativismo de sofá” que se tornou viral na internet do início dos anos 2010. Nagle utiliza o exemplo da campanha “*Stop Kony*¹⁴”, cujo propósito era denunciar os crimes contra a humanidade, praticados pelo líder militar ugandês Joseph Kony. O vídeo recebeu mais de 100 milhões de visualizações e se tornou tão viral que foi especulado que metade dos americanos jovens já tinham, pelo menos, ouvido falar do vídeo em poucos dias de sua publicação. Contudo, o vídeo começou a sofrer fortes críticas de ugandenses, que consideraram o vídeo “simplificado demais”, “impreciso” e que não passava de “ativismo de sofá” (ou “cliqueativismo”). A situação piorou quando Jason Russell, o produtor do filme, foi preso durante um surto psicológico, onde ele foi filmado em público pelado, destruindo carros e se masturbando (ironicamente, este vídeo também viralizou com bastante velocidade). Em pouco tempo, muitas celebridades que haviam compartilhado o vídeo “Stop Kony” deletaram esta postagem, em uma espiral descendente de impopularidade. Em um ritmo vertiginoso, a história do “Kony” percorreu um curso que agora é familiar, por ser o caminho que muitos outros “memes” semelhantes da época seguiram:

- Retidão e virtude mainstream;
- Opiniões baseadas em pensamentos simplistas e moralizantes (espécie de “lacre”);
- Desgraça, e finalmente;
- *Schadenfreude*, ou sentimento de alegria ou satisfação perante o dano ou infortúnio de um terceiro.

No Brasil, alguns episódios tiveram um percurso semelhante, como o caso dos Cachorros da Raça Beagle resgatados em 2013¹⁵ ou a troca do sobrenome nas redes sociais para Guarani-Kaiowá em 2012¹⁶. Em ambos os casos havia inicialmente um sentimento honrado de virtude, que a medida que foi se popularizando, foi dando lugar a um debate raso composto de chavões e lugares comum. A medida que a percepção de que o movimento tratava-se apenas de “cliqueativismo” e que muito pouco resultou em prol da causa (apesar do imenso “barulho”), começaram as piadas, a ironia niilista e o escárnio.

A percepção deste processo por usuários na internet, defende Nagle, resultou em uma crescente visão niilista e irreverente do mundo, calejando a empatia dos usuários devido a aparente falha da internet em promover uma mudança social real. A bem da verdade, esta “sabedoria das massas” promovida pela internet, que muitos autores enalteciam, de fato se tornou um vetor para mudança social, mas não da maneira utópica que muitos desejavam.

14 - Vídeo “Kony 2012” - <https://www.youtube.com/watch?v=Y4MnpzG5Sqc> (visitado em 25/02/2015)

15 - Mais de 200 animais, entre beagles e coelhos, são resgatados de laboratório em São Roque. (R7, 2013).

16 - Eliane Brum (2012) sobre o caso.

Responder uma tragédia midiaticizada do momento com brincadeiras insensíveis e ironia era a característica principal da cultura online *troll* por muitos anos. Mas, segundo Nagle, foi em 2016, com o assassinato do Gorila Harambe¹⁷, que um grande número de pessoas decidiu entrar na brincadeira. Basicamente, pulando as 3 primeiras etapas e indo direto ao *Schadenfreude*, as piadas com o gorila abatido a tiros viralizaram, pois surgiram em um momento onde os usuários viam qualquer ativismo como hipocrisia, como algo “sem graça”. Este sentimento, considerado prepotente, havia tomado tamanha proporção (como os “linchamentos virtuais” promovidos por grupos minoritários como negros e mulheres) que o outrora obscuro estilo de zombaria cínica emergiu ao mainstream da cultura da internet como uma espécie de força contrária a esta lógica moralizante.

Os criadores deste conteúdo eram, em geral, adolescentes homens, brancos, héteros de classe média, excluídos socialmente e impopulares na escola: o estereótipo do *nerd* era, de fato, o usuário mais comum da internet no início dos anos 2000 (SALGADO, 2018). A medida que foi ocorrendo a democratização informacional e mais e mais pessoas passaram a utilizar a internet, os membros destes fóruns se ressentiam e desprezavam aqueles que, ilegitimamente, ocupavam um espaço que era considerado exclusivo. Enquanto que a rede era cada vez mais ocupada por pautas progressistas, eficiente que é como ferramenta de amplificação de vozes antes silenciadas, os fóruns em questão se radicalizaram na direção oposta. A demanda de outros excluídos significava o fim de um espaço de aceitação, a implementação do que o campo reacionário define por “ditadura do politicamente correto” e o fim da “aleatoriedade”¹⁸, que não raro incluía racismo, sexismo, antissemitismo etc. O sentimento de perda de um espaço “livre” levou esses usuários a uma radicalização em suas ideias conservadoras. Daniel Salgado (2018) prossegue:

Nesse contexto, o que se identifica no senso comum como “politicamente correto” virou uma espécie de panaceia do mal: assim se classificam os textos considerados “emburrecedores” dos universitários brasileiros, o policiamento de piadas tão caras àqueles adolescentes e, mais importante, as críticas ao discurso machista e homofóbico em plena vigência em toda a sociedade.

[...]

17 - O Gorila Harambe foi abatido a tiros por um funcionário do zoológico de Cincinnati aos 17 anos, depois que uma criança de quatro anos acidentalmente caiu em sua jaula, em Maio de 2016. O incidente foi muito criticado por pessoas que culpavam a negligência dos pais da criança pela morte do gorila. Várias manifestações aconteceram após o ocorrido, das mais sérias às de pura zombaria, como foi o caso de “*dicks out for Harambe*” (algo como “mostrar o pau por Harambe”), mudança do nome de ruas, a invasão e *hack* da conta oficial no Twitter do zoológico de Cincinnati etc. (KNOW YOUR MEME, 2016).

18 - A “aleatoriedade” era um aspecto importante para este grupo, a ponto de, como visto, batizar o local na rede mais importante, o *channel random do 4Chan* (/b/).

Seu objetivo primeiro é chocar, abalar as estruturas para tentar provocar mudanças que prometam menos um novo futuro do que o retorno do passado. Seu combustível preferencial é o rancor, independentemente de suas posições políticas. A cultura on-line é regida por um acordo tácito de que o escárnio vem sempre antes do elogio.

A produção de memes humorísticos por estes jovens reacionários na internet tomou então características que lhes conferem algum grau de previsibilidade. Como dito anteriormente, o pensamento conservador geralmente se inicia com uma perda. A perda da exclusividade que esses usuários tinham sobre a internet, com a invasão dos *normies* trouxe a tona a cultura *troll*. Contra a “invasão” de mulheres nas comunidades sobre jogos on-line, veio uma resposta de escárnio machista (como o caso *GamerGate*¹⁹). Contra a perda do “direito” de se divertir com piadas racistas, vieram piadas ainda mais racistas, onde existe, inclusive, espaço para uma relativização do nazi-fascismo (como o caso do “*Pepe the Frog*”). Contra a perda da “exclusividade” do uso da internet, veio a utilização de gírias e termos específicos, que causam estranhamento aos “*newfags*” (termo homofóbico que designa os novatos nestas comunidades), assim como a utilização de um humor cada vez mais grotesco e repugnante, cujo um dos objetivos (além de fazer rir) é criar repulsa àqueles que “não tem estômago” o suficiente para “estar ali”, em um processo de verificação de alianças e lealdades, que será tratado a seguir.

19 - *GamerGate* (alusão ao escândalo *WaterGate*) foi o nome dado à repercussão da comunidade *gamer* às alegadas quebras de ética jornalista de sites especializados. A controvérsia atingiu a desenvolvedora de jogos independentes Zoe Quinn, acusada (injustamente) de ter tido relações sexuais com jornalistas em troca de críticas positivas. Este movimento foi criticado por sua misoginia e sexismo (KNOW YOUR MEME, 2015-1).

5. O MEME

Segundo Susan Blackmore (1999), memes são ditos populares, trejeitos, gestos, sotaques, comportamentos, enfim, toda informação que pode ser copiada entre indivíduos, sendo a cultura²⁰ o acúmulo de inúmeros memes por uma sociedade e as suas interações de cooperação e competição. Este acúmulo dos memes mais comuns, compartilhados por uma população, resultaria na cultura dominante desta população em específico. O termo foi inicialmente cunhado por Richard Dawkins (1979) quando este procurava uma forma de explicar a sua teoria de Darwinismo Universal, que é a aplicação do método Darwinista (de seleção natural) além das fronteiras da evolução biológica. A palavra “meme” trata-se de uma abreviação da palavra de origem grega *mimeme*, encurtada de forma a soar como a palavra “gene”. De uma forma análoga ao gene, o meme seria a menor partícula, uma espécie de “tijolo” cultural, que se comporta como um replicador egoísta (DAWKINS, 1979). Esta analogia é fruto da ideia de Darwinismo Universal, pois segundo Dawkins, quando alguns pré-requisitos são atendidos a evolução²¹ *deve* ocorrer, independente do meio, seja biológico ou cultural.

Francis Heylighen (2009) define o meme como:

[...] um padrão informacional retido na memória de um indivíduo, que é passível de ser copiado para a memória de um outro indivíduo. A memética pode então ser definida a ciência teórica e empírica que estuda a replicação, difusão e evolução de memes.

Ele também defende que observar correspondências entre evolução cultural e biológica é uma ideia antiga: em ambos os aspectos existem processos de variação, reprodução e seleção natural. Por exemplo, por volta do século 18, estudiosos ocidentais da Linguística já observavam similaridades entre diferentes línguas, de maneira semelhante às similaridades entre animais e

20– Heylighen (2009) define brevemente a cultura como o conjunto de atitudes, crenças e comportamentos que, para um determinado grupo, definem o seu modo de vida em geral. Os memes mais aptos a se reproduzirem (como canções, crenças, marcas etc.) tenderão a possuir uma identidade mais estável e reconhecível, mesmo tendo mudanças superficiais em sua aparência, como é exemplificado pelas inúmeras versões de uma mesma música ou piada. Todos estes memes juntos definem a cultura compartilhada por uma comunidade. Esta identidade é reforçada pelo *feedback* positivo que caracteriza as interações entre meme e sujeito: quanto mais um indivíduo é exposto a uma variação de um meme em específico, mais ele tende a adaptar sua versão para algo nos moldes da versão comum. Sendo esta versão mais comum, ela tende a ser mais expressada e assim, mais pessoas tendem a ter contato com ela. Um indivíduo novo no grupo, exposto a versões variantes de um meme, será sujeito a pressões para aceitar a versão mais comum e tenderá a render-se a “pressão conformista”. Quando uma população consiste de *clusters* diferentes ou comunidades locais (que possuem pouca comunicação entre si), este “isolamento” tenderá a criar culturas diferentes com o passar do tempo.

21– Evolução no sentido do menos complexo para o mais complexo. Saltos evolutivos no mundo natural, de um modo geral, resultaram em um avanço na complexidade dos seres vivos (dos seres procariontes à biodiversidade atual, por exemplo). De um modo similar, saltos evolutivos no âmbito cultural resultaram em uma grande complexidade societal (da organização e rituais simples das sociedades do paleolítico às sociedades complexas, com divisões e especializações do trabalho, costumes, leis e populações de grandes proporções).

plantas. Termos comuns a biologia eram utilizados, como a procura por um “descendente em comum” entre diferentes línguas. Em um artigo de Max Müller em 1870, pode-se encontrar a indagação “Como um novo estilo arquitetônico prevalece? Como a moda muda? (...) ou levando em conta a própria linguagem (...) seria a ideia de ‘Seleção Natural’ necessária?”

O crescente interesse pelas questões relativas à política atual e seus processos de subjetivação, atestam a necessidade de se entender os espaços públicos da comunicação, uma vez que um é amplamente dependente do outro. As opiniões políticas, bem como os comportamentos políticos, são originados no espaço da comunicação (CASTELLS, 2009). De acordo com a teoria memética, pode-se inferir que as relações entre as pessoas são feitas através de memes (como, por exemplo, a linguagem, trejeitos na fala etc.) e influenciadas por memes (noções de hierarquia em um agrupamento humano, instituições, etc.). Logo a comunicação humana está intimamente ligada a replicação e seleção de memes, que por sua vez, são os responsáveis pela propagação de comportamentos políticos (assim como todos os outros comportamentos passíveis de serem copiados).

Segundo Manuel Castells (2009), o espaço público é o lugar das interações sociais, onde ideias e valores são formados, comunicados, apoiados e resistem. Logo, o espaço público é também espaço potente de comunicação, por ser o local onde é possível compartilhar significados, através da troca de informações. Cada mente humana individual tem seu próprio significado que é a sua interpretação das informações comunicadas, essa interpretação individual é condicionada pelos espaços da comunicação. Portanto, as transformações nos espaços comunicacionais interferem diretamente na construção de significados e assim, a produção de relações de poder. Existem duas formas de se perpetuar o poder: através do monopólio da violência ou através da construção de significados (e ambas as formas derivam do poder econômico). Esse poder então, não se estrutura somente nos dispositivos repressivos do estado, mas também na hegemonia cultural que se exerce através do controle nos meios de comunicação, nos sistemas de educação, entre outros. Este domínio cultural da classe dominante, que manipula as crenças, valores etc. de uma determinada sociedade resulta na percepção de que as normas culturais desta classe dominante são universalmente válidas. Deste modo, o *status quo* social, político e econômico é visto como natural e inevitável, resultando assim em uma fonte fundamental de controle social. Hegemonia é definida por Gramsci (1992, pg. 156) como “a combinação de força e consentimento, que equilibram um ao outro reciprocamente, sem que a força predomine excessivamente sobre o consentimento. De fato, existe sempre o esforço de que a força pareça ser baseada no consentimento da maioria”. Segundo Gramsci, ideias como “democracia”, direitos que se sobrepõem a outros, códigos de ética ou quem detém monopólio da violência são noções que a sociedade impõe sobre o indivíduo e que controlam suas ações, pelo menos no sentido de que o indivíduo apresenta comportamentos específicos simplesmente por que estas ideias estão em sua cabeça. De uma forma muito similar

a teoria memética, pode-se afirmar com base nesta definição que pessoas não controlam ideias, mas ideias controlam pessoas. Existem conceitos políticos, econômicos, religiosos ou étnicos e todos eles são aceitos por aqueles que os seguem, governando as ações e comportamentos dos indivíduos a todo momento. Todos estes conceitos são memes, que competem contra memes antípodas (como, por exemplo, “autoritarismo” vs. “liberdade pessoal”) e são replicados o tempo todo em conversas ou nos meios de comunicação em massa.

Do ponto de vista da teoria memética, a classe dominante, infectada pelos memes inerentes a sua ideologia, procura selecionar os memes que contém o conteúdo que lhe interessa em detrimento de outros que contém informações ou crenças que não lhe seja benéfica, a fim de perpetuar este *status quo* cultural, mantendo a ordem social vigente através da dominação cultural (e deixando a coerção física como último recurso). Esta seleção é feita por meio do controle dos meios de comunicação de massa que são, tradicionalmente, posse desta classe dominante. Esta “seleção em massa” de ideias proporciona a estes memes um enorme índice de replicação. Considere dois memes hipotéticos e contraditórios por natureza: “obedeça ao azul” e “obedeça ao vermelho”. Enquanto que o meme “obedeça ao azul” é, neste caso fictício, propagado apenas por um indivíduo solitário (e idealista) que cola lambe-lambes nos postes da cidade, a instrução “obedeça ao vermelho” é propagada pela televisão, rádio, jornais etc. É razoável pressupor que mais pessoas “obedecerão ao vermelho” que ao azul, independente do que as cores signifiquem, visto que mais pessoas serão atingidas pelo meme vermelho e, portanto, tem mais probabilidade em replicá-lo.

Visto que a TV, o jornal, o rádio e, mais recentemente, a Internet, funcionam como “amplificadores” meméticos, capazes de propagar instruções, valores e informações a milhares de pessoas em grande velocidade, o controle das informações que percorrem estas mídias é vital para a manutenção da ordem vigente em qualquer sociedade. Ao controlar quais memes vão ao ar, controla-se (ou melhor, direciona-se) a seleção memética, fazendo com que alguns memes se repliquem de forma mais numerosa que outros e assim, sejam mais comuns. Visto que em todo agrupamento humano sempre haverá disputas (em todos os seus níveis, de discussões pessoais a guerras entre nações), é razoável supor que a luta pelo controle da circulação e replicação de determinados memes em detrimento de outros é algo comum a toda sociedade. Sendo assim, esta Hegemonia Cultural pode ser definida como um conjunto incontável de memes, que atuando em um sistema de seleção e competição, pontuado por momentos de cooperação²², perfazem aquilo que chamamos de cultura.

A perspectiva da teoria memética sobre a cultura é complementar, segundo Heylighen, à perspectiva (mais tradicional) das ciências sociais, que focam nas características dos indivíduos

22 – Memes cooperando entre si formam conjuntos chamados de memeplexos e serão abordados mais adiante.

e grupos comunicando-se entre si, ao invés de focar na informação sendo comunicada. Isto não significa que exista um “reduccionismo memético”, onde o indivíduo não teria controle algum sobre o que ele comunica, sendo relegado ao status de subalterno e mero replicador de memes, que competem por sua atenção. A memética apenas representa muitos casos onde as dinâmicas de propagação de informação são mais facilmente entendidas quando leva-se em conta o ponto de vista da informação enquanto agente replicador, deixando de lado (mesmo que temporariamente) as intenções conscientes (ou não) dos agentes comunicadores (HEYLIGHEN, 2009).

Embora não seja fundamental para o entendimento deste trabalho, deve-se citar brevemente quais os pré-requisitos para que a seleção natural ocorra, visto que a seleção memética deriva desta. Segundo Charles Darwin, estes são: variação, seleção e retenção (ou hereditariedade). Primeiro há de se ter variação, para que nem todas as criaturas sejam idênticas (1). Em segundo lugar, há de se ter um ambiente no qual nem todas as criaturas sobrevivam (2). Em terceiro deve haver um meio no qual a descendência das criaturas que sobreviveram herdem características de seus pais, ou em outras palavras, hereditariedade (3). Se todos esses três pré-requisitos são atendidos, então toda característica que for útil à sobrevivência neste dado ambiente tenderá a se tornar mais comum. A “perspicácia” da teoria de Dawkins foi entender a universalidade deste processo; a “inevitabilidade” da evolução caso estes pré-requisitos sejam atendidos (BLACKMORE, 1999. Pg. 11). Segundo ele, se existe um replicador que faz cópias imperfeitas de si mesmo, e apenas algumas dessas cópias sobrevivam a um determinado ambiente, a evolução deve ocorrer. Este replicador pode tomar diversas formas, inclusive ideias, histórias, trejeitos ou qualquer comportamento humano passível de ser copiado por outro indivíduo (BLACKMORE, 1999).

Podemos levar em conta que memes (por exemplo, uma ideia qualquer a respeito de um partido político) podem ser proferidas por um indivíduo (por meio de mímicas, fala, texto ou imagens na internet) a um ou mais interlocutores e que estes interlocutores podem entender esta ideia de maneira total, parcial ou totalmente errônea, gerando assim uma variação em sua natureza primordial (pré-requisito 1). Esta segunda geração da ideia inicial, que pode desde não ter sofrido mutação nenhuma até ter mudado completamente em sua essência, será avaliada (conscientemente ou não) pelo seu novo “hospedeiro” (o interlocutor que a recebeu). Se ele a julgar desprezível, provavelmente esquecerá dela e esta ideia terá “morrido”. Porém, se ela for de algum modo notável, terá uma maior chance de ser repetida para um terceiro (pré-requisito 2). O ciclo então se repetirá, com a ideia sofrendo mutações a cada “geração”, que podem variar em graus, mas sempre mantendo uma essência mínima da geração anterior (pré-requisito 3).

Traços culturais são transmitidos de pessoa para pessoa de maneira similar a genes ou vírus. A evolução cultural pode, portanto, ser entendida através dos mesmos mecanismos básicos de reprodução, difusão, variação e seleção

natural que constituem a base da evolução biológica. Isto sugere uma mudança de genes (como unidades de informação biológica), para um novo tipo de unidade de informação cultural: *memes*.

[...]

Memos mais aptos obterão mais sucesso em serem comunicados, “infectando” mais indivíduos e, assim, espalhando-se em uma população maior. Esta analogia biológica permite a aplicação de conceitos e teorias Darwinistas para criar um modelo de evolução cultural. (HEYLIGHEN, 2009. pg 2)

Dado o alto grau de mutabilidade dos memes, em comparação com genes (que possuem mecanismos químicos que dificultam mutações), bastam poucas gerações para um meme se tornar totalmente diferente do meme original. Como um simples jogo de “telefone-sem-fio” pode atestar, o meme é muito sensível a ruídos comunicacionais e pode ter grandes mudanças em sua “estrutura” em poucas gerações (BLACKMORE, 1999). Contudo, como veremos mais adiante, a gravação de memes em mídias físicas (como livros) e a atual digitalização da informação garantiu aos memes uma maior estabilidade, garantindo sua propagação com menos mutações.

Para a teoria memética, é fundamental entender o meme como um replicador, que procura a todo custo fazer cópias de si, transferindo-se de cérebro para cérebro e competindo com outros memes por esta “atenção”. Atuamos neste processo, de forma inconsciente ou não, como agentes desta seleção memética ao replicarmos bordões, trejeitos, ideias ou ideologias que nos agradam ou que simplesmente somos levados a replicar (BLACKMORE, 1999), como campanhas de marketing que, repetidas a exaustão, acabam se tornando parte do imaginário popular, ou como tradições sociais, tais quais crenças religiosas que costumamos herdar de nossos pais sem refletir, de uma maneira parecida com o processo de Reprodução Cultural e o *Habitus* de Bourdieu. **Ao contrário do senso comum, o meme não se limita a imagens de humor na internet.** O meme é todo o comportamento ou ação humana que pode ser copiada. O ambiente digital proporciona uma maior fidelidade da cópia original do meme, além de facilidades para sua propagação. Sua longevidade também é afetada, pois não mais depende do cérebro humano: a digitalização da informação permite seu arquivamento e consulta on-line, de modo que um meme, uma vez inserido na internet, dificilmente desaparecerá por completo deste caldo cultural. Isto talvez explique o senso comum de que memes estão restritos ao *online*, muito embora a teoria memética seja anterior a internet de uso civil (e contemporânea da *ARPANET*).

Os mecanismos que levam alguns memes a serem mais bem-sucedidos em fazerem cópias de si mesmos são, ao mesmo tempo, numerosos e obscuros. Alguns memes, de fato, são claramente benéficos para quem os adquire, e esta benesse pode justificar a sua propagação. A esta categoria, pode-se dar como exemplo a simples ideia de utilizar o fogo para cozinhar

alimentos. Este conceito simples está amplamente difundido por quase todas as sociedades do mundo por centenas de milhares de anos, dado os óbvios benefícios que ele traz a quem o possui (melhor digestão de alimentos, alimentos mais tenros, higienização etc.). Outros memes são comuns a determinadas sociedades, e o motivo de sua propagação é mais obscuro. No ocidente, geralmente cumprimenta-se estendendo a mão para o interlocutor. No oriente, o cumprimento é feito curvando o corpo. Não existem razões de ordem prática que determinam a proeminência do aperto de mão no ocidente ou do curvar-se no oriente, como no caso da ideia de “cozinhar com o fogo”. No entanto, por algum motivo (ou, mais provavelmente, por muitos motivos), diferentes populações distantes entre si geograficamente, adotaram costumes diferentes para lidar com a situação “encontrar-se com alguém”.

Nos dias de hoje, onde as tecnologias midiáticas trouxeram à difusão de informações e (consequentemente de memes) uma rapidez, eficiência e abrangência inéditas, diversos memes são selecionados por outros motivos que não são tão óbvios como o descrito acima. Em uma sociedade capitalista, onde os meios de produção de informações (TV, rádio, redes sociais etc.) pertencem à elite, é de se esperar que os memes assim propagados tendam a possuir alguma serventia àqueles que detém o monopólio midiático. A televisão, segundo Gaye Tuchman (1976), perpetua a superioridade do gênero masculino e desencoraja a consciência de classe, pois se trata de uma indústria bilionária que reflete o padrão da economia corporativa: um ambiente ainda dominado pelo sexo masculino (EAGLY, 2002) e permeado por ideias liberais.

Os diversos memes que perfazem a ideia do “socialismo”, por exemplo, formam um cartel memético (como veremos mais adiante) em franca disputa com os memes que perfazem a ideia do “liberalismo”. Estes dois memplexos (nome dado a grupos de memes que atuam em conjunto) disputam um mesmo “alelo” memético, sendo difícil um indivíduo propagar com convicção e fervor ambas as ideias: a ideia de uma pessoa “socialista liberal” é, inclusive, ridícula e cômica. Sendo os meios de produção e transmissão de informações posse de homens ricos, conservadores e liberais em sua grande maioria, estes meios tenderão a propagar memes pertencentes ao memplexo conservador e liberal, em detrimento de outros memes pertencentes a memplexos progressistas. Este é um processo de manutenção da Hegemonia Cultural, que replica ideias como, por exemplo, “menor intervenção do estado no capital privado” e “desregulamentação da mídia”²³ e desta forma naturaliza e normaliza ideias liberais e conservadoras na sociedade.

23 - Da mesma forma que a esquerda apresenta uma pluralidade de ideias e ideologias que se abrigam embaixo de um mesmo “guarda-chuva”, o campo conservador também abriga diversos posicionamentos, de liberais clássicos a nazifascistas. Como visto anteriormente, o liberalismo (ou “libertarianismo”) e o conservadorismo autoritário, apesar de estarem em consonância no que tange a manutenção de desigualdades, podem discordar ideologicamente em outros pontos. Alguns indivíduos reacionários, como salientou Corey Robin (2011), consideram “frívolas” as disputa pelo privilégio no campo do mercado livre, preferindo o embate físico. De toda forma, mesmo os indivíduos mais autoritários, como evidenciou Altemeyer (2007), têm simpatia por ideias liberais.

Dentro do sistema capitalista, a manutenção da Hegemonia é de vital importância para a elite, que precisa justificar e normalizar a exploração da classe trabalhadora e suas frações de classe, para que esta permaneça satisfeita em ocupar o espaço que lhe é seu dentro da hierarquia societal. É razoável supor que os memes responsáveis por esta manutenção do *status quo* são mais benéficos às elites do que ao resto do povo. No entanto, são memes comuns nas classes mais baixas visto que existe um bombardeio memético, de cima para baixo, visando manter o que Marx dá o nome de “superestrutura” e que Gramsci chama de “Hegemonia Cultural”.

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe também dos meios de produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As ideias dominantes nada mais são que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. (MARX, 1993. Pg. 72)

Nesta citação de Marx, pode-se entender “ideias da classe dominante” como memes, instruções e costumes que infectam elite e por ela são replicados. A “força espiritual” nada mais é que o memplexo “capitalismo”, e todo o seu conjunto de instruções, ideologias e ideias que atuam em conjunto, replicando-se conjuntamente e moldando a Estrutura. Visto que a teoria memética surgiu de uma analogia com o gene, e deixando a analogia “correr solta”, pode-se imaginar que a “luta de classes” de Marx seria, também, uma competição memética, com o memplexo “socialismo” em disputa pela nossa atenção e replicação.

Ao analisar os embates pela hegemonia, Gramsci (2001) distingue duas esferas no interior das superestruturas: a primeira esfera seria a sociedade civil, que designa as instituições responsáveis pela manutenção e propagação das ideias, instruções e costumes que compõem a ideologia dominante: escolas, igrejas, sindicatos, meios de comunicação, instituições científicas, artísticas etc.

A segunda esfera é a sociedade política, conjunto de mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal da repressão e da violência:

Os intelectuais são os “prepostos” do grupo dominante para o exercício das

Contudo, é possível supor que para alguns desses indivíduos, memes relacionados a ideias liberais, como “liberdade pessoal” estão em disputa com memes relacionados ao autoritarismo, por exemplo. Para alguns fascistas, a liberdade pessoal deve ser suprimida em nome da unidade popular que gira em torno de um estado controlador. Estes dois memes competem pelo mesmo alelo, gerando uma disputa dentro do campo reacionário. Indivíduos conservadores autoritários que desprezam algumas das ideias liberais podem, deste modo, provocar ataques e acusações contra a “grande mídia” (que frequentemente é associada a “conspirações judias de dominação mundial”)(NAGLE, 2017).

funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso “espontâneo” dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce “historicamente” do prestígio (e, portanto, da confiança) obtido pelo grupo dominante por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparelho de coerção estatal que assegura “legalmente” a disciplina dos grupos que não “consentem”, nem ativamente nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo. (GRAMSCI, 2001. Pg. 21)

Novamente, se levarmos em consideração a teoria memética, pode-se inferir que esta “coerção” estatal pode significar uma ferramenta de seleção memética, que existe para eliminar (ou, pelo menos, reduzir) a replicação de diversos memes que competem pelos mesmos “alelos” que os memes que compõem a ideologia dominante.

Angela Nagle (2017) definiu como “gramsciana” a luta e a subsequente vitória da “nova direita americana” (*AltRight*) pela mudança cultural que culminou na conquista eleitoral de Donald Trump. Num mecanismo similar ao que Corey Robin (2011) descreveu de apropriação do conservadorismo de estratégias da esquerda, a *AltRight* lentamente se apropriou dos principais meios de produção de memes na internet, “em um movimento quase que totalmente baseado na influência da cultura e mudança da Janela de Overton, através de mídia e cultura, não apenas a política formal” [...] “eles influenciaram a cultura da internet e, eventualmente, influenciaram a cultura *mainstream*” (NAGLE 2017, não paginado).

Por exemplo, a “Nova Direita Francesa” (ou “*Nouvelle Droite*”) adaptou as teorias de Antonio Gramsci de que mudanças políticas seguem as mudanças culturais e sociais. Nagle cita a frase de Andrew Breitbart²⁴ de que política é sempre “resultado da cultura” e de líderes da extrema-direita belga que afirmam que “a maioria ideológica é mais importante que a maioria no parlamento”.

Do ponto de vista do meme (e é válido lembrar que a Teoria Memética sempre parte do lugar do meme enquanto replicador), estas ideologias da classe dominante em uma sociedade capitalista tratam-se de memes que são benéficos para uma minoria (a elite), mas que são “amplificados” e difundidos maciçamente, sendo doravante absorvidos e, até mesmo, replicados por uma maioria que não necessariamente será beneficiada neste processo. Sendo assim, é comum uma grande parcela da população acreditar nos memes “as coisas são melhores do jeito que está” e “existe uma hierarquia natural em toda sociedade”, memes que perfazem o memeplexo “conservadorismo”.

24 - Andrew Breitbart foi um editor, jornalista, comentarista e escritor conservador norte-americano. Trabalhou nos jornais *Huffington Post* e *Drudge Report* antes de criar o notório e polêmico portal conservador *Breitbart News*. Breitbart morreu em 2012.

Pode-se argumentar que a internet e as redes sociais trazem ao processo descrito acima um pouco de democracia, visto que, idealmente, é o usuário padrão quem produz a maior parte do conteúdo da internet. O calcanhar de Aquiles deste pensamento reside no fato de que algoritmos privados, cuja natureza é guardada como segredos industriais, acabam filtrando os memes de acordo com usuários, segregando-os em “bolhas” informacionais onde os mesmos memes transitam entre os mesmos usuários (RECUERO, 2017). Este possivelmente é um modo no qual a elite capitalista, a quem interessa apenas a difusão de memes simpáticos a seus projetos, controla e reprime a replicação de memes que possam lhe ser danosos. Se pensarmos em memes como “vírus da mente” (BLACKMORE, 1999), seria algo como “se não é possível aniquilar estes memes, que, pelo menos, não infectem novos hospedeiros”.

Heylighen (2009) afirma que redes complexas (como redes sociais na internet) são locais onde memes circulam, principalmente, através de *hubs*: agentes, poucos em número, que possuem um grande número de laços sociais (em contraste com a maioria dos agentes, que possuem poucos laços). Isto significa que memes que infectam um *hub* têm um efeito desproporcionalmente maior no processo de difusão cultural e são muito mais passível em se replicarem por uma grande gama de usuários. Este fenômeno torna controlável (até certo ponto) a propagação de memes e a manutenção da Hegemonia em uma sociedade: identificar formadores de opiniões em uma determinada comunidade (indivíduos centrais que muitos tendem a imitar) e fazê-los propagar memes (de maneira voluntária ou não) é uma estratégia comum e eficaz no meio do marketing e publicidade, o que inclui o marketing político.

Outros memes se propagam apesar de não possuírem nenhuma qualidade aparente; alguns inclusive obtêm sucesso em replicarem-se mesmo sendo malignos para quem os carrega, como a ideia de martírio, que praticantes de certas religiões levam a resultados extremos, o que inclui a automutilação e o suicídio. Estes memes podem ser sintetizados em ideias simples como “o autoflagelo purifica os pecados cometidos” e, como visto em algumas cerimônias religiosas, demonstra o poder do *meme*, que repetido a exaustão, leva o seu veículo replicador a colocar em risco a sua própria condição física, podendo resultar, inclusive, em morte. Susan Blackmore (2009 – pg. 15) admite que:

Existem muitas razões que levam alguns memes a falharem e outros a terem êxito. Estas razões, a priori, se enquadram em duas categorias. Primeiro, há a natureza dos seres humanos, que são tanto imitadores quanto agentes de seleção. Do ponto de vista memético, o ser humano (com seu cérebro pensante e inteligente) atua tanto como o maquinário responsável pela replicação, como o ambiente onde ocorre a seleção dos memes. A psicologia pode ajudar no entendimento do por quê e do como isto opera. Existem as propriedades de nossos aparatos sensoriais que fazem de alguns memes mais óbvios do que outros, assim como mecanismos de atenção que permitem a alguns memes arrebatam a nossa capacidade de processamento cerebral.

Existe também a natureza da memória humana, que determina quais memes serão lembrados com sucesso e que impõe limitações à nossa capacidade de imitar.

Desta forma, é correto afirmar que a replicação de diferentes memes por diferentes pessoas é um processo subjetivo, de cunho pessoal e é muito difícil de precisar, com alto grau de acerto, se um meme vai ser replicado por um sujeito ou se ele cairá em esquecimento e, com o tempo, se extinguirá. No entanto, existem tendências que ajudam a estabelecer memes mais bem-sucedidos que outros. Por exemplo, estudos (CIALDINI, 2007) comprovam que as pessoas tendem a copiar e absorver informações e instruções de terceiros identificados como “bons” ou “altruístas”. Segundo Cialdini, quando alguém é induzido a tomar atitudes e aceitar crenças típicas de um indivíduo socialmente zeloso, disposto a ajudar a sua comunidade, ele tende a manter esse comportamento em uma gama de outras circunstâncias. A fim de permanecer com esta imagem elevada de si, este indivíduo se comprometerá à tal comportamento enquanto esta sua nova imagem permanecer associada a este zelo e senso de comunidade. Uma vez que ele passa a perceber a si mesmo como “um membro interessado pelo bem de sua comunidade”, ele também passa a convencer a si mesmo de que este é o “jeito certo de ser”, se tornando atento e mais suscetível a ideias e argumentos que favorecem este modo de vida cívico, que se tornam mais persuasivos que antes. Este processo pode ser apropriado por pessoas inescrupulosas, como descrito por Cialdini. Ele cita vendedores de carros, que falsamente apresentam benefícios ao comprador, que diante de um vendedor tão “altruísta” (disposto a sacrificar o lucro da empresa em troca de um “cliente feliz”), induzem o cliente a comprometer-se com determinado carro, visto que o vendedor já havia se comprometido a sacrificar algo (o lucro) em nome da venda. Ocorre que o vendedor sem o lucro é um vendedor fadado ao fracasso. Nas etapas finais do processo de venda, uma série de desculpas são dadas (erro no departamento financeiro, erro humano etc.) e o valor real é revelado, muito acima do valor inicial. Induzido pelo senso de comprometimento com um vendedor “altruísta” que “apenas cometeu um erro”, o comprador muitas vezes mantém a firme sua posição e realiza a compra, pois está “infectado” por memes associados ao altruísmo.

Observa-se que há espaço aqui para o falso altruísmo: um orador pode ocultar suas intenções ou repetir *ad nauseam* que suas intenções são boas e dignas, enganando o ouvinte e levando-o a construir uma imagem altruísta do orador e, por conseguinte, imitá-lo (BLACKMORE, 1999). A retórica clássica, em sintonia com esta afirmação, também ensina que a oratória se torna mais eficaz de acordo com o *ethos* de quem discursa (ou a disposição que os ouvintes conferem aos que falam). “De um modo geral, o ouvinte confere atenção ao juntar o discurso à virtude do orador” (MOSCA, 2001).

Com referência à benevolência, é bem de ver o que diz Aristóteles quando trata das três causas que dão origem à confiança que os oradores inspiram, com exceção naturalmente das demonstrações. Cita a prudência, a virtude e

a benevolência. Servindo-se delas, suas opiniões são tidas como justas, como expressão do que se afigura bom a todos e voltadas para a melhor determinação. O orador, pois, obtém a confiança do ouvinte, mostrando-se uma pessoa de bom caráter. (FONSECA, 2001. pg. 109)

Este “truque do altruísmo” é descrito por Blackmore da seguinte forma: imagine dois conjuntos de memes. Um conjunto de ideias e crenças que são associadas a “ajudar um amigo em dificuldade”. Já o outro conjunto transmite a ideia de “ignorar um amigo em dificuldade”.

Agora podemos fazer a pergunta importante: qual destes dois conjuntos de memes irá ser mais bem-sucedido? O primeiro. Ele fará com que seu amigo goste mais de você e queira passar mais tempo com você. Este amigo então tenderá a imitá-lo em detrimento de seus outros amigos menos prestativos. Logo, seus memes cooperativos se propagarão a ele, tornando o mais cooperante a terceiros, e assim o meme vai, gradualmente, se espalhando. A mesma lógica se aplica a memes que auxiliam o seu hospedeiro a se tornar mais popular. (BLACKMORE, 1999)

A existência deste “falso altruísmo” está presente em quase todas as interações humanas. Um meme que faz a pessoa parecer mais gentil e generosa aumentará suas chances de ser imitada, sem incorrer em grandes custos. É muito comum, em uma conversa por exemplo, perguntar se “está tudo bem?” e em seguida “como você está?”, dando a impressão de que há um interesse genuíno no bem-estar da pessoa (quando muitas vezes não há).

Isto é observável, por exemplo, em memes do grupo *Vem Pra Rua Brasil*, onde frases como “estamos melhorando o Brasil”, “vencemos a primeira batalha” ou “faça sua parte” (dentre outras, de teor similar) são instruções que, primeiro, conferem dignidade a quem as profere. Pois ao dizer que se está “melhorando o país”, apesar de ser uma afirmação vazia (afinal de contas, quem admitiria abertamente que está tentando, de fato, “piorar o país?”) o orador cria uma imagem de si, de um indivíduo altruísta que lutaria por uma nação melhor e por todos seus habitantes. Este apelo indica também um sacrifício do orador, que altruisticamente está melhorando a comunidade na qual o receptor vive. Tal como o vendedor de carros, esta afirmação produz no leitor um senso de comprometimento com a sua causa, que possivelmente levará o receptor a reproduzir estes memes.

Figura 11 e 12: apelos de um orador altruísta

Vem Pra Rua Brasil
23 October 2017 · 🌐

Não se esqueça, nesta quarta tem Supremo Panelaço!
Faça sua parte, chame os amigos, ajude a espalhar. Precisamos mostrar nossa indignação com o Supremo Tribunal Federal!



SUPREMO PANELAÇO
NA QUARTA, DIA 25/10,
ÀS 21H, EM TODO BRASIL!

PELA MANUTENÇÃO DA PRISÃO EM SEGUNDA INSTÂNCIA E PELO FIM DO FORO PRIVILEGIADO
ACORDA SUPREMO!

VemPraRua.net

👍❤️👤 Carlos Felipe Figueiras and 4.4K others 285 Comments 3.3K Shares

👍 Like 💬 Comment ➦ Share

Vem Pra Rua Brasil
15 August 2017 · 🌐

🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷

O Mapa contra o Fundo Eleitoral está no ar!
Acesse e conheça a posição dos deputados em relação ao gasto de 3,6 bilhões de reais do NOSSO dinheiro, para que eles façam suas campanhas eleitorais.
Se isso for aprovado, acabou a renovação que queremos...
Entre, faça pressão, faça sua parte!

Mapa Contra o Fundo Eleitoral - www.fundoeleitoral.vempraru.net



MAPA CONTRA O
Fundo
Eleitoral

Mapa Contra o Fundo Eleitoral

O Mapa Contra o Fundo Eleitoral é uma ferramenta criada por voluntários do Vem Pra Rua para mobilizar a sociedade civil para impedir a criação do fundo eleitoral de R\$ 3,6 bilhões.

FUNDOELEITORAL.VEMPRARUA.NET

👍❤️👤 567 37 Comments 363 Shares

👍 Like 💬 Comment ➦ Share

Indicar que a “primeira batalha foi vencida”, perpetua a criação da virtude do orador, que além de “altruísta”, é um “vencedor”. Por fim, há o apelo: “faça sua parte”. O orador, já envolto de uma aura superior, altruísta e vencedora, pede para que o ouvinte se junte a sua causa. Este mecanismo simples leva o receptor do discurso (ou meme) a aceitá-lo e, quiçá, compartilhá-lo e propagá-lo.

Os exemplos ao lado também evidenciam outra característica que Blackmore (1999) e Dawkins (1979) atribuem aos memes. Novamente, buscando uma analogia na natureza dos genes, que se agrupam em cromossomos, os memes se agrupam em memplexos, a fim de aumentar suas chances de replicação. Genes são linearmente amarrados formando cromossomos, e desta forma, são transferidos através das gerações em companhia de outros genes que ocupam os *loci* cromossômicos vizinhos. Outra forma de “agrupamento” genético leva em conta o fato de que centenas de genes “colaboram” entre si, programando o processo de desenvolvimento que culmina no “corpo” do ser vivo. De forma similar, o todo do conjunto de genes atua como um ambiente seletivo, no qual um gene é selecionado em detrimento de seus alelos (formas alternativas de um mesmo gene ou *locus* genético). Este processo “colaborativo” e “competitivo” acaba por formar “cartéis” de genes, que são selecionados e bem-sucedidos na presença de outros membros de seu “cartel”. Assim, em um determinado *gene pool* (que é o conjunto de todos os alelos únicos de uma determinada população ou espécie) surgirão diferentes “cartéis” genéticos: um gene que promova determinada característica típica a um animal carnívoro tende a não sobreviver em um *gene pool* herbívoro. Apesar de *meme-pools* serem menos organizados e estruturados que os *gene-pools*, ainda é possível conceber o *meme-pool* como o ambiente seletivo de cada meme em memplexos. Um memplexo é um conjunto de memes que, apesar de não serem eficazes em propagar-se sozinhos, são bons sobreviventes quando estão na presença de outros membros de seu memplexo (DAWKINS, 2006). Ou, segundo Blackmore, “a essência de qualquer memplexo é a de que memes que fazem parte dele replicam-se melhor como parte do grupo do que sozinhos”.

Dawkins (2006) oferece alguns exemplos de memplexos religiosos:

- “Você sobreviverá a sua própria morte”;
- “Se você morrer como um mártir, você irá para uma parte particularmente maravilhosa do paraíso, onde gozará a companhia de 72 virgens”;
- “Hereges, blasfemadores e apóstatas devem ser mortos”, dentre outros.

A partir destes exemplos, ele conclui (pg. 232) que:

Alguns dos exemplos acima provavelmente possuem algum potencial para sobrevivência, e talvez prosperem em qualquer memplexo. Mas, assim como os

genes, alguns memes sobrevivem apenas no ambiente certo formado por outros memes específicos, levando ao acúmulo de memeplexos alternativos. Duas religiões diferentes talvez possam ser vistas como dois memeplexos alternativos. Talvez o Islã é análogo a um complexo de genes carnívoros, enquanto o Budismo, a um complexo herbívoro. As ideias de uma religião não são, de forma alguma, “melhores” que as ideias de outra, do mesmo modo que os genes carnívoros não são “melhores” que os herbívoros.

Assim como uma determinada cultura pode ser definida como o conjunto de memes compartilhados por sua população, as interações, de cooperação e competição, entre estes numerosos memes criam as contradições, instituições e discursos vigentes nesta sociedade. Diversas ideias, de fato, tendem a caminhar lado a lado, enquanto que outra são entendidas como antagônicas, e raramente são replicadas em conjunto por um mesmo indivíduo, pois isto geraria um estado de dissonância cognitiva, que segundo Blackmore, “é a desagradável sensação decorrente de manter dois pontos de vista incompatíveis”. Estudos psicológicos mostram que as pessoas, em geral, tentarão reduzir esta dissonância entre ideias incompatíveis e que a consistência (consonância) de ideias em terceiros é uma qualidade admirada e copiada (FESTINGER, 1957). Sendo assim, o indivíduo que carrega consigo o memeplexo “conservadorismo” tenderá a absorver com mais facilidade memes deste “cartel” (como, por exemplo, a ideia de aversão a homossexuais e direitos das mulheres), ao mesmo tempo em que terá resistência a ideias progressistas, procurando manter a sua dissonância cognitiva a mais baixa possível.

Estas ideias e comportamentos – *memes* – que se aglutinam formando memeplexos podem explicar algumas tendências no discurso de determinados grupos políticos conservadores, por exemplo. O infame bordão “bandido bom é bandido morto” geralmente vem acompanhado de outro bordão: “direitos humanos para humanos direitos”. (MELO, 2014) Este é um exemplo demasiado trivial, e que grupos e indivíduos alinhados à esquerda política passaram, inclusive, a adotar e repetir em tom jocoso, fazendo troça desta linha de pensamento simplória. De qualquer forma, do ponto de vista memético, são memes que funcionam muito bem, pois independente da seriedade de quem profere estas frases, elas, no final das contas, são ditas. São memes que, aparentemente, caminham lado a lado. É bastante difícil se deparar com um sem, imediatamente, lembrar do outro, independente da orientação moral, social ou política de quem os replica. De uma forma estritamente memética, independente do valor ético e moral de seu conteúdo, ambos podem ser considerados memes bem-sucedidos dentro do *meme-pool* brasileiro atual.

Além disso, o próprio enunciado [bandido bom é bandido morto] está associado a outros de uma mesma formação e uma observação rápida nos comentários em redes sociais consegue captar essa característica. Muito frequentemente, o enunciado [bandido bom é bandido morto] está ao lado de “o problema desse país são as leis”, “e depois vêm os direitos humanos pra proteger bandido”, “e ainda querem desarmar os cidadãos de bem”, “e os direitos ‘dos mano’?”, “direitos humanos para humanos direitos”, “e ainda querem proteger o menor bandido”, “precisamos valorizar

mais os policiais”, etc. O posicionamento que adere ao enunciado é a favor da ação policial e, por extensão, há vários elogios e defesas à polícia. Críticas também são direcionadas, evocando certa memória discursiva a ONGs, aos direitos humanos, às leis, ao governo, a setores da política etc. (MELO, 2014. Pg. 08)

Voltemos ao exemplo dos memes “estamos melhorando o Brasil”, “vencemos a primeira batalha” e “faça sua parte”. No segundo capítulo (pg. 18) de seu livro *The Meme Machine*, Susan Blackmore diz:

O que existe de especial nas frases “Diga-me!”, “Copie-me” ou “Repita-me”?

Elas são exemplos simples (talvez o mais simples possível) de frases auto-replicas. Todo o seu propósito é fazer com que sejam copiadas. Estas frases certamente são memes, mas, provavelmente, não são muito eficazes. Tenho dúvidas se você irá, a partir de agora, sair por aí gritando “diga-me!” para seus amigos, mas existem detalhes que podem ser adicionados nesta frase simples que aumentarão seu potencial replicador [...].

Por exemplo, “se você me copiar, garantirei a você três desejos” ou “diga-me ou então te amaldiçoarei”. Nenhuma destas frases é capaz de cumprir a promessa, e poucas pessoas com mais de 5 anos de idade cairão neste truque simplório de ameaças e recompensas. A não ser [...] que seja acrescentada a frase “após a morte”.

Não faz parte do escopo deste trabalho discutir o discurso religioso, porém Blackmore, neste caso, utiliza o exemplo de religiões para descrever um processo memético que, segundo ela, está por trás do funcionamento de algumas crenças, principalmente aquelas que se baseiam em promessas e recompensas após a morte. No entanto, o mesmo mecanismo existe nas três frases citadas previamente. “Faça sua parte” é certamente um convite, porém não muito convidativo: não existem promessas de recompensas para quem seguir esta instrução. Porém, as afirmações “estamos melhorando o Brasil” e “vencemos a primeira batalha” não só oferecem uma recompensa, neste caso, uma recompensa moral, que nutre o receptor de um sentimento patriótico, como garantem a vitória sobre o oponente (o grupo político rival).

Todo discurso é uma construção retórica, que procura conduzir o destinatário na direção de uma determinada perspectiva do assunto. Este caso em específico, dá acolhida a lugares-comuns e estereotipados (a dicotomia “bem × mal, nós × eles”, “lutar pela pátria”, “sacrifícios altruístas em nome da nação”, “um convite para tomar parte em um movimento maior”). Sabe-se que o estereótipo pode veicular a voz da coletividade e a lógica da consciência social, sendo um meio por onde a ideologia flui com facilidade. Nada mais manipulador do que a premeditação e criação desse princípio de consenso e unanimidade, quando estimulados artificialmente (MOSCA, 2001). Lineide Mosca prossegue:

Em Aristóteles, o verossímil depende, em última instância, da opinião comum, isto é, do público. Se observarmos hoje o discurso publicitário, veremos que ele lança mão de ideias consensuais para a coletividade e, ao inseri-las na argumentação, alcança os efeitos de espelhamento e identificação desejados, acabando por sugerir uma ação. Para a publicidade, o verossímil se apresenta não como o verdadeiro, mas como aquilo que se parece com ele, que lhe dá impressão de verdade, ou seja, através da ótica da ilusão, na tentativa de imitar a realidade. (MOSCA, 2001 – Pg. 39)

Este mesmo mecanismo, que utiliza ideias consensuais (lugares-comuns) na argumentação de forma a sugerir ações, pode ser visto em profusão nos memes políticos presentes nas redes sociais. Por definição, lugar-comum é o clichê, o discurso sem criatividade. Do ponto de vista da memética, são os memes mais comuns em um *meme-pool*, ou seja, os memes mais replicados por uma determinada população. Apelar para seu uso é uma tática tão eficaz quanto antiga.

Francis Heylighen (1996) salienta que, ao utilizar a Internet, as pessoas encontram um ambiente fecundo para a replicação de memes. O ambiente digital proporciona uma maior fidelidade da cópia original do meme, além de facilidades para sua propagação. Além disso, a Internet agregaria um maior potencial de longevidade (no conceito de Dawkins, 2001), pois os memes podem ser arquivados de maneira mais confiável que a nossa memória e acessados de uma maneira mais prática que em métodos analógicos (livros, revistas etc). Desta forma, se torna muito mais difícil um meme desaparecer do caldo cultural uma vez inserido na internet.

Heylighen (1999) afirma que, para ser comunicado a outros indivíduos, um meme precisa emergir da memória e adentrar no mundo físico, para que possa ser percebido por terceiros. Este processo pode ser denominado expressão. O meio mais óbvio de expressão é a fala, porém outros meios comuns são textos, comportamentos e imagens. Ele também enumera vários critérios que aumentam a probabilidade de um meme ser bem-sucedido, e dentre eles está o critério da expressividade. Ele afirma que a facilidade com o qual um meme pode ser expressado em um meio interpessoal (critérios interpessoais representam a seleção de memes através das interações entre diferentes pessoas) contribuirá para sua sobrevivência na etapa expressiva deste processo. O meio digital, representado pelos computadores, *smartphones* etc., conectados em rede, representa um meio ideal para que haja comunicação entre os usuários através de imagens, potencializando então este tipo específico de expressão proposto por Heylighen.

5.1 Memes de Humor

A **teoria semântica do humor textual (TSHT)** (RASKIN, 1985) estabelece duas condições necessárias e suficientes que tornam todo texto engraçado:

1 – Toda piada deve ter dois textos sobrepostos. Ela deve ser interpretável, total ou parcialmente, de acordo com estes dois textos.

2 – Estes dois textos devem ser opostos dicotomicamente, ou seja, devem negar a si mesmos, de acordo com uma lista de oposições básicas como “real/irreal”, “possível/impossível” etc.

Attardo e Raskin (1991) revisaram a TSHT e o resultado foi a Teoria Geral do Humor Verbal (TGHV), onde foram introduzidos, além dos textos, 5 recursos de conhecimento (RC)²⁵, a fim de estender a esfera de ação da THST. Estes 5 recursos representam as partes fundamentais de um texto humorístico.

Para melhor entender estes 5 recursos, deve-se levar em consideração uma piada-âncora simples: *“Quantos portugueses são necessários para se trocar uma lâmpada? Cinco. Um para segurar a lâmpada e quatro para girar a mesa.”*

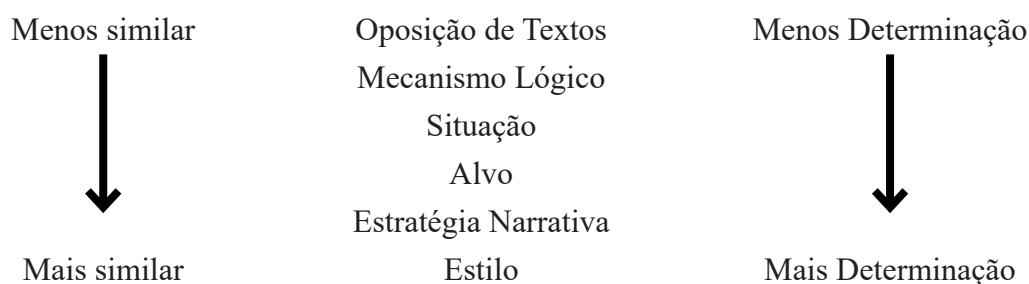
- **Estilo (ES):** o primeiro recurso de conhecimento leva em conta o modo como a piada é contada. Nele se encontra os componentes linguísticos. Ao mudar o Estilo da piada âncora, ela poderia se tornar: *“O número de portuguesas para se trocar uma lâmpada? Cinco. Quatro giram a mesa onde um está em pé segurando a lâmpada.”*
- **Estratégia Narrativa (EN):** este recurso leva em conta o fato de que qualquer piada deve ser contada com alguma organização narrativa: simples, diálogo, (pseudo) enigma etc. Mudando a Estratégia Narrativa, a piada âncora acima ficaria, por exemplo: *“São necessários cinco portugueses para se trocar uma lâmpada: um para segurá-la e quatro para girar a mesa onde o primeiro se encontra.”*
- **Alvo (AL):** representa o alvo da piada, aquele que é ridicularizado (objeto, ser ou pessoa etc.). Mudando o Alvo da piada âncora, ela ficaria assim: *“Quantas loiras são necessárias para se trocar uma lâmpada? Cinco. Uma para segurar a lâmpada e quatro para girar a mesa.”*
- **Situação (SI):** toda e qualquer piada necessita de um cenário, onde os personagens e/ou alvo(s) interagem. Estes cenários podem ser trocar uma lâmpada, atravessar uma rua,

²⁵ - Tradução de *Knowledge Resource*.

pintar um cabelo, pilotar um avião etc. A Situação pode ser entendida como o suporte da piada: os objetos, os participantes, ações, atividades etc. Ao mudar a Situação da piada âncora, ela ficaria: “*Quantos portugueses são necessários para lavar um carro? Dois. Um segura a esponja e o outro dirige o carro para frente e para trás*”.

- Mecanismo Lógico (ML): este recurso aborda o modo no qual os dois textos da piada se cruzam e vem a tona, provocando o riso. Mecanismos Lógicos podem se apresentar como justaposições simples de conceitos antagônicos (como em “*clube de canoagem do deserto do Saara*”); até como lógicas mais complexas, que induzem o leitor ao erro (como a piada “*A Madonna não tem; o Papa tem mas não usa; Trump tem um pequeno e o Lula tem um grande. O que é? Um sobrenome*”). Mudando o Mecanismo Lógico da piada âncora, ela poderia ficar assim: “*Quantos portugueses são necessários para se trocar uma lâmpada? Cinco. Um para segurar a lâmpada e quatro para procurar a ferramenta certa*”.
- Oposição de Textos (OT): representa a oposição textual da piada, a dicotomia presente nos textos que se contradizem. No caso da piada âncora, a oposição é “burro/inteligente”. Trocando esta oposição por “fedido/cheiroso”, ela ficaria: “*Quantos portugueses são necessários para se trocar uma lâmpada? Cinco. Um tira os sapatos, sobe na mesa e troca a lâmpada, enquanto os outros quatro espalham desodorizadores pela casa*”.

Do ponto de vista da TGHV, cada piada pode ser vista como um conjunto destes 6 recursos, que diferem entre si no número de possibilidades de diferenciação. Por exemplo, os valores do Mecanismo Lógico e Oposição de Textos parecem ser mais limitados do que Situação e Estilo, que podem variar muito mais. Independente disto, contudo, as relações de independência e interdependência entre os Recursos de Conhecimento permitem a postulação de uma hierarquia (RUCH, ATTARDO & RASKIN, 1993).



O princípio básico desta hierarquia é o de que um recurso é passível de determinar ou ser determinado por outro recurso. Para entender este conceito de determinação, considere o

recurso Oposição de Textos. Ao selecionar-se a dicotomia “burro/esperto”, será necessariamente determinado um conjunto de Alvos que o contador da piada terá a disposição: portugueses, loiras ou todo indivíduo (ou grupo de indivíduos) que a cultura do narrador e do receptor consideram portadores do defeito “burrice”. Estes Alvos são determinados pela Oposição de Textos. Por outro lado, uma piada sobre loiras (Alvo) pode ser sobre estupidez, mas também sobre “beleza/feiura”. Dessa maneira, a escolha da Oposição de Textos determina a escolha do Alvo, mas não o contrário. A OT é independente do AL, enquanto que o AL depende da escolha da OT. Sendo assim, OT está mais alto na hierarquia do que o AL.

Os autores assumem que esta determinação correlaciona-se diretamente com a similaridade da piada, pois, seguindo esta lógica, duas piadas que diferem apenas no Alvo são mais similares do que duas piadas que diferem na Oposição de Textos. Quanto menos determinação um elemento possui, mais ele admite a introdução de novos elementos divergentes que causarão a percepção de dissimilaridade. Se duas piadas diferem em um Recurso de Conhecimento, a diferença será maior se esse RC estiver mais alto na hierarquia (RUCH, ATTARDO & RASKIN, 1993).

Percebe-se também que esta maneira de dissecar e analisar textos cômicos dialoga com a teoria memética. Se considerarmos a piada como o conjunto destes 6 Recursos de Conhecimento, podemos imaginá-la como um *memeplexo*, onde seus memes (como por exemplo o conceito de “todo português é burro”) são propagados com mais facilidade. É possível imaginar que, neste exemplo em específico, o meme “todo português é burro”, quando isolado, apresenta uma capacidade de sobrevivência no *meme-pool* brasileiro indigna de nota. A verdade é que é muito difícil, se não impossível, quantificar a capacidade que um meme tem de replicar-se, dada a enorme quantidade de memes disponíveis e o fato deles serem replicados o tempo inteiro, inúmeras vezes por segundo por toda esta população. Para tanto, seria necessário catalogar todo pensamento e toda comunicação (verbal ou não) desta população, o que é impossível. No entanto, o meme “todo português é burro” quase sempre é acompanhado de um texto humorístico ou remete a uma piada. Desta forma, é correto imaginar que este meme “pega carona” com outros memes, como por exemplo, os conceitos de textos sobrepostos e antagônicos, que são necessários para tornar o texto engraçado (Raskin, 1985), e forma o *memeplexo* “piada de português”. Este cartel memético em específico possui membros notórios de chavões, conceitos e ideias e é muito difundido no Brasil: “todo português é burro”, “donos de padarias são portugueses”, “portuguesas se chamam Maria, portugueses se chamam Manoel” etc. Todos estes memes que compõem Alvos, Situações ou Oposições de Textos atuam em conjunto em um mesmo *memeplexo* formando o estereótipo do “Português da piada”. Levando em consideração o fato de que aprende-se estas piadas ainda criança, pode-se especular que se trata de um *memeplexo* bastante eficaz.

Ainda traçando analogias com a teoria memética, pode-se observar pequenas variações na replicação destas piadas, fator necessário para que ocorra a seleção memética. O cerne da piada permanece intacto: a dicotomia “burro/inteligente” e o personagem “o português”. No entanto, a variação de outras características que ocorre durante a replicação destes memes pode ser a responsável pela imensa quantidade de “piadas de português” que existem em nosso *meme-pool*. Foi demonstrado acima que variações nos Recursos de Conhecimento resultam em piadas com diferentes graus de percepção de mudança. O acúmulo de variações durante as gerações das piadas pode ter resultado em piadas bastante diferentes, mas que ainda mantém a dicotomia (OT) “burro/inteligente” e o Alvo “o português”, como por exemplo “*O português estava dirigindo em uma estrada, quando viu uma placa que dizia: ‘curva perigosa à esquerda’. Ele não teve dúvidas: virou à direita*”. Neste caso, a Situação, o Estilo, Estratégia Narrativa e o Mecanismo Lógico são diferentes da piada da “Lâmpada”, porém o Alvo e a Oposição Textual permanecem as mesmas. Pode-se supor que se tratam de espécies diferentes de piadas, porém com um antepassado em comum.

Estas ligações entre dicotomias e personagens (entre OT e AL) pode sugerir o surgimento de estereótipos. Estes são cruciais para o humor intergrupos e sua apreciação. Por serem amplamente aceitos pelos membros de culturas individuais, eles constituem um conjunto compartilhado de premissas necessárias ao humor étnico e intergrupos. A velocidade e ritmo no desenvolvimento da piada é crucial para a efetividade de qualquer tipo de humor. Piadas muito demoradas tendem a não ser engraçadas, enquanto que piadas que são consideradas como mais engraçadas foram entendidas mais rapidamente (GOLDSTEIN, 1970). Comediantes profissionais comumente focam seus esforços no “*timing*” da piada (NATHAN 1971, apud WEISFELD 1993). Ary Toledo, por exemplo, era famoso por contar dezenas de piadas curtas sobre um mesmo tema em pouco tempo, constituindo assim uma verdadeira avalanche de piadas. Desta forma o humor está associado às interações sociais mais velozes (WEISFELD 1993). O uso de imagens e desenhos simples em memes humorísticos, associados a textos curtos é um reflexo desta característica. Desta forma, torna-se importante conceitos que podem ser compreendidos sem esforço e sem uma verificação crítica, de forma acelerada. Para que o humor étnico e intergrupos tenha o efeito desejado, são necessárias conceitualizações pré-fabricadas e populares do grupo-alvo (APTE, 1985). Estereótipos preenchem estes pré-requisitos, e é comum vê-los em piadas online, como por exemplo, o “comunista de Iphone” (dicotomia “Intransigente, firme em seus ideais vs. condescendente, com ideais frouxos” e o Alvo, “o comunista que consome produtos do capitalismo”).

Como é de praxe na teoria memética, é muito difícil seguir o rastro de um meme em específico, assim como definir sua provável origem. De fato, qual foi a primeira piada de português? Ela foi resultado da mutação de qual meme? Quando esta mutação ocorreu?

Diferentes culturas têm Alvos diferentes para a dicotomia “burro/inteligente”, como Irlandeses e Poloneses para os falantes da língua Inglesa, assim como os próprios portugueses fazem piadas com alentejanos. Apesar disso, pode-se afirmar que se tratam de memes comuns e que é possível afirmar que o ambiente seletivo (nossos cérebros) atuaram selecionando os textos mais engraçados (em média) e relegando ao esquecimento, ou extinção, as variações de piadas menos capazes de fazer rir.

A apropriação do discurso cômico pela política, em prol da mudança social, é, segundo Chattoo (2017), uma estratégia cada vez mais adotada por agências de marketing e pela mídia em geral. Segundo ela, “mudança social refere-se ao processo no qual ocorre uma alteração na estrutura e na função de um sistema social. A mudança social pode ocorrer no seio do indivíduo, comunidade ou na organização desta sociedade”. Desde Junho de 2013, diversos grupos, partidos políticos e movimentos sociais disputam narrativas, principalmente na internet e em suas redes sociais. Independente do posicionamento político destes grupos, o detalhe que os une é o desejo por atingir o público com seu discurso e direcionar esta mudança social: tornar o receptor mais simpático a políticas, modelos econômicos, leis e/ou valores morais que são próprios a estes movimentos, grupos ou partidos, tanto à esquerda quanto a direita, a fim de mudar o indivíduo, a comunidade e por fim, a sociedade como um todo. Esta pode ser considerada uma competição memética, onde diferentes “alelos” competem pela nossa atenção e procuram replicarem-se.

Neste processo, o papel da audiência é fundamental. Foi-se o tempo da audiência estática, como blocos sedentários e passivos. Hoje, ela busca conteúdo cívico inteligente, mas que também seja engraçado, para entender e absorver informações sérias e se divertir no processo. Os propagadores de informação também se aproveitam do poder do humor em encorajar compartilhamentos (CHATTOO, 2017). Nesta era de competição memética nas redes sociais, é fundamental encorajar a viralização de ideias e bordões simpáticos à causa defendida, e o humor também trabalha neste sentido. A sensação agradável causada pelo riso pode ser fundamental para que o meme humorístico seja compartilhado. Blackmore (1999) supõe que indivíduos são impelidos a copiar e retribuir boas ações de terceiros que, porventura, tenham sido generosos. Se tratarmos o “fazer rir” como um ato de generosidade, isto talvez explique o alto grau de compartilhamento de conteúdo humorístico proposto por Chattoo. Desta maneira, o uso de piadas, textos e imagens engraçadas em memes por grupos políticos seja uma estratégia para que estes se propaguem de maneira mais eficaz. Além disso, Chattoo também afirma que o ato de compartilhar conteúdos engraçados nas redes sociais é uma maneira de expressar os valores individuais e identidades (inclusive políticas) e para “comemorar momentos culturais compartilhados. Neste contexto, o humor na era digital pode ser utilizado como uma maneira de conduzir os indivíduos a compartilhar mensagens engraçadas com seus pares, convidando-os a conversações”.

O humor como ferramenta no discurso político também funciona por sua propriedade em atrair a atenção. A comédia atrai a audiência e faz a mensagem se sobressair em meio à confusão da torrente informacional atual, dada a dessensibilização e tom sombrio que a mídia tradicional geralmente adota ao tratar de assuntos “sérios” (CHATTOO, 2017). Ao abordar um tema político de maneira mais alegre, o emissor da mensagem está promovendo a replicação de seu meme, que se sobressai em meio às notícias mais sisudas. Além disso, indivíduos expostos a mensagens de cunho político em um contexto humorístico, têm seus julgamentos futuros baseados no conteúdo que fora implantado em suas mentes por estas mensagens engraçadas (CHATTOO, 2017). Do ponto de vista da teoria memética, esta citação poderia ser reescrita como: “indivíduos expostos e infectados por memes de cunho político em um contexto humorístico, irão, muito provavelmente, replicar estes memes engraçados no futuro”.

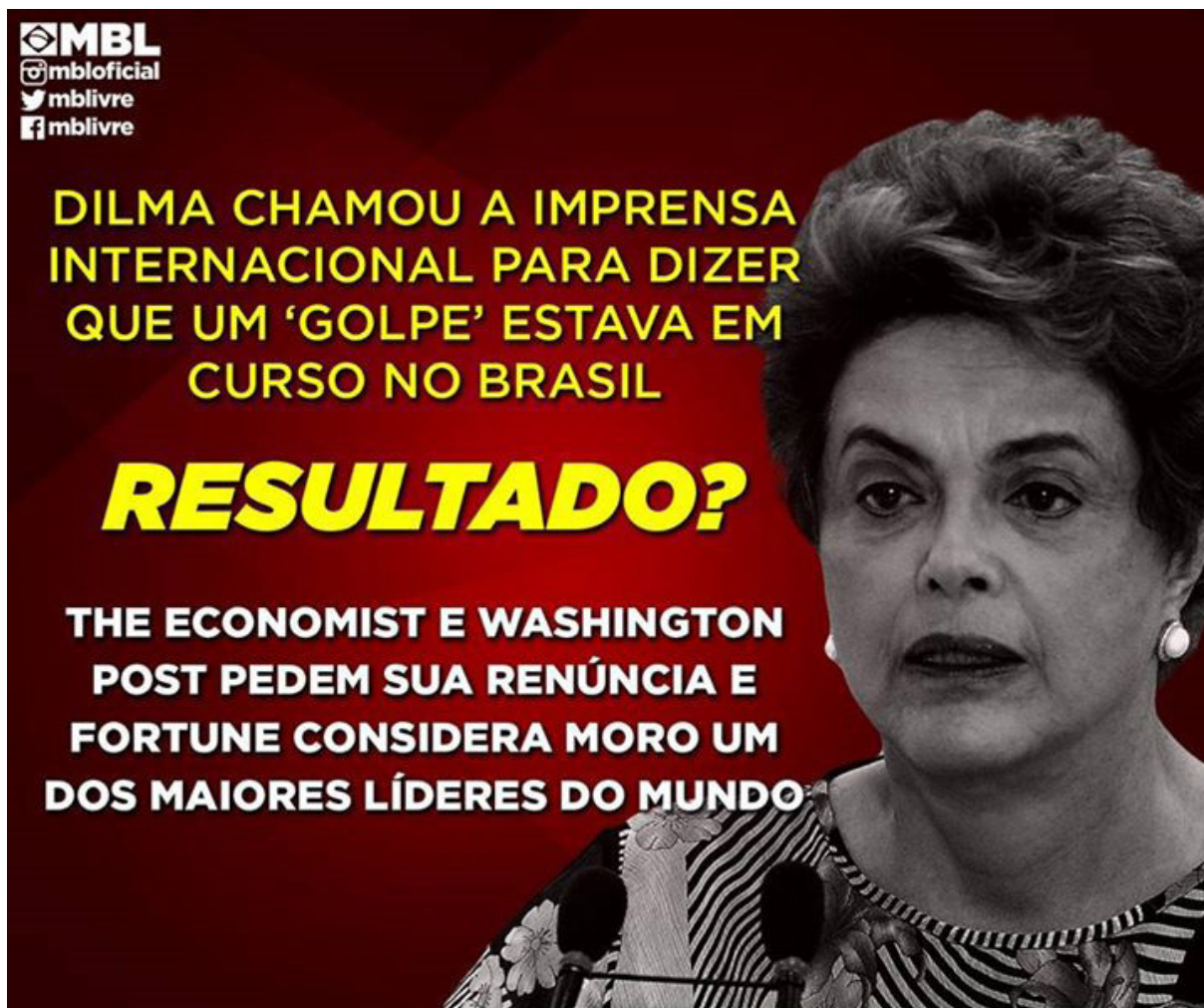
A rota que a comédia segue com destino à persuasão passa mais pelo “sentir”, pelo emocional do que pelo “aprender” racional. De acordo com o Modelo de Probabilidade de Elaboração (PETTY & CACIOPPO, 1986), os indivíduos processam informações e notícias via uma rota cognitiva, central e que foca na mensagem e na informação. A mensagem é entendida e o seu receptor decide se haverá uma mudança em seu comportamento baseado em uma decisão racional, pesando os prós e os contras. Esta mudança de comportamento pode ser o ato de comprar algo, acatar alguma ordem ou repetir algo; de toda forma, trata-se de replicar um meme. Em um contexto de humor, porém, a persuasão ocorre através de uma segunda rota de interpretação periférica ou heurística, que envolve uma resposta emocional. Dada a enorme quantidade de informações que um indivíduo encontra diariamente, é impossível escrutinar racionalmente todas elas. Um dos meios que o cérebro possui de lidar com essas informações de “baixa motivação” é procurar sugestões positivas ou negativas no contexto, que influenciam o gostar e acreditar que o mensageiro é crível e honesto. Contudo, segundo Chattoo (2017), para a comédia ser eficaz neste processo, ela não pode ser muito incisiva ao persuadir. Finalmente, existe um efeito retardado neste processo de persuasão por emoção, próprio do humor. Este efeito faz com que o receptor do humor lembre-se por mais tempo da mensagem recebida, apesar de Chattoo afirmar que pesquisas sobre os efeitos a longo prazo deste efeito ainda serem incipientes.

A comédia também atua traduzindo temas sociais complexos, tornando a divulgação destes temas mais ampla. O tom humorístico em notícias sérias teria um efeito de “porta de entrada”, no qual uma abordagem engraçada de temas sérios abriria as portas para que a audiência prestasse mais atenção quando o assunto fosse subsequentemente abordado de uma maneira mais séria e aprofundada pela mídia tradicional. Quando temas sérios são abordados de forma humorística, dois efeitos ocorrem, de acordo com este pensamento: o receptor é minimamente exposto a um assunto novo e complexo e este receptor adquire uma visão geral do assunto,

que ajuda-o a prestar mais atenção nas informações mais sérias que surgirem. Segundo esta visão, o humor não compete com as fontes de notícias tradicionais, mas sim opera em conjunto (CHATTOO, 2017).

Por fim, o humor, segundo Chattoo, opera no processo de quebra de barreiras sociais. Defrontar-se com questões sociais e normas vigentes através do riso pode ser uma forma de colocar abaixo uma barreira e promover a tolerância. A representação de grupos minoritários em situações engraçadas e relaxantes pode diminuir os níveis de preconceito. No entanto, como visto anteriormente, este é um processo similar à Janela de Overton e pode ser utilizado para fins de normalização da intolerância.

Figura 13: RESULTADO?



Fonte: <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

É possível aplicar a Teoria Geral do Humor Verbal em imagens de humor encontradas na internet (acima), objetos deste estudo. A Oposição Textual, neste caso, é a dicotomia “burro/

inteligente”. Neste texto, Dilma fez uma jogada política (a fim de denunciar o golpe parlamentar) que, segundo o texto, acabou dando errado, “saindo pela culatra”. Seu adversário político, o juiz Sérgio Moro, inclusive, teria saído fortalecido da situação. O texto humorístico, neste caso, faz o Alvo da piada arquitetar um plano que falha estrondosamente. A foto de Dilma, posicionada do lado direito do texto (ou seja, no final do sentido de leitura) boquiaberta e em preto-e-branco, evoca uma imagem beócia da ex-presidente.

O mecanismo que aborda o modo no qual os dois textos se chocam e vem a tona é o de incongruência-resolução. Este *Mecanismo Lógico*, em específico, é notório por ter sido apontado por Kant (1790, 2007): “é notável que [...] a piada deve possuir algo em si que é capaz de, momentaneamente, nos enganar. Consequentemente, quando sua imagem desaparece no nada, a mente tenta observá-la novamente e portanto, por conta de uma sucessão rápida de tensão e relaxamento, ela é arremessada para lá e para cá e posta em oscilação.” Segundo ele, esta rápida compreensão da incongruência e sua subsequente resolução, cria um estado de “movimento mental e um complacente movimento interno do corpo. Isto continua involuntariamente produzindo fadiga, mas, ao fazê-lo, também oferece recreação”. Neste caso, a incongruência-resolução é fruto da quebra da percepção do leitor do plano “inteligente” de Dilma, que acaba por complicá-la ainda mais. O elemento que representa esta quebra é a palavra “RESULTADO” em letras garrafais, que literalmente divide o texto em duas partes. Este resultado remete a foto de Dilma, representada de uma forma néscia, como se não compreendesse o porquê de seu “plano” ter dado errado.

A *Situação* neste exemplo é o impeachment sofrido por Dilma e o turbilhão político-midiático que acometeu o Brasil neste período. O cenário desta piada em específico tem como elementos a imprensa internacional (“*The Economist*” e “*Washington Post*”) e o juiz Sérgio Moro, adversário político de Dilma e figura admirada por muitos que se opõem ao Partido dos Trabalhadores.

Dando continuidade a análise, o Alvo da piada é Dilma Rousseff, adjetivada de “burra” e “incompetente” pelo imaginário popular provavelmente por conta de seus discursos confusos. O humor, segundo Pinker (1997) também pode atuar como um dispositivo social anti-dominância, como uma forma do piadista chamar a atenção para os defeitos que qualquer um pode ter. Quando a risada irrompe na sociedade em uma reação em cadeia, as pessoas entendem que todas elas reconheceram o mesmo defeito naquele Alvo importante. Um insultador solitário sofreria um grande risco de represália por parte do Alvo, mas um grupo que, em conluio reconhece e ridiculariza dos defeitos do Alvo, está safo. Esta “vingança” contra os poderosos explicaria o fato de, comumente, governantes e políticos famosos serem Alvos comuns em piadas. Por fim, *Estratégia Narrativa* utilizada compreende uma simples organização narrativa, onde o narrador é oculto, com ausência de diálogos, enigmas, charadas etc.

Observe que esta imagem em específico, apesar de não ser uma piada particularmente engraçada, reforça a propagação de diferentes memes que acabam por constituir um estereótipo de Dilma Rousseff. Memes como “Dilma é burra”, “não existe golpe” e “Moro é um grande líder” são todos replicados através de um texto que podia ser apresentado de forma tradicional, como por exemplo, em uma matéria em um veículo informativo²⁶. A utilização de imagens (facilmente compartilháveis), de estereótipos (que conferem velocidade a leitura) e, principalmente, a utilização do humor tornam a replicação dos memes acima mais passíveis de sucesso. Sujeitar um indivíduo qualquer a exposição diária de dezenas, talvez até centenas, de pequenos “memes” (no senso comum) como este, pode resultar na criação e aceitação de muitos estereótipos, como por exemplo, “o PT é o partido mais corrupto do Brasil” ou “Dilma é uma incompetente”, independente de serem afirmações verdadeiras ou não.

Este meme acima, contudo, não atende os pré-requisitos de outras definições de humor. Segundo Pinker (1997), o humor surge quando uma linha de raciocínio, partindo de um referencial, tromba em uma anomalia: um evento ou um uma afirmação que não faz sentido dentro do contexto referencial original. Esta definição, apesar de semelhante à definição de Raskin (que teoriza o “choque” entre textos dicotômicos), se diferencia por abrir mão de dicotomias e utilizar uma mudança no referencial do contexto para resolver esta anomalia. De acordo com a perspectiva deste novo referencial, a dignidade do alvo da piada sofre algum dano. Um exemplo utilizado pelo autor (pg. 550) ilustra bem o conceito:

Lady Astor disse a Winston Churchill “se você fosse meu marido, eu colocaria veneno em seu chá”, no que ele respondeu “se você fosse minha esposa, eu beberia”. A resposta é uma anomalia dentro do referencial “assassinato”, pois as pessoas resistem ao homicídio. A anomalia é resolvida ao trocar o referencial por “suicídio”, pois a morte seria bem-vinda como uma fuga do tormento. Neste novo referencial, Lady Astor é a causa da angústia matrimonial, um papel ignominioso.

No meme anterior não existe uma anomalia no texto que necessite de uma mudança de referencial para a resolução do conflito. No entanto, é possível encontrar um exemplo que se encaixe na definição de Pinker a seguir:

26 - Como pode ser evidenciado na matéria d’O Globo de 26/04/2016 “A imprensa estrangeira não vê golpe” (G1, 2016).

Figura 14: Nem inocenta, nem presidenta.



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Partindo do sentido de leitura ocidental (da esquerda para a direita, de cima para baixo) anomalia acima se revela rapidamente: “inocenta” é um grave erro ortográfico. No entanto, a figura de Dilma Rousseff se revela em seguida para mudar o referencial. De agora em diante, não é mais a norma culta da gramática portuguesa que impera, e sim o famigerado “Dilmês”, que seria a forma caricata da fala da ex-presidente, que inclusive era tratada por seus aliados e asseclas como “presidenta” (que, ironicamente, não é um termo incorreto). Esta mudança no referencial, além de causar o riso no receptor, reforça o estereotipo de ignorância e burrice de Dilma.

Os três ingredientes do humor (incongruidade, resolução e indignação) foram verificados em muitos experimentos que procuram aquilo que faz uma piada ser engraçada (PINKER, 1997). A comédia-pastelão, por exemplo, é fruto do choque entre um referencial psicológico (no qual o indivíduo é o centro de crenças e desejos) e um referencial físico (no qual o indivíduo é um pedaço de matéria obedecendo às leis da física); o humor escatológico é fruto do choque entre um referencial psicológico e um referencial fisiológico (onde o indivíduo é um produtor de excreções repugnantes); o humor sexual surge do choque entre o referencial psicológico e o referencial biológico (no qual o indivíduo é um mamífero, com todos seus instintos e órgãos necessários para a fertilização interna) e por fim o humor verbal se desdobra sobre o conflito entre dois significados de uma mesma palavra, o segundo sentido sendo inesperado, sensível ou insultante (uma lógica similar pode se aplicar a trocadilhos).

O humor é uma tática estimada dentro da retórica e durante discussões intelectuais. A sagacidade em dar respostas rápidas e bem-humoradas é comparada, por Pinker (1997), a um veloz espadachim e seu florete, que em um segundo, acabam com o oponente em um só golpe. Ronald Reagan, por exemplo, se esquivou de perguntas incisivas sobre o direito ao aborto com apenas uma frase: “eu percebo que todos os que são a favor do aborto já nasceram”. Um gracejo no momento certo pode dar ao orador uma vitória instantânea (merecida ou não) e deixar seus oponentes gaguejando; um aforismo inteligente é capaz de sintetizar verdades que necessitariam páginas e mais páginas para sua explanação.

6. FUNÇÕES SOCIAIS DO HUMOR

Poucos fenômenos humanos são tão comuns e universais como o humor, como demonstram trabalhos etnográficos. O humor é predominantemente uma atividade social, e um de seus fins, além do evidente prazer do riso, é o de fortalecer os laços entre indivíduos pertencentes a um determinado grupo específico. Os assuntos do humor envolvem praticamente todas as atividades humanas (APTE, 1985).

Apte define com quatro características o humor:

1. A Experiência cognitiva, comumente inconsciente, envolvendo uma redefinição interna de uma realidade sociocultural, resultando em um estado de alegria ou regozijo;
2. Fatores socioculturais externos que dão início a essa experiência cognitiva;
3. O prazer oriundo desta experiência cognitiva e,
4. As manifestações externas desta experiência cognitiva e seu prazer resultante, expressado através do riso, da gargalhada.

Apte (1985) trata a primeira característica como um postulado. A segunda característica refere-se aos antecedentes do indivíduo e a terceira e quarta, aos efeitos desta experiência cognitiva. As relações de brincadeiras, zombarias, piadas e provocações nas sociedades industriais é utilizada para fomentar laços identitários de um indivíduo. Diferente de outras emoções que ocorrem em isolamento social (como fome ou medo), o humor é eminentemente social: estudos mostram que até 95% das risadas ocorrem em um contexto de socialização (BAINUM et al. 1984; KENDERINE, 1931; PROVINE & FISCHER, 1989; YOUNG, 1937 apud WEISFELD, 1993). Uma dentre muitas interpretações é a de que a aceitação da zombaria é um indicador de que o indivíduo faz parte do mesmo grupo social de quem fez a piada.

Para além disso, Thomas Flanson e H. Clark Barrett (2008) afirmam que o humor funciona como um *sinal honesto* para a existência de conhecimentos em comum, atitudes, preferências e posicionamentos ideológicos entre indivíduos de um mesmo grupo. O humor, neste caso, funcionaria como mecanismo onde o criador da piada verificaria o grau de afiliação ao grupo de determinados indivíduos através do riso dos receptores. Este modelo, que os autores denominaram de *Teoria do Humor Criptografado* ²⁷, propõe que a capacidade universal do humor evoluiu²⁸ como um meio de transmitir informações sobre si e captar informações

27 - Tradução de *Encryption Theory of Humor* .

28 - Os autores defendem a possibilidade da utilização do humor por parte de homínidos pré-históricos ter sido uma característica que promovia a seleção em um meio selvagem, assim como a fala. O fato do humor ser universal e ocorrer em todo agrupamento humano (como defendem Raskin, 1984 e Apte 1985) é um forte indicativo que

a respeito de outros, a fim de auxiliar o indivíduo na escolha de companheiros e determinar possíveis relações amigáveis e vantajosas de longa duração.

É proposto que este “sinal” de potenciais informações em comum é transmitido através de um mecanismo de informação denominado criptografia. É então realizada a combinação entre as características superficiais da piada (a mensagem criptografada) e o conhecimento subjacente (a “chave” criptográfica) necessário para produzir o entendimento e, conseqüentemente, o riso. Este mecanismo, vale salientar, não está dissociado de outros mecanismos do humor, como, por exemplo, a surpresa ou o mecanismo da “incongruência-resolução”. Ao invés disso, a Teoria do Humor Criptografado trata estes fenômenos como métodos de encriptação. (FLAMSON & BARRETT, 2008)

O que é comum a quase todas as formas de humor é que um detalhe oculto ou não-óbvio é o que torna a piada engraçada. Por mais que esta afirmação abarque quase toda comunicação humana – afinal, toda comunicação proposital entre indivíduos faz uso de informações implícitas, ou “implicaturas” (SPERBER & WILSON, 1995). À “implicatura” está subjacente o “implicar”, ou seja, o emissor pode com uma palavra, uma expressão ou um enunciado, exprimir ou incluir um significado adicional ao significado literal do que diz. No caso do humor em específico, há algo de especial na descoberta destes detalhes em piadas, o que proporciona o riso. A combinação não-aleatória entre a informação explícita no enunciado das piadas e o conhecimento implícito necessário para se criar o sentido (e o riso) é o ponto-chave do humor. Comparadas à comunicação usual, as piadas são propositalmente oblíquas (FLAMSON & BARRETT, 2008).

As pessoas são usuárias e dependentes de conhecimento e informações (BOYD & RICHERSON, 1996; TOMASELLO, 1999). Esta obliquidade peculiar das piadas pode indicar uma nova forma de comunicação e a chave deste tipo de comunicação pode residir na natureza extremamente complexa porém não-aleatória e idiossincrática²⁹ do conhecimento que cada indivíduo possui. Dada esta idiossincrasia dos conhecimentos humanos, as pessoas têm a possibilidade de beneficiar-se quando elas podem relacionar-se com outros indivíduos baseando-se nas informações que elas possuem a respeito deles. Este benefício pode originar-se tanto por transmitirem informações sobre suas qualidades pessoais quanto por captar informações sobre qualidades e defeitos dos outros (FLAMSON & BARRETT, 2008). Contudo, quando

corroborar para com esta afirmação, que pertence ao campo da sociobiologia.

29 - “Idiossincrático” é um adjetivo que se refere à idiossincrasia, que é a maneira de ver, de sentir e de reagir, própria de cada pessoa. É uma forma incomum de se portar perante a sociedade; é a predisposição do temperamento de um indivíduo, que faz com que ele sinta, de um modo especial e muito seu, a influência de diversos agentes externos e internos. Todas as pessoas têm suas preferências, suas simpatias e idiossincrasias, ou seja, seu modo de ver, sentir e reagir diante de seus conceitos e sua visão de vida.

as propriedades do indivíduo não são diretamente observáveis, como no caso de informações pessoais privadas, pode ocorrer a dissimulação. Se um indivíduo consegue propagar informações falsas e convencer outros de que possui habilidades e conhecimentos valiosos, logicamente ele pode convencê-los a associarem-se a ele e assim obter favores, colhendo os frutos desta associação de forma ilícita.

A criptografia de informações oferece um meio de garantir a honestidade destes sinais: a complexidade da informação (isto é, a combinação não-aleatória entre a mensagem e a informação necessária para produzir entendimento a partir dela) é o que garante ao receptor que o emissor tenha esta informação de fato e que não se trata de um embuste. A criptografia também foi desenvolvida como um meio de garantir o sigilo de mensagens, entretanto deve-se salientar que o objetivo do humor não é o sigilo da informação explícita. Evidentemente, a informação explícita de uma piada está disponível a todos em seu enunciado. O objetivo da piada reside no fato de que a implicatura oculta dela será entendida apenas por aqueles com um conhecimento prévio relevante, o que faz surgir o riso. Este “conhecimento prévio” evidencia a necessidade de um contexto, que pode ser uma ideologia, por exemplo. O riso do receptor pode provar ao emissor que ambos compartilham desta ideologia. O ato físico de rir, desta forma, é um sinal honesto que garante ao emissor da piada (com um certo grau de confiabilidade) de que há um conhecimento em comum entre o emissor e o receptor. O fato deste conhecimento prévio não ser revelado explicitamente é o que mantém a honestidade do humor como uma medida de posseção de conhecimento. Do mesmo modo que a criptografia tradicional foi desenvolvida como um modo de produzir códigos que garantam a honestidade do emissor, o humor pode ter evoluído de forma análoga, como uma ferramenta ancestral que auxiliava na escolha de companheiros e na identificação de potenciais rivais (FLAMSON & BARRETT, 2008). Ao se fazer troça de possíveis grupos ou clãs rivais, o indivíduo poderia obter um sinal honesto (o riso de seus companheiros) de que todos pertenciam a um grupo coeso e que, em caso de competição com um grupo ou clã rival, o indivíduo teria ao seu lado justamente quem ele esperava e confiava.

A Teoria do Humor Criptografado é melhor entendida sob a ótica da Teoria da Relevância. Esta teoria propõe que a comunicação entre indivíduos é, em muitos casos, inferencial: enquanto atos comunicativos possuem um conteúdo explícito, o sentido pretendido geralmente encontra-se subentendido, em maior ou menor grau, oculto pela superfície da informação. Se uma pessoa diz para outra “está frio aqui”, esta informação pode carregar oculta em si um pedido para que a janela seja fechada, por exemplo. Estes sentidos pretendidos são inferidos pelo ouvinte por um processo que toma o conteúdo superficial do enunciado como um “*input*” e a partir disso faz inferências sobre as intenções e conhecimentos do emissor (SPERBER & WILSON, 1995; PINKER, 1997).

Flamson e Barrett (2008) propõem que os processos de criptografia e descriptografia do humor se tratam de uma forma especial de relevância. Tanto no humor quanto na criptografia comum existe um enunciado superficial “público”, entendível por qualquer ouvinte³⁰, cujo sentido pretendido real só pode ser produzido com a posse de uma “chave”. Esta chave é o conhecimento subjacente necessário tanto para se produzir quanto para se entender e rir da piada.

Desta forma, em uma piada bem-feita, tanto o produtor quanto o receptor da piada compartilham de um conhecimento, que é a “chave” criptográfica. A piada é construída de forma que exista um “encaixe” não-aleatório entre o enunciado superficial e o conhecimento subjacente, que se torna aparente apenas a uma pessoa com este mesmo conhecimento. Desta forma, além de indicar um conhecimento em comum, este processo pode também indicar a existência de posicionamentos ideológicos e/ou morais entre indivíduos. Este processo em muito se assemelha ao que popularmente é conhecido como “piada interna”³¹. Os autores da Teoria do Humor Criptografado enfatizam que, na maioria dos casos, a produção e o desfrutar de piadas dependem de “ponteiros” escondidos e um conhecimento em comum. Assim, uma parcela muito maior do humor em geral pode consistir de “piadas internas”. Por exemplo, pessoas agressivas tendem a gostar de um humor agressivo (GRZIWOK & SCODEL 1956; HETHERINGTON & WRAY 1964; HOLMES 1969). Sujeitos que vivem em um país violento (no caso do estudo, os EUA) tendem a apreciar mais piadas hostis do que japoneses ou senegaleses (GOLDSTEIN, 1977). Este resultado pode simplesmente ocorrer pois indivíduos agressivos geralmente se encontram com um estado de espírito igualmente agressivo, o que os levaria a se interessarem por um conteúdo violento e hostil. Strickland (1959) provocou raiva a alguns sujeitos e, de fato, comprovou que, deste modo, eles preferiram um humor mais violento. Ao contar uma piada agressiva, o indivíduo pode explorar o tópico “agressão” e incentivar outros a compartilhar piadas que abordam este tema. O mesmo se deu quando houve um estímulo sexual anterior à exposição ao humor: os sujeitos passaram a preferir um humor mais erotizado. Similarmente, pacientes depressivos acham graça em piadas sobre depressão; pacientes suicidas se divertem com piadas mórbidas (HAIG, 1988 Apud, WEISFELD 1993) e feministas com piadas antimasculinas (CHAPMAN & GADFIELD, 1976 Apud WEISFELD 1993). De modo similar, indivíduos apreciam melhor piadas musicais, sobre automobilismo, práticas médicas etc. quando previamente expostos ao tema correspondente (GOLDSTEIN et al. 1972, apud WEISFELD 1993).

30- A “piada” na Teoria do Humor Criptografado; a *mensagem criptografada* na teoria formal da encriptação.

31 - O reconhecimento do fenômeno da “piada interna” é ubíquo na literatura acerca do humor: Pinker, 1997; Raskin 1984; Apte 1985. Todos eles atestam o fato de que algo que é engraçado para um indivíduo pode não ser para o outro, pois muitas vezes é necessário um conjunto de conhecimentos previamente adquiridos para a apreciação do humor, e estes conhecimentos muitas vezes circulam apenas em um pequeno grupo de amigos ou colegas.

Todos estes estudos apontam para a existência das chamadas “piadas internas”, elemento fundamental no humor grupal. Este é um fenômeno facilmente observável, por exemplo, em redes sociais, e pode explicar a existência de comunidades e *fanpages* dedicadas a um humor fechado em si, indo da fisioterapia (“Fisioterapia da Depressão”) ao liberalismo econômico (“Liberalismo da Zoeira”). Grandes admiradores de um seriado televisivo qualquer, por exemplo, compartilham entre si piadas e memes sobre personagens e episódios, que um forasteiro, desconhecedor dos detalhes deste seriado televisivo, não vê sentido e, conseqüentemente, graça. O mesmo ocorre com o humor político, no qual as peculiaridades de cada posicionamento ideológico se tornam a informação subjacente necessária para que o entendimento e o riso sejam produzidos a partir das piadas e memes compartilhados. Indivíduos que realmente acreditam no bordão “bandido bom é bandido morto” costumam exaltarem-se e divertirem-se com piadas e memes relacionados ao tema, com imagens violentas que refletem este ponto de vista.

Outras teorias do humor entram em sintonia com a Teoria do Humor Criptografado ao sugerirem um foco maior na função social do humor em detrimento do(s) fator(es) que causa(m) o riso. Uma das funções do humor é encorajar um comportamento afiliativo dentro da teoria do aprendizado social (WEISFELD, 1993). Como a encriptação assume um conhecimento em comum, este mecanismo poderia atuar ao guiar o aprendizado social de um indivíduo em um determinado grupo que detém conhecimentos e posicionamento ideológicos em comum. É evidente que há algum grau de aprendizado envolvido no modelo de encriptação-decriptação de conhecimento (FLAMSON & BARRETT, 2008). O indivíduo teria mais facilidade em absorver os conhecimentos que permeiam determinado grupo quando a sua recompensa é o riso. Neste grupo, podem estar incluídos, por exemplo, memes de humor que produzem sentido e riso no receptor ao abordar determinadas posições políticas, encorajando e reforçando o receptor o ato de aceitá-las.

Há um efeito de controle social que o humor exerce (segundo WEISFELD 1993). O humorista em um grupo pode expor as fraquezas do alvo da piada (esteja este alvo dentro ou fora do grupo) tanto para divertir sua plateia quanto para ganhar seu respeito e simpatia. Desta forma, o humorista, contudo, também está estabelecendo sua superioridade perante o alvo. A risada, segundo Eibl-eibesfeldt e Karl-Grammer (1990) é uma ação cuja função é corrigir ou repelir indivíduos fora dos padrões ou cujo comportamento e/ou pontos de vista não estejam em sintonia com os demais integrantes do grupo. O efeito da risada seria então uma função aglutinante nos companheiros, que riem juntos às custas de indivíduos (assédio moral ou, em inglês, *mob effect*). A risada, deste modo, pode possuir uma função educacional agressiva, que deixa forasteiros alinhados às regras do grupo (ou que os excluem por completo) e que reforça a solidariedade e homogeneidade grupal. Incidentalmente, membros do grupo que temem sofrer

uma represália semelhante (o deboche), aprendem a evitar as gafes que levaram o alvo da piada ao ridículo. Desta forma, desvios de comportamento dentro do grupo são reduzidos. Muitas formas de humor (como por exemplo a ironia, sátira, paródia, caricatura e o sarcasmo) possuem este potencial corretivo.

Entretanto, McDougall (1923) afirma que quando o infortúnio do alvo da piada é demasiadamente grave, a piada perde seu efeito e deixa de ser engraçada. Em sintonia com esta afirmação, pesquisas (ZILLMAN & BRYANT, 1974) indicam que quanto maior a humilhação sofrida pelo alvo da piada, menos engraçada ela é considerada. De fato, o humor leve do quadro “Dilma Bolada”, de autoria do publicitário Jeferson Monteiro, que ridicularizava trejeitos e falas da ex-presidente fez muito sucesso, especialmente em Outubro de 2014³², inclusive a ponto de ser assistido tanto por críticos como por apoiadores da ex-presidente. Já o infame adesivo para tanques de gasolina³³, que surgiu por volta de Julho de 2015, foi encarado com muito mais críticas que risadas, que, de forma similar ao quadro “Dilma Bolada”, também uniu setores da oposição e da situação, só que desta vez em protesto³⁴. McDougall (1923) explicou o humor como uma forma de aliviar o fardo desnecessário de sentir simpatia pelo tolo. De fato, tende-se a sentir menos simpatia por alguém responsável por sua própria situação embaraçosa. Isto talvez explique a falta de empatia, refletida em diversos memes e piadas, pela ex-presidente Dilma e suas numerosas gafes em seus discursos, assim como o esforço de seus opositores a divulgarem essas gafes, procurando associá-la a uma imagem néscia.

Pinker (1997) levanta a possibilidade do humor atuar como um mecanismo anti-dominância. O humor seria o inimigo da pompa e do decoro, principalmente quando ele mina a autoridade de um adversário ou superior. Os alvos mais fáceis do ridículo são professores, reis, políticos, oficiais militares, em suma: todos os membros de elites e pertencentes a altas hierarquias. Seu propósito, desta forma, seria o de negociar relações sociais.

Dignidade, estatura e demais qualidades que são facilmente demolidas pelo humor, fazem parte do complexo de dominância e status em uma sociedade. “Dominância e status beneficiam àqueles que os detêm em detrimento daqueles que não os possuem, sendo assim, peões sempre tem um motivo para desafiar o eminente” (PINKER 1997, pg. 551). A reivindicação de inteligência, habilidade, sabedoria, nobreza, beleza ou riqueza cria uma aura de superioridade

32 - Dados obtidos via GOOGLE TRENDS. https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all_2008&gprop=youtube&q=dilma%20bolada (visitado em 01/06/2018)

33 - Adesivos de Dilma sendo ‘penetrada por bomba’ viram novo ‘protesto’ (YAHOO NOTÍCIAS, 2015) & Adesivo com imagem de Dilma de pernas abertas é vendido no Mercado Livre (BUZZFEED, 2015).

34 - Contudo, evocando uma vez mais a Janela de Overton, o infame episódio do adesivo pode ter movimentado a janela das piadas “aceitáveis” sobre a presidente para novos horizontes de piadas mais cruéis, normalizando um deboche mais pesado. Isto, porém, permanece no reino da especulação.

que garante a dominação e o topo da hierarquia. Muitas destas reivindicações se desintegrariam caso esta aura se dissipasse, se estes valores fossem contestados ou pervertidos. O humor, desta forma, pode atuar como um dispositivo social anti-dominação: aquele que contesta o status da elite chama a atenção dos demais para as qualidades mundanas que qualquer mortal, não importa o quão nobre, inevitavelmente possui.

Nenhum governo tem o poder de controlar uma população inteira, de forma que, quando eventos ocorrem rapidamente e as pessoas perdem a confiança na autoridade de um regime todas ao mesmo tempo, elas podem derrubá-lo. Esta pode ser a dinâmica que liga a risada (este sinal involuntário, disruptivo e contagiante) ao humor. Quando pequenas risadas crescem e evoluem para gargalhadas generalizadas, como em uma reação nuclear em cadeia, os indivíduos estão reconhecendo que todos eles perceberam o mesmo defeito no célebre alvo. (PINKER 1997, pg. 551)

A mente interpreta reflexivamente palavras e gestos, procurando formas de torná-las sensíveis e verdadeiras. Se as palavras são incongruentes ou dúbias, o intelecto do receptor procura preencher as lacunas nas premissas para o assim obter um novo referencial, onde estas palavras façam sentido. Isto não acontece apenas no humor, apensar de ser parte fundamental dele. O comediante manipula a audiência de forma a cogitar uma proposição aparentemente sem nexos. O sentido aparece apenas quando se muda o referencial e o público passa a apreciar a “verdade” que surge daquela proposição depreciativa. A assimilação desta “verdade” ocorre com mais facilidade pois ela não foi imposta como uma espécie de propaganda (que é facilmente rejeitada), mas sim como uma conclusão que a audiência chegou por conta própria. O prazer do riso, finalmente, contribui como uma recompensa e ajuda a assimilação da proposição. Isto pode explicar a percepção de que um comentário sagaz e oportuno pode capturar e transmitir uma ideia complexa demais para se articulá-la e, desta forma, o humor se torna uma ferramenta eficaz para o convencimento (PINKER, 1997).

Embora a primeira vista este fim pareça contra-afiliativo, é possível que ele sirva para fomentar afiliações entre indivíduos que concordam com a caracterização negativa de um indivíduo, grupo identitário ou organização alvo da piada. Grupos de amigos, afinal de contas, geralmente passam muito tempo trocando piadas e fazendo brincadeiras entre si, onde dificilmente alguém se ofende. Ocorre que, igualmente, estes mesmos círculos de amigos passam muito tempo caçoando de indivíduos forasteiros ao grupo, o que reforça a amizade pelo princípio do “inimigo do meu inimigo é meu amigo” (PINKER, 1997). Memes e piadas, por exemplo, que repetem *ad-nauseam* características negativas de políticos pertencentes à oposição de quem os propagam, podem pertencer a esta categoria.

O riso, segundo Baudelaire (1961), seria o “apanágio dos loucos e que implica sempre mais ou menos ignorância e fraqueza”. O riso estaria ligado, segundo ele, a uma degradação física e moral, visto que num “paraíso terrestre” (que se suponha passado ou futuro, profético como supõem teólogos ou planejado como supõem os socialistas), onde todas as coisas criadas eram boas, a alegria não se encontrava no riso. Onde não há sofrimento, Baudelaire afirma, não há lágrimas ou riso, pois ambos são filhos da aflição. Ao observar um transeunte tropeçando ou escorregando e, por conseguinte, se esborrachando no chão, o observador ri. Seu riso vem do sentimento de superioridade, de orgulho: *eu não caio, eu caminho direito, meu pé é firme e seguro. Não sou eu que cometeria a asneira de não enxergar o obstáculo*. A aflição da vítima do infortúnio encontra a ignorância, a fraqueza e o orgulho do observador. Este choque causa uma “convulsão nervosa, um espasmo involuntário comparável a esternutação” causado pela desgraça alheia: o riso. No cômico, a potência do riso se encontra, desta forma, no ridente e não no objeto do riso. Por exemplo, rir da ex-presidente em um meme expondo-a ao ridículo é, ao mesmo tempo, um mecanismo anti-dominância (como apontado por Pinker) e um resultado do orgulho de quem ri (*eu não sou corrupto, eu não divago sobre mandiocas, eu sei que estocar vento é uma ideia absurda, eu não falo “presidenta”*).

Baudelaire, também entra em sintonia com a teoria semântica do humor textual (TSHT) de Raskin ao afirmar que o riso é a “expressão de um sentimento duplo, ou contraditório; e é por isso que há convulsão”. A caricatura é dupla: o desenho e a ideia; o desenho violento, a ideia mordaz e velada. Ambas perfazem os textos que, dicotomicamente, se chocam e provocam o riso. Riani (Apud GAWRYSZEWSKI, 2008) afirma que a caricatura “possui, em sua essência, o aspecto humorístico vinculado ao homem e visa destacar ou produzir suas deformidades anatômicas, podendo realçar aspectos de sua personalidade”. O objeto do ridículo se torna grotesco em uma caricatura, tendo suas características fisionômicas exageradas de forma a tornar claro, naquele texto, qual o sujeito-alvo da piada e sobre quem o leitor pode sentir superioridade. A retratação caricata de indivíduos notórios pode ser, ao mesmo tempo, um dispositivo anti-dominância e um reforço ao sentimento de pertencimento a um grupo contrário àquele indivíduo retratado (fortalecendo o sentimento de nós x eles), similar ao humor criptografado: “Vamos retomar a relação de cumplicidade entre o desenho (ou seu autor) e o observador. Só existirá o riso, o prazer de ver/ler a imagem se houver uma certa cumplicidade, uma possibilidade de acordo entre o desenhista e o leitor” (GAWRYSZEWSKI, 2008 – pg.16).

Gawryszewski (2008) sintetiza seu trabalho de compreensão dos aspectos de formação de conceitos de caricatura e charge com a criação dos conceitos de *caricatura ideológica* e *charge ideológica*:

Assim, poderíamos definir a caricatura ideológica como: imagem de personagem política, podendo abranger também fato político envolvido na questão

proposta na ilustração, com a agressividade como essência. O humor não é seu objetivo final, mas pode existir de forma irônica visando denunciar o caráter do retratado. O uso do grotesco, da zoomorfia, da busca da equivalência com uso de símbolos políticos é uma de suas possibilidades. Quanto à definição de charge ideológica, podemos manter as mesmas características da caricatura, apenas se dirigindo ao fato político em especial, destacando-se o uso de símbolos (pg. 24).

No caso deste trabalho, é possível utilizar estes conceitos para auxiliar a categorização dos memes de humor relacionados à oposição de Dilma Rousseff. Contudo, são necessárias algumas ressalvas: dada a velocidade inerente às comunicações na internet e o labor característico do desenho manual, caricaturas e charges, em seu modo tradicional, se apresentaram pouco numerosas na coleta de dados deste trabalho. No entanto, novas ferramentas de edição digital de imagens (como, por exemplo, o famoso software Adobe Photoshop) tornam a edição de fotos uma opção mais veloz e menos trabalhosa que o desenho caricatural. O uso de efeitos que realçam imperfeições na pele (como a ferramenta *Smart Sharpen*) são capazes de aviltar a imagem de uma pessoa-alvo em poucos segundos, assim como a captura de *frames* (quadros) em vídeos fornece uma imensa quantidade de poses pouco favoráveis ao alvo que o criador do meme pode utilizar em sua difamação. De toda forma, apesar de não serem caricaturas *per se*, desenhadas a mão, muitos memes utilizam mecanismos similares de comunicação ideológica e difamação de figuras poderosas.

Para Apte (1985), as relações de brincadeiras, zombarias e provocações nas sociedades industriais é utilizada para fomentar laços identitários. A aceitação da zombaria por parte de uma pessoa é um indicativo de que ela faz parte do mesmo grupo social de quem a zombou. Contudo, a zombaria direcionada para outros grupos identitários pode servir para fomentar a união em um grupo, com seus integrantes verificando e certificando-se dos conhecimentos (e, possivelmente, posicionamentos ideológicos) de seus companheiros, de uma maneira eficiente através do modelo de encriptação-decriptação de piadas.

Ao tornarem públicas essas zombarias e piadas, os integrantes de um determinado grupo identitário fazem piadas tão endêmicas e próprias ao seu grupo que muitas vezes elas se assemelham ao conceito de gírias de Apte (1985). Segundo ele, gírias são linguagens especializadas, desenvolvidas por grupos e usadas tanto para comunicações internas quanto para o fomento e solidificação da identidade do grupo. Para forasteiros que não entendem esta linguagem por conta de suas palavras inventadas, mudanças de sentido, uso extravagante de figuras de linguagem e ritmicidade própria, as gírias podem soar alienígenas e engraçadas. Por vezes, estas gírias são exibidas frente a estranhos justamente com o fim de desconcertá-los. Um indivíduo também pode querer distinguir-se dos demais membros pela natureza estranha e grotesca de seu humor.

FIGURA 15: exemplo de humor grupal, típico de *Chans* (neste caso em específico, o brasileiro *55Chan*).

Arquivo (ocultar): pedofilia e horror.png (100,19 KB, 237x400,1566230011804.png) ImgOps Google iqdb



Anônimo 19/08/19 (Seg) 12:53:32 No.27698473 [Watch Thread] [Responder]

>parênquima paliçádico de pedomingo deletado
>não vi os últimos posts
Fornique não.

Anônimo 19/08/19 (Seg) 17:43:35 No.27700243

Arquivo (ocultar): 1525840976544.png (26 KB, 250x164,1566247415340.png) ImgOps Google iqdb



Que pena.

Anônimo 19/08/19 (Seg) 17:47:51 No.27700269 >>27700277

Arquivo (ocultar): 1534322608099.jpg (15,99 KB, 201x255,1566247671567.jpg) ImgOps Exif Google iqdb



>essa pica do op

Pelo amor de Deus que os fogos da justiça divina caiam sobre a cabeça do indivíduo que criou tal profanação!

Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Note a linguagem indecifrável para não-iniciados, o uso de imagens acompanhado de textos e o teor grotesco.

Ao observar esta definição de gírias, que certamente possuem um mecanismo de encriptação-decriptação entre o emissor e o receptor, podemos fazer uma analogia com as piadas e memes que por vezes encontramos nas redes sociais. Tais como as gírias, muitas vezes estas zombarias só fazem sentido aos iniciados, membros de determinados grupos, com seus posicionamentos e conhecimentos próprios. É comum um membro de um grupo tornar pública uma piada (grotesca aos olhos de estranhos) como uma forma de provar a sua lealdade perante seu próprio grupo.

Em 2009, *weev* [notório hacker e *troll*] reivindicou ter hackeado o sistema do site Amazon e reclassificado livros sobre homossexualidade como pornografia. [...] ele agora regularmente posta vídeos no Youtube sobre antissemitismo e homofobia, possui uma tatuagem de suástica no peito e é o autoproclamado presidente da iniciativa *troll* “*Gay Nigger Association of America*” [algo como “Associação Americana dos Crioulos Gays”]. (NAGLE, 2017. Não Paginado)

A força motriz dos usuários nestes grupos é a notoriedade (o que não deixa de ser irônico, visto que muitas vezes as postagens em *chans* são anônimas). Esta notoriedade é fruto da graça gerada pelos *posts*: quanto mais engraçado, mais o usuário chama a atenção. Em uma disputa memética, os memes que mais chamam a atenção são justamente os que causam maior choque e estranhamento, por conta de sua natureza grotesca (e por chamarem a atenção, aumentam suas chances de replicação). Os *chans* mais agressivos, em geral, são formados por homens brancos, jovens e heterossexuais, que costumam se colocar contra pautas progressistas e, costumam ser misóginos, racistas e cultuar a violência. Portanto, não é incomum esta disputa resultar em memes racistas e excessivamente ofensivos (NAGLE, 2017). Não raro estas piadas assumem um teor extremamente grotesco, como se os membros colocassem à prova suas lealdades ao grupo, em uma espécie de disputa sobre “quem vai mais longe”, fazendo pouco-caso de temas considerados “tabu”, como racismo, violência explícita, sexismo etc. Rir destas piadas é um sinal honesto de que o receptor compactua com ideias conservadoras e despreza pautas progressistas. Nagle (2017) argumenta que esta cultura é uma deformação do Slogan de maio de 1968 “é proibido proibir”. Ele inverte os valores, e atua na ideia de que o que choca, hoje, é o discurso de ódio e que isto é a subversão e a transgressão personificada para esses jovens.

Este humor de natureza grotesca é bastante comum em *Chans*, no *Reddit* (espécie de portal de fóruns) e onde quer que haja um certo grau de anonimato entre os usuários, o que inclui o supracitado Fórum do UOL. Apesar do maior anonimato em *Chans* (alguns, inclusive, não permitem o usuário logar-se), fóruns ainda permitem um certo anonimato, afinal, não é difícil criar uma conta de e-mail falsa e um login que nada tenha a ver com a identidade pessoal do usuário. Plataformas mais pessoais, como o *Facebook*, geralmente inibem comportamentos mais agressivos por estarem vinculadas às pessoas e seus laços familiares, profissionais ou de amizade (mas, novamente, nada impede o usuário de, por exemplo, utilizar uma conta falsa que não seja de forma nenhuma vinculada a sua identidade pessoal). De toda forma, o tipo de humor encontrado no *Facebook*, mesmo em grupos obscuros e fechados, passa longe do nível de “tabu” das postagens usuais do *4Chan*, *8Chan* ou *55Chan* por exemplo. Isto se dá por conta de algoritmos presentes no site, que são capazes de detectar pornografia ou nudez automaticamente. Tessa Lyons^{35 36} afirmou que o *Facebook* identificou maior engajamento de usuários em conteúdos “tabu” (como pornografia ou violência extrema). Este engajamento, sem a presença de um algoritmo de seleção de conteúdo, seria crescente, ou seja, quanto mais visceral o conteúdo, mais engajamento ele geraria. Para privar os usuários do contato com conteúdos chocantes, o *Facebook*, segundo Lyons, delimitou uma “linha”: há um certo limite do quanto o conteúdo pode ser tabu e permanecer dentro do patamar que o *Facebook* considera “experiências

35 - Tessa Lyons é gestora de produtos (responsável pela Linha do Tempo) do *Facebook*.

36 - Em entrevistas: “Inside – with Tessa Lyons, Head of News Feed Integrity” <<https://milesobrien.com/facebook-tessa-lyons-news-feed/>> & “People are Manipulating You on Facebook - Smarter Every Day 215” <https://www.youtube.com/watch?v=FY_NtO7SIrY> ambos visitados em 27/04/2019.

significativas e autênticas”. Qualquer coisa que ultrapassasse esta linha seria detectada pelo algoritmo e sumariamente deletada pela IA ou por um moderador humano. O conteúdo que, porventura, se aproximasse desta “linha” sem ultrapassá-la teria seu engajamento reduzido. Apesar de não ser deletado do *Facebook*, este conteúdo limiar seria posto em segundo plano, em detrimento de conteúdos menos chocantes. Desta forma, em vez de uma curva exponencial ascendente, a curva de engajamento de conteúdos (do menos “tabu” para o mais chocante) se assimilaria a uma curva parabólica, graças a intervenção do algoritmo e da moderação humana.

FIGURA 16: “Essa vaca tem que sair daí antes que seja tarde demais”.



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Apesar do teor menos grotesco, os memes coletados neste trabalho, oriundos do *Facebook*, também apresentam conteúdo sexista e ofensivo. Isto pode ocorrer graças ao menor anonimato que o *Facebook* oferece ou graças ao algoritmo e os termos e condições de uso da rede social que inibem discursos mais “pesados” ou extremistas.

Estes dois fatores (visibilidade do usuário e algoritmo e moderação) podem explicar a ausência de piadas mais “fortes” no *Facebook*. No entanto, o discurso machista, sexista, preconceituoso etc. presente em piadas conservadoras se mantém em diversos exemplos

coletados para análise neste trabalho, preservando assim suas funções sociais como sinais honestos para membros de um mesmo grupo.

7. ANÁLISE DOS MEMES COLETADOS

Não é incomum o fenômeno de um texto (escrito) ser oposto por um signo não-textual (como uma foto). Caso seja este o caso, o receptor interpreta o texto como um todo, “lendo” tanto o texto como a imagem, e caso perceba uma negação entre os textos e, experimenta o choque entre as oposições e, finalmente, ri.

FIGURA 17: Feliz dia do abraço.



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

As duas características que perfazem um texto humorístico segundo a TSHT estão presentes neste exemplo acima (selecionado ao acaso), mesmo que um dos textos que sobrepõe e contradiz o outro não seja de ordem verbal, e sim imagético. Em uma das possíveis leituras, o texto diz “feliz dia do abraço” e, no entanto, Dilma e Nicolás Maduro não se abraçam, mesmo sendo, em teoria (e segundo o autor do meme) aliados políticos. Eles no máximo se cumprimentam de uma forma não muito afetiva, talvez até desengonçada. O abraço, uma das formas mais comuns e eficazes de demonstração de afeto é elevado a um status positivo graças ao emprego da palavra “feliz”, para logo em seguida ser corrompido pela representação de um “não-abraço” pouco caloroso. Outra leitura possível seria a quebra de expectativas entre a palavra “feliz” e a representação do que a direita conservadora considera “dois tiranos”, sendo Nicolás Maduro muitas vezes associado a palavra “ditador”. De toda forma, tiranos e ditadores

(geralmente) são a antítese do que pode ser considerado “feliz”. Neste caso, faz-se necessário a leitura da imagem como parte fundamental na construção de um dos textos que deve se opor ao outro.

Em suma, o humor é uma experiência muito pessoal e a categorização de memes em dois campos distintos e herméticos (“humor” e “não-humor”) é uma tarefa difícil, visto o aspecto pessoal do senso de humor, onde muitas vezes uma piada demanda uma série de conhecimentos prévios para sua apreciação, que um indivíduo, embora extremamente bem-humorado, possa não dispor. Outrossim, como salienta Pinker (1997), a maior parte do humor no dia a dia não é de fato engraçado. Pesquisas (PROVINE, 1993, apud PINKER, 1997) com universitários norte-americanos evidenciam que apenas cerca de 10 a 20% dos episódios de riso podem ser classificados como “humor”, ainda que não muito engraçado. Em 1.200 exemplos, as falas mais engraçadas foram algo como “você não precisa beber, apenas pagar uma rodada” ou “você trabalha aqui ou apenas finge que está ocupado?”. A risada contínua ouvida em locais lotados, onde pessoas vão para socializar, não é fruto de piadas realmente boas, contadas uma atrás da outra, de maneira ininterrupta. “A maior parte do diálogo pré-risada é como uma sitcom interminável, escrita por um roteirista com muito pouco talento”, afirma Provine (apud PINKER, 1997 – pg. 553).

De fato, esta tendência se mantém na comunicação por memes das páginas de oposição a Dilma Rousseff. Apesar de terem sido coletado 553 memes, muitos deles são apenas chamadas ou notícias simples, sem nenhum tipo de humor aparente. Dos memes classificados como humorísticos (226, ou aproximadamente 40,8%), a imensa maioria consiste de uma torrente de piadas “indignas de nota”, na melhor das hipóteses. Assim como observado nas interações sociais por Provine, os memes humorísticos em sua grande maioria não são particularmente engraçados, e o riso (no caso digital o “comentar”, “curtir” e “compartilhar”) provavelmente surge mais por conta do ambiente (no caso deste estudo, os comentários, curtidas e compartilhamentos) e das interações do grupo social do que por conta da sagacidade e criatividade do autor da piada ³⁷.

37 - Como visto, esta é uma percepção pessoal, e portanto, pouco reveladora: um “bom” meme para mim provavelmente não levantará, nem mesmo sutilmente, o canto dos lábios da maioria dos leitores deste trabalho. Seria irrelevante a categorização dos memes de humor coletados em duas categorias hipotéticas, como por exemplo, “memes de humor realmente engraçados” e “memes de humor que não atingem seu objetivo de fazer rir”. A solução para essa incongruência subjetiva foi procurar ater-me às definições de humor mencionadas, evitando a análise da “criatividade” da piada e procurando a análise dos elementos do discurso e do número de compartilhamentos dos memes. Entretanto, é notável um grande volume de piadas pouco criativas, e apesar desta ser uma constatação pouco objetiva, ela não deixa de entrar em sintonia com os estudos de Provine.

7.1 Agosto de 2015

Agosto de 2015 foi escolhido por ser um período anterior a abertura do processo de impeachment e serve como um “termômetro” discursivo para analisar brevemente quais os assuntos que os grupos conservadores no *Facebook* buscavam abordar. Este período conta com um total de 56 memes coletados, sendo 39 deles considerados humorísticos (69,6%). Dos memes mais compartilhados, foram selecionados 20, sendo 11 considerados humorísticos (55%). Este período conta com muitos memes buscando a legitimar o processo de impeachment, comparando Dilma com o ex-presidente Collor e evidenciando a falta de apoio popular de seu governo (“rejeição de Dilma chega a 71%”). Há também a preocupação em deslegitimar o processo democrático que a colocou pela segunda vez na presidência, desmerecendo o voto popular do pleito de 2014, insinuando que foram fruto de um “roubo”. As gafes e discursos confusos de Dilma, que tanto marcaram seu governo, também foram abordadas, com piadas relacionadas a “saudação” à mandioca. Em Junho de 2015, Dilma em um discurso dedicado a cumprimentar autoridades presentes na abertura dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, proferiu:

Figura 18: Miss Mandioca Sapiens



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

“Nenhuma civilização nasceu sem ter acesso a uma forma básica de alimentação e aqui nós temos uma, como também os índios e os indígenas americanos têm a deles. Temos a mandioca e aqui nós estamos e, certamente, nós teremos uma série de outros produtos que foram essenciais para o desenvolvimento de toda a civilização humana ao longo dos séculos. Então, aqui, hoje, eu tô saudando a mandioca, uma das maiores conquistas do Brasil.” (Dilma, em discurso. 23/06/2015)

O reflexo disto na memesfera brasileira foi grande, com muitas piadas feitas em cima deste discurso, e seus ecos puderam ser percebidos mesmo dois meses depois, com memes como “miss mandioca”. Outro caso emblemático de discurso confuso é o “dobrar a meta”, proferido durante o lançamento do programa Pronatec Jovem Aprendiz na Micro e Pequena Empresa:

“Não vamos colocar uma meta, deixaremos em aberto e, quando atingirmos ela, nós dobraremos a meta.” (Dilma, em discurso. 28/07/2015)

Figura 19: Dobra a meta, Dirceu!



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Novamente, dentre os memes coletados no período, há a menção a este discurso. Em ambos estes casos, há a tentativa de enquadrar em Dilma uma percepção de “burrice”. No primeiro caso, a partir de uma atitude “esdrúxula” (saudar um tubérculo) e no segundo, a partir de uma falha em concatenar ideias. De toda forma, se trata do mecanismo de anti-dominância proposto por Pinker (1997), onde a massa ri do poderoso, segura no anonimato da multidão. Ou, segundo Baudelaire, o riso vem do sentimento de superioridade rir da ex-presidente em um meme expondo-a ao ridículo é um resultado do orgulho de quem ri (*eu não sou corrupto, eu não divago sobre mandiocas, eu sei que estocar vento é uma ideia absurda, eu não falo “presidenta”*). Memes que abordam estes temas figuram entre os 3 mais compartilhados das páginas “Liberalismo da Zoeira” e “Anti-PT”, durante o período de Agosto de 2015.

7.2 Dezembro de 2015

Este foi um período mais “sisudo”, com um total de 89 memes coletados, sendo 37 deles considerados humorísticos (41,5%). Dos memes mais compartilhados, foram selecionados 21, sendo 9 considerados humorísticos (42,8%). Este período abarca a aceitação, em 2 de dezembro de 2015, pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, da denúncia por crime de responsabilidade oferecida pelo então procurador de justiça Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal, sendo assim formalmente iniciado o processo que culminou no impeachment de Dilma.

A tendência em deslegitimar o mandato de Dilma, insinuando que sua eleição, ainda em 2014, foi fraudulenta se mantém, como memes acusando a ex-presidente de ter sido “eleita com dinheiro roubado”. Também começam a surgir neste período discursos vinculando o impeachment como uma saída para melhora da economia (“Dólar cai com abertura de Impeachment”). Apesar da menor proporção de memes humorísticos em Dezembro de 2015, o processo de ridicularização de Dilma se mantém, com comparações entre ela e Bruna Surfistinha (notória ex-prostituta). O sexismo, ora velado como neste caso, ora mais explícito como em outros abordados seguir, é um dos principais eixos discursivos na construção de piadas cujo alvo é a ex-presidente.

O período também consta com memes direcionados a Eduardo Cunha, pedindo que ele aceite a requisição de impeachment e, em menor quantidade, com memes fazendo troça da famosa carta escrita pelo então vice-presidente Michel Temer, onde em um português rebuscado, com requintes de latim, ele declarava se afastar do governo do PT. Como é de se esperar, esta atitude “sofisticada” foi colocada em choque com a “ignorância” de Dilma, fomentando o riso e reforçando o estereótipo de “burra” que a direita conservadora procurava associar a ex-presidente.

Figura 20: Nunca antes na história deste país...



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

7.3 Março de 2016

Março teve um total de 73 memes coletados, sendo 25 deles considerados humorísticos (34,2%). Dos memes mais compartilhados, foram selecionados 26, sendo 11 considerados humorísticos (42,3%), este período representa o mês anterior a votação no plenário da Câmara dos Deputados federais, que ocorreu no dia 15 de Abril de 2016. Durante este período houve memes pressionando partidos tidos como “indecisos”, que se manteriam fiéis ao PT para “ganhar cargos e poder”. Uma estratégia governista anti-impeachment mirava sua ofensiva no comando de Temer no PMDB, atraindo com cargos quem desafiasse o vice-presidente e ficasse do lado de Dilma, ao mesmo tempo que procurava apoio de partidos médios e pequenos³⁸. Como afirma um meme do MBL, compartilhado por Kim Kataguri, “o partido que não romper com o PT” seria um “cúmplice de um projeto criminoso”. A ideia por trás destes memes seria a de criar um sentimento de pressão popular, que ameaçava os partidos indecisos no processo de Impeachment com não terem “voto esse ano”, se referindo as eleições municipais de 2016, a serem realizadas em Outubro.

38 - “Contra impeachment, Dilma negocia cargos com verbas de R\$ 38 bi” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2016).

Neste mês também há menções (ou melhor dizendo, reprimendas) a tentativa do PT em nomear Lula como ministro da Casa Civil, em uma tentativa de torná-lo, deste modo, inexpugnável perante a lei. “Dilma indicá-lo para um ministro” seria a “prova de que o Brasil precisava de que não há um governo, mas uma quadrilha comandando o país”. Como seria de se esperar, as diversas manobras do PT para contornar o processo de impeachment foram ridicularizadas, através por exemplo de uma charge alegando uma “oferta” de cargos para quem votasse contra o processo, ou ironizando o famoso bordão petista “não vai ter golpe”. Finalmente, em mais uma gafe durante um discurso no dia 11, Dilma acidentalmente afirmou: “eu me renuncio”. Isto inevitavelmente acarretou em chacotas e em críticas a sua inteligência.

Figura 21: Olha o cargo!



Figura 22: Isso é golpe

D **Eu Sou Direita**
27 March 2016 · 🌐

Like Page

Curta: Eu Sou Direita

Guilherme Albuquerque and 427 others 5 comments 508 shares

Like Comment Share

7.4 Abril de 2016

O fatídico (para o Partido dos Trabalhadores) mês de Abril de 2016 foi o período onde, no dia 15, ocorreu a sessão de votação para a admissão do processo de impeachment, no plenário da Câmara dos Deputados federais. Por 367 votos a favor e 137 contra, a câmara decidiu, depois de 34 horas de sessão, pelo encaminhamento do processo para votação no Senado Federal. Neste mês foi coletado um total de 83 memes, sendo 32 deles considerados humorísticos (38,5%). Dos memes mais compartilhados, foram selecionados 26, sendo 10 considerados humorísticos (38,4%).

No dia 16 de Março, portanto um mês antes da votação, foi divulgado à mídia um grampo telefônico autorizado pelo juiz Sérgio Moro de uma conversa entre Luiz Inácio da Lula Silva e Dilma Rousseff. No diálogo, Lula se referia à cidade de Curitiba, onde começou a Operação Lava Jato, como “República de Curitiba” e, ao finalizar a conversa se despedia de Dilma com um “Tchau, querida”. Esta expressão foi pronunciada por diversos deputados ao votarem a favor do processo de impeachment, e inevitavelmente chegou as redes sociais através de diversos memes comemorando o resultado da votação.

Os memes deste período podem ser separados em antes e depois da votação. Antes, existem as críticas e ironias às tentativas petistas em ganhar votos contra o Impeachment, como “pega esse ministério e muda de opinião” ou exaltações e expectativa quanto a votação: “tá chegando a hora!”. Após a votação, foram postados muitos memes comemorando, sendo o “tchau, querida” (e suas variações) bastante replicado.

Figura 23: Tchau, queridos



7.5 Maio de 2016

Maio conta com um total de 96 memes coletados, sendo 41 deles considerados humorísticos (42,7%). Dos memes mais compartilhados, foram selecionados 23, sendo 9 considerados humorísticos (39,1%). No dia 11 deste mês foi realizada a votação no Senado Federal que aprovou a abertura do processo de impeachment da presidente por 55 votos a favor e 22 contra. Assim, Dilma foi afastada por 180 dias e Michel Temer, até então vice-presidente, passou a ocupar interinamente o cargo de Presidente da República. Durante esse período, haveria o julgamento de Dilma.

Janaína Paschoal, jurista e uma das autoras do processo de impeachment, afirmou em 30 de Março que “impedimento sem crime é golpe”, mas que existiam crimes de responsabilidade que davam legitimidade ao processo de impedimento de Dilma. Esta noção de que existiam crimes que impugnavam o mandato de Dilma, muito embora a natureza destes crimes fosse nebulosa, pode ter direcionado a memesfera conservadora a procurar razões para o impeachment e associar Dilma a atos ilícitos, ligando ela a “roubos” e “rombos” bilionários. Dos memes mais compartilhados neste período, é notável a presença de memes ironizando ou acusando-a destes crimes. Por outro lado, este período parece contar com uma menor associação de Dilma com adjetivos como “burra” ou “incompetente”, talvez por que uma pessoa dita “burra” não seria capaz de orquestrar esquemas de desvios bilionários. O memepool deste período parece focado em associar Dilma a atos ilícitos, colocando em cheque sua ética pessoal, não sua capacidade intelectual: a ideia por trás destes memes é legitimar o impeachment, imputando em Dilma alguma contravenção, e “burrice” não é crime (ver figura 24).

Outro discurso presente neste período coloca a ascensão de Michel Temer a presidência como resultado de milhões de eleitores do PT, que afinal de contas, votaram nele como vice-presidente de Dilma Rousseff. Muitos eleitores petistas acusaram o impeachment de golpe, e por conseguinte, Michel Temer de golpista. Indivíduos conservadores, ironizando deste raciocínio, afirmam que os petistas querem “cancelar metade do [...] voto”, sempre frisando, através de imagens de Temer e Dilma, que quem votou nela, votou nele também (ver figura 25).

Figura 24: Rombo



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Figura 25: Alô, amiguinho



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

7.6 Agosto de 2016

O mês de Agosto de 2016 compreende o período onde ocorreu o julgamento de Dilma Rousseff no plenário do Senado, quando no dia 31, seu mandato foi oficialmente cassado. Com um total de 93 memes coletados, sendo 36 deles considerados humorísticos (38,7%). Dos memes mais compartilhados, foram selecionados 30, sendo 15 considerados humorísticos (50%).

Os memes deste período abordam uma antecipação e expectativa dos grupos e indivíduos conservadores a respeito do impeachment. Depois da votação favorável no Senado, a cassação do mandato de Dilma parecia ser apenas uma questão de tempo. Tentativas de imputar em Dilma alguma acusação ou definições negativas (“líder mais decepcionante do mundo”) persistem, procurando dissociar o impeachment do termo “golpe” (“deixa 9 milhões de pessoas desempregadas e se diz vítima de um ‘golpe’ ao ser retirada”). Ainda em torno do tema “desemprego”, piadas relacionando o índice de desemprego com a situação “desempregada” de Dilma surgem no dia 31 deste período (“bem-vinda ao grupo de 12 milhões de desempregados que seu governo criou”).

Por fim, retornam nesse período, piadas relacionando Dilma e “burrice”, graças a mais um de seus discursos confusos. Em Junho, Dilma comparou a democracia a uma árvore, e o golpe seria um machado. A má escolha de palavras faria com que, segundo um meme do Vem pra Rua Brasil, a “árvore” fosse “a criança que sempre teve um cachorro atrás”.

7.7 Setembro de 2016

Setembro teve um total de 44 memes coletados, sendo 15 deles considerados humorísticos (34%) e dos memes mais compartilhados, foram selecionados 18, sendo 6 considerados humorísticos (33,3%). Para a memesfera conservadora brasileira, foi um período de comemoração, tanto pelo impeachment quanto pelos resultados das pesquisas eleitorais do pleito de 2016: “parabéns Brasil! PT perde feio em 26 das 27 capitais”. Em outra instância, como se a ex-presidente tivesse uma espécie de “toque de Midas” ao contrário, o MBL afirma que graças ao apoio de Dilma, três candidatos a prefeito em capitais caíram nas pesquisas. Contudo, para além do espírito festivo, sobram as denúncias sobre irregularidades de Dilma, dando continuidade ao processo de legitimação do impeachment e dissociação do termo “golpe”.

Figura 26: Impeachment sem crime é golpe (não-humor)

The image is a composite of four panels. The top-left panel shows Dilma Rousseff speaking into a microphone with the text "“IMPEACHMENT SEM CRIME É GOLPE!”". The top-right panel is a screenshot of a Facebook post from "MBL - Movimento Brasil Livre" dated 15 September 2016, with the text "Né? Ajude o MBL: https://goo.gl/y9SXRp Acesse nossa loja: http://loja.mbl.org.br/". The middle-left panel shows a woman speaking with the text "DOCUMENTOS, PROVAS, TESTEMUNHAS, ATAS, ETC.". The middle-right panel shows a man speaking with the text "“NÃO HÁ PROVAS”". The bottom panel shows a man speaking with the text "270 ANEXOS COM EXTRATOS BANCÁRIOS, NOTAS FISCAIS, MENSAGENS DE TEXTO E EMAILS.".

Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

A associação de Dilma com Michel Temer continua sendo ironizada, com piadas como “meu ‘fora Temer’ foi não ter votado nele em 2014”, dando continuidade a deslegitimação do discurso principal da esquerda, a de que o impeachment foi um “golpe”. Segundo a direita conservadora, o impeachment nada mais seria do que um instrumento intrínseco a própria democracia, e se os petistas estão infelizes com Temer, não deveriam ter votado em Dilma em 2014. Em consonância com este posicionamento, o ministro Celso de Mello³⁹ afirmou:

“[...] o impeachment não pode ser reduzido a um mero golpe de estado porque o impeachment é um instrumento previsto na Constituição, que estabelece regras básicas. Se essas regras foram respeitadas, obviamente o impeachment não pode ser considerado um ato de arbítrio político e violência política.” (em entrevista em 26/03/2016)

39 - Em depoimento a ativista, Celso de Mello defende impeachment como instrumento legítimo (G1, 2016-1).

Figura 27: Se a senhora votou em si mesma...



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

A argumentação contrária, ou seja petista, pode ser resumida com a seguinte frase de Dilma, em discurso⁴⁰:

“Pode-se descrever um golpe de Estado com muitos nomes, mas ele sempre será o que é: a cultura da ilegalidade, atentado à democracia. Não importa se a arma do golpe é um fuzil, uma vingança ou a vontade de alguns de chegar mais rápido ao poder.” (Em discurso em 22/03/2016)

Para que o discurso conservador contornasse a argumentação governista de “atentado à democracia”, era necessária uma associação do público com um sentimento de “merecimento”. Dilma deveria ser associada a crimes fiscais, porém até mesmo simples furtos, provavelmente mais tangíveis ao cidadão comum que as “distantes” pedaladas, foram denunciadas pelo MBL:

⁴⁰ -Dilma diz que jamais renunciará e que impeachment sem crime é golpe (UOL, 2016).

Figura 28: De 2010 a 2016, mais de dois objetos sumiram por dia (não-humor)



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

7.8 Agosto de 2017

Os memes coletados no mês de Agosto de 2017, ou seja, aproximadamente um ano após o impeachment de Dilma Rousseff, servem como uma espécie de amostra de como a memesfera conservadora se portou findo o segundo processo de impedimento da Nova República brasileira, sendo portanto, uma espécie de período “controle”. Agosto de 2017 teve um total de apenas 19 memes contendo a imagem de Dilma coletados, sendo 6 deles considerados humorísticos (31,5%). Dos memes mais compartilhados, foram selecionados 18, sendo 6 considerados humorísticos (45,4%).

Neste período é notável a presença de imagens que trazem juntos Dilma e Temer, procurando associar o presidente mais impopular⁴¹ até então com o Partido dos Trabalhadores. Temer, segundo esta lógica, seria uma cria do petismo: “que chapa desastrosa estes petistas elegeram...”. No entanto, seria uma espécie de “mal necessário”, visto que também há exemplos de memes comemorando as vitórias e as melhoras sociais, econômicas e políticas que o impeachment teria trazido.

41 - Temer bate próprio recorde e é o presidente mais rejeitado da história (VEJA, 2018).

Figura 29: foi o fotógrafo

NESSA FOTO, O ÚNICO QUE NÃO USOU EMENDA PARLAMENTAR PARA CONSEGUIR APOIO NO CONGRESSO



FOI O FOTÓGRAFO.

MBL - Movimento Brasil Livre
Like This Page · 3 August 2017

Pois é.

<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/governo-lula-aumentou-emendas-parlamentares-em-550/n1597061894168.html>

[http://www.tribunapr.com.br/noticias/brasil/lula-libera-r-260-milhoes-para-conter-base-aliada/...](http://www.tribunapr.com.br/noticias/brasil/lula-libera-r-260-milhoes-para-conter-base-aliada/)
See more

6.3K
286 comments 3.8K shares

Like Comment Share

Most relevant

Manuel Barbosa Do Souto Quando vão dividir o bolo eles brigam, todos querem o maior pedaço!!!
Like Reply 1y

Marco Antonio Então... O Lula ta condenado (quase preso), a Dilma sofreu impeachment e o Temer? Aaah o Temer ta rindo a toa agora... E o MBL? Faz muito barulho contra os dois primeiros e passa a mão na cabeça do terceiro. Caraiio... Vocês já não postaram que corrupção é corrupção não importa de quem?
Like Reply 1y 13
6 replies

Margolf Neitzel O fotografo particular do Lula ja foi citado em algum inquerito, também não é limpo
Like Reply 1y

Fabio Thomazelli É surreal ver as

Write a comment...

Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Figura 30: um ano de impeachment (não-humor)

UM ANO DO IMPEACHMENT

- ✓ Fim do **projeto totalitário de poder;**
- ✓ Fim do **patrocínio a ditaduras;**
- ✓ PEC do **teto;**
- ✓ Queda de **juros e inflação;**
- ✓ **Reforma trabalhista;**
- ✓ Fim do **imposto sindical;**
- ✓ Fim do **bolsa-empresário;**
- ✓ **FGTS liberado;**
- ✓ Falência de **blogs petistas;**
- ✓ Reforma do **Ensino Médio;**
- ✓ Avanço de **privatizações;**
- ✓ CPI da **Lei Rouanet;**
- ✓ Corte de **fraudes em programas;**
- ✓ Avanço da **Lava Jato;**
- ✓ **Lula condenado.**

Kim Kataguiri
Like This Page · 31 August 2017

Sim, o impeachment trouxe MUITAS vitórias para o país. A principal delas, o fim do projeto totalitário de poder do PT com o Foro de São Paulo. Onde vocês acham que estaríamos neste momento com Dilma no poder e Maduro rodando a Assembleia Constituinte dele?

Quem vocês acham que estariam patrocinando a mais nova ditadura do mundo? O tamaraty pode não estar com a postura dura que preferiríamos hoje... See more

2K
167 comments 476 shares

Like Comment Share

Most relevant

Tanisio Rodrigues

TIVE 7 FILHOS. 4 MORRERAM DE FOME E 2 SUICIDARAM

NUNCA TRABALHEI NA VIDUA EY SHIPPEE FUI SUSTENTADO PELA ESPOSA BURGUESA COXINHA

MAS INVENTEI UMA TEORIA DE COMO CUIDAR DO MUNDO

MISMO NUNCA TENHO CUIDADO NEM DA MINHA CASA. - MARX

Like Reply 1y 1

Thiago Martinelli Kim já está ficando feio
Like Reply 1y 1

Fabiano Carvalho Só pra lembrar né?!

Write a comment...

Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Finalmente, como que evocando o mês de Agosto de 2015, este período conta com, dois anos depois, memes fazendo troça do estilo confuso de discursar de Dilma, deixando latente a assimilação comum entre Dilma e adjetivos como “burra”, “confusa”, “incapaz”.

Figura 31: ser pai é ser mãe

República de Curitiba
13 August 2017 · 🌐

👍 Like Page

Às vezes até bate um pouco de saudade da Dilma por essas pérolas, mas aí a gente lembra que ela destruiu o país.

Feliz dia dos pais! 😊

Ser Pai não é ser Mãe, porém ser Mãe não é ser Pai. Vamos parabenizar os Pais, pois não é dia das Mães, hoje é dia dos Pais e das Mães.

★
Parabéns em Dimês

👍 🤔 🙄 726

135 Comments 286 Shares

👍 Like 💬 Comment ➦ Share

Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

7.9 As Imagens de Dilma Rousseff

Como dito anteriormente, a velocidade inerente a comunicação na internet e o labor próprio ao trabalho manual característico da caricatura podem ser razões pela baixa quantidade de imagens caricaturais e charges coletadas. Das 226 ocorrências de humor coletadas neste trabalho, apenas 18 representam Dilma desenhada (seja de maneira tradicional ou digital) manualmente. A grande maioria das representações imagéticas de Dilma parte de alguma foto sua (ou *frame* de vídeo), que muitas vezes sofrem manipulações via algum *software* de edição de fotos (o mais famoso deles, o *Photoshop*). Isto, contudo, não significa que o conceito de caricatura não é aplicável nestes casos. Gawryszewski (2008) quando procura definir o que seria caricatura e o que seria charge, o faz baseando-se na imprensa comunista de 1945 a 1957 e anarquista de 1901 a 1927. Os tempos atuais dispõem de ferramentas para edição e criação de imagens que, se não mais poderosas que a pena, certamente mais versáteis. Sua definição de caricatura ideológica é, recapitulando:

[...] imagem de personagem política, podendo abranger também fato político envolvido na questão proposta na ilustração, com a agressividade como essência. O humor não é seu objetivo final, mas pode existir de forma irônica visando denunciar o caráter do retratado. (GAWRYSZEWSKI, 2008 – pg. 24).

Prestando atenção nos termos “personagem política”, “agressividade” e denúncia de “caráter”, é possível aplicar este mesmo conceito para memes como o exemplo número 32, ao lado.

Esta é uma retratação fotográfica de Dilma, que devido a manipulações via *software*, distorceu sua imagem e conduziu o leitor, via a agressividade da retratação, a uma “denúncia” do caráter de Dilma. A saturação das cores nesta imagem, principalmente dos tons vermelhos e amarelos, tornam a pele de Dilma avermelhada (evocando assim uma figura demoníaca) e com uma aparência suada, que traz a ideia de nervosismo. O realce das rugas e imperfeições da pele acentuam a imagem de “agressiva” da ex-presidente ao tornar mais evidente seu cenho. Ambos efeitos são facilmente aplicáveis no *software Photoshop* por exemplo, e todo este processo dificilmente tomaria mais que alguns minutos de um usuário médio de programas de edição de imagem. Este processo, somado ao passo inicial que foi a escolha deliberada de uma foto (ou *frame* de vídeo?) em que a ex-presidente não se mostra muito amigável, conduz o leitor a estereotipificação de Dilma, como uma presidente “bruta”, “feia”, “agressiva” ou até mesmo, “ignorante”. A adição de um texto sobreposto (que evoca o papel tradicional materno de cuidar e ninar) em choque com esta imagem negativa (que evoca uma “não-mãe” ou uma “não-mulher”) é o suficiente para provocar o riso naqueles indivíduos conservadores que carregam as informações necessárias para a decodificação desta piada. Para estes, “toda mulher é carinhosa”

Figura 32: boa noite, tenha bons sonhos.

 **Partido Anti-PT** shared a photo. ⋮
22 August 2015 · 🌐

Boa noite e tenham bons sonhos. Dilmãe ama todos vocês!
kkkkkkkkkkkkkkkk Postando e mijando de rir aqui. kkkkkkkkkkkkkkk



BOA NOITE

TENHA BONS SONHOS

Partido Anti-PT is with José Aparecido Romualdo. 👍 Like Page
1 June 2015 · 🌐

Vocês perceberam que a presidANTA deixou de usar roupa vermelha?

Só aumenta a rejeição ao partido corruPTo, principalmente entre os jovens. A presidANTA mentirosa e incomPTente tenta se desvincular do partido com o objetivo de diminuir a sua rejeição que só aumenta a cada dia. Esse deve ser o motivo dela não estar usando roupa vermelha.

Mas acredito que as meias e as peças íntimas que ela usa são de cores vermelhas com a estrelinha... Que opinam?

DICA: Editores de fotos devem alterar a cor da roupa dela de vermelho para associá-la mais ao partido corruPTo

👍 1.1K 320 Comments

👍 Like 💬 Comment ➦ Share 📷

entra em conflito com a imagem pouco feminina de Dilma que, longe de carinhosa, se apresenta mais como um “diabo”. Este processo, em maior ou menor grau, se encontra em abundância nos memes coletados, incluindo aqueles que não visam o humor.

Figura 33: urgente! (não-humor)



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

No caso acima, uma simples chamada sem a finalidade de fazer rir, mais uma vez as imperfeições no rosto de Dilma foram levemente acentuadas (provavelmente utilizando a ferramenta *Smart Sharpen* do *Photoshop*, ou algo similar) e houve a escolha deliberada de uma imagem da ex-presidente pouco vantajosa a sua imagem. A cabeça inclinada para frente e para o lado indica “subserviência” ou “vacilação” e a boca meio aberta sugere uma natureza beócia, ignorante. Em ambos os casos existem mecanismos de comunicação ideológica e difamação de figuras poderosas que em muito remetem as caricaturas de outrora. A diferença principal talvez resida na praticidade e velocidade que este processo moderno traz, permitindo que um mesmo grupo possa postar diversas vezes ao dia, em curtos períodos de tempo.

Outras formas de manipulação de imagem também são comuns entre os memes coletados, como por exemplo, recortes simples. O exemplo a seguir denuncia, de forma irônica, o caráter dos retratados através da zoomorfia. A mensagem que se passa é de que “a argumentação ‘petista’ contra o impeachment é rasa, sem fundamentos e não passa de uma repetição *ad-nauseam* da palavra ‘golpe’”.

Figura 34: é golpe, é golpe.



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Como dito anteriormente, um mesmo meme quando replicado, pode sofrer variações que acarretam diferenças entre uma geração e outra, mantendo uma essência da geração anterior. Essa essência em comum pode ser uma foto, o Mecanismo Lógico, Situação, Alvo ou Estratégia Narrativa (ATTARDO & RASKIN 1991). Também pode ser um filtro ou uma montagem específica, um personagem, enfim: algo deve remeter a geração anterior de forma que seja percebida ancestralidade, e é possível observar este fenômeno entre os memes coletados, como por exemplo:

Figura 35: motivos estéticos



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Figura 36: mulheres do grelo duro



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Observe que dois elementos conferem a estes memes algum grau de parentesco, neste caso em específico: o *grid*, ou a maneira como as fotos foram dispostas (em 9 quadrados menores dentro de um quadrado maior) e o fato de ser uma piada acusando a esquerda em geral de sofrer de uma carência estética (Oposição de Textos – feio/belo). Entre a postagem destes dois memes foram transcorridos apenas três dias.

A teoria de Pinker (1997) de mudanças no referencial do texto da piada para resolução de conflitos também pode ser aplicável, ao colocar um referencial de ideal feminino (“beleza”, “candice”) em choque com a realidade (ainda que uma realidade levemente distorcida pelos mecanismos vistos acima, que visam acentuar a “feitura” dos Alvos da piada). A “candice” feminina arquitetada pelo ideal conservador, resumida pelo famoso bordão⁴² “bela, recatada e do lar”, se choca com mulheres que fogem deste idealismo e que portam um “grelo duro”, praticamente um símbolo fálico. O indivíduo conservador que produz e compartilha os memes coletados em geral crê que a imagem da mulher é ligado a este feminino ideal, e corriqueiramente utiliza comparações e choques entre este ideal e a imagem de mulheres que fogem dele, como maneira de degradar a imagem de políticas, pensadoras, ativistas e mulheres pertencentes a esquerda em geral. Resolve-se a incongruidade de uma mulher ser “feia” mudando o referencial de uma mulher “normal” para uma mulher de “esquerda”, produzindo assim o riso. Um dos grupos pesquisados, intitulado Socialista de Iphone, é notório em fazer caricaturas de feministas e mulheres de esquerda em geral, exatamente da maneira descrita acima, reproduzindo o estereótipo da “feminista” “gorda” com “pelos no sovaco”

42 - Associada a esposa de Michel Temer, Marcela Temer. “A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice” (VEJA, 2016).

Figura 37: selfie com japonês da Federal & Figura 38: desonestidade intelectual



Figura 39: golpe no bom gosto



Todos disponíveis em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Este choque entre o ideal feminino de beleza e uma Dilma “masculinizada”, “feia”, “mentirosa” e “incompetente” persiste em diversos outros memes coletados, tornando evidente uma aversão conservadora a mulheres que aparentemente adotam posturas tradicionalmente masculinas, como um comportamento assertivo, controlador, direto e agêntico. Às mulheres é esperado um comportamento comunal, que visa a resolução de problemas através da resolução de divergências e na manutenção do bem-estar geral que, por sua vez, é não condizente com a atitude tradicional que se espera de alguém em um papel de liderança (EAGLY & KARAU, 2002). O exemplo abaixo é emblemático ao colocar a imagem de Dilma, caricaturada de forma a torná-la sombria e ameaçadora, em conflito com o ideal de beleza da ex-primeira dama Marcela Temer (“bela, recatada e do lar”):

Figura 40: qual saudação você prefere?



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Desta forma, acusar Dilma de carecer de qualidades femininas (“beleza” ou “ternura”) é acusá-la de possuir (ou melhor, de emular) comportamentos masculinos de uma forma falsa. Dilma é julgada negativamente na posição de liderança por abandonar as suas expectativas de gênero e por assumir as expectativas do outro gênero. Essa é a base da ideia de incongruência de papéis, pois o papel de gênero da mulher não se encaixa no protótipo de liderança (EAGLY & KARAU, 2002). O indivíduo conservador percebe a perda de privilégios (no caso, o privilégio masculino em papéis de liderança) e reage denunciando e depreciando o papel de mulheres líderes, minimizando as suas atuações de muitas formas, dentre elas, através da ridicularização.

Como dito (ROBIN, 2011. BOBBIO, 1996), a característica que define por essência o pensamento conservador e todas as suas vertentes é uma aversão a diminuição das desigualdades e a constante procura por mantê-las intactas. A manutenção do patriarcado é um exemplo deste anseio

pela desigualdade, e muitos são os exemplos de memes coletados que visam ridicularizar a mulher Dilma em seu papel de liderança nacional. Outros exemplos desta característica do pensamento conservador são os ataques ao processo democrático pós-1985, ou melhor, elogios, relevações e menções ao governo autoritário militar de 64-85, que encarcerou Dilma Rousseff em 1970 e Lula em 1980.

Figura 41: o período militar



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

O indivíduo conservador que anseia por um regime autoritário, despreza a democracia e a ascensão social de indivíduos provenientes de camadas populares e grupos minoritários. Para estes, as arbitrariedades da justiça autoritária são justificáveis, a sua finalidade era manter a ordem vigente a todo custo. A “distensão” *lenta, gradual e segura*, que assegurou a permanência da elite brasileira no poder durante o processo de redemocratização do Brasil, garantindo que o poder saísse das mãos dos generais para as mãos da burguesia latifundiária, conseguiu evitar a ascensão de uma esquerda radical no seio político brasileiro. Contudo, velhos inimigos do regime militar (notoriamente guerrilheiros urbanos de várias vertentes da esquerda) que sobreviveram aos embates, tortura e cárcere, conseguiram ascender ao poder quando o Partido dos Trabalhadores, se tornando menos radical e mais conciliador, elegeu Luís Inácio Lula da Silva como Presidente da República em 2002.

Dilma é, provavelmente, o melhor exemplo deste fenômeno. Outrora guerrilheira do Comando de Libertação Nacional (COLINA) e, mais tarde, no VAR-Palmarenses, Dilma foi presa em Janeiro de 1970 e, segundo ela, submetida a 22 dias de torturas e seis anos de prisão. Já em 2002, ela se torna Ministra de Minas e Energia do governo Lula e em 2005, Ministra da Casa Civil, sendo a primeira mulher a exercer tal cargo. Em 2010 vence o pleito presidencial e se torna a primeira presidenta da história do Brasil, substituindo Lula e perpetrando a permanência do PT no poder federal.

Durante o processo de impeachment, setores conservadores se empenharam em produzir e compartilhar memes que revelassem o passado guerrilheiro “violento” de Dilma (muitas vezes em contraste com o papel feminino comunal, como visto ao lado), ao mesmo tempo em que as torturas e arbitrariedades sofridas por ela eram relevadas.

Figura 42: se ela foi torturada (não-humor)



Figura 43: Nunca reconheci estes 2 terroristas como presidentes do Brasil (não-humor)



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Esta foto em específico de Dilma, tirada na ocasião de sua prisão para fichagem, aparece em abundância dentre os memes coletados. Sem o intuito do humor, os memes que carregam esta foto aparecem em tom de denúncia, revelando o suposto passado “terrorista” de Dilma, que teria inclusive explodido carros-bomba (o que se trata de uma informação falsa).

Figura 44: foto do carro-bomba (não-humor)



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

7.10 Gráficos e Tabelas de Compartilhamento dos Memes Coletados

Tabela 1 – Ocorrências de humor e média de compartilhamentos por página e por período

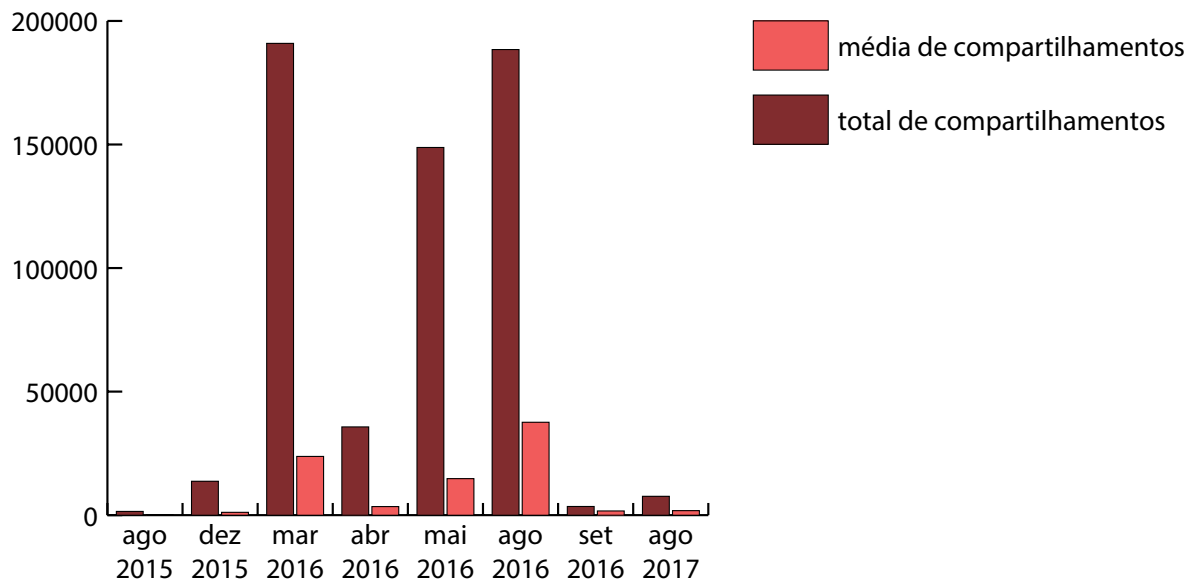
MBL - HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	1627	6	271
dez 2015	13823	11	1257
mar 2016	190900	8	23863
abr 2016	35802	10	3580
mai 2016	148800	10	14880
ago 2016	188400	5	37680
set 2016	3622	2	1811
ago 2017	7738	4	1935

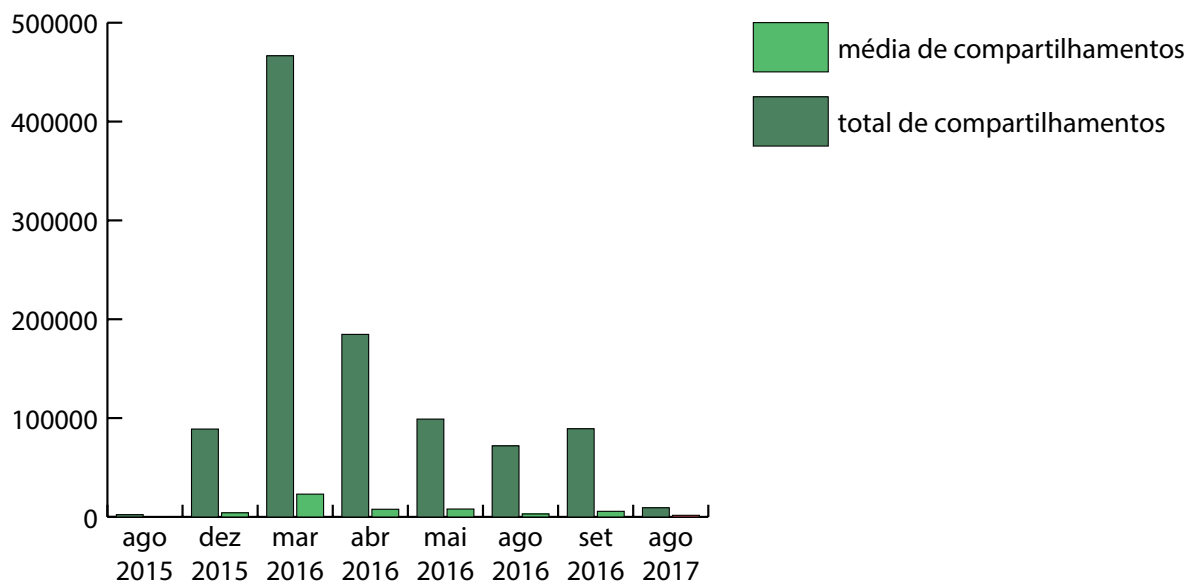
MBL - NÃO HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	2564	4	641
dez 2015	89124	20	4456
mar 2016	466500	20	23325
abr 2016	184836	23	8036
mai 2016	99200	12	8267
ago 2016	72129	22	3279
set 2016	89402	15	5960
ago 2017	9539	5	1908

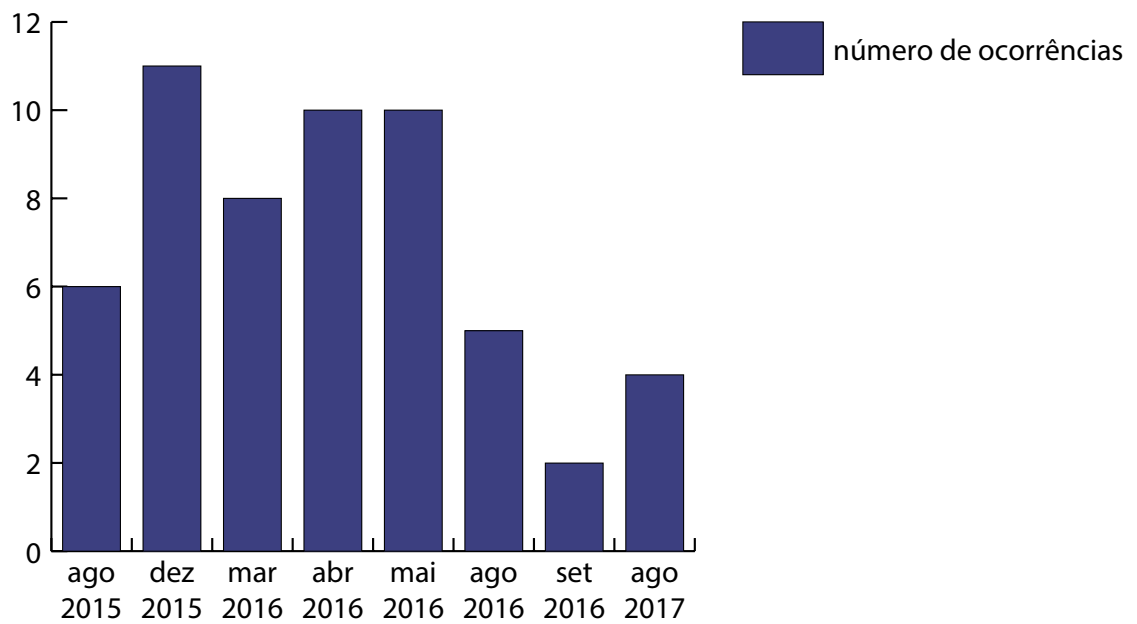
MBL - HUMOR



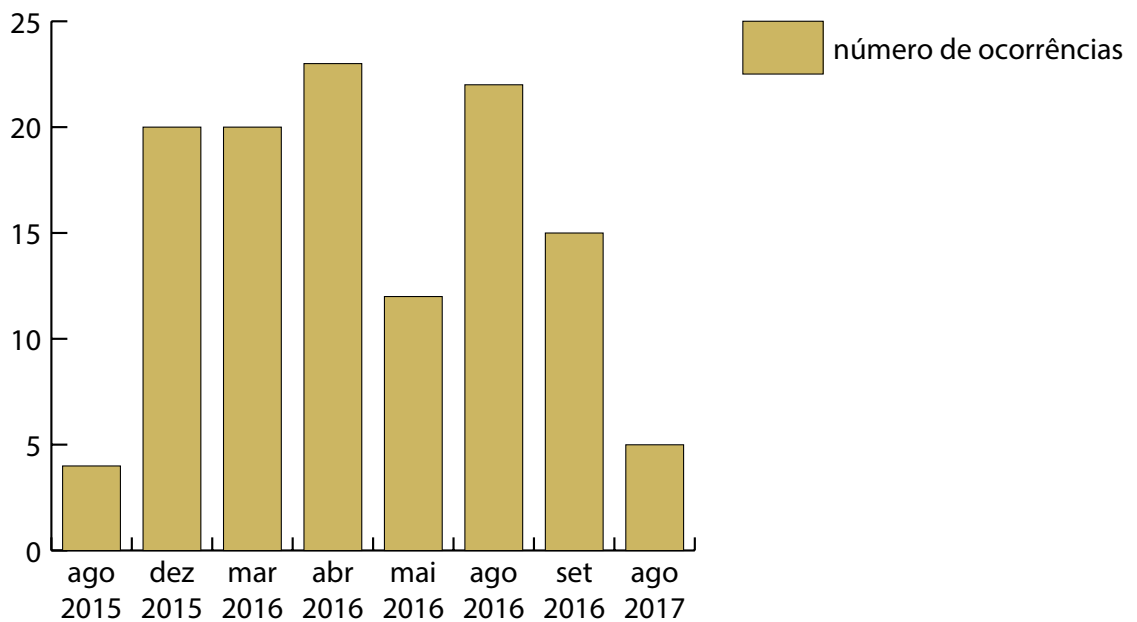
MBL - NÃO HUMOR



MBL - OCORRÊNCIAS DE HUMOR



MBL - OCORRÊNCIAS NÃO HUMOR



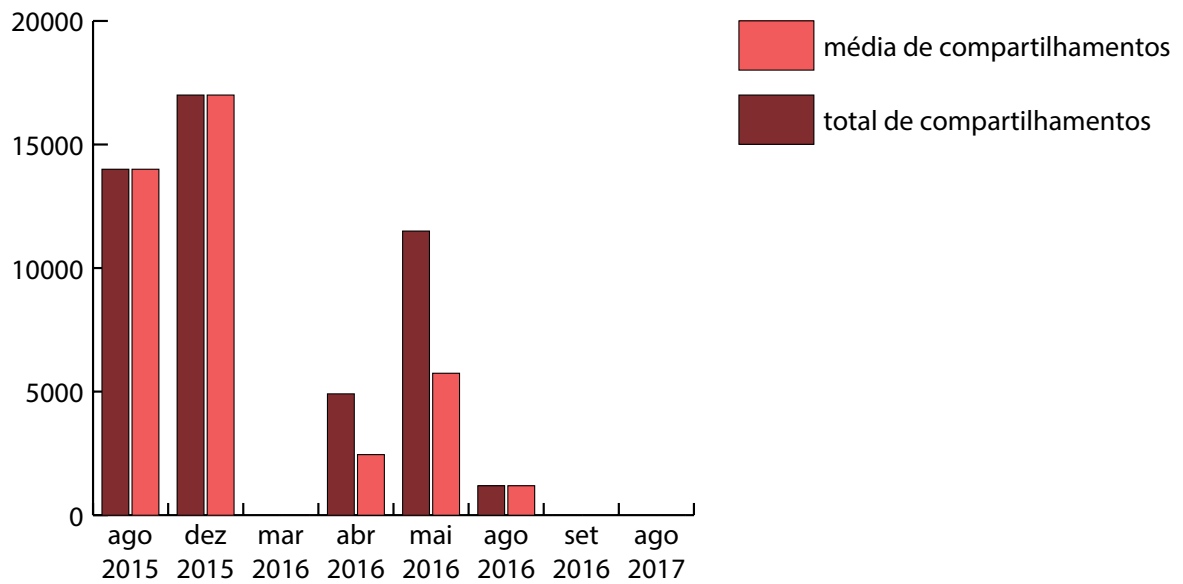
VEM PRA RUA - HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	14000	1	14000
dez 2015	17000	1	17000
mar 2016	0	0	0
abr 2016	4917	2	2459
mai 2016	11500	2	5750
ago 2016	1200	1	1200
set 2016	0	0	0
ago 2017	0	0	0

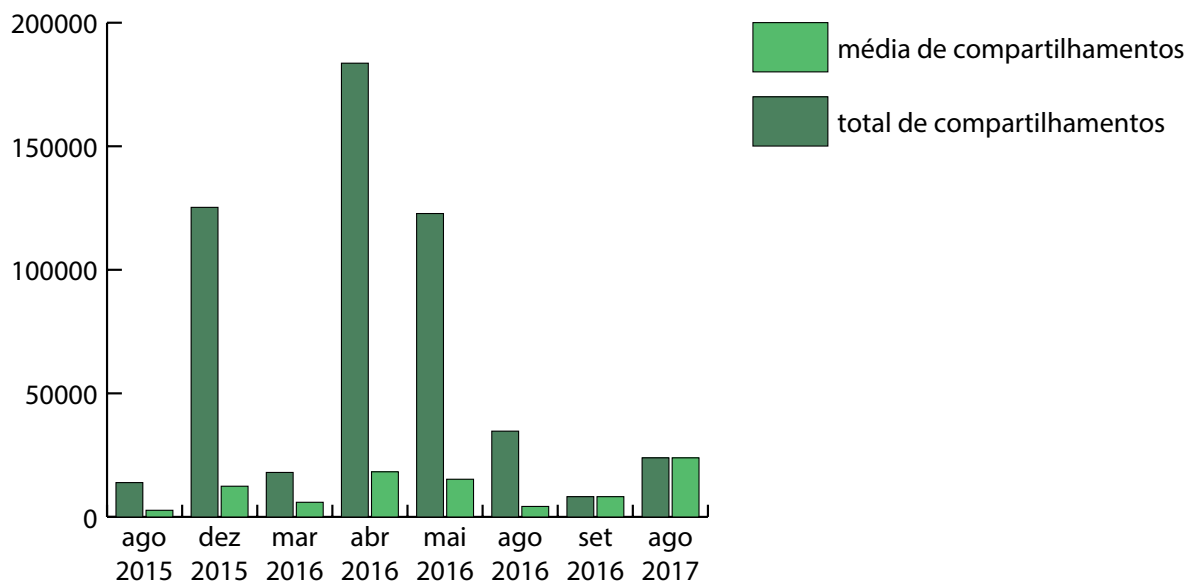
VEM PRA RUA - NÃO HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	13988	5	2798
dez 2015	125300	10	12530
mar 2016	18100	3	6033
abr 2016	183600	10	18360
mai 2016	122800	8	15350
ago 2016	34800	8	4350
set 2016	8300	1	8300
ago 2017	24000	1	24000

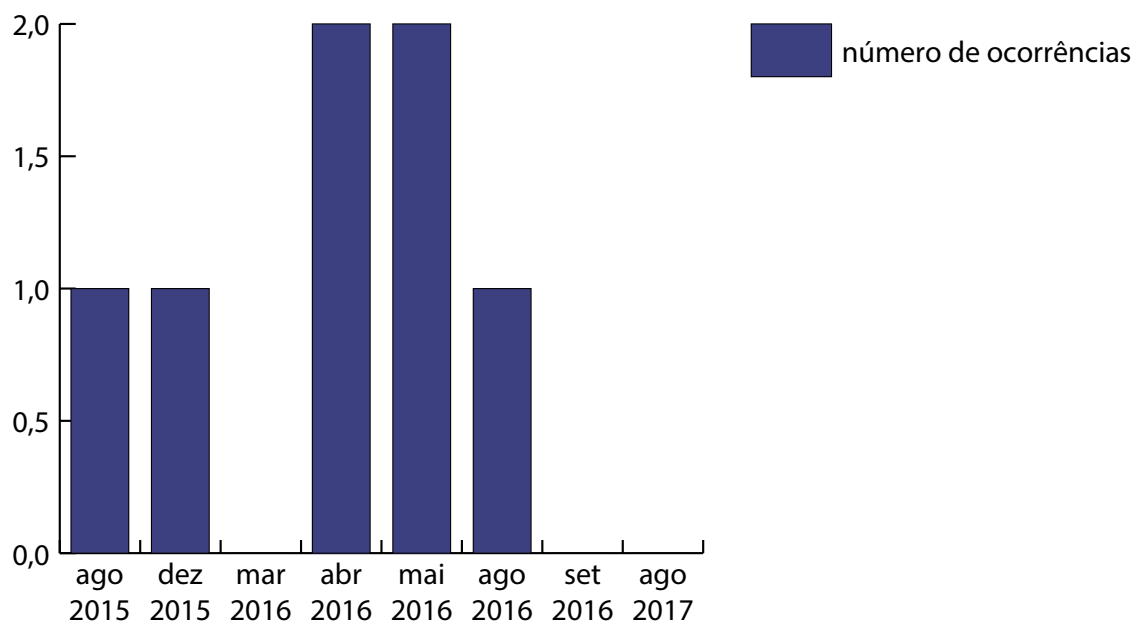
VEM PRA RUA - HUMOR



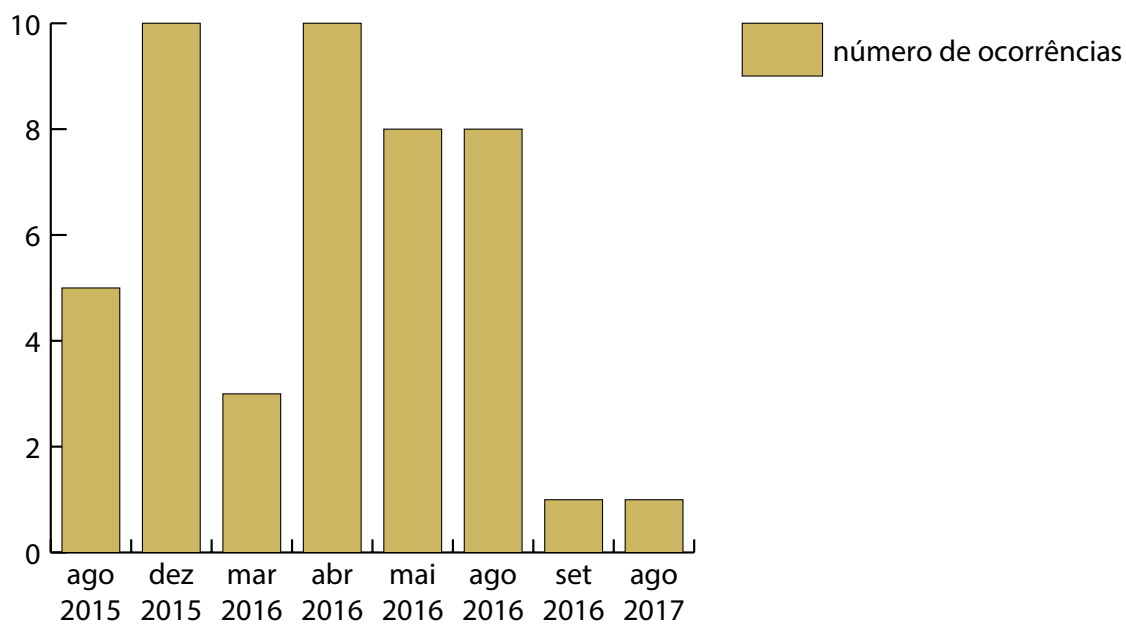
VEM PRA RUA - NÃO HUMOR



DEMORA NA RUA - OCORRÊNCIAS DE HUMOR



DEMORA NA RUA - OCORRÊNCIAS NÃO HUMOR



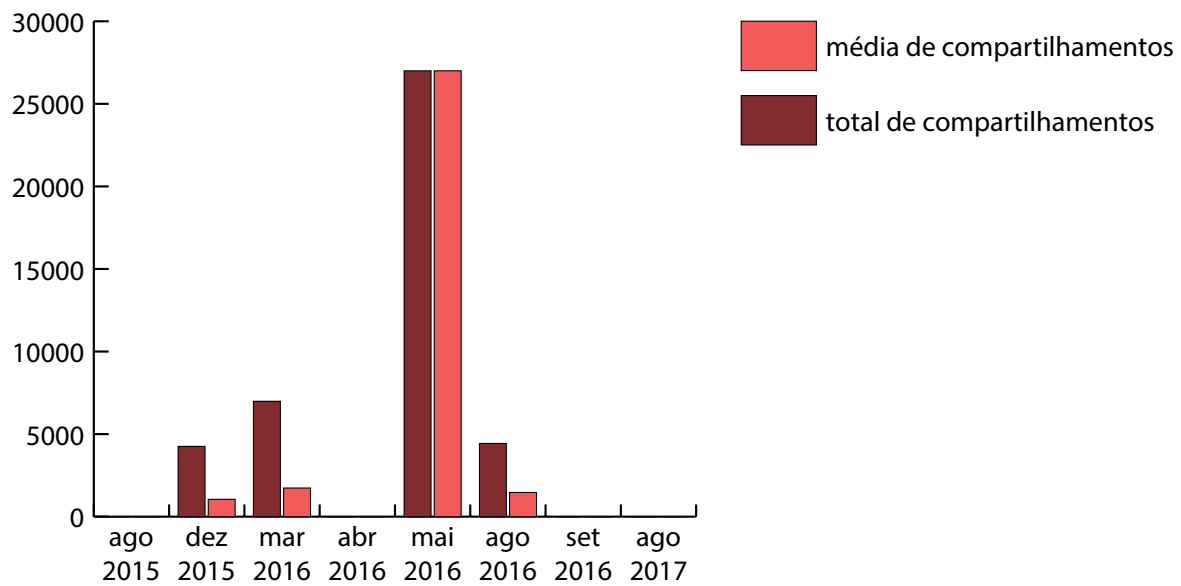
SOCIALISTA DE IPHONE - HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	0	0	0
dez 2015	4271	4	1068
mar 2016	7000	4	1750
abr 2016	0	0	0
mai 2016	27000	1	27000
ago 2016	4447	3	1482
set 2016	0	0	0
ago 2017	0	0	0

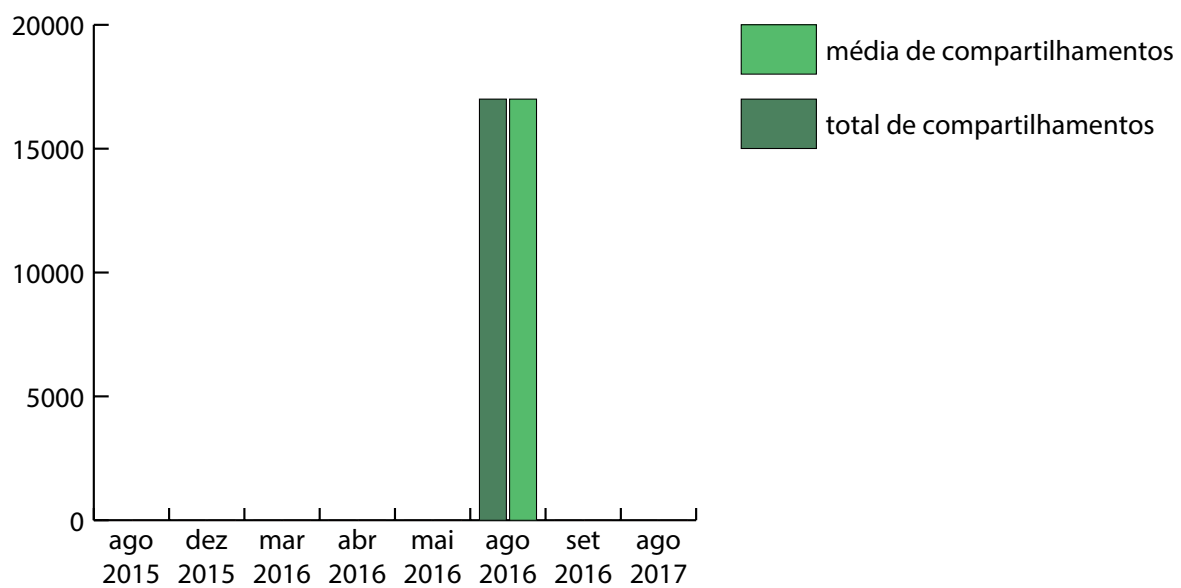
SOCIALISTA DE IPHONE - NÃO HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	0	0	0
dez 2015	12000	1	12000
mar 2016	0	0	0
abr 2016	0	0	0
mai 2016	0	0	0
ago 2016	17000	1	17000
set 2016	0	0	0
ago 2017	0	0	0

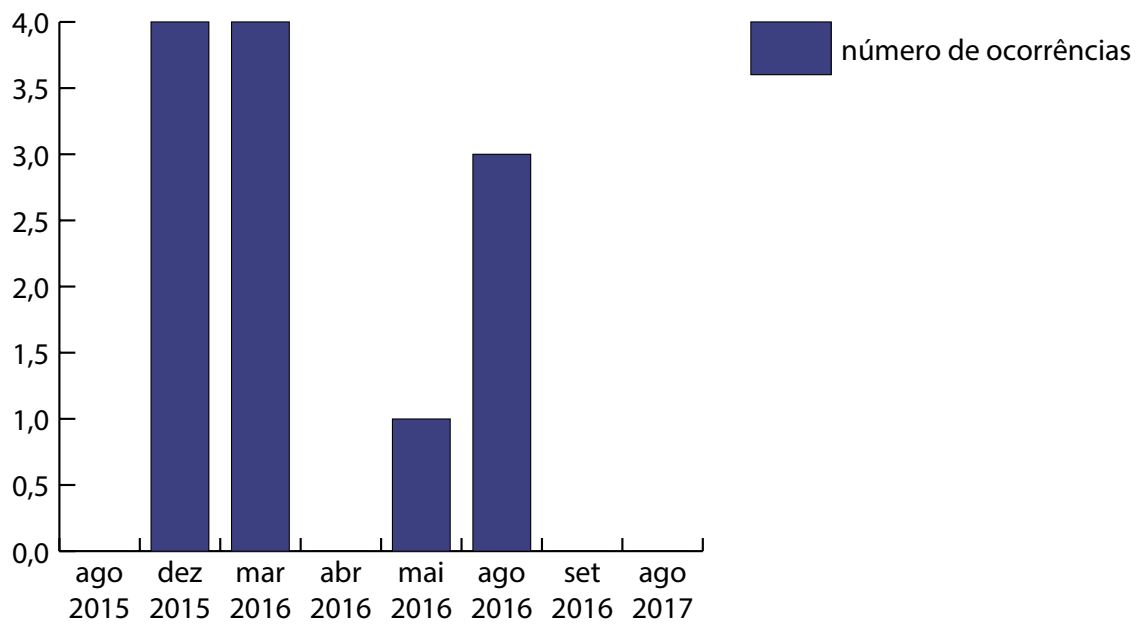
SOCIALISTA DE IPHONE - HUMOR



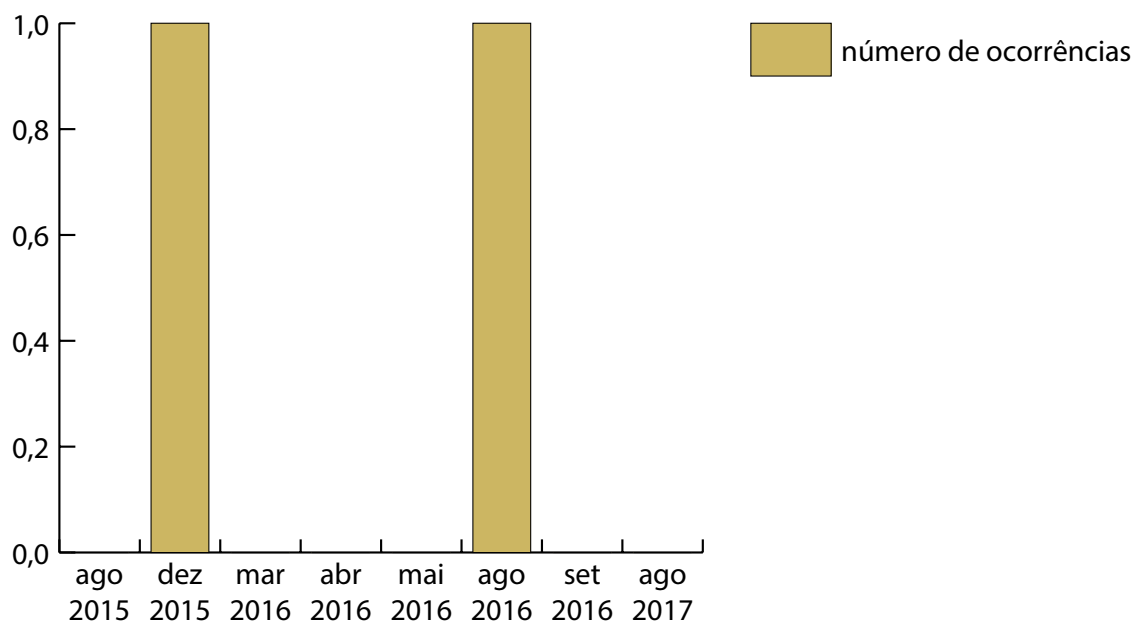
SOCIALISTA DE IPHONE - NÃO HUMOR



SOC. DE IPHONE - OCORRÊNCIAS DE HUMOR



SOC. DE IPHONE - OCORRÊNCIAS NÃO HUMOR



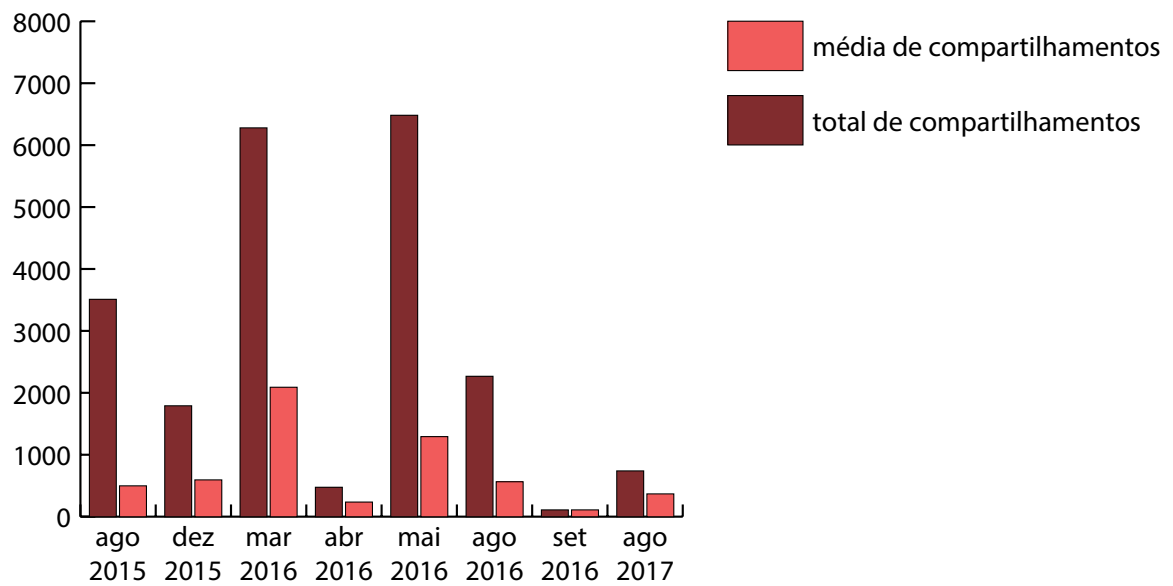
KIM KATAGUIRI - HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	3512	7	502
dez 2015	1794	3	598
mar 2016	6279	3	2093
abr 2016	479	2	240
mai 2016	6482	5	1296
ago 2016	2270	4	568
set 2016	114	1	114
ago 2017	743	2	372

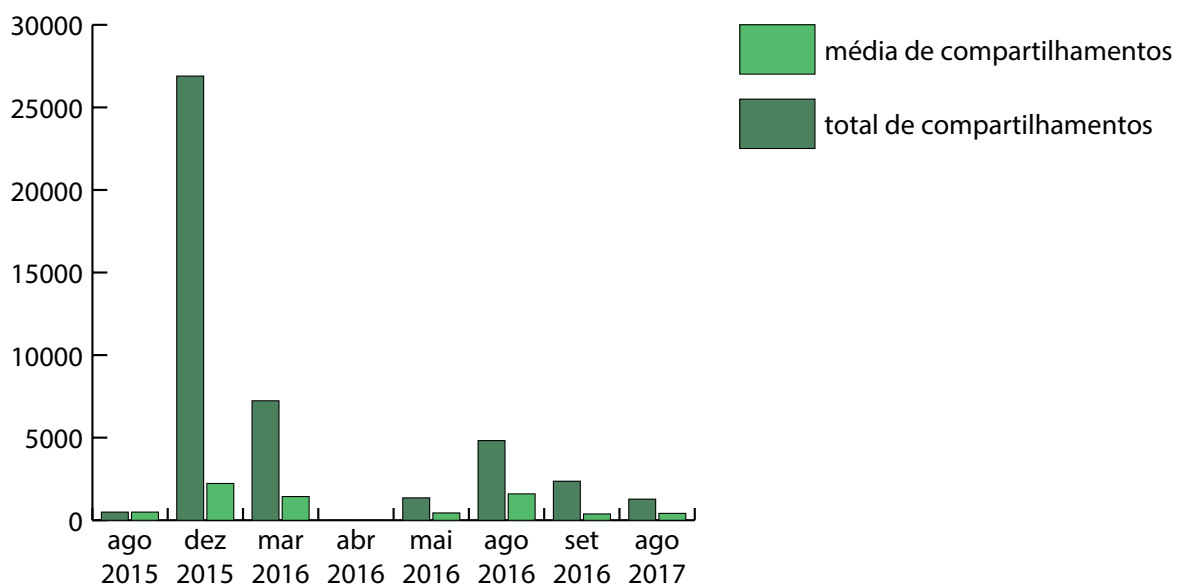
KIM KATAGUIRI - NÃO HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	508	1	508
dez 2015	26894	12	2241
mar 2016	7245	5	1449
abr 2016	0	0	0
mai 2016	1371	3	457
ago 2016	4833	3	1611
set 2016	2377	6	396
ago 2017	1292	3	431

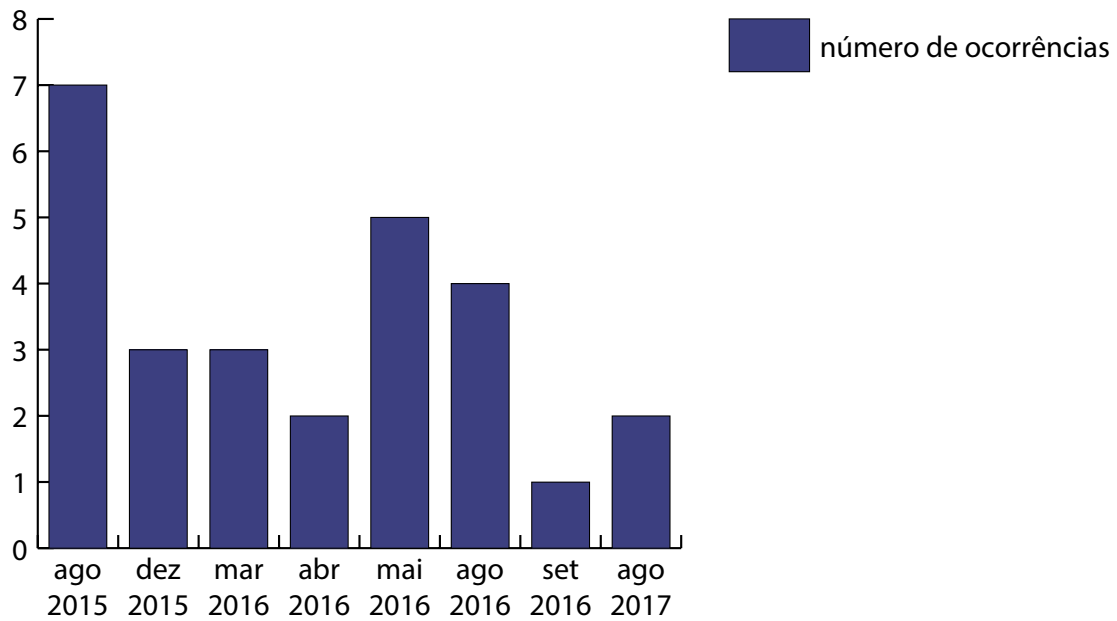
KIM KATAGUIRI - HUMOR



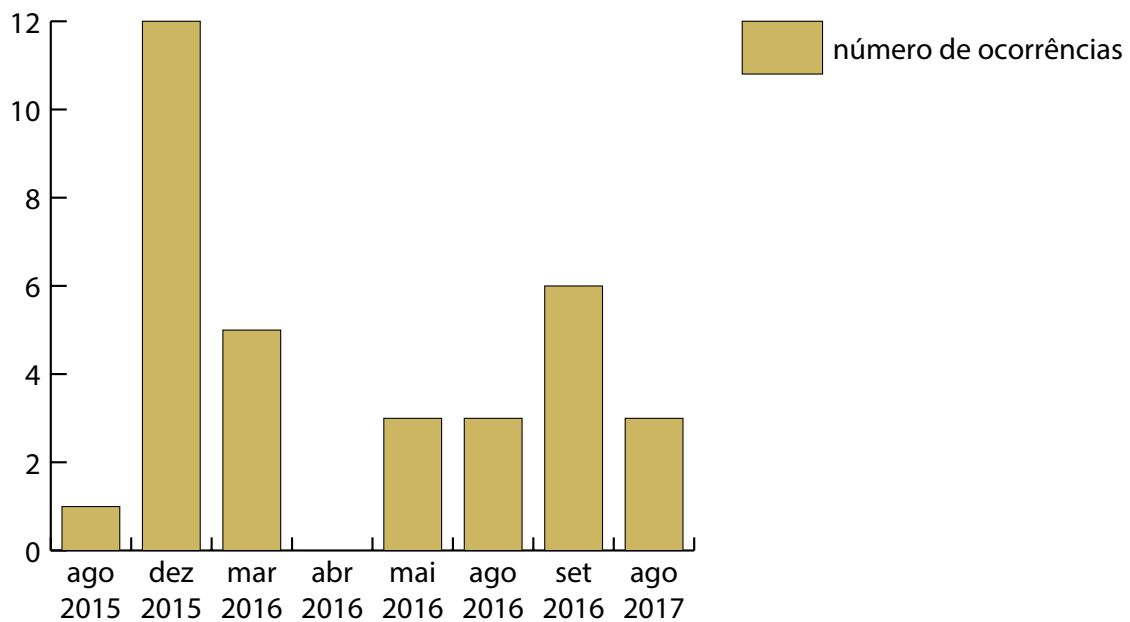
KIM KATAGUIRI - NÃO HUMOR



KIM KATAGUIRI - OCORRÊNCIAS DE HUMOR



KIM KATAGUIRI - OCORRÊNCIAS NÃO HUMOR



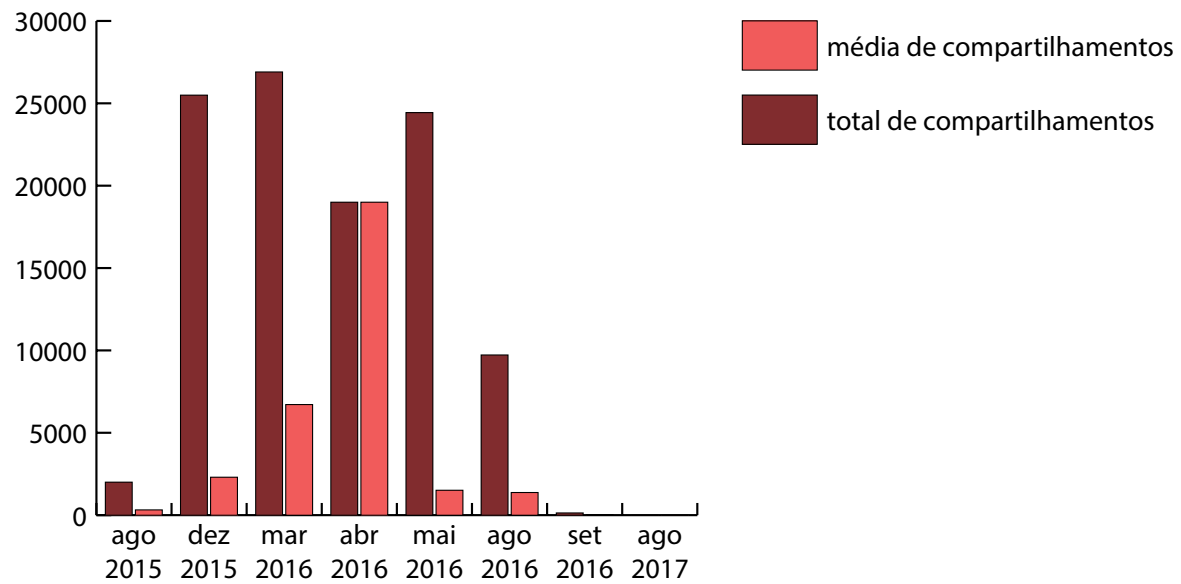
ANTI-PT - HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	2018	6	336
dez 2015	25494	11	2318
mar 2016	26900	4	6725
abr 2016	19000	1	19000
mai 2016	24434	16	1527
ago 2016	9733	7	1390
set 2016	151	4	38
ago 2017	0	0	0

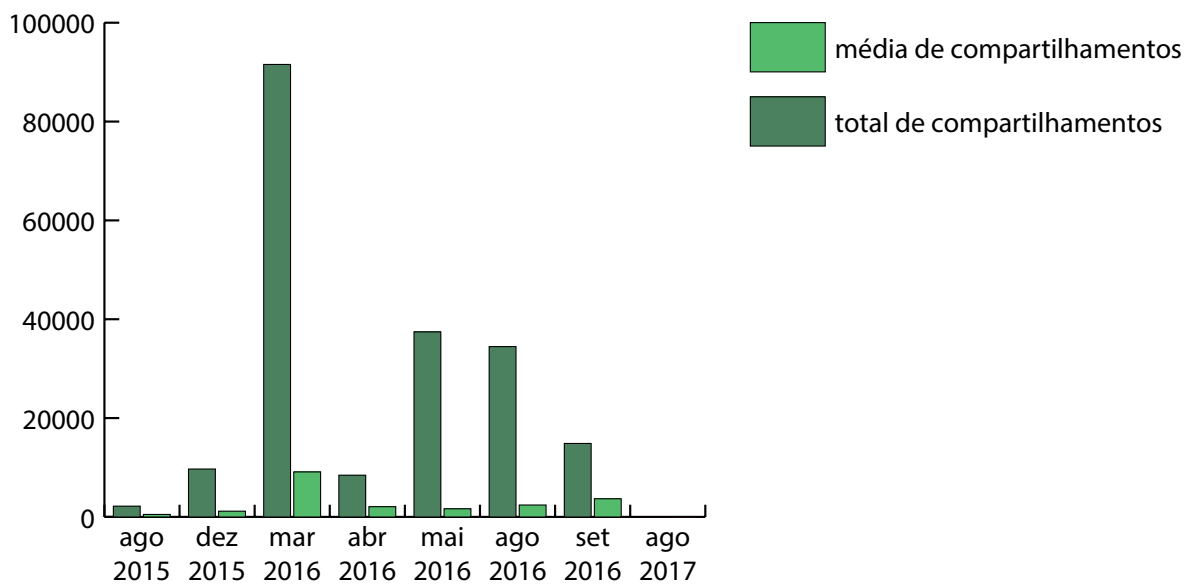
ANTI-PT - NÃO HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	2232	4	558
dez 2015	9741	8	1218
mar 2016	91543	10	9154
abr 2016	8495	4	2124
mai 2016	37466	22	1703
ago 2016	34493	14	2464
set 2016	14911	4	3728
ago 2017	0	0	0

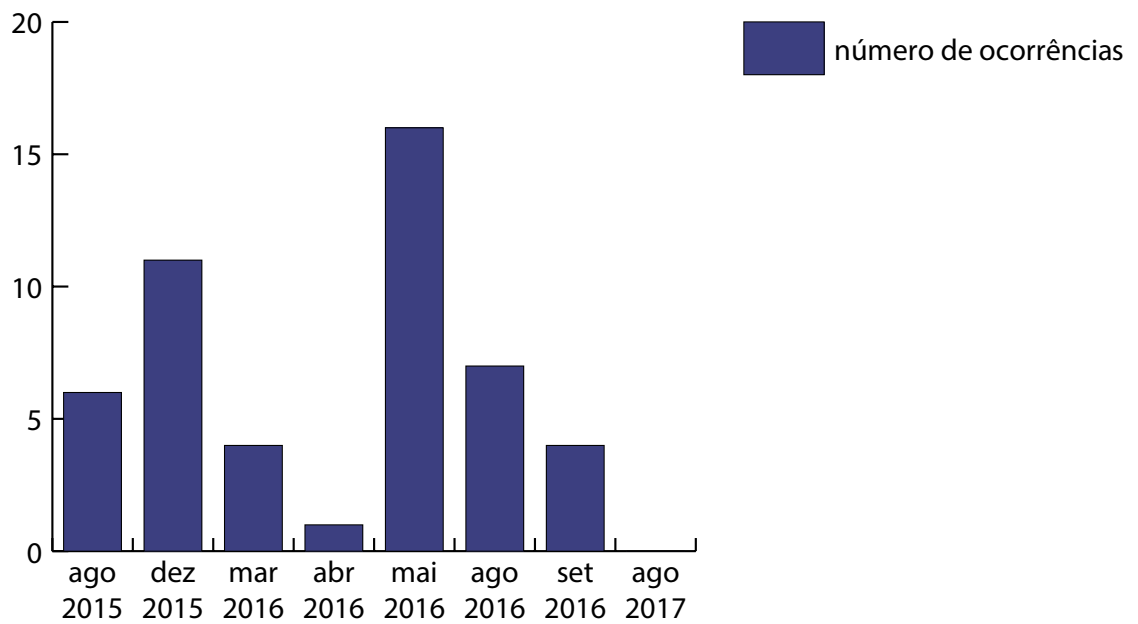
ANTI-PT - HUMOR



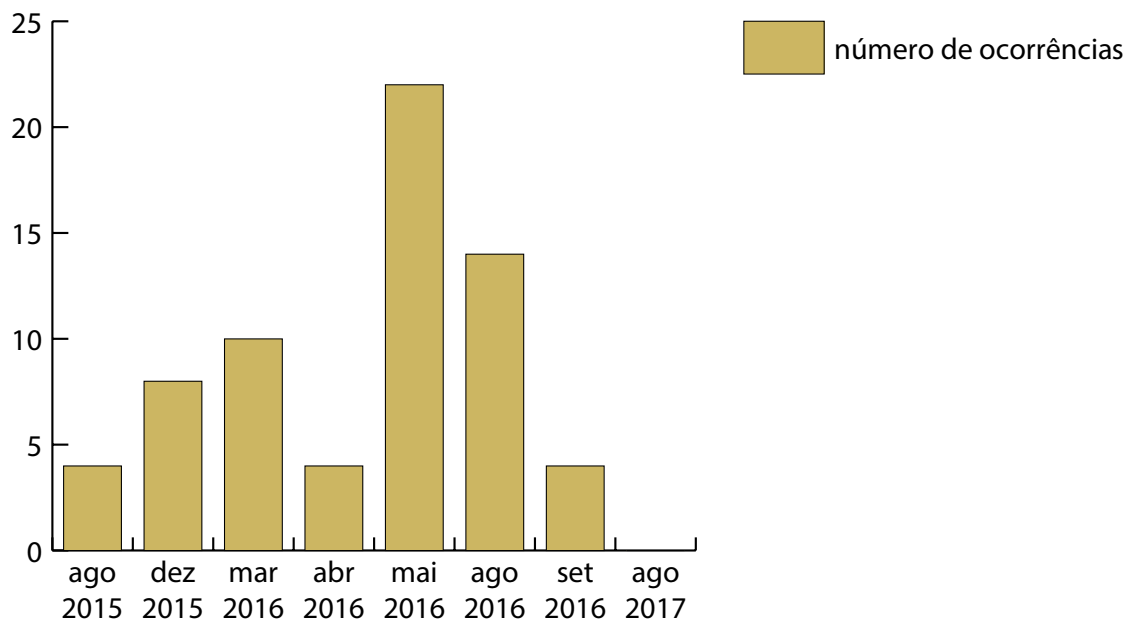
ANTI-PT - NÃO HUMOR



ANTI-PT - OCORRÊNCIAS DE HUMOR



ANTI-PT - OCORRÊNCIAS NÃO HUMOR



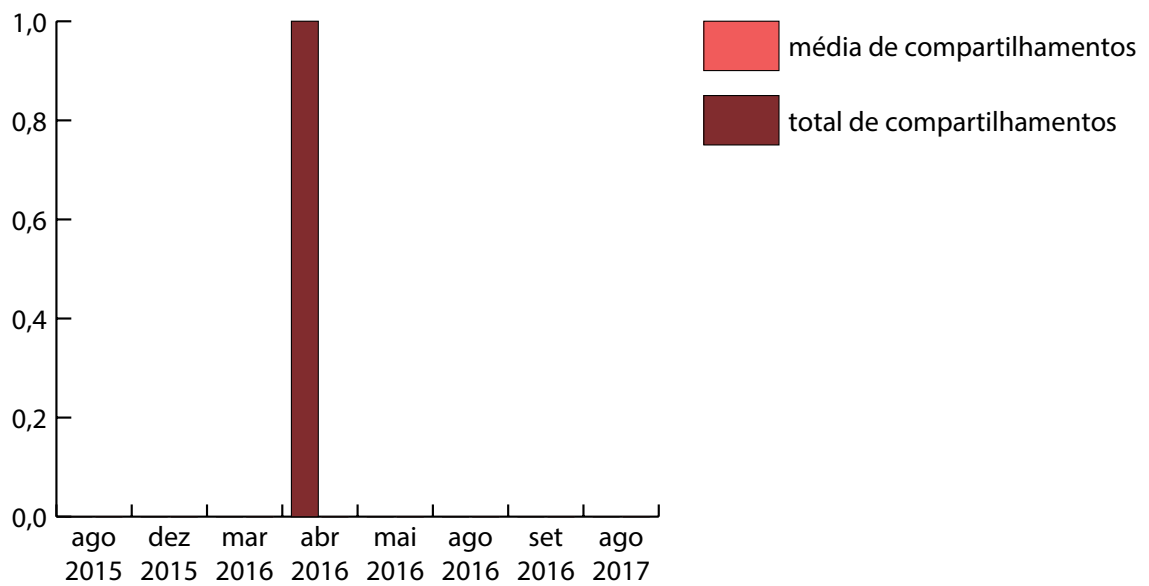
SÉRGIO MORO (NÃO OFICIAL) - HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	0	0	0
dez 2015	0	0	0
mar 2016	0	0	0
abr 2016	1	3	0
mai 2016	0	0	0
ago 2016	0	1	0
set 2016	0	0	0
ago 2017	0	0	0

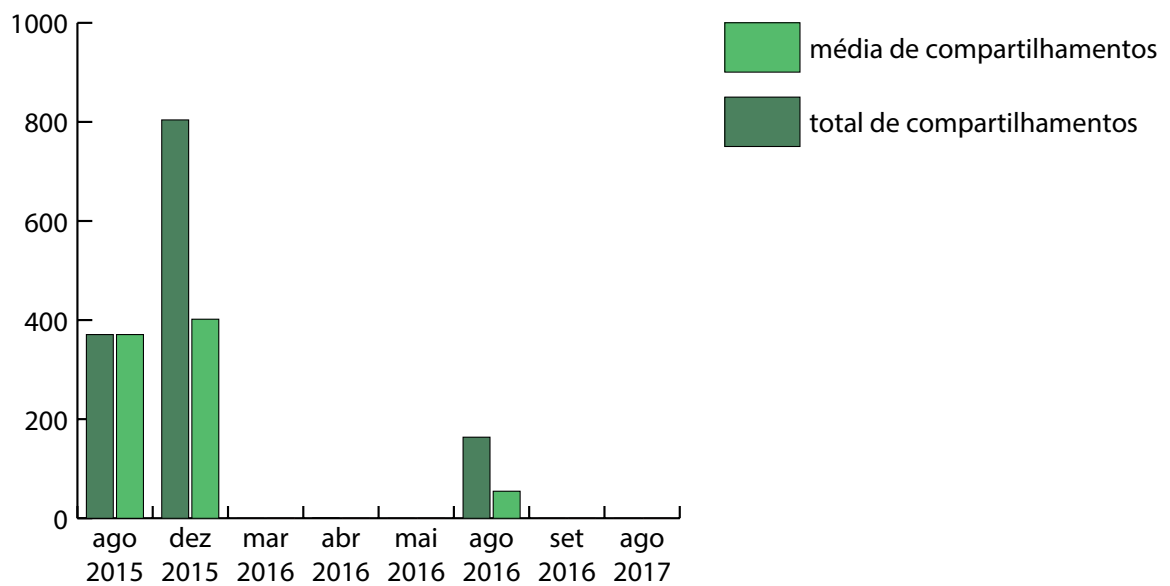
S. MORO (NÃO OFICIAL) - NÃO HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	371	1	371
dez 2015	804	2	402
mar 2016	0	0	0
abr 2016	1	5	0
mai 2016	0	0	0
ago 2016	164	3	55
set 2016	0	0	0
ago 2017	0	0	0

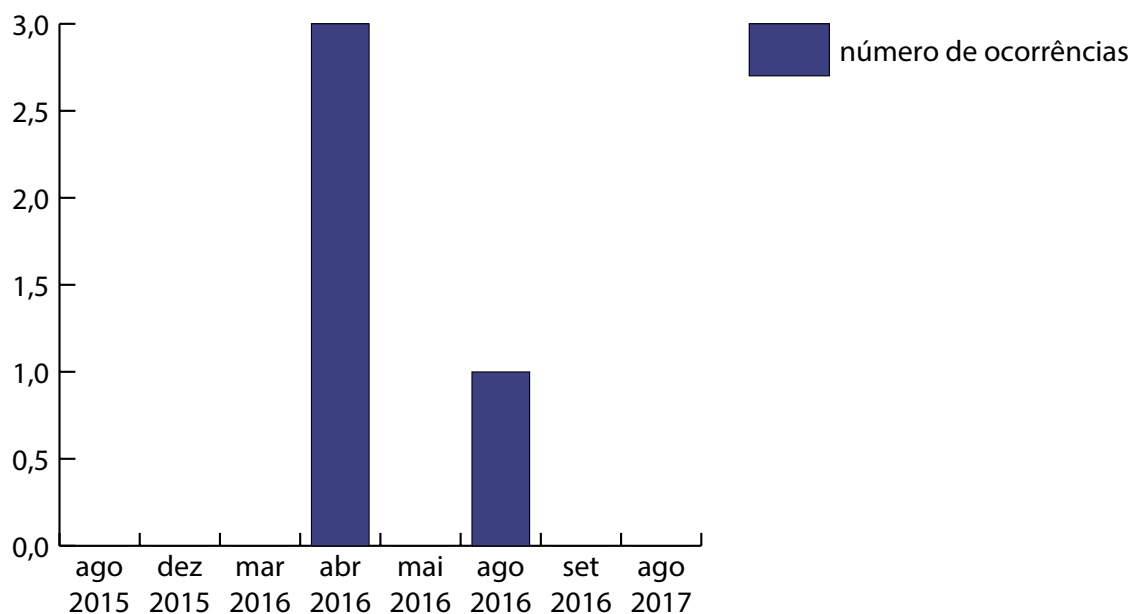
SÉRGIO MORO (NÃO OFICIAL) - HUMOR



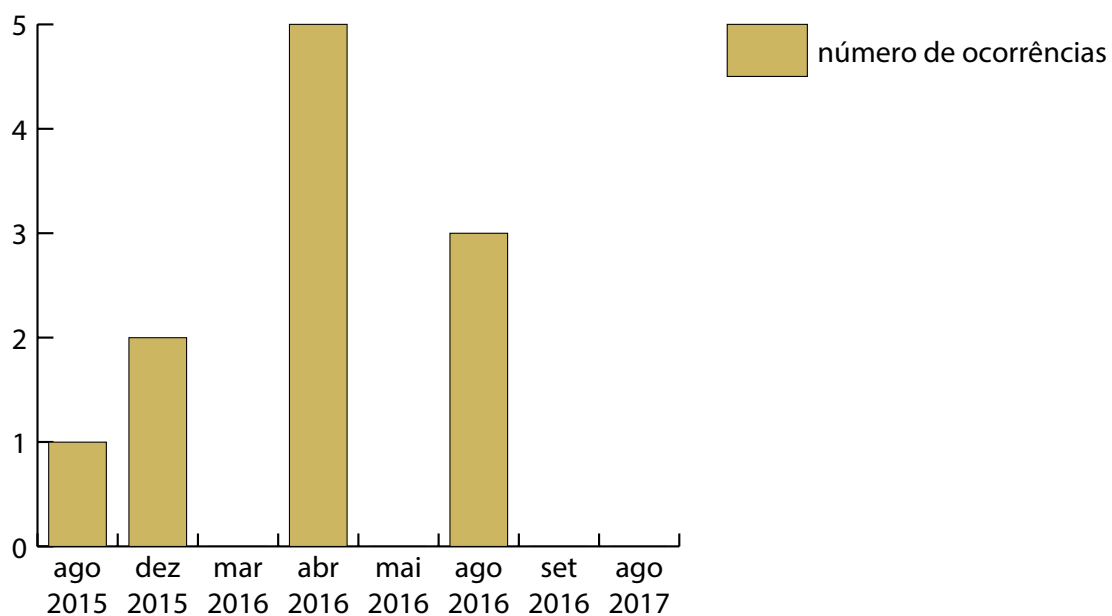
SÉRGIO MORO (NÃO OFICIAL) - NÃO HUMOR



S. MORO (NÃO OFICIAL) - OCORR. DE HUMOR



S. MORO (NÃO OFICIAL) - OCORR. NÃO HUMOR



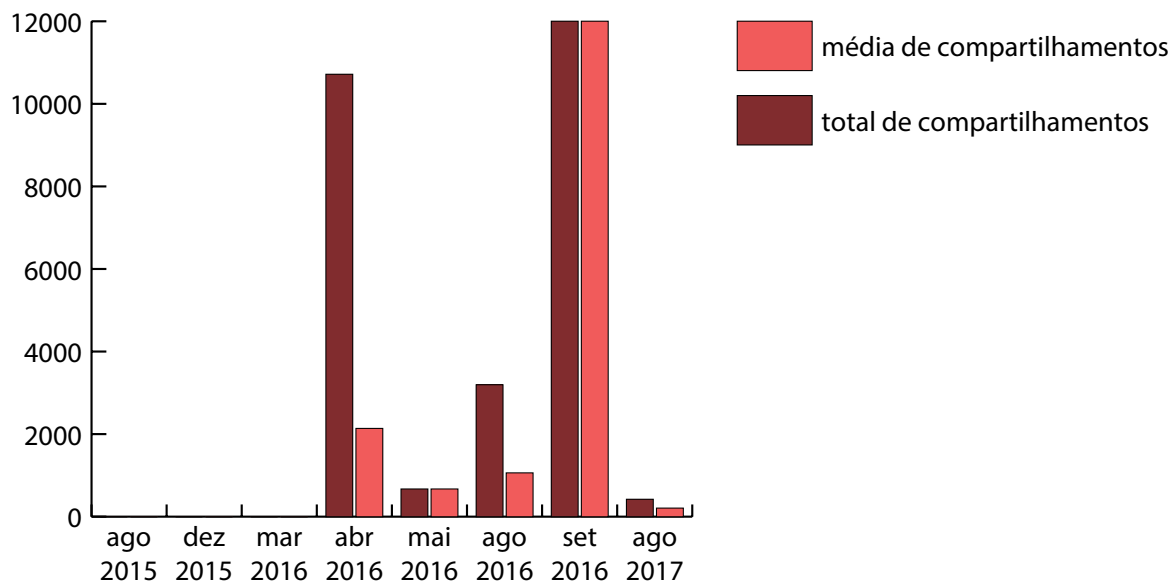
REPÚBLICA DE CURITIBA - HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	0	0	0
dez 2015	0	0	0
mar 2016	0	0	0
abr 2016	10716	5	2143
mai 2016	677	1	677
ago 2016	3200	3	1067
set 2016	12000	1	12000
ago 2017	428	2	214

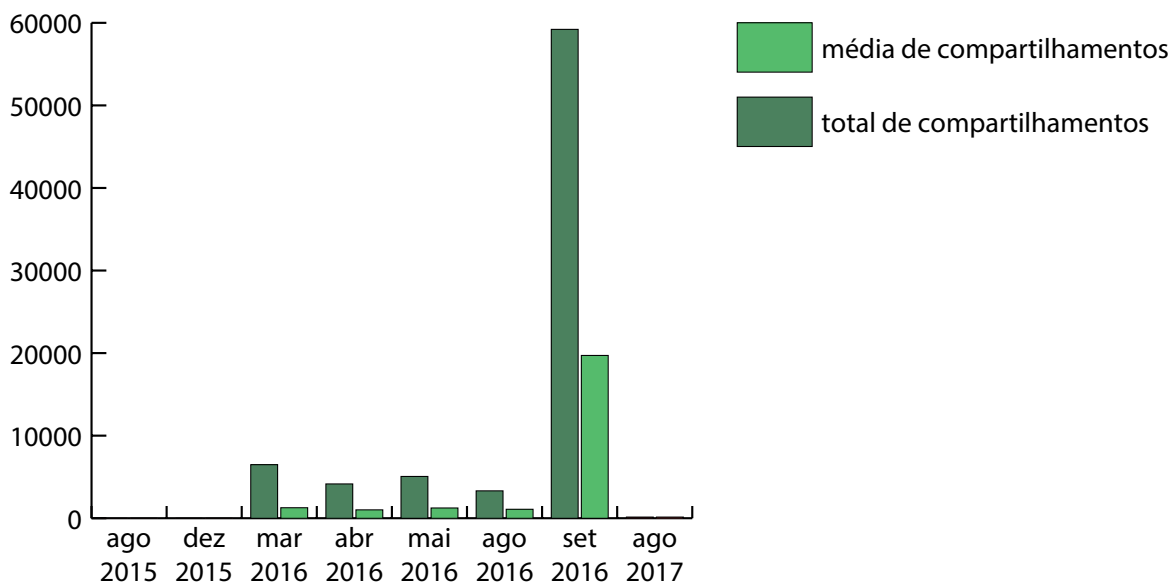
REPÚBLICA DE CURITIBA - NÃO HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	0	0	0
dez 2015	0	0	0
mar 2016	6514	5	1303
abr 2016	4183	4	1046
mai 2016	5088	4	1272
ago 2016	3346	3	1115
set 2016	59200	3	19733
ago 2017	170	1	170

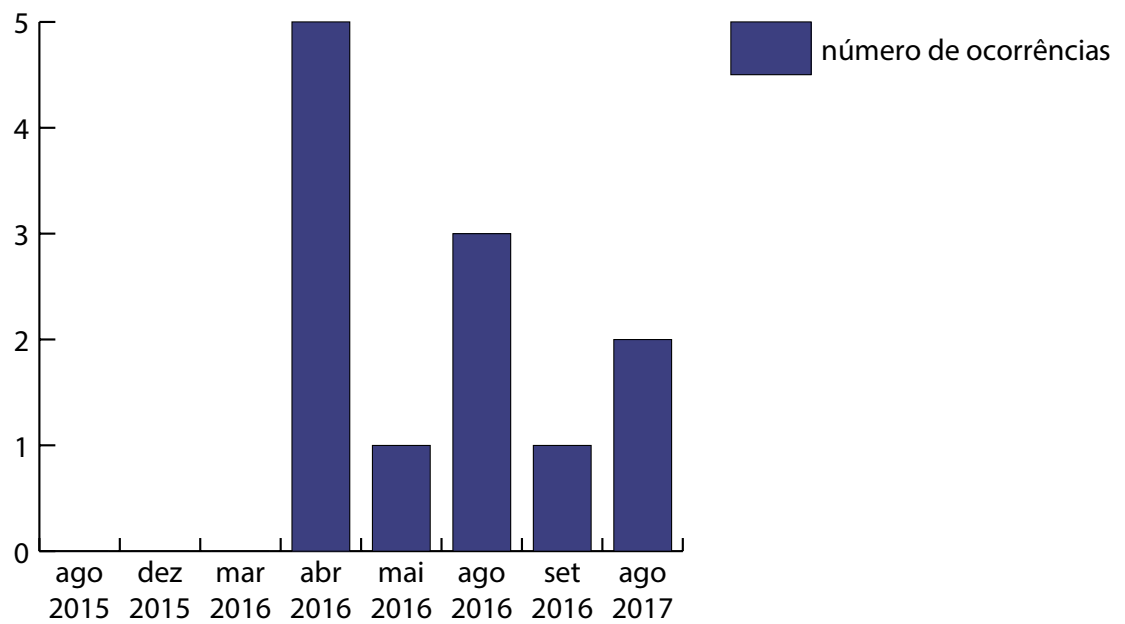
REP. DE CURITIBA - HUMOR



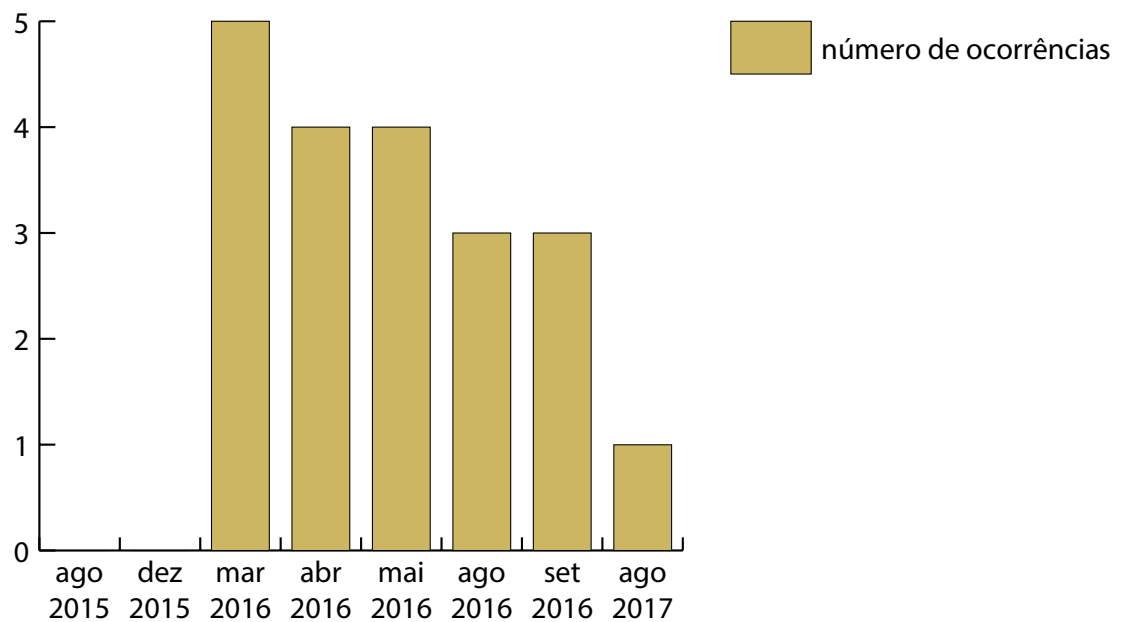
REP. DE CURITIBA - NÃO HUMOR



REP. DE CURITIBA - OCORRÊNCIAS DE HUMOR



REP. DE CURITIBA - OCORRÊNCIAS NÃO HUMOR



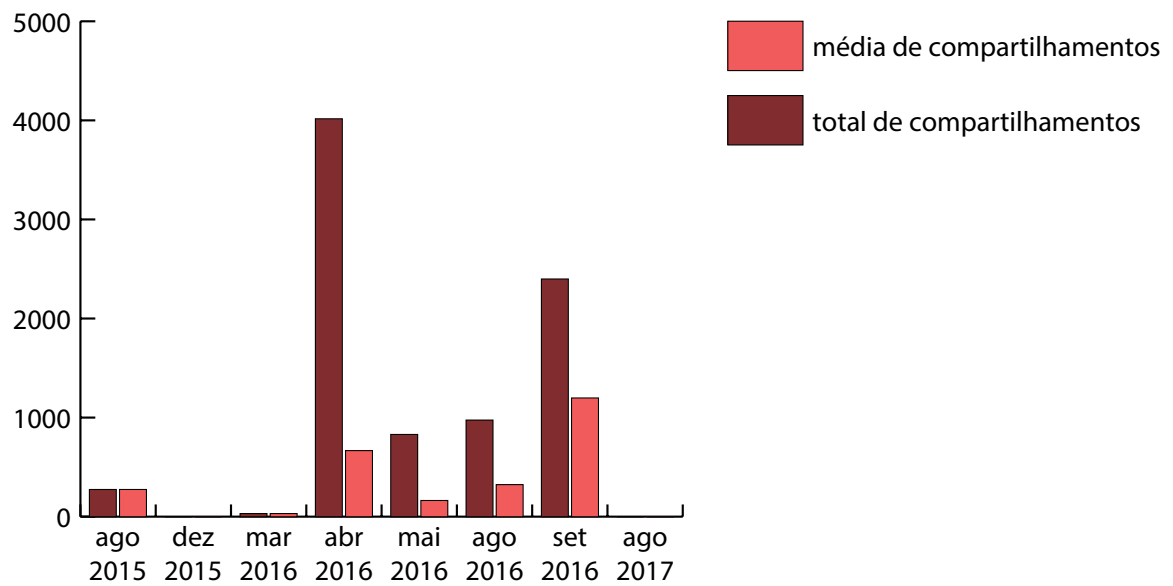
MARX DA DEPRESSÃO - HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	277	1	277
dez 2015	0	0	0
mar 2016	34	1	34
abr 2016	4016	6	669
mai 2016	832	5	166
ago 2016	977	3	326
set 2016	2400	2	1200
ago 2017	0	0	0

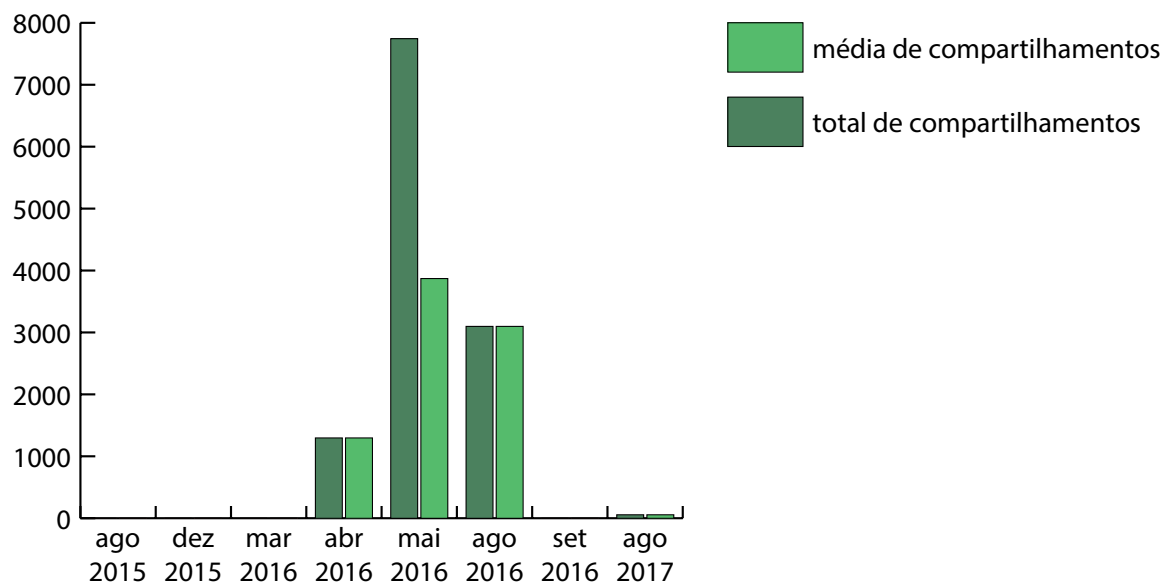
MARX DA DEPRESSÃO - NÃO HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	0	0	0
dez 2015	0	0	0
mar 2016	0	0	0
abr 2016	1300	1	1300
mai 2016	7743	2	3872
ago 2016	3100	1	3100
set 2016	0	0	0
ago 2017	0	0	0

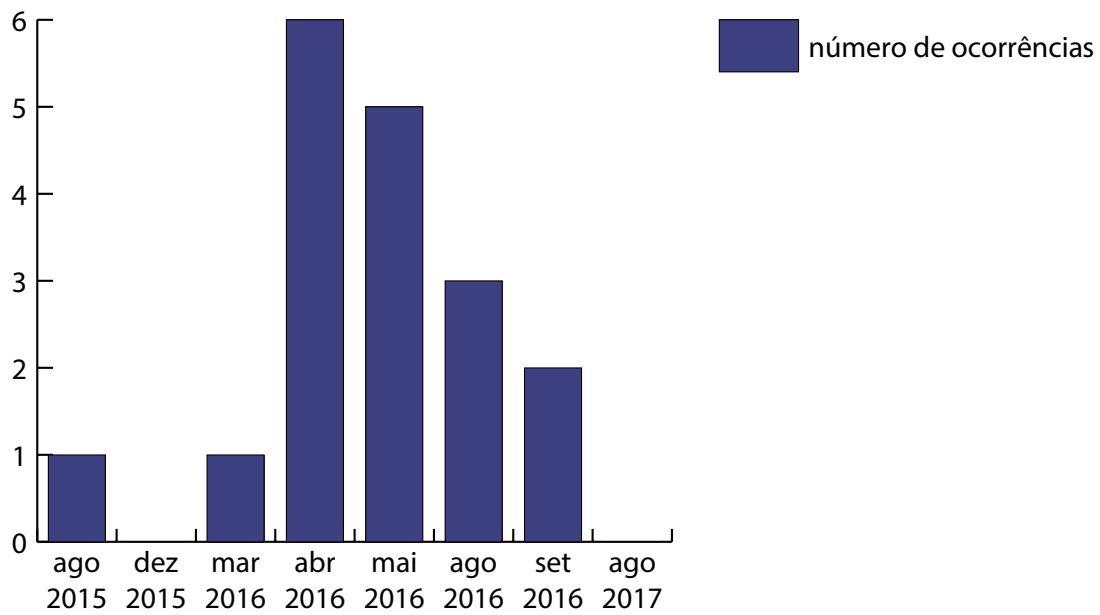
MARX DA DEPRESSÃO - HUMOR



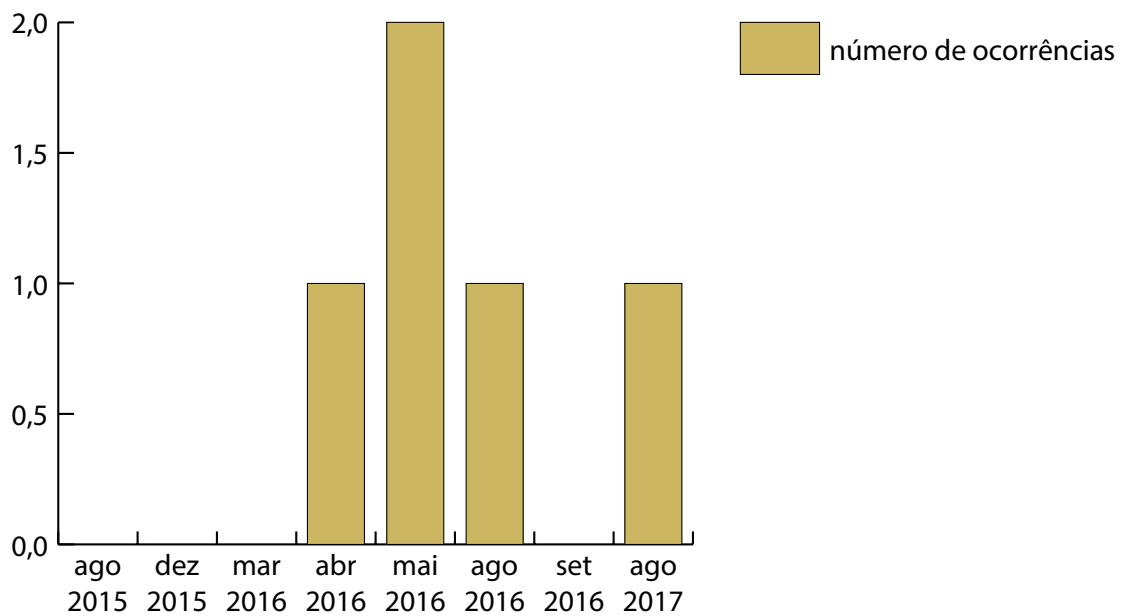
MARX DA DEPRESSÃO - NÃO HUMOR



M. DA DEPRESSÃO - OCORRÊNCIAS DE HUMOR



M. DA DEPRESSÃO - OCORRÊNCIAS NÃO HUMOR



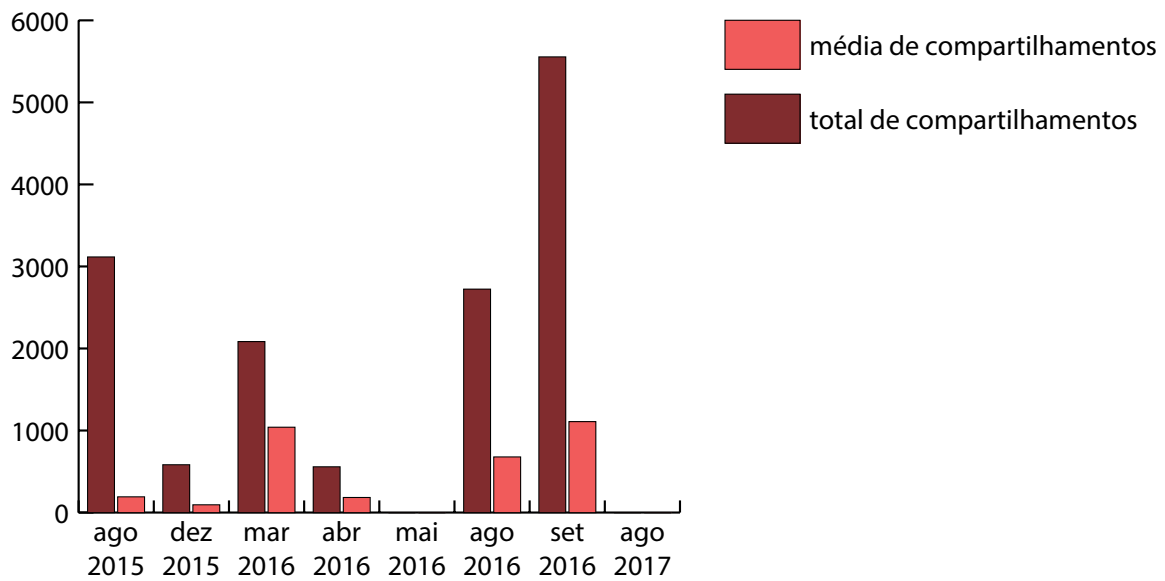
LIBERALISMO DA ZOEIRA - HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	3117	16	195
dez 2015	586	6	98
mar 2016	2086	2	1043
abr 2016	561	3	187
mai 2016	0	0	0
ago 2016	2725	4	681
set 2016	5554	5	1111
ago 2017	0	0	0

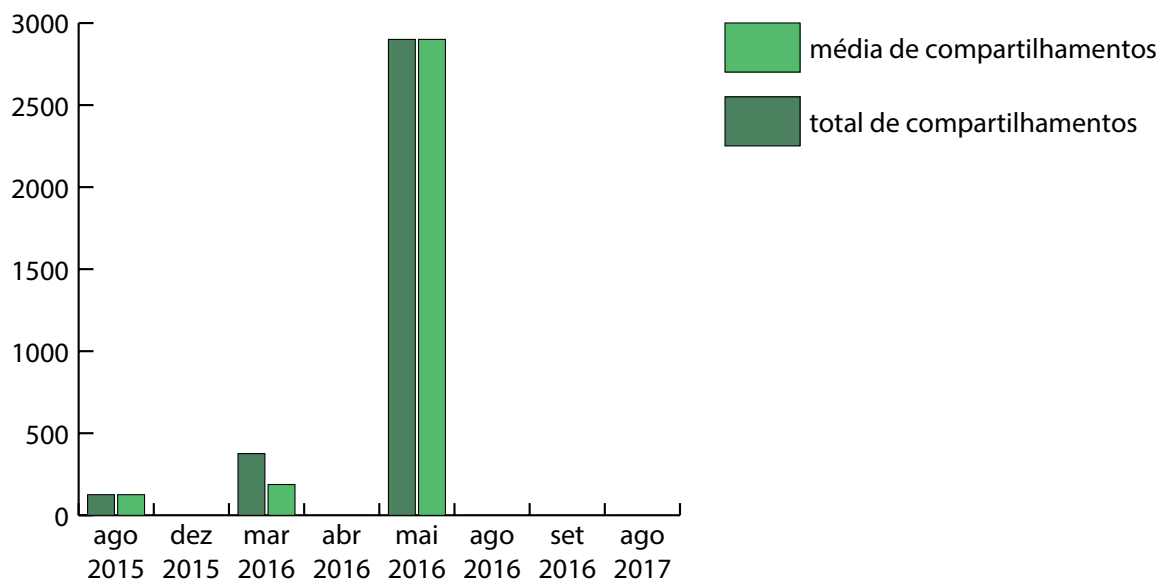
LIBERALISMO DA ZOEIRA - NÃO HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	127	1	127
dez 2015	0	0	0
mar 2016	377	2	189
abr 2016	0	0	0
mai 2016	2900	1	2900
ago 2016	0	0	0
set 2016	0	0	0
ago 2017	0	0	0

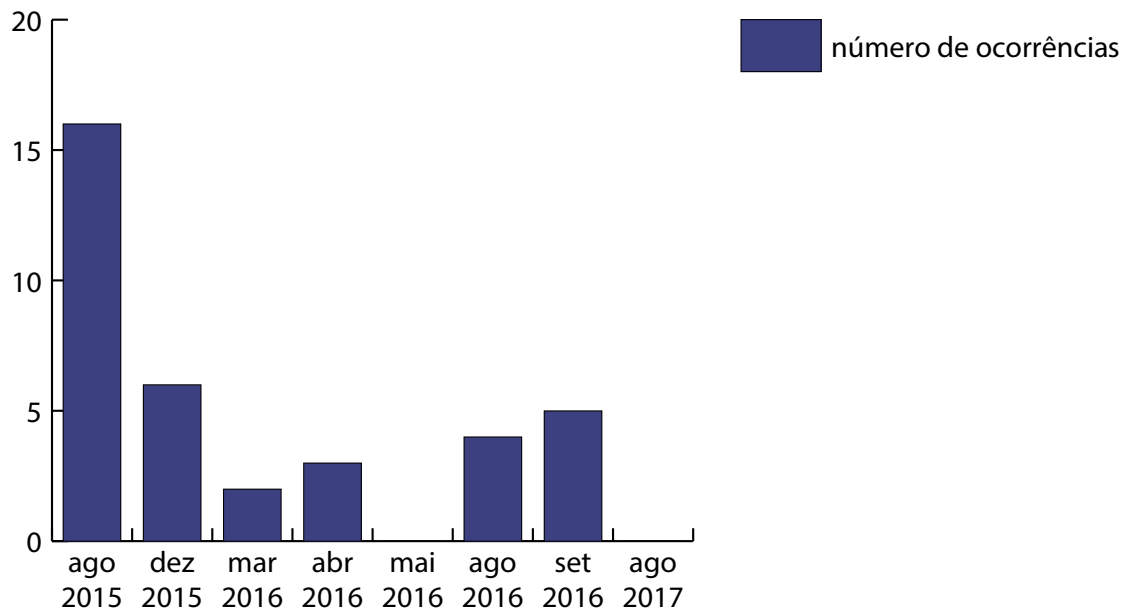
LIBERALISMO DA ZOEIRA - HUMOR



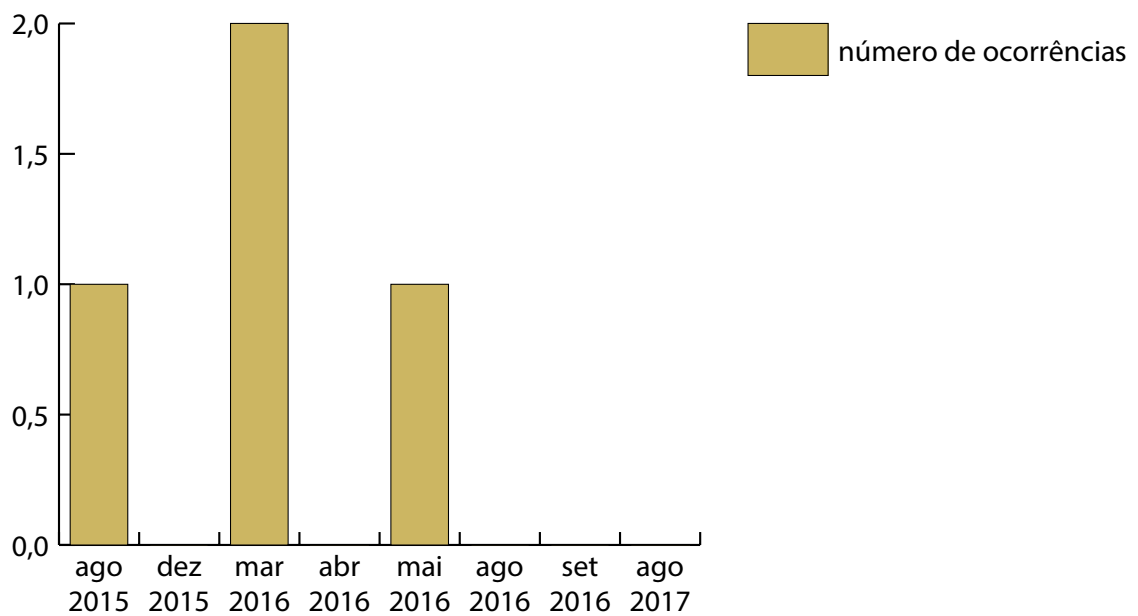
LIBERALISMO DA ZOEIRA - NÃO HUMOR



LIBERAL. DA ZOEIRA - OCORRÊNCIAS DE HUMOR



LIB. DA ZOEIRA - OCORRÊNCIAS NÃO HUMOR



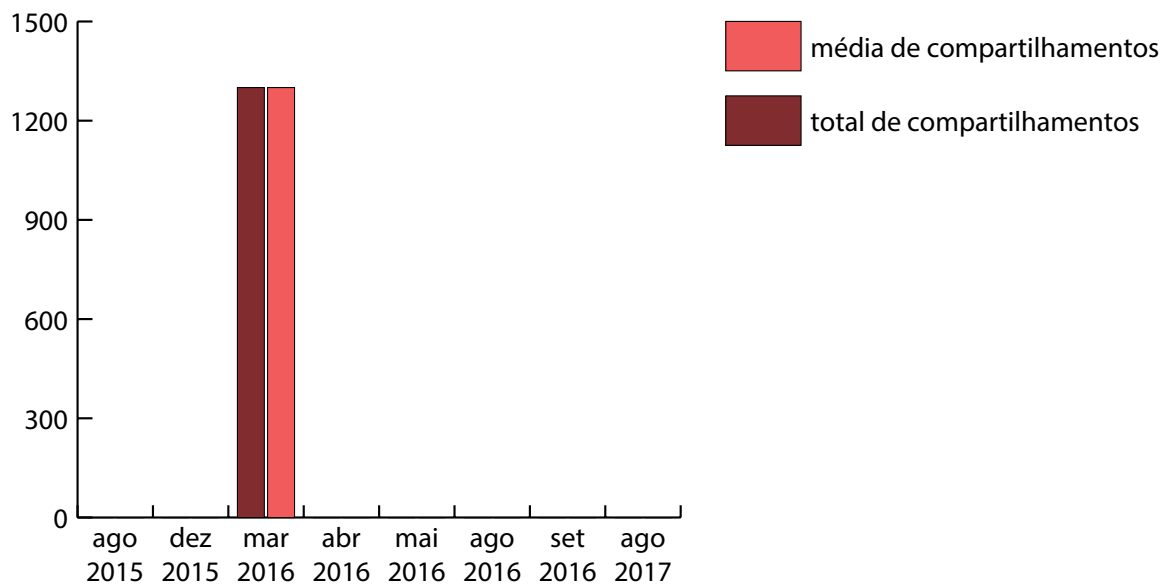
EU NASCI PRA SER POLÍCIA - HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	0	0	0
dez 2015	0	0	0
mar 2016	1300	1	1300
abr 2016	0	0	0
mai 2016	0	0	0
ago 2016	0	0	0
set 2016	0	0	0
ago 2017	0	0	0

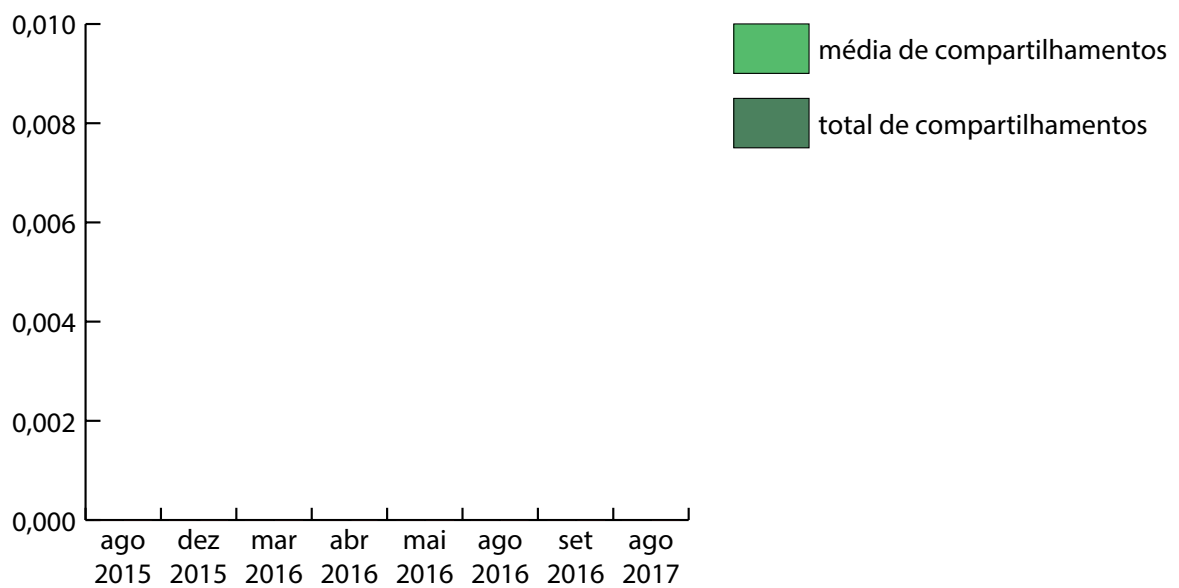
EU NASCI PRA SER POLÍCIA - NÃO HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	0	0	0
dez 2015	0	0	0
mar 2016	0	0	0
abr 2016	0	0	0
mai 2016	0	0	0
ago 2016	0	0	0
set 2016	0	0	0
ago 2017	0	0	0

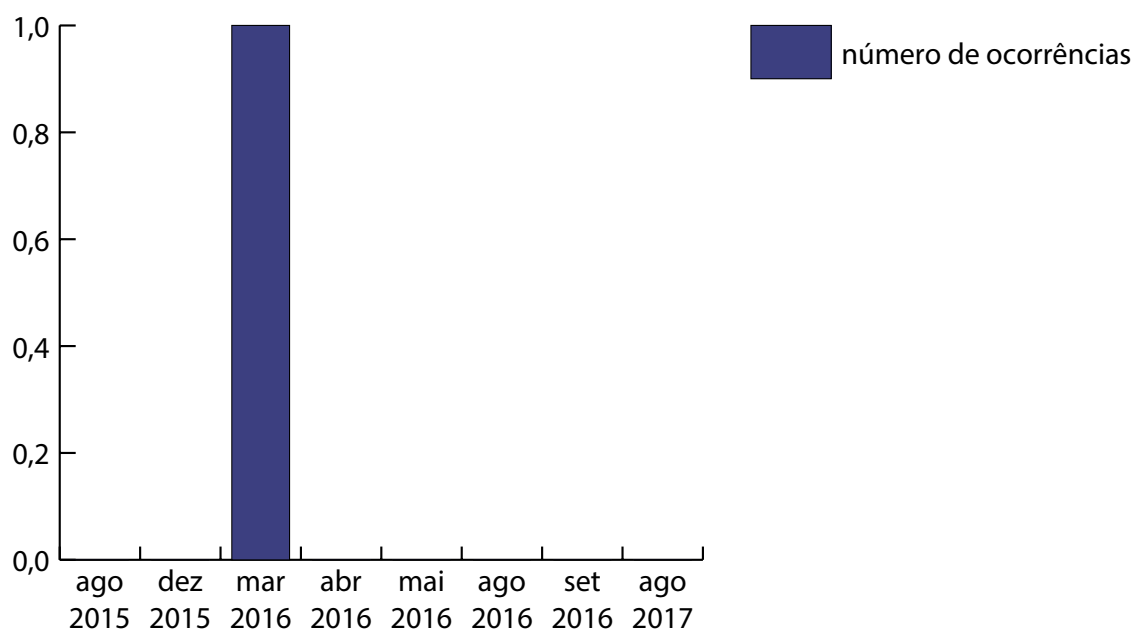
EU NASCI PARA SER POLÍCIA - HUMOR



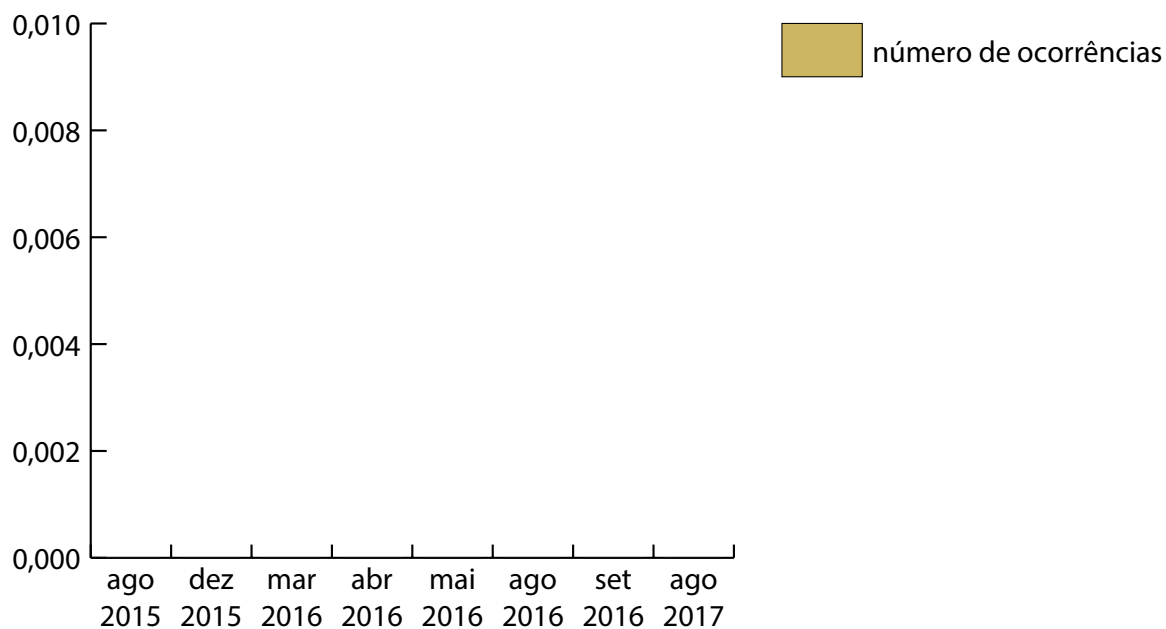
EU NASCI PARA SER POLÍCIA - NÃO HUMOR



NASCI P/ SER POLÍCIA - OCORR. DE HUMOR



NASCI P/ SER POLÍCIA - OCORR. NÃO HUMOR



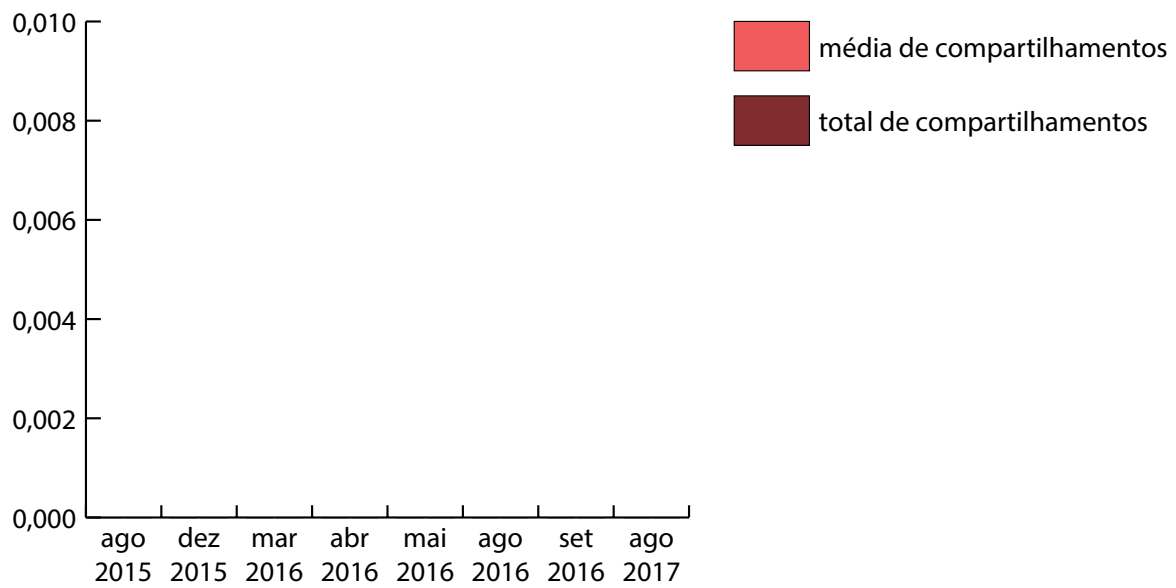
AMIGOS DA ROTA - HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	0	0	0
dez 2015	0	0	0
mar 2016	0	0	0
abr 2016	0	0	0
mai 2016	0	0	0
ago 2016	0	1	0
set 2016	0	0	0
ago 2017	0	0	0

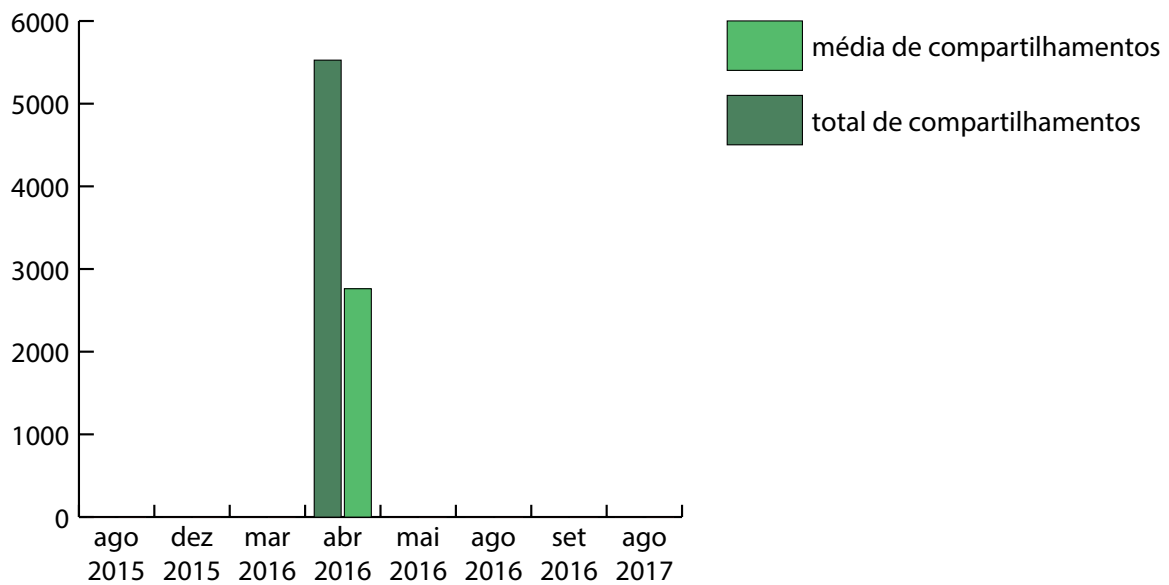
AMIGOS DA ROTA - NÃO HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	0	0	0
dez 2015	0	0	0
mar 2016	0	0	0
abr 2016	5526	2	2763
mai 2016	0	0	0
ago 2016	0	0	0
set 2016	0	0	0
ago 2017	0	0	0

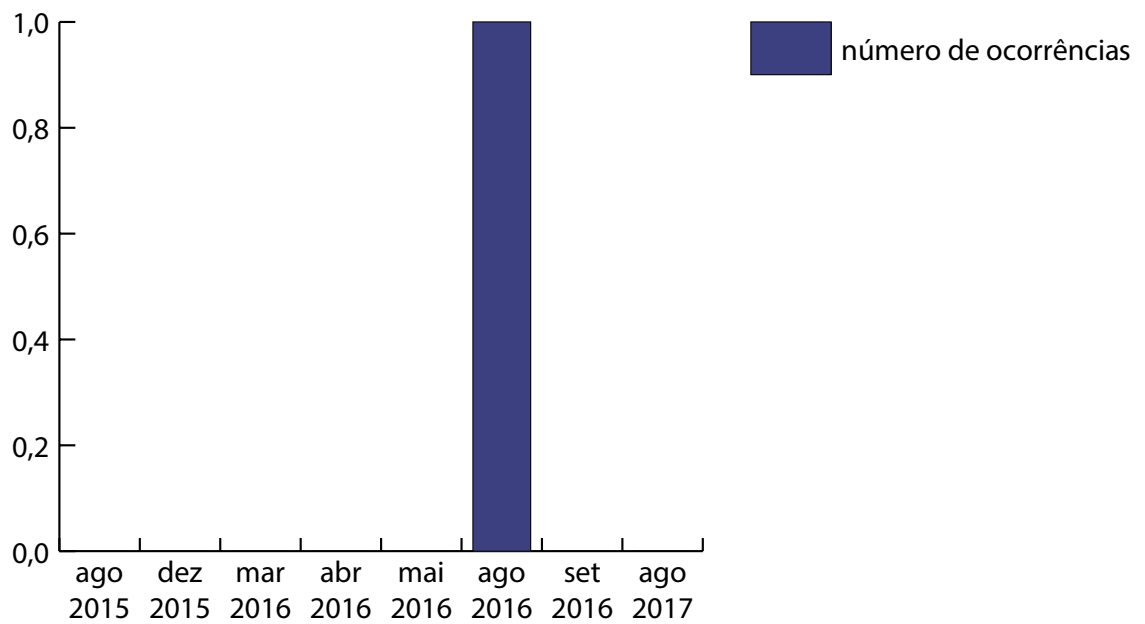
AMIGOS DA ROTA - HUMOR



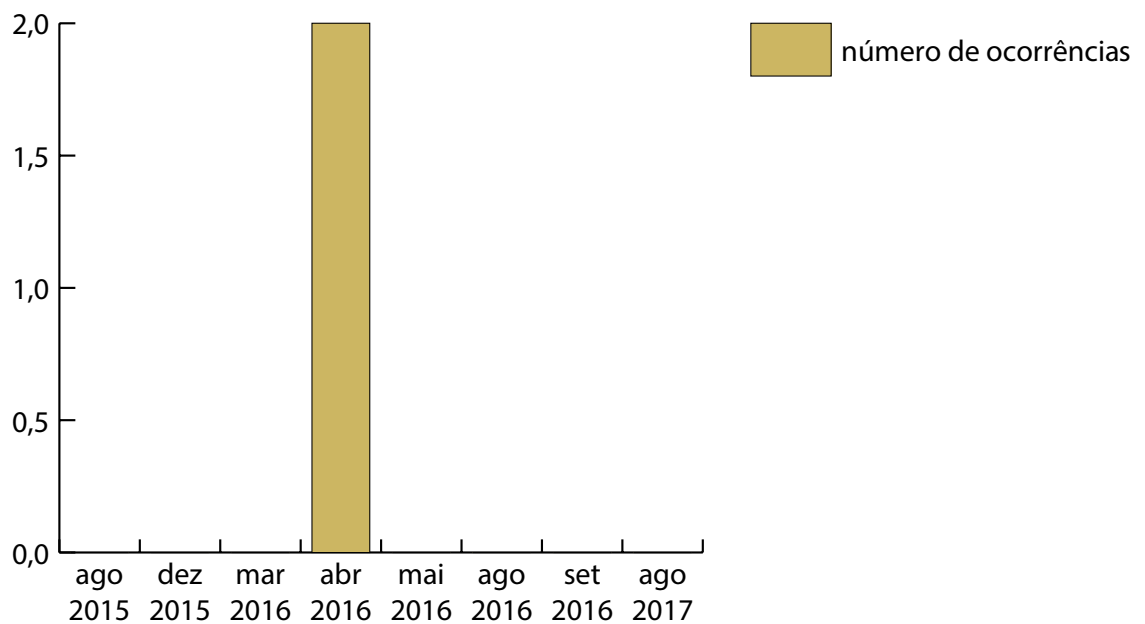
AMIGOS DA ROTA - NÃO HUMOR



AMIGOS DA ROTA - OCORRÊNCIAS DE HUMOR



AMIGOS DA ROTA - OCORRÊNCIAS NÃO HUMOR



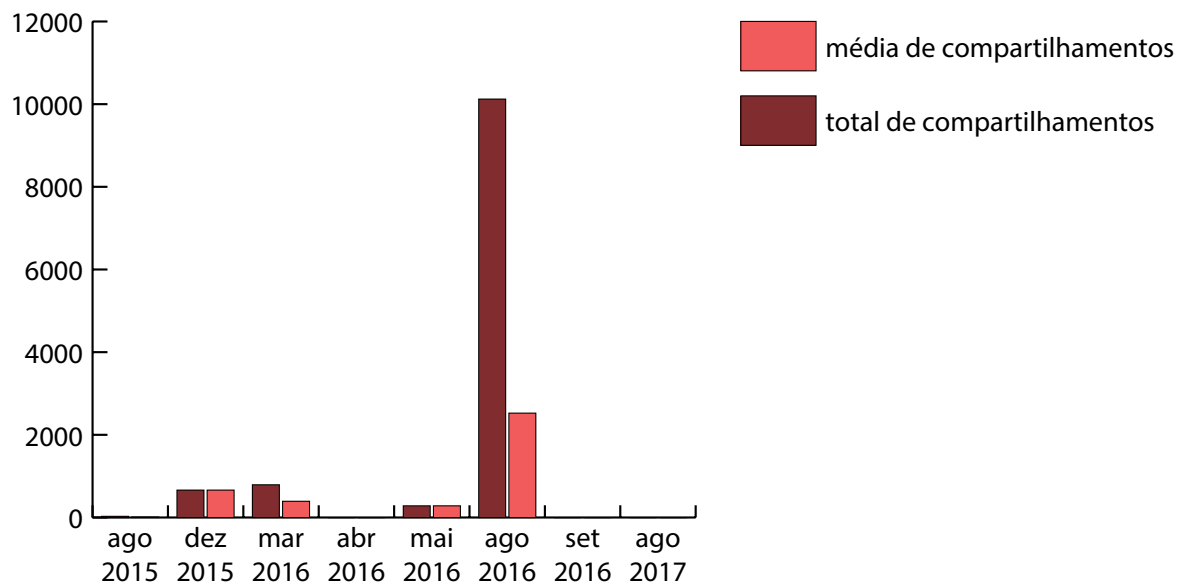
EU SOU DIREITA - HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	35	2	18
dez 2015	669	1	669
mar 2016	798	2	399
abr 2016	0	0	0
mai 2016	289	1	289
ago 2016	10122	4	2530
set 2016	0	0	0
ago 2017	0	0	0

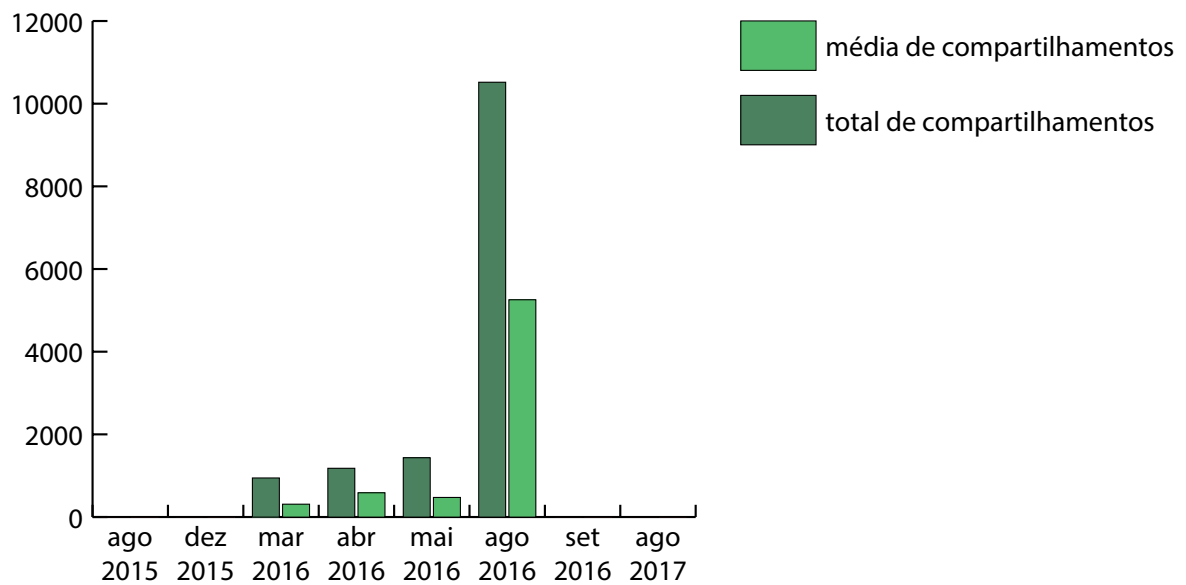
EU SOU DIREITA - NÃO HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	0	1	0
dez 2015	0	0	0
mar 2016	951	3	317
abr 2016	1185	2	593
mai 2016	1440	3	480
ago 2016	10518	2	5259
set 2016	0	0	0
ago 2017	0	0	0

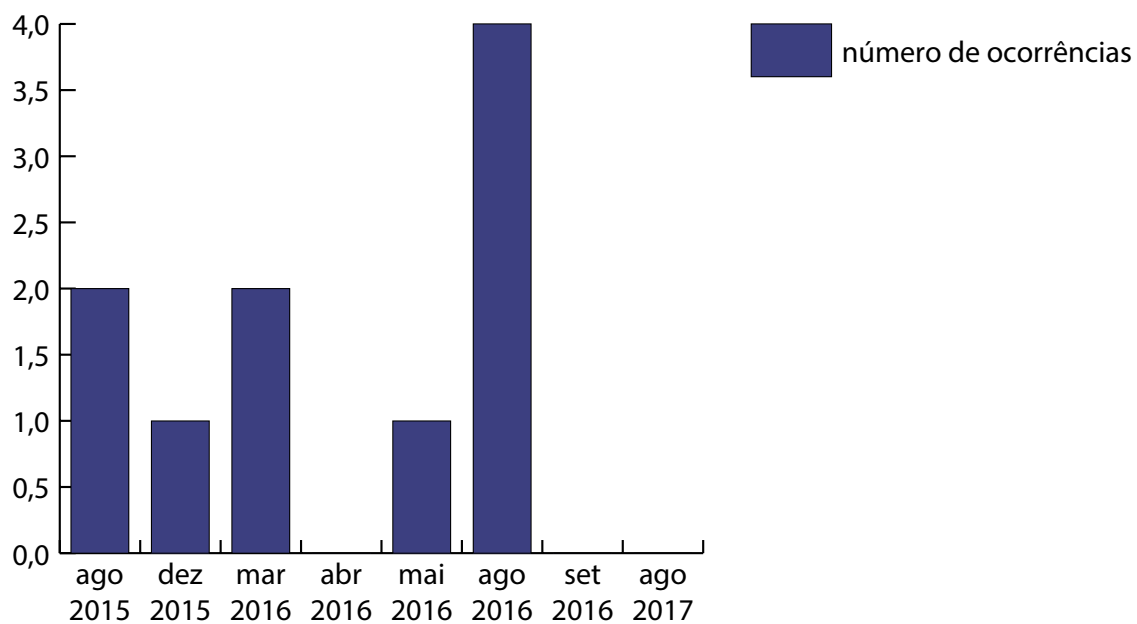
EU SOU DIREITA - HUMOR



EU SOU DIREITA - NÃO HUMOR



EU SOU DIREITA - OCORRÊNCIAS DE HUMOR



EU SOU DIREITA - OCORRÊNCIAS NÃO HUMOR

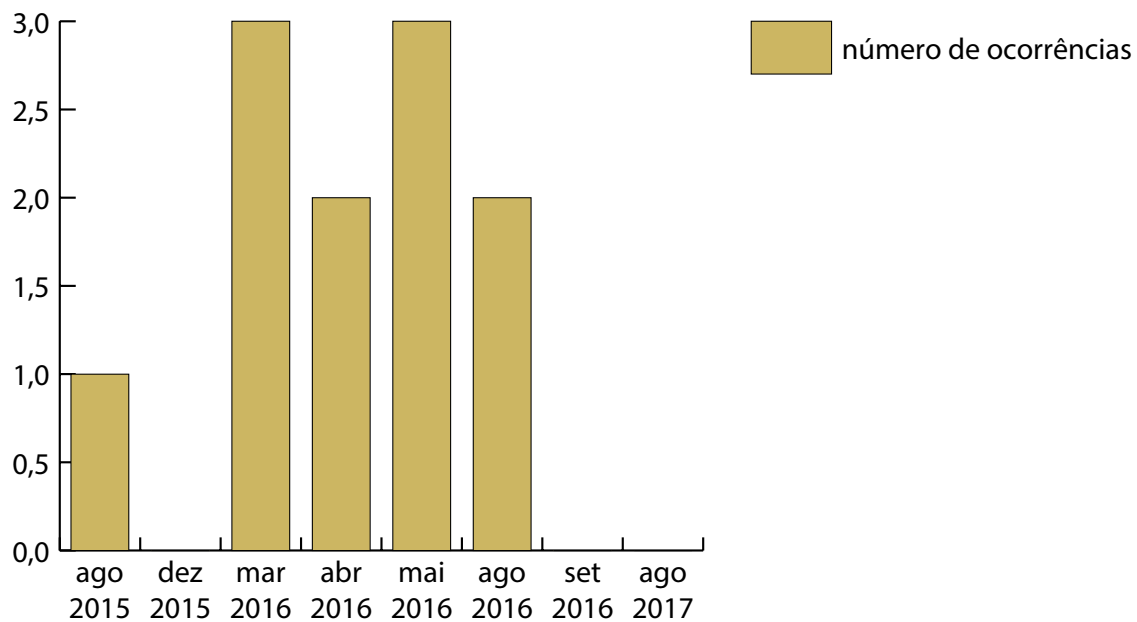


Tabela 2 - Ocorrências de humor e média de compartilhamentos de todas as páginas por período

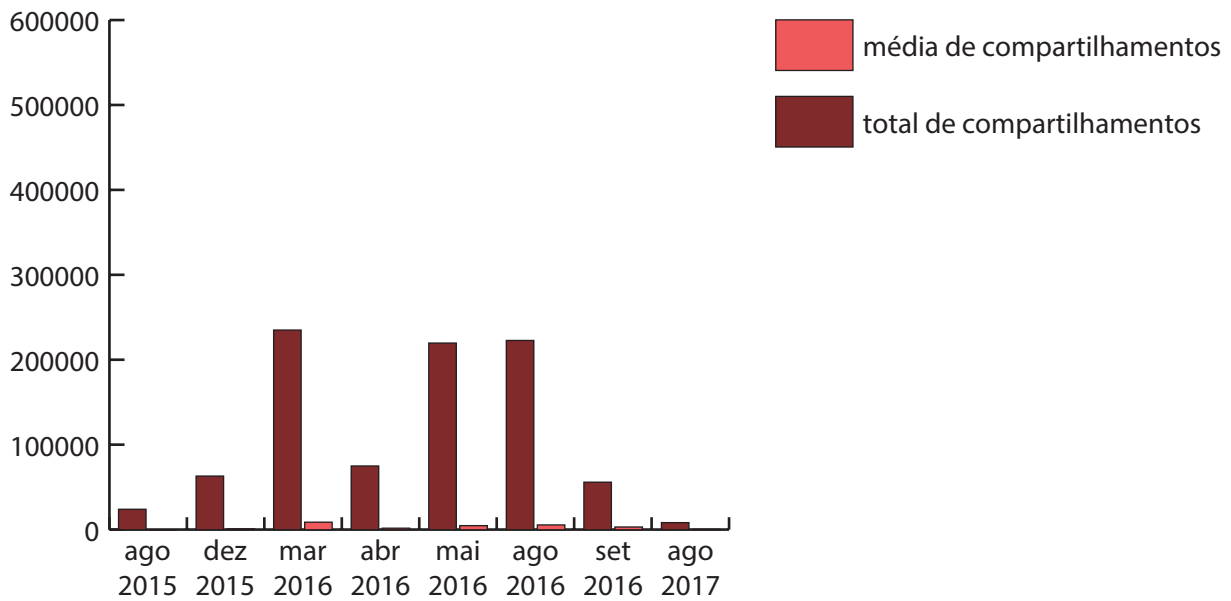
TODAS PÁGINAS - HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	24586	39	630
dez 2015	63637	37	1720
mar 2016	235297	25	9412
abr 2016	75492	32	2359
mai 2016	220014	41	5366
ago 2016	223074	36	6197
set 2016	56439	15	3763
ago 2017	8909	8	1114

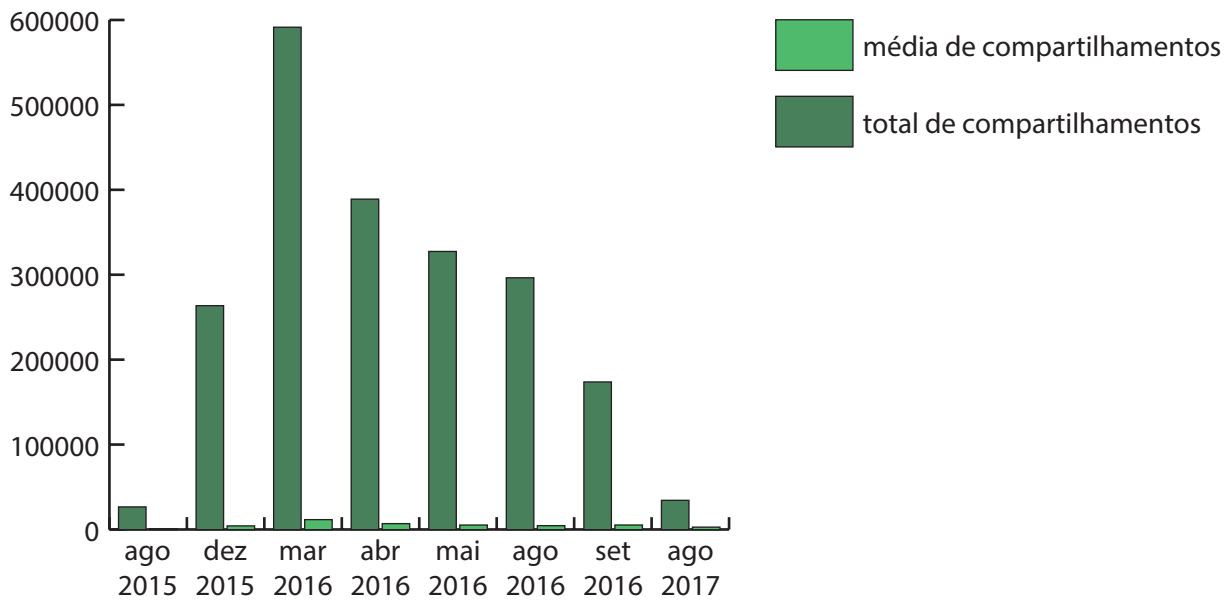
TODAS PÁGINAS - NÃO HUMOR

	total de compartilhamentos	número de ocorrências	média de compartilhamentos
ago 2015	27299	17	1606
dez 2015	263863	53	4979
mar 2016	591230	48	12317
abr 2016	389126	51	7630
mai 2016	327608	55	5957
ago 2016	296654	57	5204
set 2016	174190	29	6007
ago 2017	35001	10	3500

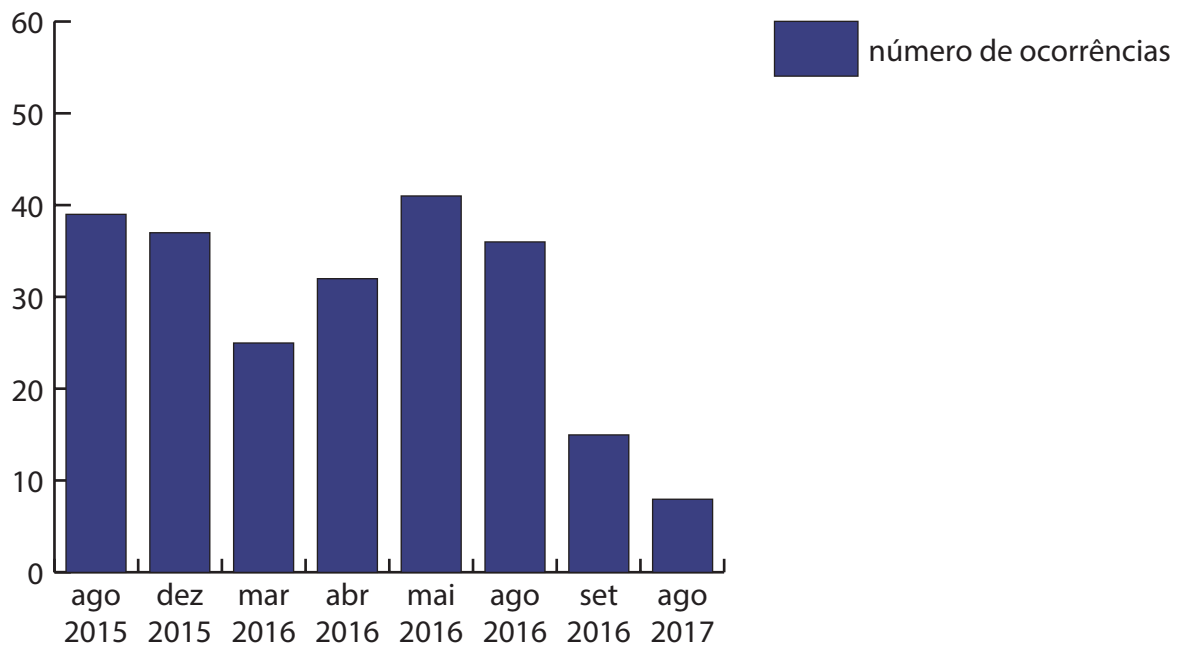
TODAS PÁGINAS - HUMOR



TODAS PÁGINAS - NÃO HUMOR



TODAS PÁGINAS - OCORRÊNCIAS DE HUMOR



TODAS PÁGINAS - OCORRÊNCIAS NÃO HUMOR

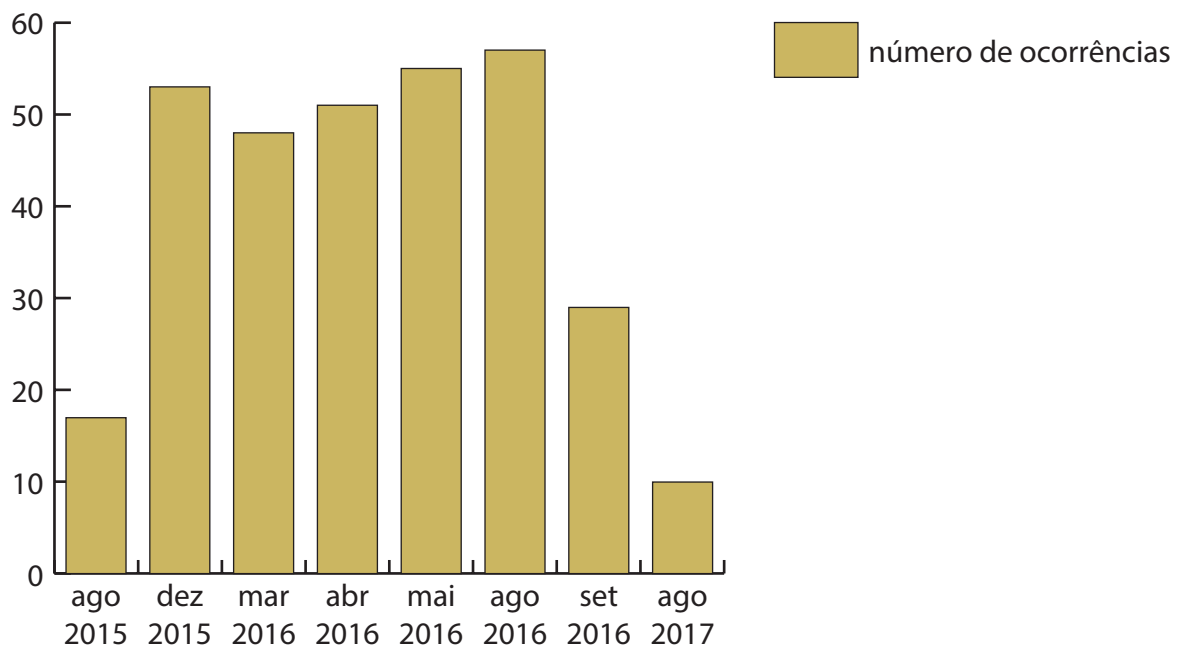


Tabela 3 – Os três memes mais compartilhados de cada página em cada período

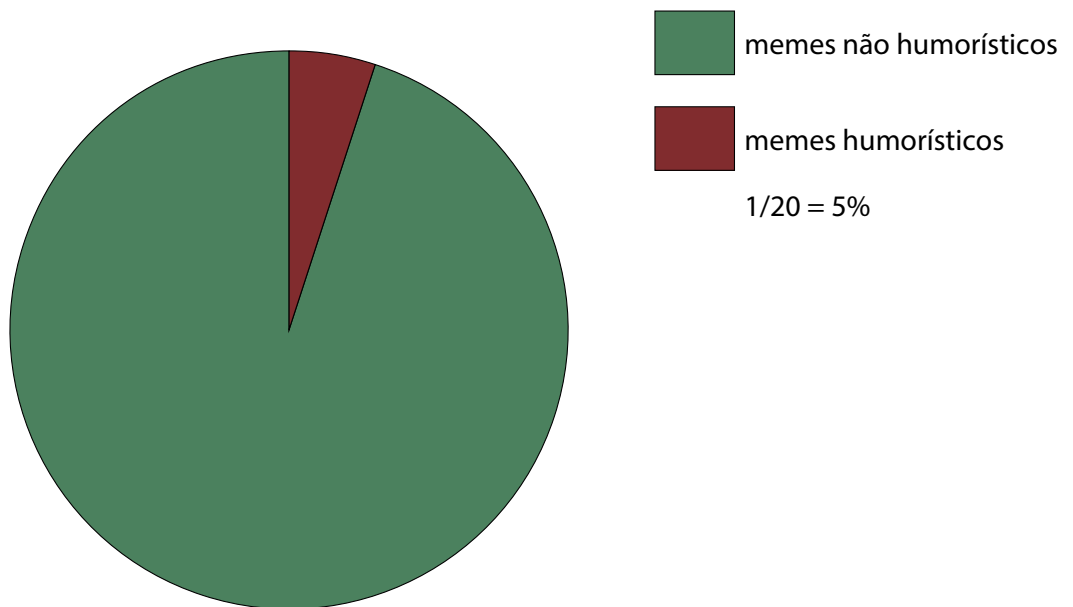
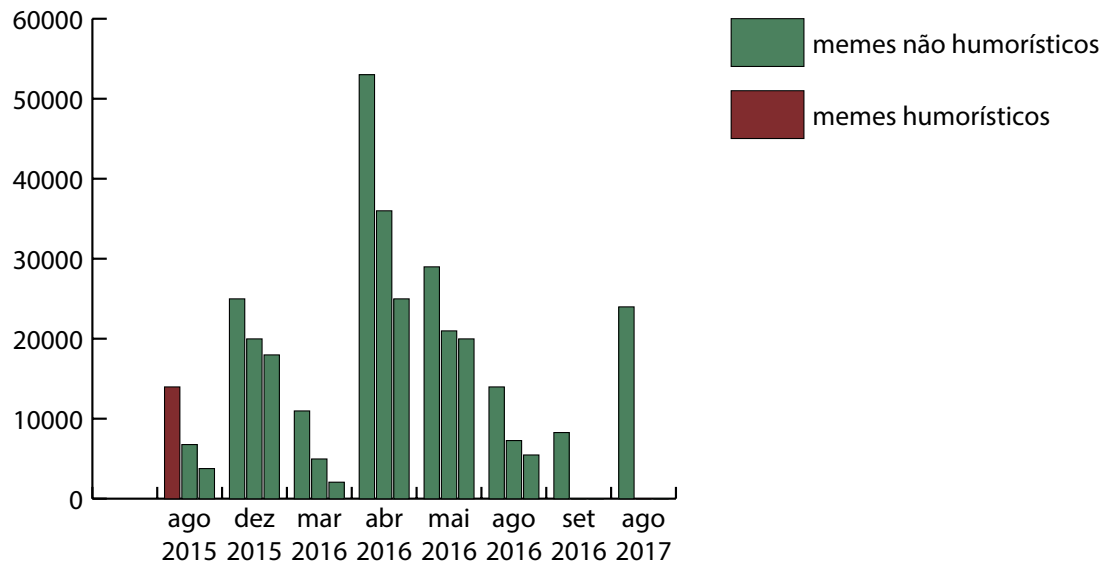
MBL

	mais compartilhado	2ª mais compartilhado	3ª mais compartilhado	ocorrências de humor
ago 2015	25_youssef	01_set_nao_sei	05_desintegrando	1/3
	1100	661	583	
dez 2015	02_urgente_2	15_assombrador	09_deldidio	0/3
	19000	10000	9500	
mar 2016	15_lula_citado	04_dolar_cai	17_urgente_justiça	1/3
	174000	143000	127000	
abr 2016	17_tchau_querida	15_panelaço	05_panama_papers	0/3
	37000	34000	17000	
mai 2016	20_rombo_rambo	20_rombo_real	31_dilma_nunca_mais	1/3
	29000	16000	15000	
ago 2016	31_bem_vinda	31_golpe_e_mudar_o_rito	29_lutei_pela_democracia	2/3
	178000	11000	7800	
set 2016	13_dois_ja_foram	27_parabens_brasil	15_impeachment_sem_crime	0/3
	35000	16000	15000	
ago 2017	03_fotografo	31_1_ano	ninguem_vota_vice	2/3
	3800	3300	2200	
				7/24 = 29,16%

VEM PRA RUA

	mais compartilhado	2ª mais compartilhado	3ª mais compartilhado	ocorrências de humor
ago 2015	13_pizzaria	07_71%	16_silhueta	1/3
	14000	6800	3800	
dez 2015	11_correios	06_ilegitima	27_bilhoes	0/3
	25000	20000	18000	
mar 2016	03_delcidio_dedurou	30_quem_vai_se_vender	04_delcidio_delata	0/3
	11000	5000	2100	
abr 2016	17_povo_venceu	15_panelaco	01_novo_crime	0/3
	53000	36000	25000	
mai 2016	09_querida_nao_deu	23_mexeu_com_a_lava_jato	16_rombo_120_bilhoes	0/3
	29000	21000	20000	
ago 2016	29_mentiu	27_janaina_dilma	29_foi_o_povo	0/3
	14000	7300	5500	
set 2016	13_nunca_se_esquecam	-	-	0/1
	8300			
ago 2017	03_maos_dadas	-	-	0/1
	24000			
				1/20 = 5%

VEM PRA RUA



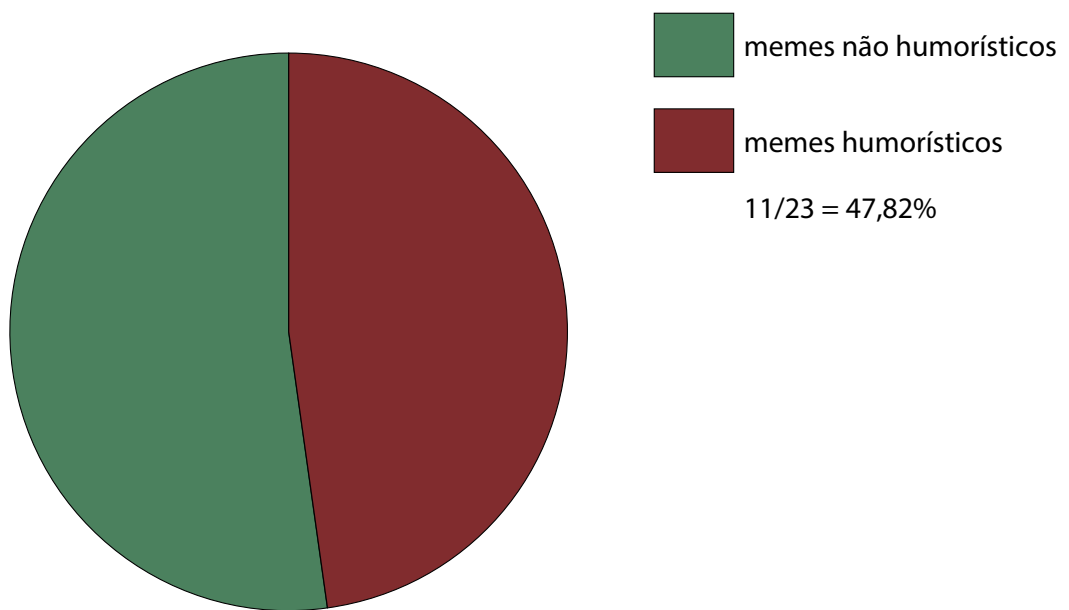
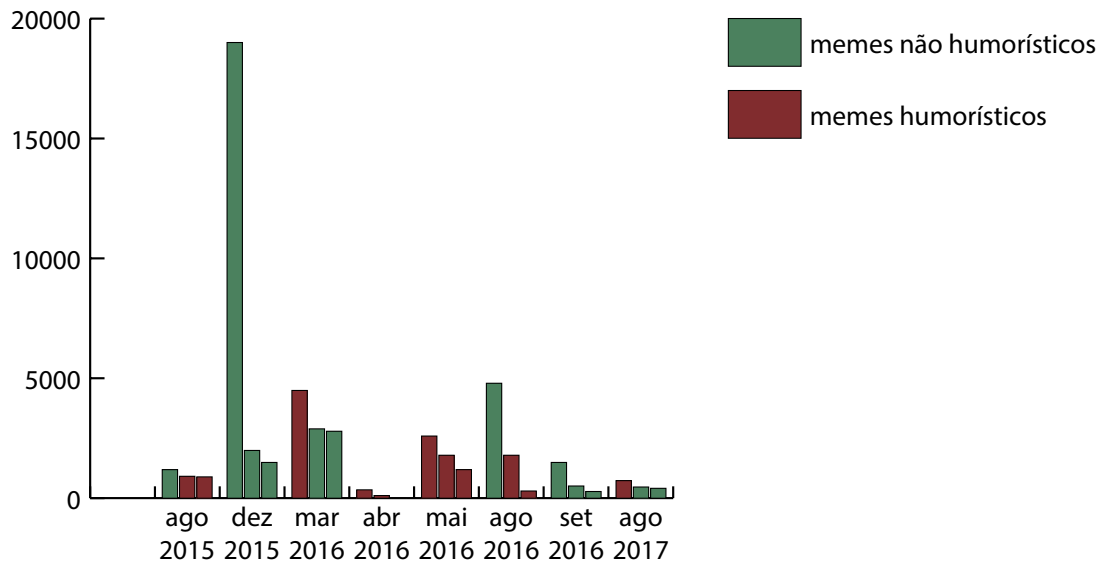
SOCIALISTA DE IPHONE

	mais compartilhado	2ª mais compartilhado	3ª mais compartilhado	ocorrências de humor
ago 2015	-	-	-	0/0
dez 2015	11_aceita	31_coisas_aprendi	12_toma_mizeravi	3/3
	1800	1500	510	
mar 2016	06_dilma_tico	03_eu_me_renunci	27_xatiado	3/3
	1900	1900	2200	
abr 2016	-	-	-	0/0
mai 2016	19_10_horas	-	-	1/1
	27000			
ago 2016	23_vc_tb_vota_no_vice	04_candidatura_piada	04_daniel_ortega	2/3
	27000	2100	2100	
set 2016	-	-	-	0/0
ago 2017	-	-	-	0/0
				9/10 = 90%

KIM KATAGUIRI

	mais compartilhado	2ª mais compartilhado	3ª mais compartilhado	ocorrências de humor
ago 2015	13_sempre_ao_lado	10_collor (humor)	31_cinco_verdades	2/3
	1200	923	899	
dez 2015	02_urgente	15_assombrador	03_dolar_cai	0/3
	19000	2000	1500	
mar 2016	30_o_rei_do_golpe	23_romper_com_PT	18_OAB_embarca	1/3
	4500	2900	2800	
abr 2016	17_aiaiai	28_PT_incentiva_falta_educacao	-	2/2
	359	120		
mai 2016	10_collor_miga	05_unidos_no_afastamento	13_mulher_nos_ministerios	3/3
	2600	1800	1200	
ago 2016	18_boicotar_aliados	31_12_milhoes_desempregados	29_bingo	2/3
	4800	1800	310	
set 2016	28_PT_2003_PT_2016	27_PT_perde_feio	24_TCU_responsabiliza	0/3
	1500	518	289	
ago 2017	13_dilmes	31_um_ano	02_PT_apoia_maduro	1/3
	742	476	422	
				11/23 = 47,82%

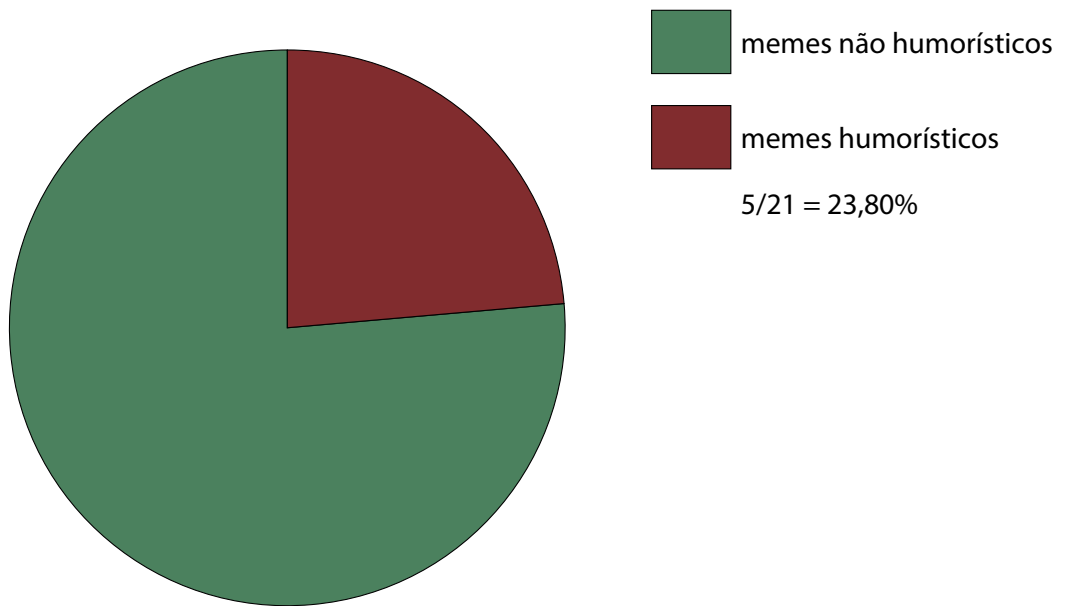
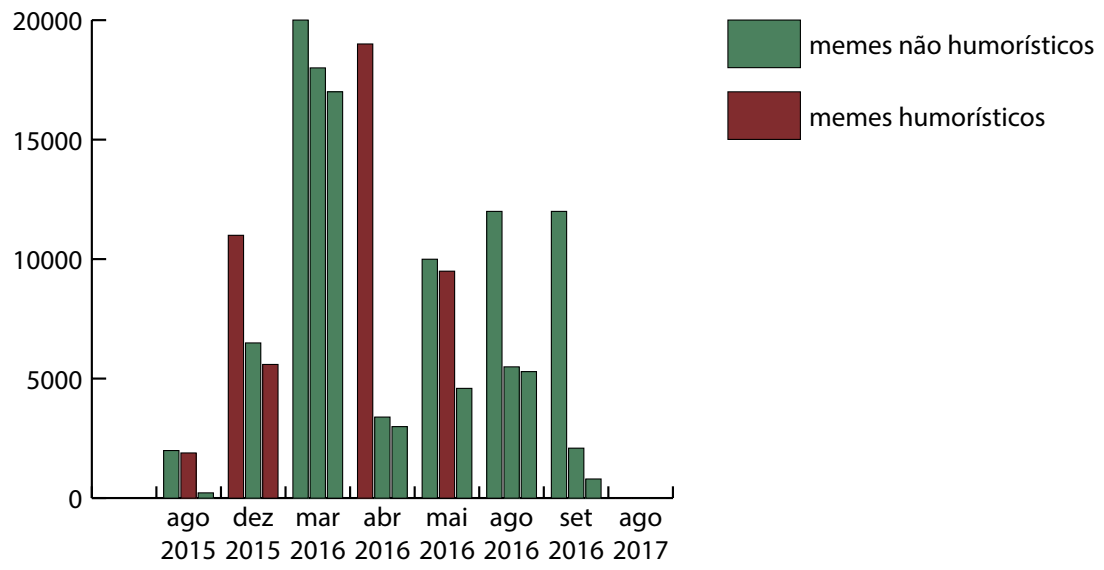
KIM KATAGUIRI



ANTI-PT

	mais compartilhado	2ª mais compartilhado	3ª mais compartilhado	ocorrências de humor
ago 2015	29_quem_e_que	08_dobra_meta	12_collor_dilma	1/3
	2000	1900	231	
dez 2015	30_ceia	10_tudo_de_ruim	23_bruna_surfistinha	2/3
	11000	6500	5600	
mar 2016	28_pais_entregue_criminosos	31_ser_petista_e	19_cade_brasao	0/3
	20000	18000	17000	
abr 2016	14_finalmente	12_dilma_desaba_v02	04_rumo_errado	1/3
	19000	3400	3000	
mai 2016	06_fim_da_era_pt	19_roubamos_bilhoes	11_limpamos_tudo	1/3
	10000	9500	4600	
ago 2016	09_incompetencia_corrupcao_crise	09_voce_concorda	25_lula_dilma_presos	0/3
	12000	5500	5300	
set 2016	08_vergonha	16_não_sabia_de_nada	09_mudanca	0/3
	12000	2100	811	
ago 2017	-	-	-	0/0
				5/21 = 23,80%

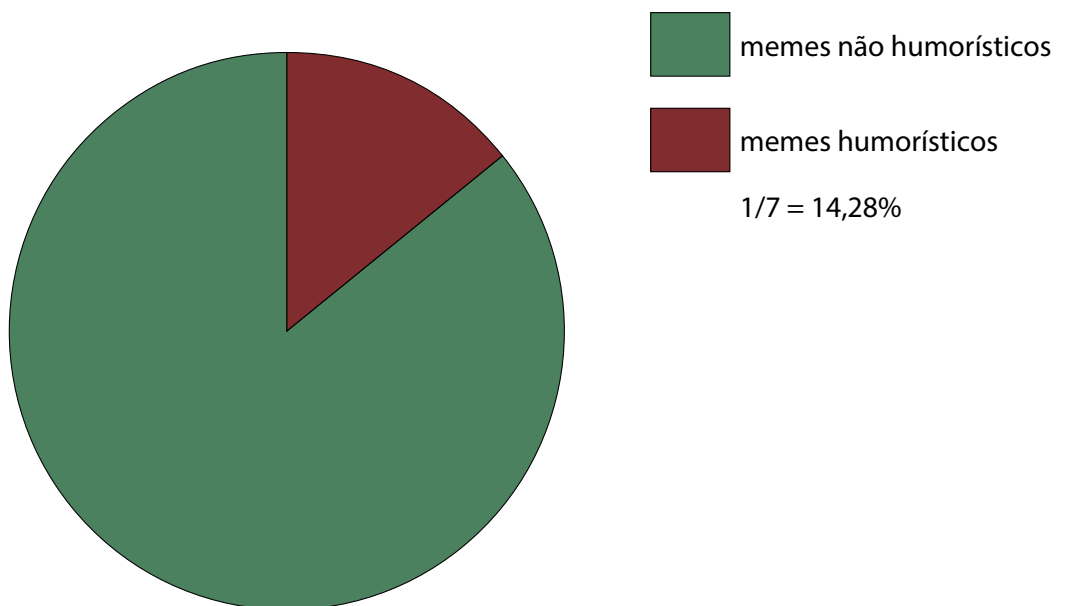
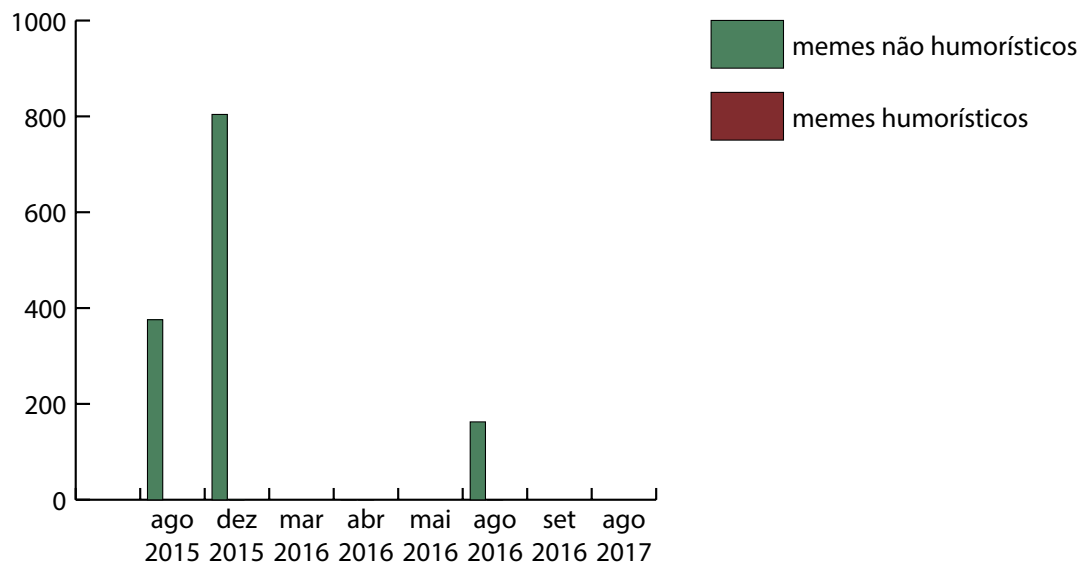
ANTI-PT



SÉRGIO MORO (NÃO-OFICIAL)

	mais compartilhado	2ª mais compartilhado	3ª mais compartilhado	ocorrências de humor
ago 2015	14_pedalada	-	-	0/1
	376			
dez 2015	02_a_favor_da_democracia	19_collor_fica_compartilhado	-	0/2
	804	0		
mar 2016	-	-	-	0/0
abr 2016	17_tchau_querida	17_estrada	-	1/2
	1	1		
mai 2016	-	-	-	0/0
ago 2016	17_foto	21_caso_seja_afastada	-	0/2
	163	1		
set 2016	-	-	-	0/0
ago 2017	-	-	-	0/0
				1/7 = 14,28%

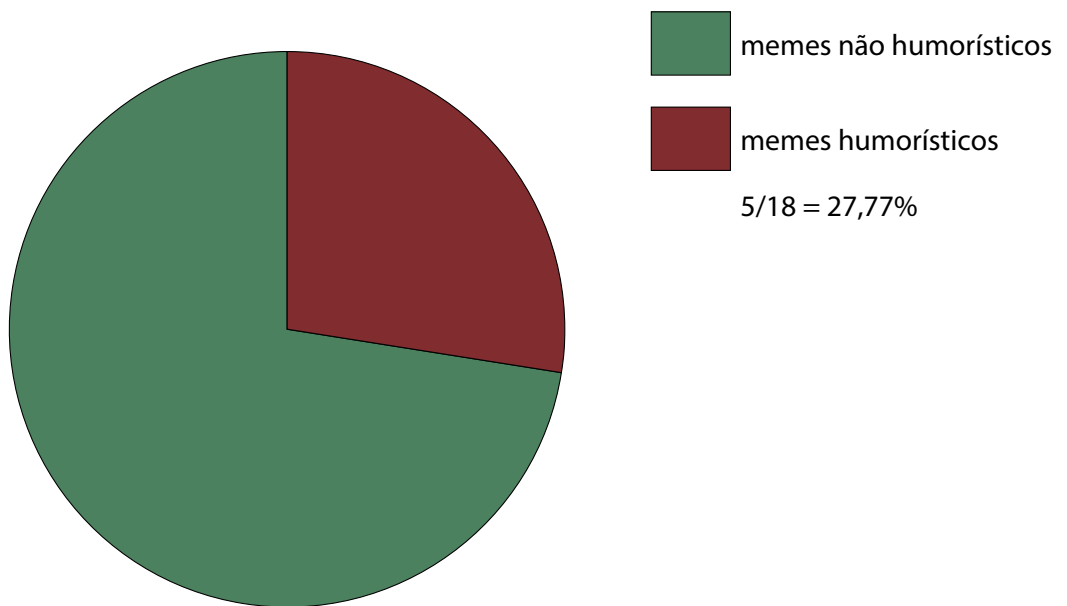
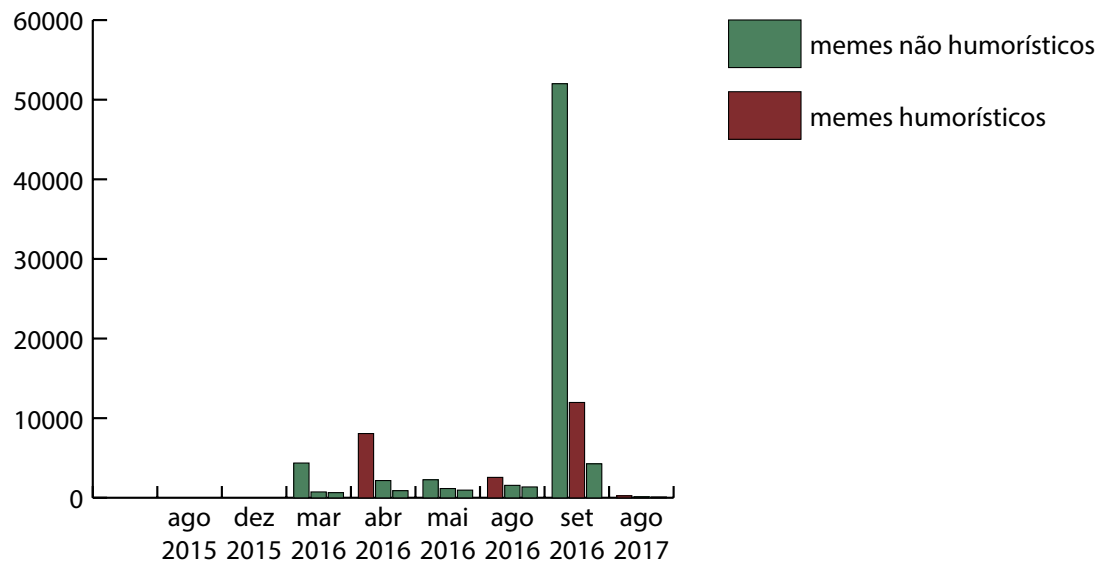
SÉRGIO MORO (NÃO OFICIAL)



REPÚBLICA DE CURITIBA

	mais compartilhado	2ª mais compartilhado	3ª mais compartilhado	ocorrências de humor
ago 2015	-	-	-	0/0
dez 2015	-	-	-	0/0
mar 2016	24_da-lhe_lavajato	31_massacre_empregos	24_retrato_do_governo	0/3
	4400	773	682	
abr 2016	10_fazer_nos_eua	21_democraticamente_eleita	20_tchau_queridos	0/3
	8100	2200	931	
mai 2016	29_extremo	24_caiu	02_desejo_do_brasil	0/3
	2300	1200	1000	
ago 2016	29_bom_gosto	30_janaina_dando_aula	15_desligar_o_pt	1/3
	2600	1600	1400	
set 2016	13_proximo	15_mesmos_marginais	02_proximo_02	1/3
	52000	12000	4300	
ago 2017	parabens_em_dimes	06_tweet	10_neymar	2/3
	286	170	142	
				2/18 = 27,77%

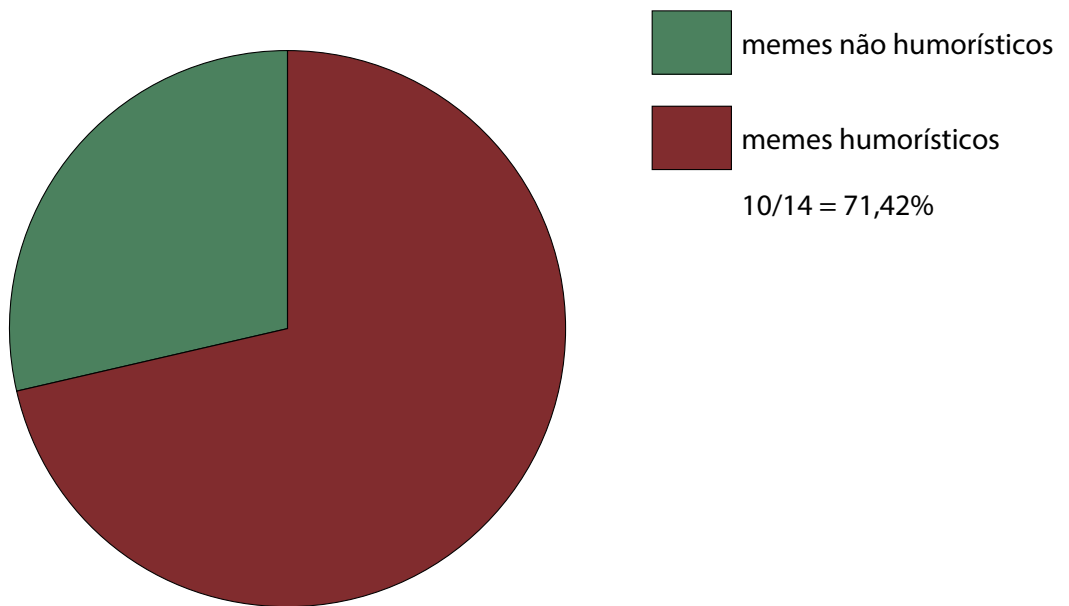
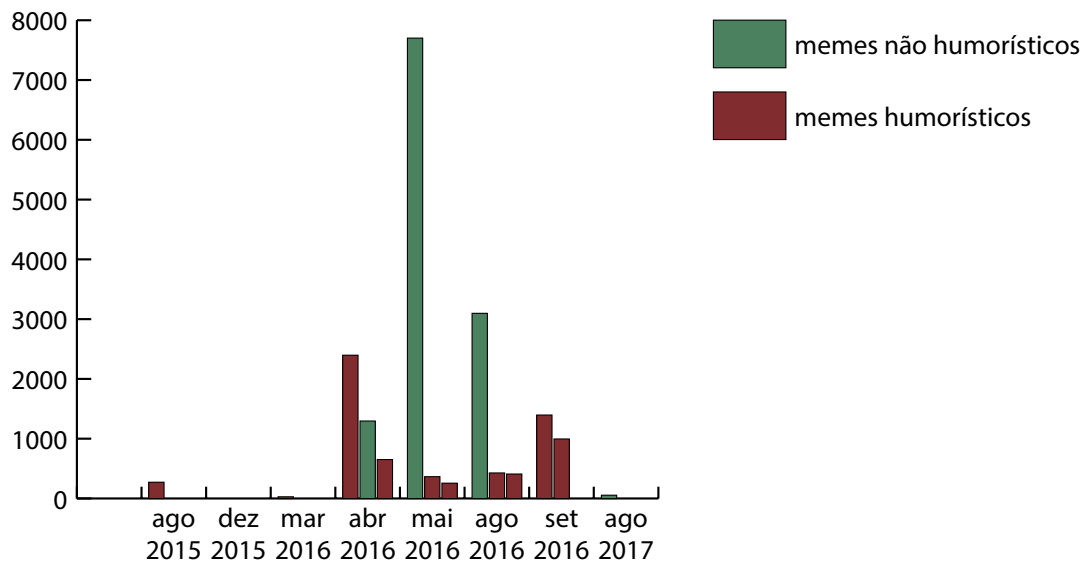
REPÚBLICA DE CURITIBA



MARX DA DEPRESSÃO

	mais compartilhado	2ª mais compartilhado	3ª mais compartilhado	ocorrências de humor
ago 2015	19_metalhas	-	-	1/1
	277			
dez 2015	-	-	-	0/0
mar 2016	31_vlw_flw	-	-	1/1
	34			
abr 2016	20_ditadores_torturadores	19_torturados	19_fidel_castro	2/3
	2400	1300	656	
mai 2016	22_pagaremos_a_conta	14_cancelar_metade_voto	12_coe_temer	2/3
	7700	370	261	
ago 2016	31_lembre-se	09_nas_olimpiadas_e_proibido	21_futebol	2/3
	3100	432	414	
set 2016	05_papai_noel	06_votou_em_si_mesma	-	2/2
	1400	1000		
ago 2017	17_entendedores	-	-	0/1
	60			
				10/14 = 71,42%

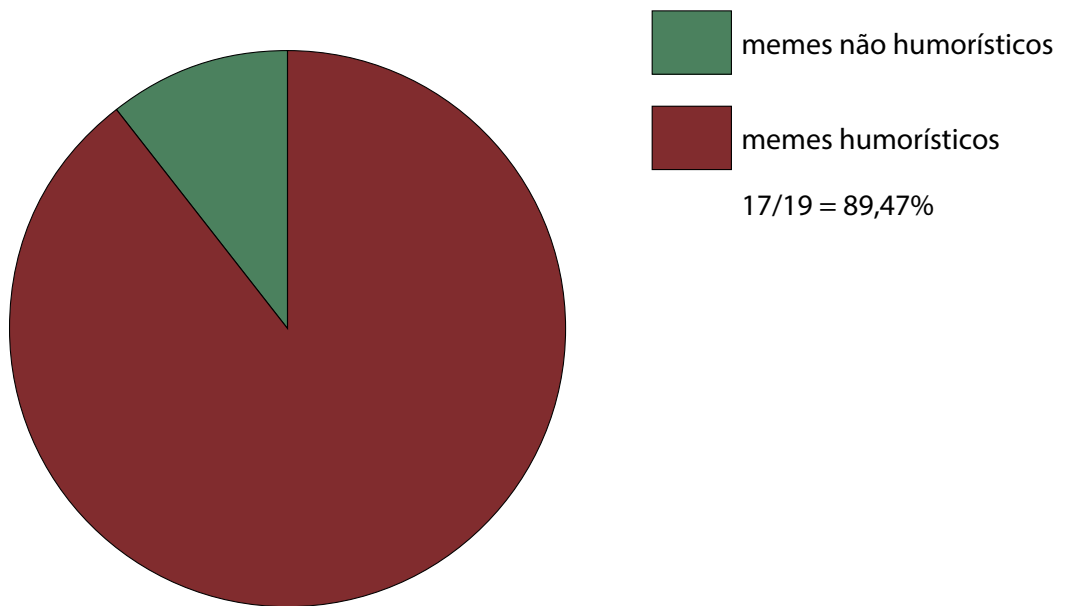
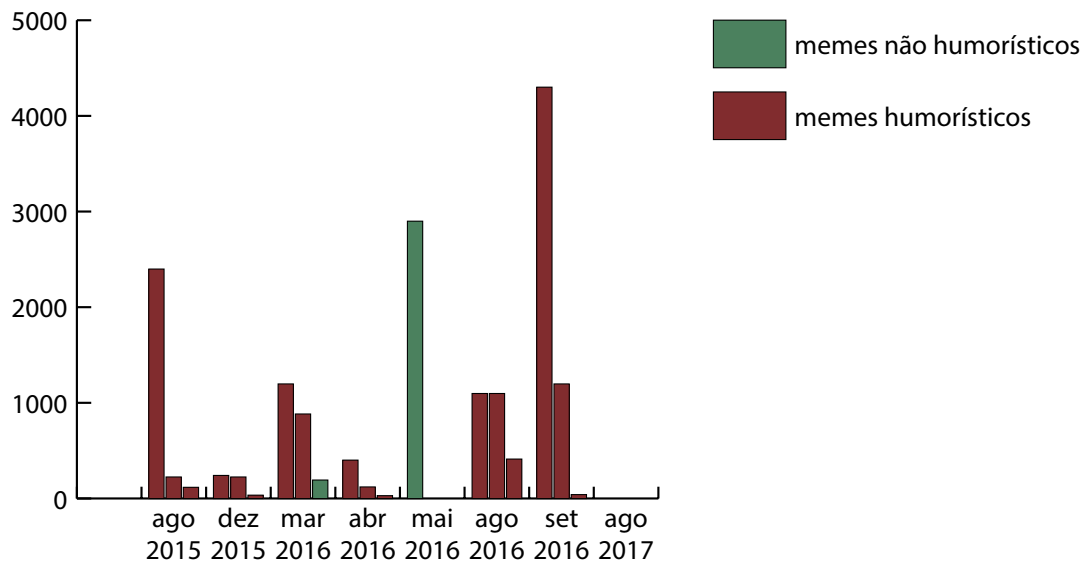
MARX DA DEPRESSÃO



LIBERALISMO DA ZOEIRA

	mais compartilhado	2ª mais compartilhado	3ª mais compartilhado	ocorrências de humor
ago 2015	16_miss_mandioca	10_mbl_collor	24_mbl_finalmente	3/3
	2400	228	120	
dez 2015	18_cartum	30_brazils_fall	08_acabar_cancer	3/3
	244	228	38	
mar 2016	22_evoca_ditadura	14_dilmavscoxinha	30_filme_wagner_moura	2/3
	1200	886	196	
abr 2016	08_social_programas	23_decada_90	21_ir_se_f	3/3
	404	124	33	
mai 2016	15_petistas_querem_fracasso	-	-	0/1
	2900			
ago 2016	17_cancelar_metade_voto	29_house_of_cards	30_homenagem_vargas	3/3
	1100	1100	415	
set 2016	08_nao_ter_votado	03_como_acham	27_dilma_aecio	3/3
	4300	1200	44	
ago 2017	-	-	-	0/0
				17/19 = 89,47%

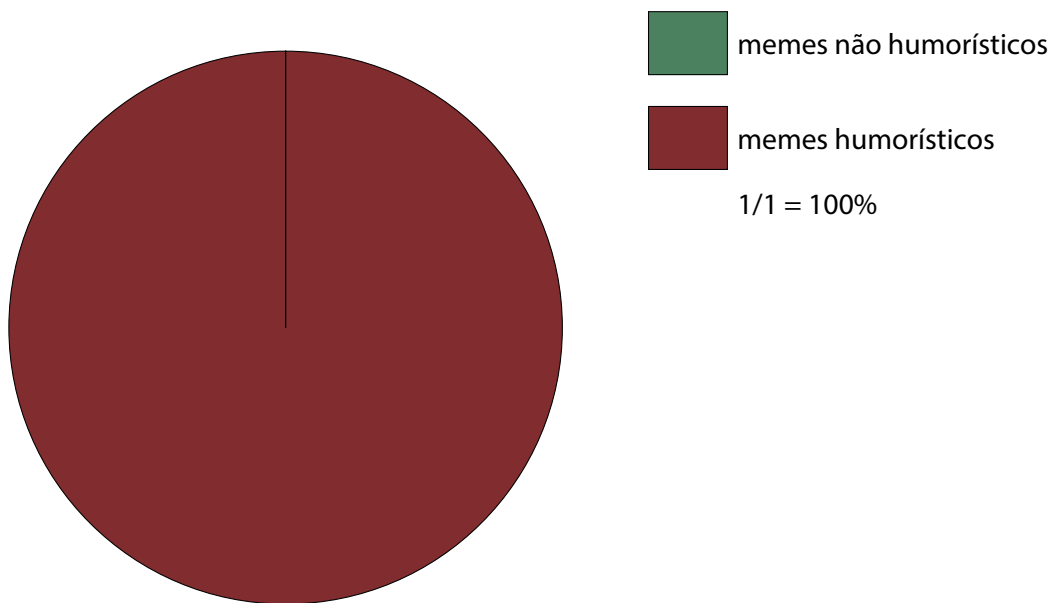
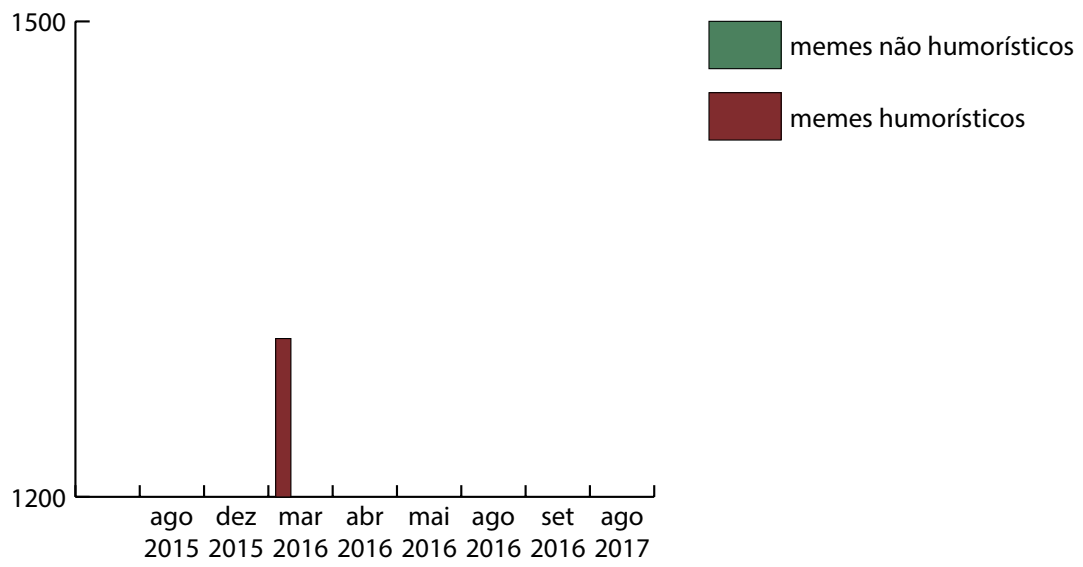
LIBERALISMO DA ZOEIRA



EU NASCI PRA SER POLÍCIA

	mais compartilhado	2ª mais compartilhado	3ª mais compartilhado	ocorrências de humor
ago 2015	-	-	-	0/0
dez 2015	-	-	-	0/0
mar 2016	19_grampeia_eua (humor)	-	-	1/1
	1300			
abr 2016	-	-	-	0/0
mai 2016	-	-	-	0/0
ago 2016	-	-	-	0/0
set 2016	-	-	-	0/0
ago 2017	-	-	-	0/0
				1/1 = 100%

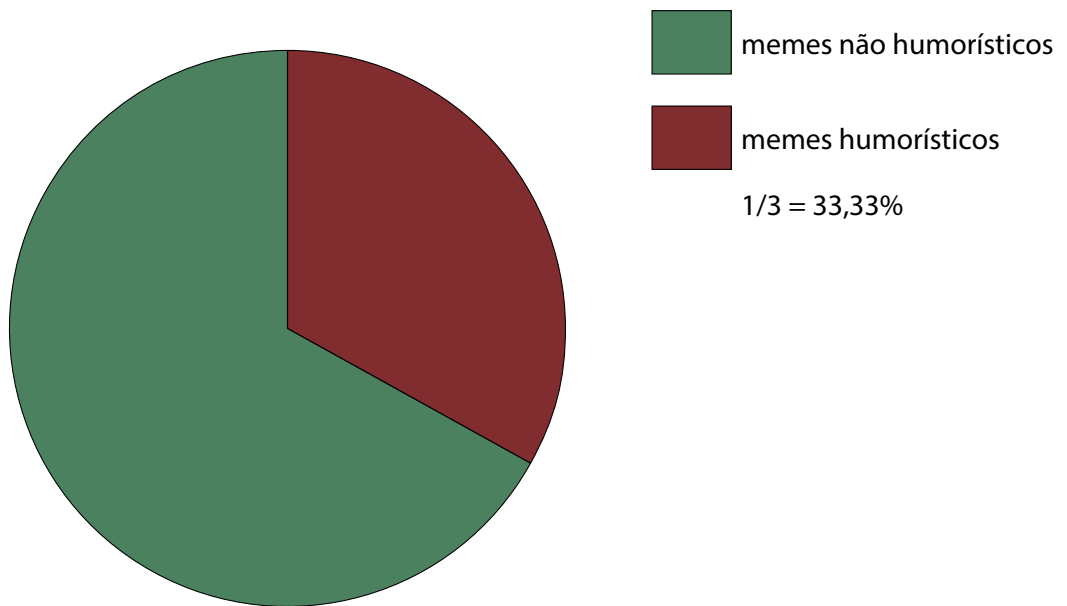
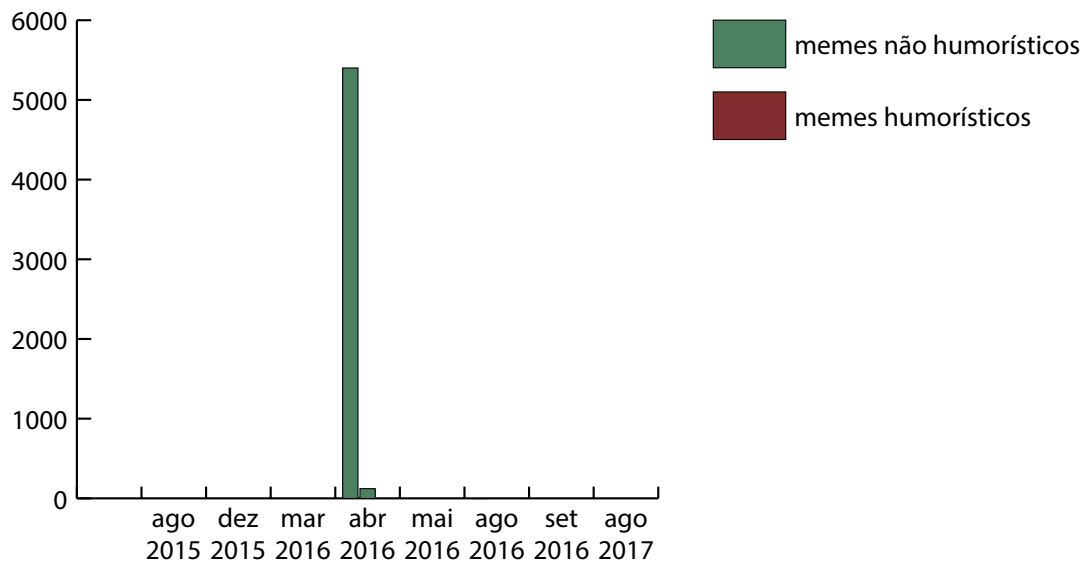
EU NASCI PARA SER POLÍCIA



AMIGOS DA ROTA

	mais compartilhado	2ª mais compartilhado	3ª mais compartilhado	ocorrências de humor
ago 2015	-	-	-	0/0
dez 2015	-	-	-	0/0
mar 2016	-	-	-	0/0
abr 2016	17_tchau_querida	11_dilma_batendo_palmas	-	0/2
	5400	126		
mai 2016	-	-	-	0/0
ago 2016	30_9_milhoes_desempregados	-	-	1/1
	0			
set 2016	-	-	-	0/0
ago 2017	-	-	-	0/0
				1/3 = 33,33%

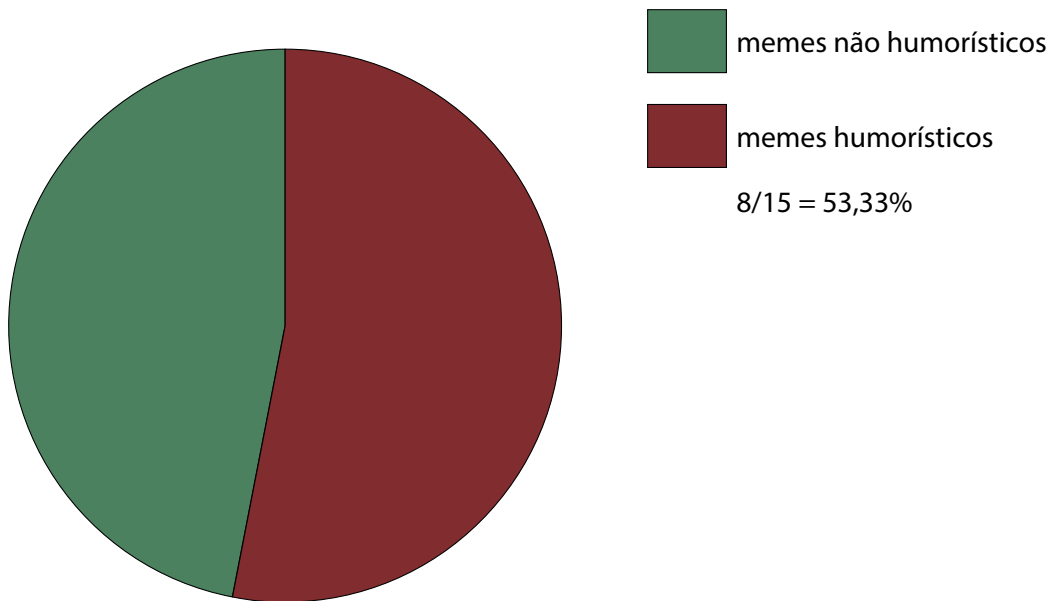
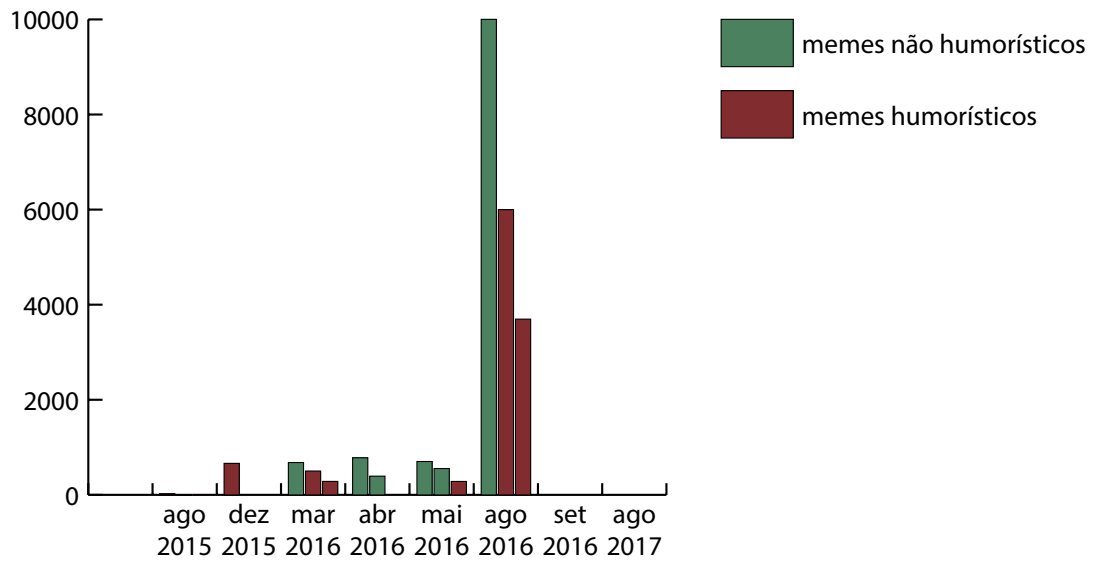
AMIGOS DA ROTA



EU SOU DIREITA

	mais compartilhado	2ª mais compartilhado	3ª mais compartilhado	ocorrências de humor
ago 2015	18_teve_nada	16_elite_burguesa	13_perdoa_divida	2/3
	28	7	0	
dez 2015	03_desenhe	-	-	1/1
	669			
mar 2016	19_mugshot	27_isso_e_golpe	30_cargo	2/3
	686	508	290	
abr 2016	02_decálogo	26_decálogo_02	-	0/2
	785	400		
mai 2016	16_palhaçada	28_torturada	12_fora_dilma	1/3
	708	560	289	
ago 2016	31_venezuela	28_predio	18_cuba_pra_la	2/3
	10000	6000	3700	
set 2016	-	-	-	0/0
ago 2017	-	-	-	0/0
				8/15 = 53,3%

EU SOU DIREITA



Como visto, o humor é uma arma política eficiente, capaz de destruir reputações e construir narrativas. Como bem exemplificou Pinker (1997), se trata de um veloz florete, que pode estocar em sequência o adversário, levando-o a derrota e ao ridículo. Por esta razão, a apropriação do discurso cômico por grupos políticos é cada vez mais comum e sua meta é tornar o receptor mais simpático a políticas, modelos econômicos, leis e/ou valores morais que são próprios a estes movimentos, grupos ou partidos. No caso deste trabalho em específico, o objetivo destes grupos conservadores é, através do humor, propagar memes condizentes com a ideologia conservadora. São muitos os frutos da árvore conservadora (sexismo, machismo, liberalismo etc.), mas o tronco principal que a sustenta é, como visto (BOBBIO, 1996. ROBIN, 2011), a manutenção da desigualdade social. A utilização do humor para ampliar a propagação de memes conservadores vai desde os mecanismos de altruísmo, onde o receptor se sente agrado pelo prazer do riso e, portanto, é induzido a imitá-lo (BLACKMORE, 1999), até os efeitos em manada, onde o grupo conservador ri em conjunto do infortúnio e desgraça do alvo notório (PINKER, 1997). O humor também pode mudar a Janela de Overton, transformando a ideia “inimaginável” em sua radicalidade em aceitável e até mesmo comum. Ou até mesmo, o riso pode servir como um mecanismo de verificação de alianças, promovendo mensagens subjetivas a serem descriptografadas pela ideologia em comum entre emissor e receptor (FLAMSON & BARRETT, 2008). O sinal honesto de que a mensagem foi entendida e de que há um acordo ideológico entre os pares seria o riso. Por esses motivos (e, possivelmente, muitos outros), que os grupos conservadores no *Facebook*, ao engajarem-se em favor do impeachment de Dilma Rousseff, invariavelmente utilizaram o humor em algum momento.

Cada página teve selecionados os três memes mais compartilhados⁴³ (replicados) em cada período, categorizados entre o mais compartilhado, segundo mais compartilhado e terceiro mais compartilhado. Em alguns casos, foi notado uma incidência de memes menor que três, ou até mesmo nenhum meme compartilhado naquele período, como é possível observar em algumas tabelas. O mês de Agosto de 2016 é notável por apresentar os memes humorísticos mais eficientes em propagar-se, possivelmente numa celebração de usuários da memesfera conservadora pela quase inevitabilidade do impeachment e uma expectativa com a vitória política, sendo comum piadas com o futuro “desemprego” de Dilma e com o fato de Michel Temer ser vice-presidente “eleito”, e não um “golpista” (como setores da esquerda alardearam).

Os números totais comprovam o uso do humor: dos 553 memes coletados, 226, ou aproximadamente 40,8%, foram considerados memes de humor. Contudo, ao analisar caso a caso, diferentes grupos conservadores apresentaram incidências de memes de humor (e porcentagens)

43 - O *Facebook*, após 999 compartilhamentos, passa a arredondar os números pelas centenas. Assim, quando um meme qualquer atinge hipotéticos 1347 compartilhamentos, ele é apresentado como 1.3k ou 1300 compartilhamentos. Desta forma, todos os valores apresentados neste trabalho **não** se tratam de valores totais, e sim de aproximações.

diferentes. Ao observar a incidência de humor entre os memes mais compartilhados de cada página em cada período, é possível perceber algumas tendências. Primeiramente, grupos mais voltados ao humor, como “Marx da Depressão” e “Liberalismo da Zoeira” apresentaram, como era de se esperar, uma maior incidência de humor proposital (71,42% e 89,47%, respectivamente) dentre os três memes mais compartilhados em cada período. O recorde nesta seara pertence a página “Socialista de Iphone”: dos três memes contendo a imagem de Dilma Rousseff mais compartilhados por este grupo em cada período, 90% são humorísticos. Outras páginas conservadoras possuem um perfil mais de denúncia, postando imagens de Dilma associadas a manchetes ou chamadas, que apesar de auxiliarem na construção de um estereótipo imagético da ex-presidente, não o fazem por meio do humor. Nesta categoria estão páginas como “Anti-PT” (com 23,8% de memes humorísticos), “República de Curitiba” (27,77%), ou a *fan-page* não-oficial de Sérgio Moro, com 14,28% de incidência de memes de humor. O título de página mais “sisuda” cabe a “Vem Pra Rua”, que teve uma incidência de apenas 5% de memes de humor entre os mais compartilhados, preferindo a denúncia que o escárnio.

Páginas militaristas, como “Eu nasci para ser polícia” e “Amigos da ROTA” apresentaram uma incidência total de memes baixa demais para que qualquer conclusão mais profunda seja elaborada, no entanto é notável que ambas eventualmente procuraram o humor quando trataram da imagem de Dilma Rousseff, provavelmente por conta de sua matriz discursiva masculinista. A página, que segundo o estudo do Monitor do Debate Político no Meio Digital era central ao conectar as interações entre os usuários conservadores de *Facebook*, e que serve como uma “porta de entrada para o debate político desse campo” seria o MBL. Desta forma, é possível especular que o Movimento Brasil Livre poderia atuar como um indicador do restante da memesfera conservadora. O MBL apresentou neste estudo uma incidência de 29,16% de memes humorísticos, alguns deles sendo o meme contendo a imagem de Dilma mais compartilhado em seu período. Inclusive, o MBL em específico, emplacou seu meme mais compartilhado em todos os períodos ao apelar para o humor:

Figura 45: bem vinda



Disponível em <http://mestrado.guare.xyz/> (visitado em: 28/08/2019)

Chattoo (2017) propõe que o uso de piadas, textos e imagens engraçadas em memes por grupos políticos seja uma estratégia para que estes se propaguem de maneira mais eficaz, pois compartilhar conteúdos engraçados nas redes sociais é uma maneira de expressar os valores individuais e identidades (inclusive políticas). O humor como ferramenta no discurso político também funciona por sua propriedade em atrair a atenção. Ao abordar um tema político de maneira mais alegre, o emissor da mensagem está promovendo a replicação de seu meme, que se sobressai em meio às notícias mais sisudas. Um dos efeitos disto é que um tom humorístico em notícias sérias teria um efeito de “porta de entrada”, no qual uma abordagem engraçada de temas sérios abriria as portas para que a audiência prestasse mais atenção quando o assunto fosse subsequentemente abordado de uma maneira mais séria e aprofundada pela mídia tradicional.

Os números deste estudo corroboram, em parte, com estas afirmações. As três páginas conservadoras mais populares no *Facebook* estudadas são, em ordem decrescente, o “MBL”, “Vem Pra Rua” e “Socialista de Iphone”. A “Socialista de Iphone” é notória pelo seu viés humorístico. Já o grupo “Vem Pra Rua” possui um público que prefere compartilhar memes mais sérios. O MBL flutua entre as duas vertentes, talvez pendendo um pouco mais para a seriedade. As afirmações de Chattoo parecem prever parcialmente os resultados encontrados após o escrutínio dos dados coletados neste trabalho. O humor está presente em uma parcela significativa dos memes analisados, contudo, não se trata de uma fração majoritária e em alguns grupos específicos, se trata de uma parcela bem reduzida. Os grupos onde o humor se encontra

de forma abundante são justamente aqueles que se apresentam voltados para o humor já em seus títulos⁴⁴.

As páginas “MBL”, “Socialista de Iphone” e “Liberalismo da Zoeira” emplacaram o meme mais compartilhado em todos os períodos através do humor. “Eu Nasci Para Ser Polícia” é um caso a parte, pois a única instância onde ocorreu um meme com imagem de Dilma foi humorística. Páginas onde o segundo meme mais compartilhado pertence a categoria “humor” foram: “Kim Kataguirí”, “Anti-PT” e “República de Curitiba”. Curiosamente, a página “Marx da Depressão” não emplacou nenhum meme de humor como o mais compartilhado, nem mesmo como o segundo mais compartilhado, apesar do alto volume total de memes humorísticos.

Assim como Chatto especulou alguns motivos que levam o humor a ser cada vez mais utilizado ao abordar fatos políticos, é possível especular o contrário tendo em vista os dados obtidos com este trabalho: quais motivos levaram algumas páginas a não utilizar o humor? Uma das razões mais basilares seria a de que, para o humor se sobressair, são necessários conteúdos que não sejam humorísticos. Em uma memesfera onde o humor seja a maioria do conteúdo, é razoável supor que mais um meme engraçado não chamará a atenção, enquanto que um meme humorístico tem mais chances de saltar aos olhos em meio a um conteúdo mais sério. Paradoxalmente, o “engraçado” talvez chame a atenção pois o “sério” é a norma, e a proporção de “memes políticos engraçados” e “memes políticos sérios” se equilibre, desta forma, em algo em torno de 40% de “humor” e 60% “não-humor”. Outra probabilidade para a não-onipresença do humor pode residir na maior dificuldade em criar narrativas humorísticas em comparação com simples denúncias e acusações. Do ponto de vista da página conservadora, que muitas vezes procura realizar vários *posts* ao longo de um mesmo dia, é mais fácil bolar uma simples acusação (como, por exemplo, um hipotético “Dilma é corrupta”) que uma narrativa que envolva humor, com textos sobrepostos dicotomicamente antagônicos que se choquem ou textos que exijam uma mudança de referencial para a resolução de conflitos e incongruências no enunciado. A utilização de imagens que evoquem uma caricatura do Alvo, por meio de distorções, filtros, escolhas deliberadas *frames* etc., também implica em mais trabalho do que simplesmente copiar uma foto qualquer da internet. Mais estudos nesse sentido se fazem necessários, possivelmente levando em conta flutuações nessa proporção e as possíveis causas que levam o público a compartilhar e replicar memes mais ou menos engraçados de acordo com o tempo.

44 - “Liberalismo da Zoeira” se trata de um grupo dedicado a fazer piadas enaltecendo a Escola Austríaca ultraliberal e denegrindo outros métodos econômicos, em especial o socialismo. “Marx da Depressão” é uma alusão a um antigo meme oriundo do *4chan* chamado “Coruja da Depressão”, onde uma coruja depressiva fornecia dicas sombrias para a vida em geral. Este grupo utiliza o mesmo mote do meme, com o filósofo Karl Marx (e outras figuras históricas) dando dicas para uma sociedade falida através do socialismo, deturpando e difamando-o. Finalmente, a página “Socialista de Iphone” se dedica a caricaturar espantalhos de arquétipos da esquerda, como o personagem que dá nome ao grupo, a “feminista gorda com pelos no sovaco” ou o “maconheiro barbudo e sujo”.

8. CONCLUSÃO

Para a realização deste trabalho, foram analisadas as postagens de 19 páginas conservadoras no *Facebook*, sendo que sete delas foram suprimidas deste trabalho por não fazerem nenhuma menção a Dilma por meio de imagens. Das 12 páginas que tiveram seu material coletado obtivemos 553 imagens (memes) com a imagem de Dilma Rousseff em diversos momentos de seu processo de Impeachment. Todos os dados adquiridos foram então separados por *fanpage* e por período, e finalmente, foram divididas em dois grupos: aquelas imagens que procuravam o humor e aquelas que não o utilizavam. Os memes mais compartilhados foram em seguida organizados em tabelas, assim como foi calculada a média de compartilhamentos de cada página em cada momento. Tudo isto serviu como base empírica para a análise das matrizes discursivas dos memes coletados e do humor político praticado pela ala conservadora no *Facebook*. Este trabalho procurou observar como se deu o discurso conservador de deslegitimação de oponentes políticos através do riso, focando esta observação no período do Impeachment de Dilma Rousseff.

A crítica a um governante poderoso é esperada e até mesmo salutar em uma democracia. Por sua vez, esta crítica muito comumente pode assumir um verniz ácido, irônico ou bem-humorado, como atesta o escárnio inevitável que quase todas as figuras públicas sofrem eventualmente. O riso é a arma do cidadão comum, protegido em meio a multidão que ri em conluio. A cada “tropeço” do poderoso, a multidão ri extasiada, aliviada por não ser o objeto do riso. O orgulho de quem ri trai também as suas alianças: rir do infortúnio ou do defeito de um alvo poderoso demonstra a seus pares, também ridentes, que há ali um possível ponto de encontro ideológico. Se o riso individual deixa evidente o orgulho e a alegria pela desgraça alheia, o riso grupal deixa evidente a união entre seus membros.

A matriz discursiva desta torrente de piadas que miram os poderosos é guiada pelo ideal de quem as profere: progressista ou conservador. Para tanto, como evidenciado pelo recorte deste trabalho, que busca analisar memes conservadores na internet brasileira a respeito da ex-presidente Dilma Rousseff, fez-se mister começar fazendo um levantamento histórico das origens do conservadorismo brasileiro pós-ditadura militar. Apesar de tentadora a vontade de chamar de “neoconservadorismo” este arroubo conservador com toques digitais que tomou de assalto uma geração de, principalmente, jovens adultos, estudos do conservadorismo clássico, como evidenciado por Corey Robin (2011), Norberto Bobbio (1996) ou Adorno e Horkheimer (1951), revelaram que este movimento conservador atual tem de inovador apenas a forma. O conteúdo teórico que revela suas características mais basilares ainda pode ser resumido como “a busca pela manutenção da hierarquia social e a luta contra a igualdade, pois os seres humanos são, fundamentalmente, desiguais”.

Um levantamento histórico abordou o sistema de pactos entre as elites autocráticas e burguesas e as demandas populares, que garantiu uma passagem *lenta, gradual e segura* do poder, das mãos dos militares para a elite civil brasileira no final da ditadura. Segundo Vanderlei Nery (2014) e David Maciel (2014), pressões internas dentro do governo militar, originadas por militares mais brandos (em oposição aos “linha dura”) somadas a pressões externas de ordem financeira e burguesa, tornaram inviável a manutenção *ad infinitum* da ditadura. De forma a manter o poder na mão das elites e negar qualquer ascensão popular ao Estado, um plano de “distensão” foi posto em prática, onde o poder mudaria de mãos sem que isso colocasse em risco a hierarquia social brasileira. Este foi um plano de mudança conservadora em sua essência, e sua manutenção foi um aspecto primordial na Nova República, inclusive nos 14 anos de governo petista. Apenas quando parcelas significativas da população demonstraram uma grande frustração, resultante do choque entre a realidade brasileira do período e a perspectiva de tudo àquilo que se poderia alcançar, em 2013, que este sistema de pactos foi posto abaixo, justamente pela própria elite, infeliz com as políticas petistas que procuravam combater a desigualdade e promover a distribuição de renda e políticas sociais.

Procuramos destrinchar alguns aspectos mais importantes da ideologia conservadora, que se desenvolveu durante a Revolução Francesa, baseada no conceito de que existe uma hierarquia natural entre os indivíduos (nobres x todo o resto); que o poder é naturalmente consentido àqueles que pertencem ao topo da elite. A fim de garantir que o poder trocasse de mãos da nobreza para a burguesia, a ideologia conservadora passou a considerar os merecedores de poder os indivíduos mais capazes de triunfar no novo capitalismo. Como dito anteriormente, segundo Corey Robin, é fundamental para o indivíduo conservador acreditar em uma desigualdade natural entre as pessoas. Desta forma, toda sensação (por menor que seja) de que esta desigualdade está diminuindo, é enfrentada de maneira vigorosa pelo conservadorismo. Aquilo que lhe faz aflorar com ímpeto é a oposição a algo, geralmente um privilégio, que foi contestado ou tomado recentemente.

O crescimento do conservadorismo na internet se deu, de acordo com Angela Nagle (2017), por conta de uma percepção de que a liberdade irrestrita na internet foi posta em cheque por patrulhas do “politicamente correto”, que “censuravam” sua “liberdade” de fazer piadas racistas, sexistas etc. O sentimento de exclusividade do usuário de internet, outrora predominantemente adolescente ou jovem adulto, branco e de classe média, foi se deteriorando a medida que a popularização das redes sociais foram dando voz a minorias antes relegadas a papéis secundários, como mulheres, negros, portadores de deficiências etc. A falha de elementos progressistas em disputar os locais mais prolíferos na replicação de memes na internet, fez com que, organicamente, a ideologia conservadora mudasse a Janela de Overton em direção a direita. Isto também evidencia a importância do humor para a circulação de discursos. Este humor,

caracterizado por sua morbidez, transgressão, cinismo e violência se tornou uma importante arma contra os *normies*, os indivíduos padrão e mainstream, aqueles que não “mereciam” a internet.

O conservadorismo é sempre focado em recuperar aquilo que ele julga ter sido tomado a pouco tempo, seja a concessão de direitos às mulheres, o fim da naturalização e normose do racismo ou os “imigrantes que vem roubar nossos empregos”: o pensamento conservador se inicia com uma perda, e a perda do privilégio masculino de governar é uma característica substancial encontrada nos memes conservadores que procuram deslegitimar a ex-presidente Dilma Rousseff durante o período de seu impeachment.

Cada qual, ao seu modo, fará troça daquilo que ele julga ser a falha de caráter do alvo da piada, os seus defeitos ou as suas imperfeições. Como é possível observar através dos autores pesquisados, para o indivíduo conservador, isto pode ser resumido em fazer troça de toda busca por igualdade em uma sociedade. Dada a característica deste trabalho em procurar focar as atenções na figura da ex-presidente Dilma, é possível observar de forma evidente o conteúdo sexista destas imagens conservadoras. O conservadorismo (através de sua incessante busca pela manutenção de desigualdades) manifestou-se em quase todos os memes pesquisados, sejam eles humorísticos ou não, e a crítica a igualdade de gênero chama a atenção, como era de se esperar. Este desprezo, muitas vezes irônico, observado neste trabalho, procura reforçar estereótipos do gênero feminino que buscam reduzir a mulher a uma posição comunal, tradicionalista e subserviente ao patriarcado através do riso, ridicularização e escárnio de mulheres que, porventura, não se encaixem neste quadro conservador.

Praticamente todo político está passível de sofrer ataques verbais e zombarias, à esquerda e à direita. No caso do humor político conservador, o ataque as demais figuras da esquerda brasileira, como por exemplo o ex-presidente Lula, permanecem tendo em seu núcleo a aversão a igualdade. No caso dele, há o deboche classista, caracterizando-o como “cachaceiro”, “vagabundo” etc., pois para o conservador brasileiro, a ascensão de um pobre e metalúrgico a condição de líder da nação (e seus consequentes programas sociais) é uma afronta a manutenção das hierarquias, tão queridas aos conservadores. O caso de Dilma é um pouco particular no sentido de que o deboche e o escárnio provém de seu gênero, pois sua condição de líder da nação abalaria não apenas a “hierarquia natural”, que tradicionalmente governos mais ligados à esquerda procuram ao menos reduzir, mas também a hierarquia de gênero. Para o indivíduo conservador, existem papéis tradicionais exercidos por gênero, e a transfiguração desses papéis é evitada a todo custo, como bem salientou a frase de John Adams: “ceda o campo público, se preciso, mas segure firme no privado”. O famoso bordão “bela, recatada e do lar” sintetiza este pensamento sexista, relegando a mulher o papel secundário comunal enquanto ao homem

cabe a figura central, paternal e agêntica. Dilma, apesar de toda crítica que possa pesar a ela, justa ou injusta, poucas vezes se portou como uma mulher pública subserviente ao patriarcado, que se encaixasse em um estereótipo de gênero padrão. Primeiro fora guerrilheira, depois política influente e enfim, presidente. Nenhum destes papéis agênticos, de liderança e combate, tradicionalmente cabe a mulher, e portanto, Dilma se tornou o alvo de piadas conservadoras que atacavam justamente esta característica, reduzindo-a a lugares-comuns como “mulher feia”, “de mau gosto”, “mulher-macho”, “burra”, “incompetente” etc.

O humor certamente teve um papel importante neste fenômeno, visto que é uma das manifestações mais elementares da espécie humana. Se trata de uma forma de comunicação que dialoga diretamente com contextos culturais e arquétipos (como por exemplo os pares português/burrice, mulher/subserviência, negro/incompetência etc.). A expressão dos memes coletados demonstra ser a expressão do próprio machismo, desprezo por minorias, racismo, enfim: tudo aquilo que foge do padrão dominante e que faz parte do ideal conservador (homem, branco, de posses). Este trabalho procurou observar como se deu o discurso conservador de deslegitimação de oponentes políticos através do riso no momento temporal que sucedeu o Impeachment de Dilma, no entanto, nada impede uma ampliação deste recorte em futuros trabalhos, para trás ou para frente no tempo, ou até mesmo uma comparação entre o humor praticado pelo campo progressista vs. o humor conservador. As disputas dentro dos espaços comunicacionais, que acabam por interferir na construção de significados e relações de poder, são fenômenos eminentemente humanos e como tais, faz-se mister um olhar atencioso acerca das mesmas. Observar o humor político, oriundo de diferentes fontes em diferentes contextos pode ser uma maneira de observar quais as demandas políticas que determinados grupos podem desejar. Sejam eles progressistas ou conservadores, atacar as características que se despreza evidencia as qualidades que se deseja.

Porém, não obstante o sexismo, há também em meio aos dados coletados, uma profusão de críticas a movimentos e programas sociais, banalização de preconceitos e a criação de espantalhos ridículos de arquétipos progressistas. O objetivo dos grupos conservadores pesquisados é a desmoralização da esquerda, mais precisamente de Dilma, e o riso é uma das armas empunhadas nesta batalha ideológica gramsciana pela manutenção da hegemonia. O conservadorismo brasileiro nunca deixou de estar presente, desde o fim da Ditadura Militar e mesmo nos 13 anos de governo petista, não abandonou esta batalha pela hegemonia. De fato, pode ter acirrado seu ataque e tomado a iniciativa no momento em que o Impeachment da governante petista se mostrou visível no horizonte político. Uma parte significativa das redes sociais, que em seus primórdios foram vislumbradas por movimentos progressistas como uma ferramenta eficaz de amplificação de vozes minoritárias antes silenciadas, foi tomada pelo discurso conservador.

No que tange este trabalho em específico, foi possível observar uma procura dos grupos conservadores em atrelar à imagem de Dilma uma série de características negativas, como forma de legitimar seu processo de impedimento e deslegitimar a sua defesa por parte de seus aliados e base. É difícil, se não impossível, mensurar o quanto esta disputa imagética na Internet influenciou este processo político, no entanto é plausível afirmar que as redes sociais tiveram algum peso. Memes relacionados a Dilma se tornaram famosos, como “mandioca”, “dobrar a meta” ou “estocar vento” e, certamente, eles (e suas variantes) contribuíram para atrelar a Dilma uma imagem de incompetência e estupidez. Outras maneiras de tratar a sua imagem também imputaram a ela atributos negativos, e o humor pode ter atuado como forma de potencializar a disseminação e replicação destas imagens (e, conseqüentemente, destas características).

Contudo, o humor não se mostrou onipresente (ou, pelo menos, indisputavelmente evidente) dentre os memes coletados. Alguns grupos pesquisados pareceram preferir a denúncia pura e simples e em outros casos, a utilização do humor não necessariamente significou um maior número de compartilhamentos. Mesmo com 553 memes coletados neste trabalho, se faz necessária uma ampliação deste estudo, procurando abarcar mais períodos, mais grupos e, possivelmente, outras matrizes discursivas que não o conservadorismo. Esta ampliação visaria confirmar (ou não) a hipótese de que talvez exista uma proporção de 60% de memes políticos “sérios” e 40% memes políticos “humorísticos” nas redes sociais, como visto na subseção 7.10, onde foram apresentados gráficos e tabelas referentes às ocorrências de memes de humor em cada página, números de compartilhamento etc. Contudo, é possível concluir, por meio da pesquisa bibliográfica presente neste texto, que há uma correlação entre humor e maior replicação memética, bastando apenas averiguar numericamente qual esta proporção.

Foi evidente a correlação entre matrizes discursivas dos memes coletados e acontecimentos que se desenrolaram durante o impeachment. O humor pareceu acompanhar as notícias mais recentes a respeito do processo de impeachment, ora procurando a deslegitimação de Dilma, ora denunciando infrações, ora celebrando vitórias políticas, sempre procurando vincular Dilma a características negativas que fossem úteis ao discurso conservador pró-impeachment naquele momento, como foi patente na subseção 7.5, que trata da análise dos memes coletados em Maio de 2016. Compartilhar conteúdos engraçados nas redes sociais é uma maneira de expressar os valores individuais e identidades (inclusive políticas) e, sobretudo, para comemorar momentos culturais compartilhados. O compartilhamento de memes de humor político na internet pode ser entendido como uma maneira de conduzir indivíduos a interações a respeito das notícias mais recentes.

De toda forma, e dentro de todas as suas limitações, espero que este trabalho possa contribuir para o entendimento do debate político no seio da internet, que já provou ser um

eficaz meio de disseminação de ideais políticos e capaz de fazer a balança pender para um lado ou para o outro (como atesta a eleição de Donald Trump, citando apenas um exemplo). Entender o funcionamento das redes sociais enquanto meio de comunicação e como elas atuam como ambiente seletivo para memes é fundamental para que seja dado um primeiro passo em direção a um debate sobre a democracia midiática, assim como evitar que elas sejam utilizadas como um meio de desinformação. Atualmente, um setor virulento e ruidoso da internet é a causa de inúmeros atos de racismo, sexismo, preconceito e violência em geral e, aparentemente, há uma ineficiência em lidar com este problema (visto que ele ainda persiste). As grandes armas destes indivíduos para expressar seus ideais conservadores na internet são memes e humor, atuando em conjunto para a propagação e replicação de ideologias, ideias e normas que se chocam com ideais humanistas. O processo que desencadeia esta replicação, o papel de humor, a consequente mudança na Janela de Overton e a mudança política orgânica que se segue deve ser estudado para que o discurso anti-equidade possa ser combatido com mais eficácia na internet.

Para um trabalho mais definitivo e com um volume de dados realmente substancial, se faz necessária uma automação do processo de coleta e análise. Este primeiro estudo foi realizado dentro dos limites da capacidade humana, porém a capacidade computacional pode oferecer uma quantidade de dados vastamente superior aos 553 memes coletados aqui, abarcando desta forma uma fatia muito maior do debate político na internet. Outro metadado importante que foi omitido neste trabalho consiste na avaliação do número de reações “haha” em cada meme. No *Facebook*, em Fevereiro de 2016, foram implantadas 5 novas possíveis reações que um usuário pode usar para interagir, sendo uma delas o riso ou “haha”. Além das teorias de Pinker e Raskin, a análise da quantidade de reações “haha” poderia auxiliar a evidenciar o humor: futuros trabalhos a respeito do humor político no *Facebook* podem usufruir deste metadado em específico, auxiliando no processo de categorização de memes entre “humor” e “não-humor”. Isto, no entanto, seria a base para estudos futuros.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max (1951). **Teoria Freudiana e o Padrão de Propaganda Fascista**. Publicado originalmente em *Psychoanalysis and the Social Sciences* 3 (408-433) 1951. Traduzido por Francisco Rüdiger.

ALTEMEYER, Robert Anthony “Bob” (2007). **The Authoritarians. Publicação Independente**.

APTE, M.L. (1985): **Humor and Laughter: An Anthropological Approach**. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press 1985.

ATTARDO, Salvatore; RASKIN, Viktor (1991). **Script theory revis(it)ed: joke similarity and joke representation model**. in *Humor* 4-3/4 (1991), 293-347.

BAINUM, C.K., Lounsbury, K.R., and Pollio, H.R (1984). **The development of laughing and smiling in nursery school children**. *Child Development* 55: 1946-1957.

BAUDELAIRE, Charles (1961). **Oeuvres complètes**. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1961, p.975-987

BLACKMORE, Susan (1999). **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press 1999.

BOBBIO, Norberto (1996). **Left and Right: The Significance of a Political Distinction**. Chicago: University of Chicago Press. 1996.

BOITO JR., Armando (2016 – 1). **Lava-Jato, Classe Média e Burocracia de Estado** in *Princípios*, n. 142, maio, junho, julho de 2016. p. 29-34.

BOITO JR., Armando (2016 – 2). **Os Atores e o Enredo da Crise Política** in *Por quê Gritamos Golpe: para Entender o Impeachment e a Crise Política no Brasil* / Ivana Jinkings, Kim Doria e Murilo Cleto (org.). 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016. pg. 23 – 28.

BOYD, R. & RICHERSON, P.J. (1996): **Why culture is common, but cultural evolution is rare**. In Runciman, W.G. & Smith, J.M. (eds): *Proceedings of The British Academy: Evolution of social behaviour patterns in primates and man* (Vol. 88, pg. 77–93). Londres: Oxford University Press.

CASTELLS, Manuel (2009). **Communication power**. Oxford: Oxford University Press. 2009.

CASTELLS, Manuel (2013). **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro. Zahar. 2013.

CEPÊDA, Vera Alves (2018). **A Nova Direita no Brasil: Contexto e Matrizes Conceituais** in Mediações – Revista de Ciências Sociais. Vol. 23 N.3 (2018). pg. 40 – 74.

CHAGAS, Viktor; FREIRE, Fernanda; RIOS, Daniel; MAGALHÃES, Dandara (2015). **POLÍTICA DOS MEMES E OS MEMES DA POLÍTICA: proposta metodológica de análise de conteúdo sobre memes dos debates nas Eleições 2014**.

CHATTOO, Katy Borum (2017). **The Laughter Effect: the (serious) role of comedy in social change**. Washington. American University. 2017.

CHAUÍ, Marilena (2008). **O que é Ideologia**. 9ª reimpr. da 2. ed. - São Paulo: Brasiliense, 2008.

CHAUÍ, Marilena (2016). **A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo** in Por quê Gritamos Golpe: para Entender o Impeachment e a Crise Política no Brasil / Ivana Jinkings, Kim Doria e Murilo Cleto (org.). 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016. pg. 16 – 22.

CIALDINI, R.B. (2007). **Influence: The Psychology of Persuasion**. Harper Collins e-books. 2009.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. (1979) Coleção O Homem e a Ciência, volume 7. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2001.

DAWKINS, Richard. **The God Delusion**. (2006). Nova Iorque: Ed. Mariner Books, 2008.

EAGLY, Alice H. & KARAU, Steven J. (2002). **Role Congruity Theory of Prejudice Toward Female Leaders**. In.: Psychological Review, vol. 109, No., pp: 573-598, 2002.

ELIAS NERY, Vanderlei (2014). **Diretas já: mobilização de massas com direção burguesa** in Ditadura: o que resta da transição / Milton Pinheiro (org.). - 1. ed. [formato

eletrônico - EPUB] São Paulo: Boitempo, 2014.

FESTINGER, L. (1957). **A Theory of Cognitive Dissonance**. Stanford, Califórnia, Stanford University Press.

FLAMSON, T. & BARRETT, H. C. (2008): **The Encryption Theory of Humor: a Knowledge-Based Mechanism of Honest Signaling**. *Journal of Evolutionary Psychology*. 6(2008)4, 261–281 DOI: 10.1556/JEP.6.2008.4.2

FONSECA, Ísis Bores da (2001). **A Retórica na Grécia: O Gênero Judiciário**. *Retóricas de ontem e hoje / Lineide do Lago Salvador Mosca (org.)*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP. pg. 97-117.

GAWRYSZEWSKI, Alberto (2008). **Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma**. *Domínios da Imagem, Londrina, V. I, N. 2, P. 7-26, MAIO 2008*.

GOLDSTEIN, J.H (1970). **Humor appreciation and time to respond**. *Psychology Reports* 27: 44-446. *Psychological Reports* 1970.

GRAMMER, K. & EIBL-EIBESFELDT, I. (1990). **The ritualization of laughter**. In: Walter A. Koch (ed.): *Natürlichkeit der Sprache und der Kultur: acta colloquii - Bochum: Brockmeyer* 1990 (Bochumer Beiträge Semiotik) ISBN 3-88339-738-5, pp192-214

GRAMSCI, Antonio (1992). **Prison Notebooks**. Vol. 1. Nova Iorque: Columbia University Press.

GRAMSCI, Antonio (2001). **Cadernos do Cárcere** Vol. 2. Caderno 12 (1932) - Apontamentos e Notas Dispersas para um Grupo de Ensaio Sobre a História dos Intelectuais. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GRZIWOK, R. & SCODEL, A (1956). **Some psychological correlates of humor preferences**. *Journal of Consulting Psychology* 20: 42.

Haraway, Donna. (2009). **Antropologia do cyborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

HETHERINGTON, E.M. & WRAY, N.P. (1964). **Aggression, need for social approval and humor preferences**. *Journal of Abnormal and Social Psychology* 68: 685-689.

HEYLIGHEN, Francis (1996). **Evolution of Memes on the Network: from chain-letters to the global brain.** Disponível em: <http://pespmc1.vub.ac.be/Papers/Memesis.html> (acessado em: 19/08/2019)

HEYLIGHEN, Francis (1999). **What makes a meme successful?** Selection criteria for cultural evolution. in: Proc. 15th Int. Congress on Cybernetics (Association Internat. de Cybernétique, Namur, 1999), p. 418- 423.

HOLMES, Douglas S. (1969). **Sensing Humor: Latency and Amplitude of Response Related to MMPI Profiles.** Journal of Consulting and Clinical Psychology. 1969, Vol. 33, No. 3, 296-301.

KANT, Immanuel (1790). **Critique of Judgement.** Oxford World's Classics (2007).

KENDERINE, M (1931). **Laughter in the pre-school child.** Child Development 2: 228-230.

LAPA, Priscila Maria (2016). **Como votou a classe C nas eleições presidenciais brasileiras de 2014?** / Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Ciência Política, 2016.

MACIEL, David (2014). **A Aliança Democrática e a Transição Política no Brasil in Ditadura: o que resta da transição / Milton Pinheiro (org.). - 1. ed. [formato eletrônico - EPUB] São Paulo: Boitempo, 2014.**

MARX, Karl (1993). **A ideologia alemã.** 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

McDOUGALL, W. (1923). **Outline of Psychology,** New York: Scribner's.

MIGUEL, Luis Felipe (2018). **A Reemergência da Direita Brasileira in O Ódio Como Política: a Reinvenção das Direitas no Brasil / Esther Solano Gallego (org.). 1. ed. [formato eletrônico - EPUB] São Paulo: Boitempo, 2016.**

MOSCA, Lineide (2001). **Velhas e Novas Retóricas: Convergências e Desdobramentos.** In.: Retóricas de ontem e hoje / Lineide do Lago Salvador Mosca (org.). 2ª ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP. pg. 16-53.

NAGLE, Angela (2017). **Kill All Normies: The Online Culture Wars from Tumblr and**

4Chan to the Alt-Right and Trump. Winchester, Reino Unido: Zero Books [formato eletrônico – EPUB].

PETTY, R. E., & CACIOPPO, J. T. (1986). **The elaboration likelihood model of persuasion**. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* Vol. 19, (pp. 123–205). New York, NY: Academic Press.

PINKER, S. (1997): **How the Mind Works**. Nova Iorque: W.W. Norton.

PROVINE, R.R & FISCHER, K.R. (1989). **Laughing, smiling and talking**: relation to sleeping and social context in humans. *Ethology* 83: 295-305.

RASKIN, Viktor (1985). **Semantics Mechanisms of Humor**. Dordrecht. Reidel Publishing Company. 1985

RECUERO, Raquel (2006). **MEMES EM WEBLOGS**: Proposta de uma taxonomia. XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, SP, junho de 2006.

RECUERO, Raquel (2017). **Redes sociais formaram bolhas na internet que restringem circulação de opiniões e ideias** [Entrevista]. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6814-redes-sociais-formaram-bolhas-na-internet-que-restringem-circulacao-de-opinioes-e-ideias>>. Acesso em: 09/03/2019.

ROBIN, Corey (2011). **The Reactionary Mind**. Nova Iorque: Oxford University Press. 2011.

RUCH, Willibald; ATTARDO, Salvatore; RASKIN, Viktor (1993). **Toward an empirical verification of the General Theory of Verbal Humor**. in *Humor - International Journal of Humor Research* · January 1993 DOI: 10.1515/humr.1993.6.2.123

SALGADO, Daniel (2018). **Transgressão à Direita**. Disponível em: <<https://www.revistaserrote.com.br/2018/11/transgressao-a-direita-por-daniel-salgado/>>. Acesso em: 26/03/2019.

SINGER, André (2012). **Os Sentidos do Lulismo**: Reforma Gradual e Pacto Conservador. 2. ed. [formato eletrônico - EPUB] - São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

SPERBER, D. & WILSON, D. (1995). **Relevance: Communication and Cognition.** Oxford, UK/Cambridge, Mass.: Blackwell.

STRICKLAND, J.F. (1959). **The effect of motivational arousal on humor preferences.** *Journal of Abnormal and Social Psychology* 59: 278-281.

TUCHMAN, Gaye (1976). **Mass Media Values.** <https://doi.org/10.1007/BF02694650>

WEISFELD, G.E. (1993). **The adaptive value of humor and laughter.** *Ethology and Sociobiology* 14: 141-169 (1993).

ZILLMANN, Dolf & BRYANT, Jennings (1974). **Retaliatory Equity as a Factor in Humor Appreciation.** Academic Press. *JOURNAL OF EXPERIMENTAL SOCIAL PSYCHOLOGY* 10, 480-488 (1974).

Links na Internet de matérias complementares e notícias.

Os links abaixo estão em ordem de aparecimento no texto.

KNOW YOUR MEME, 2015. <https://knowyourmeme.com/memes/pepe-the-frog>
(Visitado em 29/08/2019)

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL – GO. 2018. http://www.mpf.mp.br/go/sala-de-imprensa/docs/not2280_resposta%20facebook.pdf Autos nº 1.18.000.002758/2017-49
(visitado em 01/06/2018)

MONITOR DO DEBATE POLÍTICO NO MEIO DIGITAL, 2017 https://www.facebook.com/monitordebatopolitico/photos/a.1067365179991611.1073741828.1066344906760305/1536950463033078/?type=3&theater&_rdc=1&_rdr (visitado em 01/06/2018)

VEJA, 2013. <https://veja.abril.com.br/economia/congresso-promulga-pec-das-domesticas/> (visitado em 15/02/2019)

G1, 2013. <http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/pec-das-domesticas/noticia/2013/06/comissao-aprova-regulamentacao-de-emenda-das-domesticas.html> (visitado em 15/02/2019)

CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2010. https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=755258&filename=PEC+478/2010 (visitado em 15/02/2019)

CARTA CAPITAL, 2018. <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/policial-nao-ve-a-hora-de-descer-a-mao-em-maconheiro-da-usp-e-viado> (visitado em 25/02/2019).

DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO, 2015. <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/nega-explica-por-que-o-meme-nego-e-racista/> (visitado em 19/08/2019).

R7, 2013. <http://noticias.r7.com/blogs/patas-ao-alto/mais-de-200-animais-entre-beagles-e-coelhos-sao-resgatados-de-laboratorio-em-sao-roque/2013/10/18/> (visitado em 25/02/2015).

BRUM, Eliane. 2012. <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/11/sobrenome-guarani-kaiowa.html> (visitado em 25/02/2015).

KNOW YOUR MEME, 2016. <https://knowyourmeme.com/memes/harambe-the-gorilla> (visitado em 25/02/2015).

KNOW YOUR MEME, 2015-1. <https://knowyourmeme.com/memes/events/gamergate> (visitado em 25/02/2015).

G1, 2016. <https://oglobo.globo.com/brasil/artigo-imprensa-estrangeira-nao-ve-golpe-por-pedro-doria-19165357> (visitado em 22/04/2019).

YAHOO NOTÍCIAS, 2015. <https://br.noticias.yahoo.com/adesivos-de-dilma-sendo--penetrada-por-bomba--viram-novo--protesto-151927496.html> (visitado em 01/06/2018).

BUZZFEED, 2015. https://www.buzzfeed.com/manuelabarem/adesivo-com-imagem-de-dilma-de-pernas-abertas-e-vendido-no-m?utm_term=.xvo7XqGLx#.ioe80ONpB (visitado em 01/06/2018).

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2016. <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2016/04/contra-impeachment-dilma-negocia-cargos-com-verbas-de-r-38-bi.html> (Visitado em 06/08/2019).

G1, 2016-1. <https://oglobo.globo.com/brasil/em-depoimento-ativista-celso-de-mello-defende-impeachment-como-instrumento-legitimo-18961002> (Visitado em 06/08/2019)

UOL, 2016. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/03/22/dilma-diz-que-jamais-renunciara-e-que-impeachment-sem-crime-e-golpe.htm> (Visitado em 06/08/2019)

VEJA, 2018. <https://veja.abril.com.br/politica/temer-bate-proprio-recorde-e-e-o-presidente-mais-rejeitado-da-historia/> (Visitado em 07/08/2019).

VEJA, 2016. <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> (Visitado em 12/08/2019)

